A única coisa mais assustadora que lidar com os mortos é lidar com nós mesmos.

DARK HOUSE

KARINA HALLE

EXPERIMENTE O TERROR

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***eLivros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O ***eLivros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***eLivros***.

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar ***Envie um livro*** ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, ***faça uma doação aqui*** :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by ePubtoPDF

A única coisa mais assustadora que lidar com os mortos é lidar com nós mesmos.

DARK HOUSE

KARINA HALLE

EXPERIMENTE O TERROR

DARK HOUSE

KARINA HALLE

EXPERIMENTE O TERROR

Tradução
Santiago Nazarian

ÚNICA editora

SUMÁRIO

CAPÍTULO UM
CAPÍTULO DOIS
CAPÍTULO TRÊS
CAPÍTULO QUATRO
CAPÍTULO CINCO
CAPÍTULO SEIS
CAPÍTULO SETE
CAPÍTULO OITO
CAPÍTULO NOVE
CAPÍTULO DEZ
CAPÍTULO ONZE
CAPÍTULO DOZE
CAPÍTULO TREZE
CAPÍTULO CATORZE
CAPÍTULO QUINZE
CAPÍTULO DEZESSEIS
CAPÍTULO DEZESSETE
CAPÍTULO DEZOITO

CAPÍTULO UM

ESTAVA NUM CÔMODO CIRCULAR E BRANCO, com apenas uma claraboia redonda para quebrar a monotonia. A vista lá fora não era nada além de um vazio retinto. O cheiro de poças da maré e de alga apodrecida penetrava entre as fendas onde o silicone se esfarelou. Eu não sabia onde estava nem por que estava ali, mas sabia que algo havia me atraído.

Eu me virei, de repente consciente de uma porta, e vi um brilho cor de açafrão derramando-se por debaixo da moldura da porta e iluminando levemente as austeras paredes. Ar frio fluiu com a luz e roçou o dorso dos meus pés nus. O esmalte azul no dedão do meu pé estava lascado, fazendo parecer que eu tinha apenas metade de uma unha. Isso atraiu mais a minha atenção do que o chão frio de madeira de lei e as ásperas farpas.

As luzes se apagaram. A porta se abriu abruptamente, quase sem som, e um grande jorro de vento ártico atingiu meu corpo, fazendo a camisola esvoaçar ao meu redor como uma bandeira rosa de poliéster.

As placas do chão rangeram. Senti o peso de algo desconhecido viajar por seu comprimento até chegar aos meus pés. Eu não conseguia me mover, mas não tinha certeza de que queria.

As luzes de fora se acenderam de novo, iluminando abrasivamente o quarto escuro. Meus olhos ardiam. Um som de batida tomou meus ouvidos. Tampei-os com as mãos até perceber que vinha do meu coração.

Na porta, vi a silhueta de um homem.

Meu coração e a batida pararam. O homem veio até mim, uma massa de imensurável malevolência. Eu gritei e gritei até que as profundezas escuras dessa

silhueta eram tudo o que eu podia ver. Eu caí nele, caí na escuridão, num choro sem fim.

Até que…

Um par de mãos agarrou meus braços e me puxou para cima. Elas me sacudiram até que a escuridão atrás de meus olhos sangrasse num branco ofuscante.

E de repente eu estava no meu quarto, deitada sob um banquete de lençóis emaranhados com minha irmã Ada olhando para mim. Sua testa estava franzida com ar de preocupação, fazendo-a parecer anos mais velha do que seus quinze anos.

Ela soltou meus braços e se afastou.

— Você me *matou* de susto, Perry — ela resmungou.

Eu me apoiei nos cotovelos e olhei ao redor do quarto, para os pôsteres de shows de música nas paredes e pilhas de LPs e CDs no canto, me reconfortando com sua familiaridade. Minha guitarra elétrica, quase nunca tocada, descansava casualmente contra a bancada da janela, em um agradável contraste com minha coleção de bichinhos de pelúcia.

Olhei para o despertador. Dois minutos até ele tocar de modo descontrolado. Minha visão estava turva, como se eu ainda não estivesse propriamente no meu corpo.

— Então? — Ada disse, cruzando os braços. Ela ainda estava de pijama, mas sua carregada maquiagem já estava meticulosamente aplicada.

— Então o quê? — Eu repeti.

— Hum, alô! Não vai explicar por que seus gritos me fizeram largar meu rímel e vir correndo para cá?

— Porque você tem um bom ouvido?

— Perry!

Sua voz estava à beira de um faniquito histérico. Ada estava sempre a um ou dois graus de distância de uma crise de adolescente.

— Bem, sei lá. Tive um pesadelo, ou não sei o quê…

Havia sido um sonho, não? Minha lembrança estava se desvanecendo em fagulhas, e quanto mais eu tentava relembrar, mais me dava branco. No entanto, aquela sensação, aquela terrível sensação de medo ainda se prendia ao âmago da

minha mente como teias de aranha pegajosas. Nem mesmo o claro sol de outono que brilhava através da janela era capaz de limpá-las.

— Ou não sei o quê — zombou Ada. — Parecia que você estava sendo assassinada, sabe? Sua sorte é que a mamãe não escutou.

Ela inspecionou meu rosto mais de perto, em busca de sinais de doença mental. Ela fazia isso com frequência.

Revirei os olhos e saí da cama, envergonhada das minhas coxas grossas que escapavam da minha longa camiseta do Bad Religion que se passava por pijama. Ada é magra como um palito, mas da forma mais invejável possível. Ela tem toda uma beleza sueca gostosa do lado da família da nossa mãe. Pele lisa, olhos claros, cabelo naturalmente loiro que ela clareou, por algum motivo, e uma estrutura alta e esguia.

Com a sorte que tenho, puxei o lado italiano do meu pai. Sou baixinha (tenho um metro e cinquenta e oito), tenho cabelo escuro e grosso e grandes olhos azuis/cinza que funcionam como um indicador do meu humor (é o que me dizem). Tenho uma estrutura curvilínea… pelo menos é o que eu digo quando quero ser boazinha comigo mesma. Na verdade, eu costumava ter quase trinta quilos a mais, mas apesar de ter perdido peso, não foi o suficiente. O fato é que eu sempre boto a culpa de tudo nesses últimos sete quilos.

Caminhei até o espelho e averiguei meu rosto procurando por sinais contundentes de loucura. Eu estava uma merda, mas era comum ficar assim pela manhã, antes de as minhas cinco xícaras de café fazerem efeito.

TRIIIIIM!

Meu alarme despertou. Ada e eu demos um pulo. Ela levou a mão ao peito enquanto eu corria e desligava o alarme. Dei-lhe um olhar rápido.

— Estou bem, Ada. Foi só um sonho. Nem lembro mais o que foi.

Ela levantou a sobrancelha desenhada para mim.

— Tá booom. Mas se eu for de novo chamada na escola porque você teve um “acidente” vou ficar bem irritada.

Ela se virou e saiu do quarto. Eu bufei. *Não, você não vai ficar,* pensei. *Você adoraria qualquer desculpa para sair da escola.*

E, de verdade, eu adoraria qualquer desculpa para sair do trabalho. Suspirei profundamente. Senti uma pontada de uma esquisita tristeza pela empolgação do

sonho ter terminado. O terror que havia bombeado pelas minhas veias desapareceu rapidamente à luz da manhã.

Eu me aprontei para o dia e saí de casa, seguindo para minha moto que estava na entrada. Pelo menos meu meio de transporte ainda era empolgante.

Eu sei, eu sei. Uma moto. Já ouvi tudo isso: é perigoso, vou morrer, vou parecer uma babaca. É tudo verdade. Entretanto, eu não trocaria a Put-Put por nada no mundo.

Put-Put não era uma moto como uma Harley (não sou *esse* tipo de babaca), mas uma Fireblade 2004. Achei que era o suprassumo das motos. Elegante e rápida para danar. Eu não era uma motorista impulsiva, e ficava na mesma velocidade que os outros veículos da rua na maior parte do tempo. Até que houvesse um congestionamento, daí eu ultrapassava todo mundo pelo acostamento, gritando através do meu capacete: “Até mais tarde, otários!”.

Ganhei Put-Put quatro anos atrás, no meu aniversário de dezoito anos. Eu estava na minha fase de “dublê”, quando pensei que ser uma dublê profissional era mais empolgante e lucrativo do que uma carreira em publicidade. Depois das aulas de moto, um ano de caratê, algumas lições de *skydiving* e finais de semana aprendendo tiro ao alvo para usar armas, eu abandonei o navio e acabei com um diploma em comunicação. Não que ser dublê não fosse para mim, mas eu perdi o interesse. Minha mãe diz que sou indecisa demais. Eu acho que sou apenas deliciosamente impulsiva.

Por mais estranho que pareça, eu meio que me arrependi desse diploma. Dizem que às vezes você tem de passar pela faculdade para descobrir o que você não quer *versus* o que você quer fazer. E adivinhe só? Após quatro anos na Universidade de Oregon eu decidi que publicidade não era para mim.

Entretanto, o que posso fazer? Depois de terminar a faculdade e me mudar de Eugene de volta para casa, em Portland, a economia foi pro fundo do poço, e eu ainda tive sorte de arrumar um emprego, ainda mais um relacionado ao meu diploma. Fui contratada por uma agência em Portland, o que não poderia ter deixado meus pais mais felizes.

Eu, em contrapartida, *poderia* estar mais feliz. Fui uma droga de recepcionista por quase um ano. No entanto, como meus pais gostam de lembrar, toda vez que reclamo, pelo eu menos tenho um emprego. Um emprego que suga minha alma e que eu odeio com toda a força do meu ser, mas, pelo menos, eu

tenho um emprego. Eles têm razão; é realmente o único senso de identidade que tenho no momento.

Enfim, eu estava indo para o meu trabalho naquela manhã. Desci a Put-Put pelo longo percurso que levava à entrada de casa e pensei em dirigir minha moto na direção oposta. Ir a leste seria legal; eu poderia passar por Columbia River até chegar em Idaho, e então talvez juntar-me aos caubóis em Montana ou seguir ao sul, para os desertos, onde meu coração decolaria como as águias que sobrevoavam os pastos. Mas, como eu havia feito na maior parte da semana até hoje, afastei a fantasia da cabeça e rugi pela rua em direção ao centro e à responsabilidade. Ter uma moto era uma provocação daquelas.

✷

— Boa tarde, Allingham & Associados, Perry — eu dizia ao telefone. Estava chegando a hora do almoço, e eu queria desesperadamente que essa manhã mundana acabasse. Transferi a ligação para o devido ramal e olhei para o relógio do computador fazendo contagem regressiva para Alana chegar e assumir meu posto.

Alana costumava ser a recepcionista antes de eu chegar, e acho que a garota odiava o emprego tanto quanto eu. Ela foi promovida a gerente administrativa e se ressente completamente pelo fato de que por dois intervalos de quinze minutos e uma hora do almoço ela tenha de cobrir a recepção para mim. Perdi as contas de quantas vezes eu voltei e encontrei gente com raiva na linha. Algo me diz que ela às vezes atende o telefone usando meu nome e trata as pessoas como lixo para me arrumar problema, apesar de eu ainda não ter como provar isso.

Sim, sou a primeira a admitir que não sou exatamente a melhor recepcionista do mundo. Eu sinto que a recepção está abaixo de mim, mas por ser uma agência reputada e eu ter acabado de pegar meu diploma, terei de cumprir minha pena. Achei que eu poderia começar na recepção e ir subindo.

Dito isso, espero que meus dias de “provação” estejam chegando a um misericordioso fim. Estou aqui há quase um ano sem nem um vislumbre de avanço, e a economia não está tornando as coisas nem um pouco mais fáceis.

Estou presa. Ainda que eu more em casa no meu quarto de infância e tenha boas refeições caseiras todas as noites, queria cair logo fora de Dodge.

Sei que só tenho vinte e dois anos, mas eu realmente achava que já teria chegado lá nessa idade. É muito ambicioso, porém não consigo evitar. Cresci sentindo sempre que eu era especial, como se fosse destinada a fazer algo de fato

incrível com minha vida e ter um impacto na das pessoas. Esse é provavelmente o motivo pelo qual eu passei por tantas atividades diferentes com o decorrer dos anos. De lições de guitarra a dublê, para acampamento de fotografia, equitação, aulas de pintura e escultura no ymca, para, por último, mas não pior, escrever. Tentei todas as coisas para encontrar a *minha* coisa, mas saí com nada concreto para mostrar no fim das contas. Talvez se eu tivesse insistido e ficado em apenas uma coisa, algo poderia ter acontecido, mas meu medo é de que tudo possa passar direto por mim.

Obviamente eu pensei que publicidade seria o meio perfeito para demonstrar minha criatividade e fazer algo impactante no mundo, mas assim como os comerciais, nada é o que parece.

— Pronto, cheguei.

A voz nasalada de Alana atravessou meus pensamentos como uma furadeira. Levantei os olhos para ela enquanto tirava o fone e dava um sorriso. Um sorriso falso, mas mesmo assim era um sorriso.

Levantei e mostrei orgulhosamente a mesa com meus braços.

— Toda sua!

Ela me lançou um rápido olhar de desdém antes de se jogar na cadeira giratória com um suspiro exagerado.

Agarrei minha bolsa e segui rapidamente pela porta antes de ela decidir usar o banheiro ou algo do tipo. Desci de elevador e fui para meu costumeiro banco ao lado de um café e tirei meu iPhone para filar o Wi-Fi grátis.

Era um belo dia de outono, com um sol daqueles que aquece os braços, e não havia uma folha seca à vista. O Noroeste Pacífico aproveitou um verão indiano este ano, e até agora a chuva havia tirado férias de grande parte de setembro. Em geral, nessa época do ano — diabos, em todas as épocas do ano — somos diariamente castigados pela chuva, uma umidade generalizada e um vento que gosta de virar seu guarda-chuva do avesso.

Após bisbilhotar o Facebook por dez minutos — sem descobrir absolutamente nada de interessante sobre as pessoas que fazem parte da minha vida (mas nem tanto, como parece ser no caso do Facebook), mudei meu *status* para a letra de uma música e comecei a ler o blog da minha irmã.

Ada começou seu blog de moda há cerca de seis meses, e ele está indo de fato muito bem. Ela sempre foi bastante ligada em moda. E como ela poderia

não ser quando entra em todas as roupas que foram da nossa mãe? Nossa mãe era modelo há uns *bons* tempos atrás, então ela tem toneladas de peças de grife guardadas. Claro, com minhas fartas coxas, bunda gorda e estrutura corpulenta, não visto as roupas tão bem quanto minha irmã. De qualquer maneira, não são meu estilo.

Entretanto, admiro o jeito como minha irmã consegue arrasar, usando coisas de grife com elementos *vintage*, e aparentemente todo mundo gosta também. Só de postar uma foto de si mesma todos os dias e escrever algumas linhas sobre o que está usando, ela já recebe toneladas de cliques no blog, o suficiente para começar a ganhar dinheiro com publicidade.

É engraçado, eu e minha irmã praticamente crescemos separadas quando eu fui para a faculdade. Acho que a diferença de idade era bem discrepante e, para ser honesta, eu não tinha a menor ideia de como me relacionar com ela. Ela era pré-adolescente quando eu saí, e quando eu voltei ainda queria tratá-la como minha irmãzinha fofa.

Agora, por estarmos há um ano confinadas novamente na mesma casa, eu me sinto mais próxima. Ela começou a se tornar mais uma amiga, o que é de certa forma ótimo, mas às vezes eu me pergunto quando eu deveria fazer o papel de irmã mais velha. Não consigo entender o que ela quer quando posa espalhafatosa usando um traje curto demais para o mundo inteiro ver. Eu não me sentiria confortável me expondo assim. Da última vez, porém, que eu mencionei que ela poderia se tornar alvo de perseguidores (ou de coisa pior) ela apenas me desprezou e disse que nossa mãe aprovava.

Admito que tenho um pouquinho de inveja, o que é meio ridículo, uma vez que sou a irmã mais velha, mas ela já achou o próprio caminho e está progredindo.

Exatamente o oposto de mim.

Meu telefone tocou, afastando esse pensamento deprimente da minha cabeça.

— Oi, docinho — minha mãe disse em sua voz melódica. Ela ainda tinha um leve sotaque sueco, mas nunca consegui percebê-lo.

— Oi, mãe — respondi com um suspiro, sabendo que ela só estava ligando para ver se eu estava inteira.

— Como você está? Algum problema?

— Não. Estou bem.

— Como está o trabalho? Ainda está no emprego, certo?

Eu bufei novamente e murmurei:

— Sim. — Essa era a pergunta diária dela. O lembrete diário de nem sequer *pensar* em largar meu emprego. É como se ela soubesse.

— Escute — ela continuou —, o que você e a Ada irão fazer neste final de semana? Tio Albert está torcendo para que todos nós pudéssemos nos reunir.

O irmão do meu pai, Albert, morava num grande terreno beira-mar na neblínea costa de Oregon, e graças à nossa proximidade nós dirigíamos até lá com frequência. Ele era divorciado e vivia sozinho com seus meninos gêmeos, Matthew e Tony, dois encrenqueiros de dezenove anos.

Eu não tinha nada planejado para o final de semana. Se não fosse para o litoral, acabaria prostrada em casa assistindo a uma maratona de *Lost* sozinha.

Depois de dizer a ela que iria e desligarmos o telefone, eu me estiquei no banco, com o sol aquecendo minha legging marrom, e belisquei sem empolgação uns vegetais picados. Quase sucumbi ao chamado de um sanduíche de bacon derretido do Subway ali ao lado, mas resisti.

Terminei e voltei para o escritório, derrotada pela vida de labuta. O sol provocava as sardas no meu nariz, e a leve brisa bagunçava meu cabelo, então eu podia ver o tom violeta da tintura nas minhas mechas pretas. Eu queria ficar lá fora, cercada pelos peculiares prédios, pelas árvores verde-douradas, pelas pessoas indo e vindo de vidas mais empolgantes do que a minha. E eu só queria que esses últimos raios de verão durassem para sempre. Contudo, o dever chamava e, como sempre, chamou.

Entrei no saguão e esperei o elevador. Enquanto estava nos ladrilhos frios e duros, senti a presença de alguém atrás de mim. Estranho, eu não havia visto ninguém quando entrei, nem ouvi a porta se abrir ou fechar atrás de mim.

Um sentimento assustador tomou conta de mim. Eu me lembrei do sonho que tive. De repente, me senti inexplicavelmente apavorada.

Hesitei em me virar. Na minha “imaginação fértil” achei que iria me deparar com algo terrível, mas me virei mesmo assim.

Havia de fato alguém sentado no sofá branco do saguão. Era uma velha senhora que parecia estar desajeitadamente se esforçando em ser uma jovem senhora. Ela devia ter uns oitenta anos, estava usando um vestido de tafetá vermelho enfeitado com pequenos pompons e usava uma excêntrica maquiagem

borrada. Ela estava com um delineador roxo exagerado, cílios postiços, uma pincelada laranja sobre as murchas maçãs do rosto e, o mais perturbador, o batom vermelho metade em seus lábios e metade em seus dentes. Ela estava lá sentada, com um sorriso largo para mim. Parecia congelada, ou presa no tempo.

Tentei disfarçar meu choque — não sei como não vi essa peça quando entrei — e dei a ela um rápido sorriso e me virei prontamente. Eu me senti aliviada quando as portas do elevador por fim se abriram.

Entrei depressa e apertei o botão de fechar antes de qualquer outro. Olhei para ela enquanto as portas se fechavam. Ela permanencia imóvel, com um sorriso perturbador ainda estampando seu rosto. Seus olhos, vazios e sem piscar, não combinavam com aquele sorriso.

As portas se fecharam e eu soltei um profundo suspiro de alívio. Eu estava até meio trêmula. Aquela sensação terrível durou por mais uns cinco minutos, até eu colocar meu *headset* e o bombardeio diário de ligações mal-educadas e visitantes impacientes varrerem a cena da minha cabeça.

CAPÍTULO DOIS

— É ISSO QUE VOCÊ VAI USAR? — MINHA mãe perguntou.

Eram dez da manhã de sábado, e eu estava cansada demais para lidar com qualquer coisa vinda da boca da minha mãe.

Ada e eu estávamos carregando as malas para o carro dos meus pais quando minha mãe notou meu modelito do dia. Pelo tom, supus que não fosse apropriado para a família, apesar de ser o que eu usava praticamente todo dia. Coturnos, legging preta e uma blusa felpuda de angorá propositalmente desfiado.

Eu suspirei e joguei minha mala no carro. Coloquei as mãos na cintura e olhei para ela. Ela entrou no banco do passageiro lenta e educadamente, usando um tubinho preto com alcinhas amarelas e um sobretudo combinando. Seu cabelo loiro com luzes perfeitas estava preso num coque frouxo no topo da cabeça e emoldurado pelos enormes óculos de sol Chloe. Ela parecia uma heroína perfeita de Hitchcock, e eu me perguntava se era por isso que eu tinha tanta afinidade com os filmes dele. Notei a decepção no rosto dela e percebi quanto ela estava vestida inapropriadamente (estávamos indo para a praia, faça-me o favor), então lembrei que eu gostava dos filmes do Hitchcock por causa da macabra visão de humanidade que eles tinham.

— Por que, o que há de errado com a minha roupa? — Perguntei a ela enquanto trocava olhares com Ada, que deu de ombros com cara de *não me meta nisso*.

— O seu suéter está rasgado, querida. Seus primos vão achar que não podemos comprar roupas novas para você.

— Ai, que seja, mãe! — Disse Ada, que sensatamente vestia calças jeans skinny em tom pastel, sapatilhas e um colete peludo preto sobre uma camiseta

encolhida do Alice in Chains (que era minha, claro, como se ela soubesse quem era o aic). — O preço original da blusa da Perry era bem mais de cem dólares; felizmente ela comprou por quarenta dólares.

Franzi o cenho para ela enquanto entrávamos no banco de trás do carro. Eu não tinha ideia de como ela sabia dessas coisas aleatórias da minha vida.

Sabendo o que eu estava pensando, ela acrescentou:

— Vi para vender na internet. Sabia que você iria comprar, é bem o tipo de coisa bagaceira que você curte.

— Ok, lá vamos nós! — Nosso pai disse com seu vozeirão e sacudiu o carro quando sentou no banco da frente. Ele ajustou o retrovisor e deu uma piscadela para a gente. Por sorte ele não ouviu a conversa, sempre que dinheiro era mencionado na nossa família havia uma briga.

Meu pai é um homem grandalhão que tem uma risada autêntica e um apetite mais autêntico ainda (daí aquela "barriga de chope" crescendo sem parar) e que se identifica afetuosamente com sua herança italiana. Apesar de ele e seus irmãos serem uma segunda geração de italianos, você jamais saberia. Eles falam italiano fluentemente, em especial com as mãos. É perigoso fazer meu pai falar quando ele dirige, ou a qualquer hora, na verdade. Eu me lembro de quando Ada e eu compramos para ele uma coleção de filmes italianos clássicos e, no entusiasmo, ele acertou meu rosto. Acho que minha mãe ficou bem puta da cara com isso, provavelmente porque meu pai tem também um temperamento daqueles. Não me leve a mal, meu pai nunca me bateu de propósito nem em ninguém da família, mas quando seu rosto fica vermelho e ele começa a inflar as bochechas, sua pequena estatura de repente parece ganhar três metros de altura, e ele se torna a criatura mais assustadora da face da Terra.

Ele também é *workaholic*, o que não ajuda muito. Por ser professor de História e de Teologia na Universidade de Portland não passamos tanto tempo com ele quanto provavelmente deveríamos.

Tenho mais traços do meu pai do que da minha mãe. Nós dois somos muito sensíveis, mas eu não consigo disfarçar. Às vezes sinto que sou uma gigante órbita de vibrações e sentimentos que derruba todos à minha volta, enquanto meu pai conserva essa energia em outro lugar (como combustível para uma explosão posterior). Uma das maiores diferenças entre nós é sua fé inabalável. Ele aceita as coisas e segue em frente, e eu sempre preciso questionar, discutir,

sempre preciso perguntar *por que* até ficar roxa. Queria conseguir deixar as coisas passarem com a mesma facilidade que ele.

Por exemplo, nesse dia, enquanto meu pai nos levava tranquilamente até a I-5, eu não conseguia parar de pensar em outro sonho que tive, enquanto ele apenas deixaria passar como um pesadelo comum e seguiria em frente. Contudo, desde que eu existo, “comum” é um termo raramente aplicado a mim.

A noite anterior foi como qualquer sexta-feira. Eu pratiquei algumas músicas na minha guitarra (eu me sinto culpada por tê-la deixado de lado), coloquei a roupa para lavar e assisti a um ou dois episódios de *Uma família da pesada* antes de dormir. Talvez tenha sido o café que eu tomei tão perto de deitar; não consegui dormir por um bom tempo, fiquei me revirando enquanto meus ouvidos apanhavam os mais leves ruídos de Ada roncando que vinham do corredor e o leve farfalhar de árvores fora da janela. Até mesmo os números brilhantes do meu despertador faziam meu quarto parecer uma supernova.

Eu devo ter pegado no sono em algum ponto da noite, porque acordei com um sobressalto. Meu corpo estava gelado de dentro para fora, como se soro estivesse penetrando nos ossos e me preenchendo com um terror líquido. Minha respiração estava congelada. Todos os membros estavam fora do lençol, duros como uma tábua. Pareciam expostos e nus, e eu tinha visões de monstros que vinham mordê-los, talvez pequenas mãos que vinham de baixo da cama e decepavam meus dedos das mãos e dos pés. Eu só queria enfiar meus braços e minhas pernas nos lençóis e mantê-los seguros. O medo era muito real.

No entanto, eu não conseguia me mexer. Não porque era fisicamente impossível, mas porque eu não queria.

Alguém estava em frente à minha porta. No começo achei que fosse meu roupão pendurado no gancho. O quarto estava mais escuro do que nunca, e, sem virar a cabeça, eu sabia que a luz do meu relógio havia se apagado. Conforme meus olhos se ajustavam às profundezas, me lembrei de que meu roupão ainda estava na secadora e que essa “coisa” tinha dimensões e largura maiores.

Eu fiquei ali observando, pelo que pareceu ser vários minutos. Acho que não respirei uma única vez por medo de chamar atenção para mim. Eu não sabia o que era, mas permaneceu bem parado, o que era ainda mais perturbador. Mórbidos arrepios arranharam minha espinha.

Um holofote piscou repentinamente no meu quarto como uma rajada, iluminando tudo com uma intensidade precisa. Por um quarto de segundo eu vi *a*

coisa. Um casaco com capuz feito de pele oleosa e úmida e, então, um rosto, sem olhos, mas um sorriso largo, branco. O sorriso se partiu. Gengivas negras. Um abismo.

Então…

TRIIIIIIM!

Meu alarme tocou.

E num instante era de manhã. O sol forte tomava o quarto, expondo seus inofensivos buracos e fendas. Não havia nada na porta e tudo estava como eu deixara. Suaves fragrâncias de bacon e café vinham do andar de baixo. Foi apenas mais um sonho.

A lembrança me fez tremer. Minha mãe me olhou desconfiada pelo espelho retrovisor.

— É isso que você ganha com um suéter esburacado.

O ar-condicionado que meu pai ligara à toda definitivamente não ajudava, mas eu suspirei e apoiei a cabeça na janela fria. Carros passavam em todas as direções. Os campos na rodovia eram de um verde vivo sob o céu claro limpo, desafiando o tom frio do outono. Próxima semana já seria outubro, mas ainda estava um clima fresco como um dia de junho.* Pelo menos isso. Meus sonhos teriam sido muito mais pesados no clima típico de outono, com o céu escuro, ventos uivantes e chuva forte. Normalmente eu amava as tempestades e a atmosfera soturna que seguia com o Halloween e todas as coisas assustadoras, mas os dois sonhos extremamente realistas, a inquietante desconhecida no saguão e essa sensação de ansiedade que vinha me acompanhando me deixaram no limite.

Olhos perfuraram um buraco na lateral da minha cabeça. Ao me virar, encontrei Ada me encarando. Em suas mãos, havia uma revista de moda; em suas orelhas, o iPod.

Notei quão perfeitas estavam suas unhas feitas, o brilho do esmalte vermelho e a precisão da aplicação. Eu nem precisava olhar para as minhas mãos para saber como elas estavam.

Ela espremeu os olhos azul-celeste.

— O que você tem ultimamente?

— Quê? — Perguntei, um pouco na defensiva demais.

— Não te vejo aérea assim desde que… — ela não completou.

Dei a ela um olhar atravessado e não ousei espiar minha mãe no espelho retrovisor. Eu sabia que ela estaria me observando cuidadosamente.

— Estou bem — disse com firmeza.

Ela se inclinou um pouco mais perto e abaixou a voz.

— Você teve outro sonho?

Eu suspirei e assenti.

— O mesmo?

— Não, diferente. Ainda assim foi fod… — me interrompi, me lembrando de onde eu estava — foi tão bizarro quanto.

— Eu não te ouvi gritando feito louca dessa vez.

Foi o suficiente para minha mãe se meter. Eu sabia que ela estava apenas esperando por uma deixa.

— Do que vocês estão falando? — Ela se virou no assento, olhou para nós e focou em mim com uma preocupação maternal. — Está tendo pesadelos, Perry?

— Não sei se são exatamente pesadelos — respondi de maneira tão casual quanto possível.

A última coisa que eu queria era que minha mãe se preocupasse que eu estivesse ficando maluca. Ela sempre estava a postos para tirar conclusões precipitadas.

Ada bufou.

— Ela me acordou ontem berrando, acabou com a minha manhã. Sorte sua estar correndo na hora, mãe; ela estava zoada. Péssima.

Lancei um olhar a Ada, mais irritada com o uso da palavra “péssima” do que qualquer coisa.

Minha mãe me olhou triste.

— Berrando, Perry, sério?

Revirei os olhos e foquei na paisagem que passava pela janela.

— Não foi nada. Nem lembro mais o que era.

Mentira deslavada. Eu lembrava mais claramente a cada hora. Detalhes nítidos, sem sentido, como as saliências que percorriam a renda da minha camisola. Podia sentir minha mãe e Ada ainda me encarando. Estavam preocupadas. Era a última coisa que eu queria.

Sabe, não tornei a vida fácil para minha família. Apesar da minha criação relativamente normal, eu sempre fui uma “criança problema” de certa forma. Quando eu era nova, ainda com apenas um dígito de idade, tinha um monte de amigos imaginários (e inimigos também, o que é bem assustador). Ok, na verdade eu achava que eles eram reais (meu cavalo imaginário, Jeopardy, era o mais legal), mas acontece que eu tinha uma imaginação extremamente fértil, e meus amigos não eram reais no fim das contas. Meus pais surtaram por causa disso e me mandaram para vários tipos de psicólogos para encontrar alguma “cura”.

Para ser honesta, eu não me lembro muito bem desse tempo. Talvez esteja tudo reprimido. Eu não sei, mas o que quer que tenham feito comigo funcionou. Meu cavalo fugiu e nunca mais voltou, e meus pais se acalmaram.

Isso até o ensino médio, quando eu era a típica infeliz. Eu era gorda (ou pelo menos acima do peso para os padrões da escola). Tinha algumas amigas, mas ainda me sentia sozinha. As pessoas tiravam sarro de mim. As meninas eram más, e os meninos… bem, os malvados eram terríveis e os bonzinhos eram de certo modo ainda piores. Eu era a colega deles, a confidente, nunca a namorada. Eu tinha de ouvi-los falando sobre como algumas meninas eram lindas e me sentia o cocô do cavalo do bandido.

As coisas iam de mal a pior, e minha saúde mental levou uma bela surra. Então fiz a estupidez de me meter com drogas. Muita maconha, muita bebida, analgésicos que larapiava da minha mãe, às vezes ácido. Tentei cocaína também, com a ideia estúpida e absolutamente vazia de que me faria perder peso. Eu não perdi peso nenhum — só fiquei mais gorda e com mais raiva. Eu tento não me arrepender de muitas das coisas que fiz, mas me arrependo de ter usado drogas. Só piorou minha condição, a ponto de eu sentir como se tivesse perdido contato com a realidade.

Para melhorar, eu também comecei a cortar os braços para chamar atenção, escrever terríveis poemas trágicos e só me alegrava na escuridão total. Sei que soa egoísta admitir, mas aceito esse período como uma fase terrível pela qual tive de passar. Eu odiava tudo e todo mundo, especialmente meus pais e, acima de tudo, a mim mesma.

Ainda tenho cicatrizes dos cortes nos braços. Estão desbotando — quase sumiram — mas estão lá, assim como as cicatrizes no meu coração. Minha história não é lá tão diferente da história de outras pessoas, mas às vezes me

pergunto se eu ainda me sentiria tão sozinha e com raiva se não tivesse passado por tudo isso.

Olho para Ada. Ela só tem quinze anos e tem tudo. Claro, ela fica emburrada a maior parte do tempo, mas é muito popular, tem o guarda-roupa mais desejável do mundo e já tem certa fama. Eu era aquela que esperava (no fundo e em segredo) que de alguma maneira fosse puxada das massas e me tornasse um exemplo. *Olhe a Perry agora. Ela era perdida, uma gorda zoada, e agora está no topo do mundo.*

No entanto, não aconteceu ainda, e eu perco minha fé e meu otimismo à medida que fico mais velha. Ainda não tenho certeza de que um dia vou chegar lá. Ada, porém, já está lá e, apesar de eu ser mais velha que ela, ainda estou à sombra. Minha irmã é um lembrete de quão injusta a vida é. Não é à toa que nosso relacionamento é complicado.

Olhei para minha mãe e dei a ela o sorriso mais sincero.

— Estou bem, mãe, sério. Só estou cansada, só isso.

Ela balançou a cabeça e virou para a frente, mas eu podia ver um peso no seu semblante.

— É todo aquele café que você bebe, Perry. Não faz bem!

Eu queria contar a ela que, pelo contrário, pesquisadores recentemente descobriram fortes indícios de que o café de fato previne uma infinidade de doenças, mas contive minha necessidade de informá-la e me encostei novamente naquele pesadelo de ar-condicionado enquanto seguíamos em direção à costa.

✷

Chegar à casa do meu tio é sempre um alvoroço. Sendo um solteirão, Al nunca soube preparar bem a casa ou agir como anfitrião, então geralmente as reuniões são pouco convencionais.

Meus primos, Tony e Matt, estavam preguiçosamente sentados no sofá jogando videogame enquanto Al acendia a churrasqueira no quintal. A cozinha estava uma completa zona.

Meu tio e seus filhos não viviam numa propriedade comum. Pelo contrário, eles moravam num terreno incrível perto do mar ao sul do vilarejo turístico de Cannon Beach. Era uma fazenda de laticínios que pertencia à ex-mulher de Al, mas ela a abandonou (e os filhos) quando fugiu com um piloto para o Brasil ou algum lugar do tipo. As vacas se foram há muito tempo, e a terra é hoje apenas

um campo árido de grama alta e implacável com um grande celeiro que me encantava quando eu era pequena (eu adoro vacas), mas que agora me dá calafrios.

Não tanto, porém, quanto a estrutura do lado oposto da propriedade de cem acres — o farol. O quintal é basicamente um longo gramado com dunas de areia vermelha e rochas que descem até o oceano revolto. À esquerda da praia, subindo por um pequeno penhasco (fora da vista da casa) há um farol em ruínas. Eu não sabia direito quem era responsável por ele antes, mas fazia parte da extensa propriedade do tio Albert. Pelo que soube, estava desativado havia pelo menos cinquenta anos, e Al não tinha interesse em cuidar dele. Estava lá, esquecido e sem luz, uma casa escura com vista para o mar.

Na verdade eu nunca entrei no farol. Minha curiosidade e fascinação mórbida não eram páreo para os limites que a minha família impunha. Eu sabia, porém, que Tony e Matt haviam entrado lá algumas vezes com amigos.

Tive uma vontade repentina de saber se Matt e Tony estariam dispostos a explorá-lo mais tarde. Eu me sentia atraída a ele mais do que o comum, como se visitar o farol fosse colocar minha atual “situação” em outra perspectiva.

Isso teria de esperar. Como de costume, minha mãe, Ada e eu fomos ajudar o tio Al e os meninos a organizar um churrasco minimamente funcional, limpando a cozinha e montando a mesa lá fora para o banquete.

Estava um dia excepcionalmente bonito lá fora. Na verdade, fiquei meio decepcionada com isso, acredite se quiser. O sol estava lindo, mas a falta de vento significava que o mar revolto, que geralmente ajudava a limpar minha mente de toda a porcaria, estava tranquilo e suave, as ondas batendo calmamente na praia distante. E meu fenômeno favorito — a neblina — não podia ser avistado.

O terreno deles fica logo antes da parte mais elevada da rodovia Pacific Coast, e é nesse trecho que o Oceano Pacífico manda em direção à costa massas de névoa e neblina que se prendem de cada lado da propriedade. Assistir a essa neblina selvagem chegar era uma das coisas de que eu mais gostava quando visitava meus primos. Havia algo de sobrenatural nesse nevoeiro e na maneira como ele lentamente se aproximava da terra, vindo mais a cada batida rítmica das ondas quebrando e pairando pouco acima da superfície, como uma nave-mãe do tamanho de um continente.

Quando o churrasco acabou, os meninos se juntaram a nós. Como descrever Matt e Tony? Antes de tudo, eles não são gêmeos idênticos, mas você dificilmente saberia disso pela maneira como eles agem. São inseparáveis, praticamente siameses. Uma vez ouvi por acaso minha mãe dizendo ao meu pai que “isso é um pouco estranho na idade deles”.

É verdade, eles tinham dezenove e já haviam passado da “fase fofa de gêmeos”, mas sempre foram um pouco mais imaturos para a idade que tinham. Não apenas em aparência, os dois têm mais ou menos a mesma altura e a mesma estrutura gorduchinha, olhos redondos e nariz achatado, mas também em comportamento. Dito isso, eu acho difícil encontrar um garoto de dezenove anos que não se comporte como se tivesse doze.

Eles se aproximaram segurando cervejas e com um sorriso malandro. Bebida para menores nunca foi um problema na casa deles, mas de vez em quando deveria ter sido. Os meninos sempre foram um problema, mas só depois de certa idade começaram a arrumar encrenca pra valer. Tony foi pego dirigindo bêbado ano passado, e sua carteira de motorista foi detida. Matt foi preso por invadir a piscina de um clube no começo do ano (Tony também havia invadido, mas fugiu antes de os guardas o flagrarem) e ambos foram pegos várias vezes com maconha. Eu não sei direito como Al lida com tudo isso, mas pelo recente e acelerado crescimento de cabelo branco em sua cabeça, estava provavelmente pagando o preço.

— E aí, prima? — Matt disse e me deu um rápido abraço.

Tony só me deu um tapão nas costas. Eles são uma dupla esquisita, mas eu não posso evitar sentir muito afeto por meus primos.

— Tudo certo, caras? Fugindo de encrenca? — Eu pisquei para eles.

— Tentando — Matt disse. Ele lançou um olhar terno para o pai e deu de ombros casualmente para mim. — Alguns amigos estão vindo à noite para fazer uma fogueira na praia.

— Tenho uma lata de combustível para levar — Tony acrescentou.

Ah, excelente. Gasolina, bebida e meus primos, o que poderia dar errado? A ideia de fazer uma fogueira com um bando de garotos novos era mais empolgante do que as noites na casa do meu tio, tentando jogar palavras-cruzadas com a família sem alguém (geralmente eu ou meu pai) virando o tabuleiro com raiva.

O resto do dia seguiu sem incidentes. Quando tudo estava preparado para a noite, eu segui para a habitual exploração do terreno com minha câmera slr.

Depois de vagar pelos campos, com a minha legging úmida de orvalho da noite passada que ainda se prendia à grama alta e marrom, acompanhei a bela cerca quebrada que separava a propriedade deles da fazendo de queijo do vizinho. Tirei a blusa e a amarrei na cintura; o sol estava prazerosamente quente.

A atmosfera estava tomada pelos sons suaves de ondas, pássaros que voavam sobre minha cabeça e o ocasional “mu” do gado distante. Atrás de mim havia as colinas de pinheiros que se erguiam nas falésias próximas e o horizonte ondulado. À frente havia uma cerca para as vacas, que meus coturnos atravessaram com facilidade e, além disso, as dunas manchadas e a folhagem dura.

Eu subi ao topo de uma pequena duna e olhei para minha esquerda. Então vislumbrei o farol, com sua cabeça redonda e tinta descascada no telhado vermelho enferrujado. O farol não era a típica coisa erguida com aparência fálica. Em vez disso, era construído num prédio de dois andares que se erguia como uma torre de sino (eu achava que ele se parecia com a torre do sino de *Um corpo que cai*, do Hitchcock). O prédio estava lacrado, e a luz do farol não funcionava, mas parecia vivo para mim, como se estivesse apenas dormindo.

Estava olhando para o farol quando a brisa aumentou. Veio de fora da costa, fazendo o ar úmido e salgado varrer meus braços. Eu estremeci e vesti minha blusa de novo. Enquanto eu vestia, espiei por um dos buracos da frente. Vi um movimento na porta do farol, como se alguém tivesse caminhando para a frente dela.

Eu congelei. Então rapidamente enfiei de vez a blusa para enxergar melhor.

Não havia ninguém.

Um calafrio percorreu minha espinha. Eu estava prestes a seguir para o farol quando ouvi minha mãe me chamando, sua voz fraca no vento profundo. Ponderei por um instante e então decidi que talvez entrar em casa, com os risos, a família e uma taça de vinho deveria ser a melhor escolha. Observei o farol mais um pouco, até a falta de movimento amenizar minha curiosidade, e voltei para a casa.

✷

Era cerca de dez da noite quando nossos pais finalmente se retiraram para seus quartos. Ada e eu estávamos assistindo a um filme B dos anos 1950 (*None of*

Them Knew They Were Robots), mas no minuto em que eles disseram boa noite nós pegamos nossa caixa de vinho e fomos para a praia.

Matt e Tony já estavam lá, com vários amigos. Como a praia não tinha uma cerca de proteção, eles saíam com facilidade da estrada para a areia com seus 4X4 sujos.

O vento aumentava à medida que a noite avançava, e eu fiquei grata pela jaqueta quente e o cachecol que eu havia trazido. O céu da noite ainda estava claro com milhões de estrelas polvilhando a tela lisa acima. Ao longe, uma massa turva e cinza de neblina podia ser avistada. Não estava se aproximando, apenas pairando. Esperando longe da praia.

A fogueira estava à toda, graças à generosa contribuição da lata de gasolina do Tony, que eu acabei confiscando e mantendo longe de nós do outro lado de uma duna.

A cena era aconchegante. Eu estava aninhada ao lado dos gêmeos e de alguns de seus amigos num longo tronco que havia sido lançado pelo mar. Do outro lado da fogueira havia mais pessoas, além de Ada.

Eu estava bem de olho nela. Ela já tinha dado umas bicadinhas em vinho e cerveja a noite toda. Bom, eu definitivamente não podia falar nada; na idade dela eu estava fazendo coisa bem pior, mas que eu saiba, Ada não era de beber. Na verdade, eu nunca a havia visto bêbada antes, e ela obviamente estava agora. Agora estava bebendo Old English de uma garrafa de um litro envolta num saco de papel (porque era *cool*?) e alternando entre acariciar e dar uns malhos num cara seboso chamado de Ás, o que me irritava um pouco.

Ás provavelmente era o menos palatável de todos os amigos de Matt e Tony. Para começar, eu já sabia que ele tinha namorada. Ele estava falando dela mais cedo e, como você pode imaginar, não eram belos elogios. Se isso não bastasse, uma vez ouvi Al dizer que os gêmeos não se metiam em encrenca até conhecerem o Ás. O nome dele, por sinal, não tinha o menor sentido para mim. Ele devia ter metade do qi de alguém desses *reality shows* babacas.

Como sempre, o fato de que Ada parecia estar se divertindo horrores me atingia da maneira errada. Agora era porque eu não tinha um cara para dar uns amassos. Não que eu pudesse querer relar no Ás ou em qualquer um dos amigos do Matt e Tony, isso nem em um milhão de anos… bem, ok, não é exatamente assim. Havia um cara bonitinho do outro lado da fogueira em quem eu deveria estar dando em cima se eu não fosse uma completa tapada com homens. Ele era

meu tipo: alto, ombros largos, olhos claros e um cabelo castanho ondulado lindo que reluzia no brilho da fogueira.

Apesar de estarmos trocando olhares de paquera através do fogo (pelo menos os meus eram de paquera; ele provavelmente estava apenas com fumaça no olho), eu estava a quilômetros de algum tipo de iniciativa. Depois de anos sendo zoada por causa de sua aparência, você começa a se sentir bem insegura em relação ao sexo oposto.

Suspirei e olhei para as ondas escuras que batiam na praia. Eu sabia que estava um pouco bêbada com vinho vagabundo, mas sentar perto da fogueira e beber com um bando de adolescentes começava a ficar sufocante. Eu queria me levantar e explorar, queria inspecionar o farol.

Considerei convidar os gêmeos ou Ada e seu novo brinquedinho, mas bastou uma olhada ao redor da fogueira para que algo me dissesse que era melhor essa molecada ficar perto da casa. A última coisa de que o tio Al precisava era de um bando de bêbados indo para o farol no meio da noite. Eles provavelmente incendiariam o troço todo.

Desci do tronco e bati a areia do bumbum. Me aproximei de Matt, tentando não chamar atenção, e disse a ele que ia dar uma volta e que os encontraria mais tarde.

— Não vá fazer nenhuma idiotice — ele aconselhou.

Eu adoraria ter perguntado o que uma pessoa como ele considerava idiotice, mas não foi necessário. Em vez disso, cochichei para ele ficar de olho na Ada. Felizmente parecia ser algo que ele poderia fazer.

Eu me afastei da fogueira em direção ao mar até que a luz das chamas estivesse distante demais para iluminar o caminho, então liguei o aplicativo de lanterna do meu Iphone. Era um feixe de luz branca bem patético, mas já me ajudava a seguir pela praia e pelos pedaços de madeira vindos do mar. O farol estava visível sob a luz oscilante do luar, esperando por mim.

CAPÍTULO TRÊS

A CAMINHADA ATÉ LÁ FOI MAIS DIFÍCIL do que eu esperava. O farol estava situado no topo de um pequeno penhasco, o que significava uma escalada quase vertical com mãos e joelhos. Tentei segurar meu iPhone com a boca por um tempo até perceber que era melhor deixar meus olhos se ajustarem à escuridão.

Com as mãos úmidas pela grama borrifada pelo mar e sujas de terra grossa, eu lentamente segui até o topo. Do outro lado, o penhasco se estreitava suavemente em dunas onduladas, e atrás do farol o chão coberto por um matagal rasteiro levava a uma floresta escura. Ventava mais ali e o barulho das ondas batendo contra as grandes rochas era mais alto. De tempo em tempo, o vento borrifava água do mar no meu rosto.

O contorno escuro do prédio do farol se agigantava à minha frente. Foi o suficiente para me fazer parar para pensar por um segundo.

Sei que às vezes sou impulsiva. Em algumas situações chego ao ponto de meu cérebro gritar para que eu pare. Essa foi uma dessas situações. Eu estava com frio, o tempo estava piorando, eu tinha bebido algumas taças de vinho, era tarde, ninguém sabia onde eu estava e, ainda assim, minha principal preocupação era tentar entrar num velho e assustador farol.

Por mais que meu lado imprudente estivesse instigado a explorá-lo, o lado racional sabia que provavelmente era a ideia mais estúpida que se possa imaginar, em especial porque eu tinha essa sensação de medo generalizado do lugar.

Sei que disse antes que parecia como se o farol estivesse esperando por mim, e era verdade. Não sei se era o destino disfarçado de medo, mas eu realmente

queria que aquela pequena parte responsável do meu cérebro (a parte “adulta”, ouso dizer) pudesse me dominar e me levar de volta à casa do tio Al.

Em vez disso, decidi pegar minha câmera. Coloquei a alça ao redor do pescoço e liguei o modo de vídeo. Uma gritante luz branca azulada iluminou o chão à minha frente. Respirei fundo e mirei a câmera no farol. Comecei a gravação; seria bom ter algum registro da minha breve exploração.

O farol estava a poucos metros de mim, banhado por aquele soturno brilho eletrônico. A maioria das janelas estava lacrada, mas havia uma vidraça ou outra não obstruída, quebrada ou lascada nos cantos. De perto o prédio era absurdamente alto e evocava uma sensação de densidade. A tinta branca estava descascando, com manchas pretas cintilantes atacando sua superfície áspera. Provavelmente era mofo; no escuro pareciam nódoas de sangue. Eu estremeci com esse pensamento e endireitei a câmera.

Apontei-a para o segundo andar e examinei a torre. O topo estava escondido, e a luz da câmera agora só conseguia alcançar as nuvens da grossa neblina que estava chegando. Segui em direção à frente do farol, onde os arbustos atacados pelo forte vento convergiam nos flancos do penhasco. Averiguei o prédio. Queria entrar, mas não tinha ideia de como; a porta enferrujada estava fechada com um cadeado que com certeza eu não conseguiria abrir.

— Isso é estupidez — eu disse alto para mim mesma. O som da minha voz era reconfortante. Era estupidez *mesmo*. Eu devia ter dado meia volta.

Em vez disso, continuei olhando ao redor. Caminhei o mais próximo possível do prédio, sem confiar no solo ao redor, então cheguei à frente do farol. Parecia que a beira do penhasco estava a uma distância suficientemente segura da fundação, talvez uns cinco metros. Havia alguns arbustos na base da torre, e sobre eles uma grande janela redonda. Havia uma única tábua vedando-a. Acima da janela do piso térreo havia outra janela, depois outra, depois outra, até o topo da torre de vigia. Caminhei até a janela e vi que a tábua havia sido pregada por dentro. Eu sabia o que precisava fazer e estava bem animada para fazê-lo.

Forcei a placa para testar sua resistência. Parecia que cairia sem muito esforço, o que para mim era perfeito.

Virei a câmera para que filmasse meu rosto num *close* extremo.

— Chegamos ao nosso primeiro obstáculo, uma janela lacrada. — Eu disse à câmera. — Isso, porém, é um desafio para Perry Palomino.

Coloquei a câmera no chão apoiada a uma rocha, para que continuasse me filmando, e dei um passo atrás. Com as pernas em posição firme e minha postura alinhada, avancei. Meu corpo estava apoiado no ângulo exato, meu braço estendido com precisão até que a palma da minha mão encontrou a tábua. A força foi o suficiente; os pregos se desprenderam e a tábua caiu lá dentro com um estrondo ecoante.

Eu me virei, olhei para a câmera e murmurei minha melhor imitação de Bruce Lee:

— Movimento número quatro: Dragão busca o caminho.

Então, me sentindo uma idiota, eu corri e peguei a câmera. Eu sabia bem que não mostraria esse vídeo a ninguém. Mesmo que tivesse alcançado o objetivo, minha mão estava doendo porque eu não havia feito tudo corretamente (já fazia um ano desde minha última aula), e eu tinha plena consciência de que era uma pateta.

Coloquei a câmera de volta no pescoço e enfiei a cabeça lá dentro do farol. Um forte cheiro de mofo me atingiu, irritando meus pulmões e tive uma crise de tosse. Apontei a luz para a escuridão e vi tábuas quebradas no chão numa sala circular vazia. Ouvi um barulho de pingos vindo de um ponto da sala e senti certa umidade. Perto dos fundos do cômodo havia uma passagem, mas não tinha porta nas dobradiças. Eu mal podia distinguir o que havia além dela; parecia ser uma escadaria que devia dar no topo da torre.

Havia algo estranho nesse lugar, algo vagamente familiar. Revirei meu cérebro tentando reconhecer algo mais tangível, mas nada veio à mente. Apesar do vento da costa, que então entrava livremente, havia uma quietude densa no ar. Era estranhamente atraente e muito sobrenatural.

Apoiei as mãos no peitoril e me icei para dentro, meus músculos peitorais pouco usados doeram com meu peso. Girei as pernas de modo desajeitado e caí lá dentro. Meus pés pousaram numa pequena poça, e uma água gelada espirrou na minha calça. Eu me arrependi imediatamente de ter entrado.

O ar lá dentro era muito denso. Meu fôlego vinha mais lento e letárgico, como se um fluido estivesse entrando no meu pulmão. A pressão também era diferente lá dentro, fazia meus ouvidos pulsarem.

Com a câmera, iluminei ao meu redor, mas o ar engolia a luz como se estivesse faminto. Essa analogia me fez estremecer. Estava frio, e eu odiava a

maneira como a escuridão me espreitava, como se uma rede estivesse prestes a me apanhar. Pensando nisso, me virei. Não havia ninguém ali, é claro.

Meu coração batia loucamente. Eu respirava lenta e profundamente, tentando controlar meus batimentos. Sentia como se eu simplesmente *tivesse* de vir a este lugar, e agora que eu estava aqui, a realidade me ocorria. Essa não era a melhor das ideias, era?

Apontei a câmera ao redor do cômodo mais uma vez para absorver o mórbido cenário. Eu estava prestes a fazer um comentário espirituoso sobre minha precoce saída covarde quando ouvi um *tum* acima de mim.

Meu coração congelou. Minha respiração parou.

Eu escutei atentamente, como se me esforçar bastante pudesse fazer brotar orelhas biônicas.

Outro *tum* lá de cima. Vinha do cômodo logo acima da minha cabeça. A ânsia de vômito viajou pelo meu corpo da ponta dos dedos até meus lábios. Foi aumentando no ritmo dos tuns, que seguiam um padrão de pegadas, como se alguém estivesse andando pelo cômodo e pelo corredor.

Meu primeiro pensamento não era de que seria um fantasma ou alguma coisa assustadora do tipo, mas algo pior, algo que poderia realmente ferir alguém, como um noia ou um estuprador que usava o farol como esconderijo ou como seu palácio de estupros.

Olhei para trás, para a janela pela qual entrei. Sem dúvida a pessoa ou coisa me ouviu arrombando-a. Deve ter escutado meu discursinho cafona para a câmera. Devia saber que eu estava ali. Minha única opção era ir embora, mas eu poderia sair pela janela antes de ser pega?

Os passos continuaram, baixinhos, acima de mim, como se eles soubessem que eu estava escutando. Segui cuidadosamente para a janela.

Busquei o canto dela com a mão, e uma sombra sinistra passou lá fora. Foi tão rápido que eu não vi o que era, mas parecia humano o suficiente. Eu me abaixei e me espremi contra a parede.

Eu sabia que estava ferrada. Fui idiota de entrar num épico palácio do estupro comandado por noias e carecas barbudos recentemente fugidos de prisões próximas que tomaram o lugar para suas sessões de tortura com jovens mulheres infelizes que encontravam explorando a costa. E o pior, a infeliz que decidiu se infiltrar no quartel-general deles era eu.

Na maioria dos filmes, a heroína colocaria a cabeça para fora da janela para ter uma visão melhor do que estava rolando, mas eu sabia que se fizesse isso, eu seria imediatamente avistada.

Então, apesar de a janela representar a liberdade e uma maneira de escapar desse inferno, eu lentamente me afastei dela grudada na parede. A luz da câmera dançava pelo cômodo, então notei que estava quase implorando para ser encontrada. Desliguei-a com um clique e fui rapidamente envolvida na escuridão total.

É claro que eu sabia que mesmo desligando a luz ainda era possível saberem onde eu estava, mas pelo menos no escuro eu poderia me esconder, se precisasse. Comecei a pescar alguma arma nos meus bolsos. Não havia nenhuma. Nem unhas afiadas eu tenho. Esperava que minha “destreza” no caratê funcionasse bem com a adrenalina.

Enquanto tentava controlar a vontade de passar pela janela, decidi que a melhor coisa seria seguir pelo corredor. De qualquer maneira, eu estava presa num cômodo úmido e não tinha coragem o suficiente para fugir pela única saída. Os passos no andar de cima haviam cessado, apesar de eu não ter notado em que momento, e o corredor provavelmente tinha outra porta ou mais janelas para escapar.

Eu me aproximei o mais silenciosamente possível da porta e enfiei a cabeça para espiar o corredor. É claro que não consegui ver nada além de um breu sombrio, mas depois de um tempo meus olhos se ajustaram.

O ar no corredor parecia mais denso do que o de fora e cheirava a algas podres. Eu forcei a vista para uma escadaria no final do curto corredor. Meu Deus, havia rastros escuros de algas que seguiam do corredor até a escadaria. Era como se um monstro de algas tivesse subido e deixado suas tripas para trás.

Pare! Eu gritei na minha cabeça. Eu estava surtando e precisava me acalmar antes que meu cérebro perdesse o controle, e isso não traria nenhuma vantagem. Meu objetivo principal tinha de ser sair de lá rapidamente, em segurança e sem enlouquecer.

Afastei os olhos da alga e olhei para o corredor. Pontos verde e preto dançavam diante de mim, tornando difícil focar a visão, mas finalmente eu avistei o que parecia ser uma porta para outra parte do farol.

Eu me arrastei pelo corredor, que por sorte só tinha meio metro, e alcancei a porta. Tateando, minhas mãos acertaram a maçaneta com um estrondo. Eu

estremeci e congelei, mantendo minha respiração baixinha. Não ouvi nada por alguns aterrorizantes segundos, então virei-a cuidadosamente e puxei-a. A porta mal se moveu.

Coloquei as mãos no batente da porta e me deparei com um cadeado. Eu o sacudi silenciosa e inutilmente. A menos que por um milagre eu tivesse um alicate de corrente na calça, eu não sairia por aquela porta esta noite.

Senti as lágrimas de frustração correrem aos meus olhos e pisquei rapidamente para contê-las. Tirei minha mão da fechadura e respirei bem profundamente, como haviam me ensinado para conter ataques de pânico. Todos os meus antigos ataques pareciam frívolos se comparados a esse. Uma morte iminente (ou algo pior) é que era um excelente motivo para entrar em pânico.

Só me restava uma opção: voltar ao cômodo e escalar para fora da janela o mais rápido possível. Se eu fosse rápida o bastante, talvez pudesse saltar para a noite sem ser notada e, mesmo se fosse, talvez minhas pernas gorduchinhas e meu talento para o grito bastassem para manter meus potenciais assassinos afastados.

Eu me endireitei e fechei os olhos. Agulhas e alfinetes fluíam pelas minhas veias, acionando um motor.

Eu me virei e avancei em direção ao cômodo ao meu lado.

BAM!

Bati em alguém.

Ou em algo.

— Aaaai! — Eu gritei.

O choque foi forte, bati os dentes e fui lançada para trás. Senti um chacoalhão e um som de batida metálica. Minha cabeça bateu contra o chão frio. Não tive tempo sequer de sentir a dor.

Fiquei rapidamente de pé e tentei correr de novo, mas meu pé deslizou num treco gosmento e minha perna voou à frente, me lançando mais uma vez ao ar.

Desta vez caí no chão com ainda mais força e senti meu corpo ficar imediatamente mole. Minha visão escureceu e começou a girar e minhas pálpebras se fecharam brevemente. Pensamentos de perigo e ameaça pareciam muito distantes, o quarto começou a vibrar e a zunir, quase me embalando. Dormir parecia uma boa ideia.

Mas eu não podia dormir. Uma luz forte se acendeu sobre meu rosto e interrompeu o torpor reconfortante através das minhas pálpebras. Espremi os olhos pelo desconforto e senti um par de mãos na minha cabeça. Uma tocava cuidadosamente o meu pescoço enquanto a outra acariciava minha testa.

Estupradores são gentis hoje em dia, pensei vagamente e ergui meu braço contra a luz que irradiava implacável sobre mim.

— Não se mexa — uma voz rouca disse na escuridão. Soava a milhões de quilômetros de distância e com um vago tom de pânico.

Obedeci e soltei as mãos. Finalmente a luz saiu do meu rosto, e eu percebi que algo havia sido colocado no chão ao meu lado.

Senti de novo mãos no meu rosto. Estavam levemente trêmulas. Tentei abrir mais os olhos, enquanto pensamentos coerentes entravam em minha cabeça confusa. O pânico começou a se acentuar instintivamente pelo meu corpo.

Ele se intensificou quando vi o contorno de um rosto masculino acima de mim. Tentei empurrá-lo para longe, mas o homem estava segurando meu ombro, me apertando para baixo.

— Sério, você pode se machucar bastante. Por favor, não se mexa.

Eu não conseguia ver o rosto do homem, salvo o contorno, então me recostei novamente, fechei os olhos e verifiquei mentalmente meu corpo. A parte de trás da minha cabeça pulsava com uma dor incômoda. De resto, parecia estar tudo bem comigo. Dos dedos da mão aos dedos do pé, meus músculos estavam despertos, funcionando e prontos para ação.

— Estou bem — consegui dizer. Abri os olhos e tentei fazer contato visual com a figura sem rosto, mirando para onde seus olhos deveriam estar.

Ele tirou as mãos de mim e se afastou um pouco. Lentamente me levantei e me inclinei para a frente. Minha cabeça estava realmente doendo, e o cômodo ainda girava na escuridão sombria, mas eu não sentia nada de mais grave.

Claro, isso significava que eu não tinha de me preocupar especificamente *com isso* e que podia me focar nesse potencial estuprador do farol.

Consegui enxergar bem melhor quando minha visão se acostumou novamente à escuridão. O cara estava agachado a meio metro de mim. Eu só podia distinguir seu contorno, que estava iluminado por trás pela lua que vinha da janela e por uma fonte de luz no chão. Olhando melhor, parecia estar vindo de uma câmera de vídeo, não como a minha, mas como as que os cineastas usam.

Aquela pequena informação acalmou meu coração, desacelerando as batidas. A maioria dos viciados tarados e noiados não tem câmeras digitais de alta qualidade.

— Me desculpe — o homem disse. Eu tentei reconhecer sua voz, mas além de um tom profundo e rouco, como se sua garganta estivesse cheia de cascalho, não captei mais nada. No entanto, era estranhamente reconfortante.

Ele continuou:

— Eu estava lá em cima e ouvi essa batida bizarra aqui embaixo. Achei que talvez fosse a polícia ou sei lá. Eu não sabia o que fazer. Achei que eu pudesse fugir pelo mesmo lugar que entrei, mas vi você aí, e então vi a janela, provavelmente ao mesmo tempo em que você e… me desculpe se… bom, você obviamente está bem.

Eu sabia que havia vários erros naquela frase absurdamente longa, mas não tinha cabeça para dissecá-la. O melhor que pude fazer foi perguntar:

— Quem é você?

O homem não disse nada. Sua silhueta começou a balançar levemente de um lado para o outro.

— Isso depende de quem é você — ele respondeu.

Mas que inferno, nem eu sabia quem eu era agora. Abanei a cabeça.

— Perguntei primeiro.

Ele suspirou e buscou algo no bolso. Tirou um cartão de visita e o entregou a mim. Pegou sua câmera e iluminou o papel preto.

— Dex Foray — eu li a impressão branca e cintilante em voz alta. — Produtor, operador de câmera, cinegrafista. Shownet.

Eu virei o cartão. Não havia nada além de um endereço de Seattle. Olhei o rosto que não conseguia enxergar.

— Você é corretora ou algo do tipo?

Ele riu.

— Porra, não.

Eu enfiei o cartão no bolso e senti a força voltando aos meus ossos e à minha língua. Fiquei feliz que a coragem não havia me abandonado.

— Bem, Dex Foray, algo me diz que o que quer que vocês estejam fazendo aqui, estão fazendo sem autorização do meu tio, que é o dono do farol.

— Não tem mais ninguém aqui. Só eu.

Foi a minha vez de rir.

— Olha, não me importa. Não vou te entregar. Eu mesma não deveria estar aqui. Apenas reúna sua equipe ou o que seja e caia fora antes que vocês se metam em apuros.

O cara, Dex, parou de se remexer.

— Sou só eu — ele repetiu. — Está vendo mais alguém?

A voz dele se tornou sombria. Algo nessa mudança de tom me alarmou.

— Sim — eu disse lentamente. — Eu te ouvi no segundo andar e ia sair pela janela, mas vi a sombra de alguém passando lá fora.

Silêncio. Ele se mexeu no escuro e se aproximou de mim. Eu queria poder ver direito sua expressão.

— Tem certeza de que viu algo? — Ele perguntou.

Comecei a duvidar de mim mesma com as perguntas, mas fiquei firme.

— Sim, vi alguém. Alguém passou pela janela, juro por Deus.

— De onde você veio? Alguém veio com você?

Balancei a cabeça. Ele levou a luz ao meu rosto. Eu me encolhi.

— Desculpe — ele disse, mas não soava nada arrependido. — Eu… bem, deixa pra lá.

— Deixa pra lá? — Não pude evitar de rir ironicamente. — Você invadiu o farol do meu tio. Não me diga para deixar pra lá.

Então me dei conta de que provocar um completo estranho, especialmente não tendo conseguido ver o rosto dele e estando sozinha com ele num farol escuro e abandonado, poderia não ser uma boa ideia, mas…

Ele se endireitou, sua figura bloqueou a luz da lua, e estendeu a mão para me ajudar a ficar de pé. Ele não era muito alto, devia ter por volta de um metro e setenta e cinco.

Segurei sua mão hesitantemente, e ele me colocou de pé. Vacilei um pouco com a mudança de altura e gravidade, e no mesmo instante ele colocou os braços ao meu redor. Tinha cheiro de loção de barbear Old Spice. Senti como se estivesse numa novela tosca.

— Você está bem? — Ele perguntou. Seu rosto não estava muito distante do meu. Eu me virei para que minhas costas ficassem para a janela e a lua

iluminasse o rosto dele.

Ele era um cara surpreendentemente bonito. Talvez eu esperasse um careca barbudo, mas não era nada disso.

Tinha o maxilar largo e arrendado, ele era bem aceitável. Um bigode ralo a la Errol Flynn marcava seu lábio superior, e seu queixo estava sombreado pela barba por fazer. Tinhas olhos escuros e insondáveis, emoldurados por sobrancelhas diabolicamente arqueadas e baixas na testa. Uma argola simples adornava sua sobrancelha direita. Era um visual bem anos 1990. Meu tipo de cara, aparentemente. Ele lembrava Robert Downey Jr. nos tempos de drogadinho.

Ele me observou com seus olhos cintilando sombriamente à luz da lua, muito intensos. Fiquei aliviada por ele parecer uma pessoa normal e um pouco instigada por ele também ficar me olhando.

— Só estou um pouco tonta — consegui dizer. Ele ainda me olhava nos olhos. Ficou um pouco irritante depois de um tempo. Devo ter deixado a irritação transparecer porque ele sorriu bem lentamente, exibindo os dentes brancos perfeitos.

— Bem, promete não me processar? — Ele disse.

Olhei-o receosa.

— Prometo, mas não posso falar pelo meu tio.

Ele fez um biquinho e pareceu pensar a respeito, apesar de seus olhos continuarem imóveis.

— O que você está fazendo aqui? — Ele enfim perguntou.

— Estávamos fazendo uma fogueira na praia. Cansei de ficar rodeada de adolescentes e quis vir para cá. Meu tio nunca me deixou vir aqui quando eu era mais nova. Eu não contei a ninguém, só saí. Queria filmar umas paradas.

Com minha menção de filmar, entrei em pânico. Minha câmera! Agachei-me para alcançá-la e coloquei-a em frente ao meu rosto. Quando a liguei, as luzes se acenderam e se estabilizaram. Eu não conseguia enxergar a lente, mas Dex agarrou-a e segurou a lente em frente à luz. Ele espiou, com as sobrancelhas franzidas, e suavemente colocou a câmera no meu pescoço.

— Está tudo bem. Achei que você tinha detonado a minha câmera quando bateu em mim. — Ele levantou a câmera e deu um tapinha nela. Eu imediatamente me senti culpada, mesmo que a culpa fosse dele por ter invadido

o farol. — Você está certa — ele continuou, lendo meu rosto. — Eu provavelmente merecia ter minha câmera detonada.

Eu estava prestes a dizer mais alguma coisa; não sei exatamente o que, mas tive a sensação de que deveria ter tentado fazê-lo se sentir melhor, quando houve outro *tum* lá em cima.

Eu congelei. Senti-o congelando também. Olhei lentamente para ele. Ele estava me observando com bastante atenção.

— Tem certeza de que você veio sozinha? — Ele cochichou. O fato de ele precisar perguntar isso de novo me arrepiou.

— E você? — Perguntei em resposta. Ele assentiu gravemente.

Eu engoli em seco. Nós dois escutamos bem e ficamos inertes como cadáveres.

Outro *estrondo*. Minha mente começou a bobinar freneticamente. Esse tal de Dex estava mesmo sozinho?

Talvez este fosse mesmo um palácio do estupro e ele estivesse me encurralando aqui enquanto caras maiores faziam o resto do trabalho sujo. Havia um ar de perigo iminente nele, mas isso poderia ser apenas a impressão pela situação ou por seu cabelo escuro jogado e desgrenhado e seu jeito de Lord Byron.

Olhei para a janela. Dex captou meu olhar e balançou a cabeça me alertando. Devolvi a ele um olhar incrédulo.

Ele se aproximou da minha orelha, e eu senti seus lábios roçando o meu lóbulo. Senti como se pequenos relâmpagos viajassem pela minha pele em fúria quente e penetrassem na minha cabeça. A sensação me distraiu, e eu fechei os olhos para aproveitá-la.

— Tem certeza absoluta de que ninguém mais veio com você? — Ele cochichou, sua voz baixa juntou-se à estática e viajou em ondas pela minha espinha.

Abanei a cabeça e tentei me concentrar. Mesmo se alguém tivesse me seguido, não havia como ter entrado no farol antes de mim. Mas que inferno, eu não sabia nem como ele havia entrado, uma vez que não foi pela janela. Deixei essa pergunta de lado por enquanto. As batidas continuaram.

Olhei novamente a janela e comecei a me mover decididamente em sua direção, mas Dex parou bem ao meu lado e não cedeu.

— Precisamos subir — ele cochichou.

Eu quase ri alto, mas me contive. Ele estava louco? Eu não ia subir. Eu ia sair pela janela e voltar para a casa do tio Al, onde eu poderia chamar a polícia. Se isso colocasse Dex em apuros, problema dele.

Ele puxou meu queixo para que o olhasse. Tudo bem, eu gostava de olhar pra ele.

— É melhor você não sair de perto de mim — ele disse.

Eu mal podia acreditar. Parte de mim queria por algum motivo ficar com ele, mas a parte racional sabia que “algum motivo” não era bom o suficiente. Balancei a cabeça violentamente.

— De você? Eu nem sei quem é você, caramba. Você me dá um cartãozinho de visita e já acha que vou ficar aqui na sua torre de estupro? — Eu disse a última parte alto demais.

Ele levantou a sobrancelha e contraiu os lábios, acho que ficou um pouco chocado.

— Então vá — ele disse lentamente. — Mas quando sair por aquela janela, corra até a casa do seu tio. Não pare por nada. Mesmo se topar com algo, continue correndo. É melhor você ficar de olhos fechados o tempo todo.

Meu corpo foi tomado por calafrios. De repente eu fiquei com medo de sair de perto dele. Ele parecia saber muitas coisas que eu não sabia.

— O que há lá em cima? Você sabe? — Perguntei.

Diante da situação, ele deu de ombros.

— Tenho um palpite. É por isso que estou aqui.

— *Por que* você está aqui?

— Vou te mostrar — ele disse. Ele esticou o braço e segurou minha mão. Com a outra, ele colocou a câmera no ombro e depois olhou a câmera pendurada no meu pescoço.

— Talvez você devesse ligar a sua. Quanto mais ângulos de gravação tivermos, melhor.

Merda. Se haveria um momento que determinaria meu destino, tenho certeza de que era esse. Eu tinha duas opções mais ou menos simples. Eu poderia sair correndo e voltar para perto da casa do tio Al, para a fogueira onde meus primos e minha querida irmã ainda estariam bebendo e curtindo a normalidade de uma

noite de sábado e me esquecer de que vim para esse lugar terrível e desse cara estranho. Ou poderia ir com o tal cara estranho para o andar de cima nesse velho farol decrépito e perigoso e que, provavelmente, estava condenado em busca de alguém (ou *alguma coisa*) que estava andando por aí, provavelmente esperando para nos matar de formas horrendas.

Não era uma decisão difícil. Na verdade, acho que 99,7% das pessoas em perfeito juízo teriam escolhido a primeira opção e seguido felizes com suas vidas, mas por algum motivo bizarro achei que talvez, assim, só por acaso, eu poderia subir as escadas cheias de algas com esse estranho para o covil de um terror inimaginável. Sabe, apenas porque era uma alternativa mais interessante.

Eu liguei minha câmera e deixei Dex me guiar para longe do ar fresco e da liberdade, em direção à monstruosa incerteza que esperava por nós lá dentro.

CAPÍTULO QUATRO

DEX E EU PASSAMOS PELA PORTA ENQUANTO as finas teias de aranha acima nos roçavam. Caminhamos lentamente até a escadaria, escutando novos barulhos do que quer que houvesse no andar de cima.

As escadas não estavam bambas como eu achei que estariam, mas estavam escorregadias de mofo e infiltrações. As paredes da escadaria circular também estavam úmidas e escuras, e não havia corrimão para segurar. Eu segui Dex ao primeiro degrau, e meu pé imediatamente começou a escorregar. Por sorte, meus coturnos eram novinhos e bem antiderrapantes. Eu consegui me equilibrar sem precisar encostar naquelas paredes asquerosas.

— Tudo bem aí? — Dex cochichou e me apertou.

Eu assenti e fiz sinal para ele ficar quieto, mesmo imaginando que seja lá o que estivesse no segundo andar já sabia que estávamos a caminho.

Dobramos o corredor. Fiquei feliz por Dex caminhar à minha frente, ainda que duvidasse de que seu porte franzino fosse capaz de me proteger.

Mas, oras, quando chegamos ao segundo andar e o iluminamos, não havia nada de assassino com machado. Devo dizer que foi um pouco frustrante.

Havia duas portas fechadas diante de nós: uma que dava para outra parte do prédio, como a porta trancada no andar de baixo, e outra que eu supus que nos levaria à sala circular que dava para o mar. Nenhuma das portas tinha fechadura, mas eu não tinha a mínima vontade de ver se elas abriam, pois as maçanetas estavam úmidas e nojentas.

Dex parecia perplexo, mas não aliviado.

De repente, a porta que dava para a sala circular se abriu e bateu contra a parede com um estrondo. Meu coração quase saiu pela boca, quase morri de susto.

— Meu Deus! — Exclamei.

Dex não pareceu se assustar. Ele soltou minha mão e entrou na sala. O cara definitivamente tinha colhões, e não cérebro.

Eu vi a luz da câmera iluminando as paredes, e então ele saiu novamente e apontou para a porta.

— É só uma porta.

— O quê?

— O barulho. Alarme falso.

— Mas eu ouvi passos, como quando você estava aqui em cima.

Ele deu de ombros.

— Eu sei. Achei que tinha escutado também, mas não há nada aqui, assim como não havia nada mais cedo. — Ele iluminou a escadaria. — Mas nunca vim até aqui. Aposto que é onde ele está.

— Ele? — Perguntei, com um aperto no peito. Quem diabos era ele?

— O Velho Roddy — Dex respondeu e seguiu para as escadas.

Eu me estiquei e agarrei seu braço com firmeza. Interessante. E não é que havia músculo sob aquela manga?

— Quem diabos é o Velho Roddy? — Perguntei brava. Estava de saco cheio de sentir que não me contavam a história toda.

Dex ficou em silêncio. Eu iluminei seu rosto, e ele espremeu os olhos.

— Se você não sabe, não tenho tempo de explicar — disse sarcasticamente sob a claridade. Olhou para minha mão em seu bíceps. Eu não o soltei.

— Arranje tempo — eu disse.

Outra batida lá em cima. Desta vez muito mais alta do que antes. Definitivamente não era o barulho de uma porta batendo ao vento.

Dex ficou tenso com o estrondo. Olhou atentamente para mim, então relaxou. Soltei seu braço.

Ele se inclinou e apontou para cima.

— O Velho Roddy é o faroleiro.

Eu não entendi.

— Não tem faroleiro. Meu tio não emprega ninguém; não há sequer uma droga de uma luz aqui — eu disse.

— É, bom, o boato é que o Velho Roddy fica aqui o tempo todo.

— O tempo todo? Há quanto tempo?

— Uns oitenta anos, talvez mais, talvez menos.

— Isso é impossível — eu zombei.

— Eu sei. Como eu disse, é por isso que estou aqui.

Respirei lenta e profundamente. O que Dex estava dizendo não fazia sentido para mim e, para piorar, quanto mais eu tentava compreender, mais me sentia zonza e desorientada.

Esta situação, esse tal de Dex, era coisa demais para eu processar. Infelizmente, quando minha cabeça não consegue processar direito o que acontece ao meu redor, meus ataques de pânico começam a despontar e coisas bizarras acontecem.

— Preciso me deitar — eu cochichei.

Ele virou a cabeça, curioso, e pegou minha mão.

Ele não me deu um aperto reconfortante, como qualquer pessoa normal teria feito, apenas me puxou para mais perto dele e me conduziu para o próximo lance de escadas até chegarmos ao piso de cima, de onde vinham as últimas batidas que escutamos.

Eu estava com a respiração estancada e o coração na garganta. Dex iluminou o andar. Parecia igual ao de baixo, exceto por uma mesa num canto. As portas também estavam fechadas e não havia nenhum faroleiro.

Basta dizer que tive um mau pressentimento. Não sei se foi pela bizarrice da situação ou porque eu precisava voltar antes de as pessoas começarem a se preocupar comigo, não sei dizer. Além do mais, eu estava começando a questionar a sanidade de Dex procurando um faroleiro que obviamente não existia.

— Sabe… — eu comecei a dizer.

BLAM!

Fui interrompida pela porta, que se abriu (novamente sozinha) de supetão e ficou oscilando loucamente nas dobradiças, batendo contra a parede numa série

de *blans.*

— Mas que droga? — Eu gritei mais alto do que o ruído. Esse foi literalmente o único pensamento que me passou pela cabeça.

Dex deu um passo curioso em direção à entusiasmada porta, e à brisa que ela fazia enquanto agitava seu cabelo.

Ele apontou a câmera para a porta por um momento, o brilho fantasmagórico acrescentou mistério à cena, então virou a luz para mim.

— O que você acha que é? — Ele perguntou.

A luz estava me cegando.

— Eu não acredito que você está me filmando! — Gritei.

BLAM!

O mesmo barulho de portas se abrindo e fechando veio do andar de baixo. O ruído era opressivo, e em segundos o farol todo estava vibrando sonoramente. Coloquei de imediato as mãos sobre as orelhas. Eu podia sentir a vibração reverberando nas minhas entranhas.

Dei um passo trêmulo em direção ao Dex, buscando conforto nessa situação mais do que aterrorizadora. Ele apenas apontou a câmera de volta para a porta, que ainda estava abrindo e fechando como se algum adolescente raivoso invisível a estivesse batendo. Ele arrancou minhas mãos das minhas orelhas e me entregou a câmera.

— Talvez você queira filmar isso! — Ele disse através do barulho.

Filmar era o último dos meus pensamentos, mas obedeci.

Eu me certifiquei de que minha câmera ainda estava gravando e focando a porta e Dex. Com minhas orelhas expostas, o som me fazia tremer por dentro.

Eu consegui gravar pelo menos uns trinta segundos do fenômeno até minha visão desaparecer.

Uma avassaladora luz branca tomou o cômodo. Minha mão desapareceu completamente na frente de meu rosto, como se eu estivesse sendo pulverizada no esquecimento. Fechei os olhos pela dor e me agachei no chão; meus sentidos estavam abalados, completamente desequilibrados.

A luz branca resplandecente, as batidas da porta e a vibração ali dentro… Era o apocalipse?

Tentei ir para mais perto de onde eu supunha que Dex estava e abri os olhos entre meus dedos. Doía demais mantê-los abertos por mais de um segundo, e eu não o via em lugar nenhum.

— Dex! — Eu gritei o mais alto que podia. Olhei ao redor, mas só via o branco. De onde vinha essa luz pavorosa? Eu estava morrendo?

Meus olhos captaram um movimento na direção da escadaria. Havia uma sombra escura de um homem (ou criatura) balançando na luz. Estava se aproximando. Minha mente instantaneamente conjurou imagens de abdução alienígena. Cada episódio de *Arquivo-X* começou a piscar na minha cabeça.

A sombra continuava vindo. Por algum motivo eu achei que deveria registrar a causa da minha morte iminente em filme, então mirei a câmera.

Fechei meus olhos, rezei e me preparei.

Mas… *silêncio.*

O ruído e as vibrações pararam, e a luz à frente das minhas pálpebras doloridas rapidamente se apagou.

Eu abri os olhos na escuridão absoluta, com pontos nebulosos tomando minha vista. Era quase mais assustador do que toda aquela cegueira branca. Alguém poderia estar parado a centímetros de mim e ainda estar completamente indetectável.

Lentamente fiquei de pé e liguei a luz da minha câmera, me preparando para encontrar algo terrível e tudo aquilo que havia abalroado minha noite.

Nada. A escuridão reinava. A câmera não respondia.

— Mas que merda! — Xinguei para mim mesma. Tentei examiná-la no escuro, mas só podia imaginar que a bateria deveria ter acabado. Momento bom pra caramba.

Respirei fundo e tentei não deixar a sensação desvairada se apoderar de mim, aquele pensamento de que a escuridão estava viva e pronta a me comer.

— Dex — eu chamei. Fiquei parada, escutando, mas não ouvia nada além do som da minha voz ecoando pelo corredor. Onde diabos ele se meteu? — Velho Roddy? — Chamei brincando, meio esperando que algum faroleiro decrépito respondesse. Era melhor do que esse silêncio irritante.

Ainda entrava um pouco de luz da lua pelas janelas, e aquela tênue iluminação era o suficiente para me fazer pensar em descer as escadas e cair fora dali.

Eu me aproximei da escadaria e estava prestes a descer o primeiro degrau quando outra luz veio de cima.

O que era agora? Eu não aguentava mais isso.

Entretanto não era como a bomba H apocalíptica explodindo. Era apenas uma luz fraca, que dançou pelas paredes da escadaria até se fixar num ponto. Se eu descesse, entraria diretamente no seu caminho.

Lembrei-me da luz da câmera do Dex. Na verdade, tive certeza de que era isso. Mas no estado de paranoia em que eu me encontrava, precisava de alguma garantia disso antes de começar a descer.

— Dex, é você? — Eu perguntei bem alto. Sem resposta. — Dex, estou vendo uma luz aí embaixo. É você? Dex, responda!

Nada.

Eu não sabia o que fazer. O medo era palpável; estava fisicamente correndo para cima e para baixo de meus braços em arrepios, tomando meu corpo, estimulando meu coração já acelerado e minha cabeça latejando.

Eu devo ter ficado lá por uns cinco minutos, apenas tentando ouvir qualquer som, aterrorizada com o que eu poderia encontrar escada abaixo. Minha imaginação estava criando imagens das algas ganhando vida, como algum tipo de monstro. Onde Dex estava? Para onde ele tinha ido? Por que a luz da câmera estava ligada e não se movia? Uma parte de mim acreditava que ele deveria estar fazendo uma brincadeira cruel. A outra parte achava que ele estava morto. Ou coisa pior.

Com esse pensamento, desci lentamente as escadas. Estremeci com o ranger de cada degrau, apesar de eu não saber por que eu ainda me importava em fazer silêncio. A luz desapareceu atrás das nuvens, fazendo a luz abaixo parecer mais definida e fria. Sombras traiçoeiras e arrepiantes corriam pelas paredes lúgubres. Eu virei no patamar e segui pelo resto da escadaria.

A luz agora estava à minha frente, no chão, apontada para os meus pés. Eu parei, desejando conseguir enxergar além do brilho.

— Dex? — Eu sussurrei. — Por favor, me responda, Dex, isso não tem graça.

Se ele estava tentando me apavorar, definitivamente havia conseguido, e eu sabia que ele iria ouvir o terror na minha voz embargada, mas até agora… nada.

Respirei fundo e me abaixei para pegar a câmera. Só que não era uma câmera. Era uma lanterna.

Peguei-a, me sentindo confusa. Dex tinha uma lanterna? Eu estava revirando o cérebro tentando lembrar quando ouvi um gemido baixo. Não era o gemido de uma pessoa (ou de alguma coisa), mas o rangido inanimado das dobradiças de uma porta abrindo. Vinha da porta à direita.

Eu apontei a lanterna na escuridão. Por uma fração de segundo tive medo de me deparar com algo horripilante, como Dex parado no canto do cômodo de frente para a parede, mas, em vez disso, o corredor estava vazio. Não havia nada exceto a porta que dava para o quarto circular, que agora estava bem aberto.

Eu me esgueirei em direção a ele e entrei.

Era um quarto. Pelo menos havia sido. Agora restava apenas uma grossa armação de cama de madeira que parecia parcialmente queimada, uma mesinha de cabeceira com uma pilha de livros e um guarda-roupa no canto. Em cima do guarda-roupa havia uma bacia de ágata com um espelho apoiado contra a parede. A luz da lanterna refletiu incisivamente nele.

Havia uma janelinha redonda que dava para o oceano, coberta por uma grossa camada de gordura e sal. Algo na janela registrou-se no fundo de meu cérebro sobrecarregado.

Eu havia estado aqui antes? Isso era… possível?

Dei mais alguns passos em direção à janela, quando…

BLAM!

A porta bateu, se fechando atrás de mim

Eu gritei e derrubei a lanterna, e a luz se esparramou pelas paredes enquanto pousava no chão com um baque. Rapidamente a peguei, tremendo. A luz oscilou e começou a se apagar. Em pânico, eu a balancei com força, mas a lâmpada havia saído um pouco do lugar com a queda. Ainda havia luz, mas ficava cada vez mais fraca. Ou então a escuridão é que estava ficando mais forte.

Foi quando aconteceu. Foi quando fui atingida.

Uma luz se acendeu no corredor.

Os cantos da porta brilharam em um tom âmbar.

A imagem penetrou na minha cabeça e, como peças de um quebra-cabeça, lentamente se encaixou a outra imagem que surgiu na minha lembrança.

Meu sonho. Isso era meu *sonho*. Minha respiração entalou na minha garganta quando as peças do quebra-cabeça se encontraram. A sala redonda, a janelinha redonda, a luz do outro lado da porta. Claro, eu não estava de camisola e descalça, mas era o mesmo lugar. Não era possível, mas ainda assim…

Eu também não tinha certeza do que isso significava. As coisas eram iguais, mas diferentes. Iria seguir a direção dos meus sonhos? A porta iria se abrir com uma ameaça negra, sombria me envolvendo até a morte certa? O homem dos meus sonhos era o Velho Roddy?

Ou Dex?

Talvez, eu pensei rapidamente, *isso fosse um sonho*. Esse pensamento me deu um pouco de coragem.

Eu engoli em seco e caminhei até a porta. Fiquei alerta, não conseguia escutar nada vindo do corredor. Agarrei a maçaneta e tentei virá-la.

Não virava. Estava emperrada.

Eu puxei a porta e senti pânico subindo dos meus pés à ponta dos dedos das mãos. Estava quase estrangulando a maçaneta, minhas mãos estavam suadas e escorregadias. Esse era o meu pesadelo. Meu pior pesadelo estava se tornando realidade. Eu estava trancada do lado de dentro. Alguém, alguma coisa, havia me trancado ali dentro.

— Dex! — Eu gritei e comecei a bater na porta. — Por favor, alguém me deixe sair, por favor! Por favoooor! — Eu gritei essa última palavra, alto e agudo, fazendo até os meus ouvidos doerem.

Gritar parecia ser a única coisa que eu poderia fazer.

Eu gritei sem parar e me empurrei contra a porta, mesmo sabendo que ela abria para dentro. Minha câmera balançava no meu pescoço e batia contra a madeira, mas eu não me importava. Eu tinha de sair. Segurei a maçaneta e puxei-a até minhas mãos perderem a aderência e eu voar para trás e cair no chão duro. Uma dor aguda no osso da bacia, mas eu mal a senti.

Então tudo ficou escuro. A luz do lado de fora sumiu e o contorno da porta desapareceu num abismo.

Os pelos na minha nuca se arrepiaram com uma precisão gelada. Eu sabia que havia algo esperando do outro lado da porta, escutando.

Fiquei deitada no chão, observando, sem fôlego. Meu corpo tenso e preparado para a ação.

A porta rangeu, abrindo-se lentamente. Eu esperava ver a qualquer momento uma figura alta e negra na porta, vindo na minha direção e me sufocando com seu rosto nebuloso.

Eu esperei. O terror era indescritível.

Entretanto, nada aconteceu.

Fiquei alguns segundos tentando digerir a situação, mas não veio nada a minha mente. Então, impulsionada mais por instinto do que por consciência, saltei de pé com um impulso e saí como uma bala.

Corri pela porta sem olhar ao meu redor. Desci as escadas correndo e escorreguei numa curva, sendo lançada contra a parede preta e gosmenta. Não havia tempo para morrer de nojo. Recuperei o passo e saltei dos últimos degraus para o chão.

Segui em direção à porta aberta e atravessei à toda.

BLAM!

Colidi com algo grande e pesado. De novo.

Soltei um grito aterrorizado e caí com o impacto. Posso ter tido uma experiência extracorpórea naquele momento. Nunca soube que era capaz de gritar daquele jeito.

A figura gritava de volta para mim. Eu não sabia se era eco, mas eu é que não ia esperar para descobrir.

Fiquei de pé, escorregando um pouco no chão viscoso, e a coisa se esticou para me equilibrar.

— Perry! — Eu a ouvi dizer.

Como aquilo sabia meu nome? Minha cabeça girava, meu coração estava acelerado e todos os instintos ainda diziam para eu correr pela minha vida.

Eu estava prestes a fazer isso quando fui sacudida.

— Perry! Sou eu!

Eu? Dex?

Não.

Na luz da lua minguante, Matt enfiou o rosto na frente do meu.

— Caramba, você me matou de susto — ele sussurrou com a voz falseando.

— Matt? — Eu perguntei incrédula. — Que diabos você está fazendo aqui?

— O que eu estou fazendo aqui? Como assim, Perry, porra? O que você está fazendo aqui?

— Matt? — Eu podia ouvir a voz de Tony chamando do andar de cima. — É ela?

Eu me virei e vi Tony descendo as escadas segurando o celular e um grande holofote industrial. Ele me viu e soltou um suspiro de alívio.

— Perry, graças a Deus, eu quase chamei o meu pai.

Matt colocou a mão no meu ombro.

— O que você está fazendo aqui?

Foi difícil recompor meus pensamentos e minha respiração, então eu apenas sacudi a cabeça e me dei um tempo.

Os gêmeos olhavam para mim, mais curiosos do que preocupados.

— Por que você estava gritando? — Tony perguntou.

— Você largou isso? — Eu consegui perguntar a Matt, que segurava a lanterna apagada, ignorando a pergunta de Tony.

Ele assentiu.

— Sim, coloquei lá para que Tony conseguisse encontrar o caminho para descer a escada. Se ele usasse esse holofote aqui iria cegar todos nós. Aquele negócio é bem forte.

— Hum — eu refleti. — Isso é que era aquela luz ofuscante?

Os gêmeos se entreolharam e deram de ombros.

— Ada estava iluminando o farol pelo lado de fora — Matt disse.

Ada. Seu nome soava tão doce e familiar.

— Onde ela está? Ela está bem? — Perguntei, ansiosa.

— Ela está bem — Tony respondeu receoso. — Ela e o Ás estão esperando lá fora. Você está bem?

— Sim. Por quê?

Matt riu.

— Quão bêbada você está? Da próxima vez que quiser explorar o farol, é só avisar para a gente, viu? Na boa, você está maluca de vir aqui? Sozinha? À noite? Este lugar nos dá arrepios até durante o dia.

Tony assentiu.

— Dá para ver que uns troços fortes pra caramba aconteceram aqui. Recebemos até ligações de caçadores de fantasmas e de gente querendo filmar essa merda. O farol tem uma história ou algo do tipo.

Caçadores de fantasmas? Filmagem? De repente tudo começava a fazer sentido.

Então me lembrei de Dex.

— Vocês viram alguém aqui? Ou ouviram alguma coisa? — Perguntei.

Eles negaram com a cabeça.

— Vocês nem me ouviram gritando? Chamando o Dex?

— Eu te ouvi se matando de gritar — Tony disse. — Quem é Dex?

Eu balancei a cabeça. Esqueça isso. Nada fazia o menor sentido.

— Precisamos voltar — Tony disse gentilmente, talvez por ter notado minha fragilidade mental.

Eu já havia falado demais, então assenti e saí cuidadosamente do farol pela janela quebrada. Eu esperava nunca mais ter de entrar naquele lugar novamente.

Havia um reconfortante clima de normalidade lá fora. Ada e Ás estavam se pegando num cantinho. Está bem, aquela não era a primeira coisa que eu queria ver, mas no minuto em que ela me viu, parou de se amassar e veio correndo. Jogou os braços ao meu redor, o que não era normal da parte dela.

— Graças a Deus! — Ela disse enrolando a língua. — Achei que estivesse morta. Ou que tivesse saltado do penhasco.

— Que bacana — eu disse em tom seco.

Começamos a caminhar de volta para a casa do tio Al.

— Viu alguma coisa muito louca? — Ás disse ao lado de Ada.

— Achei que sim — foi tudo o que disse.

Se Matt e Tony estavam andando pelo farol enquanto eu estava dentro e não viram nenhum sinal de Dex, talvez Dex nunca tenha existido. Talvez ele fosse apenas mais um amigo imaginário, perdido há muito tempo desde a infância. Olhei para minha câmera. Não estava funcionando, o que significava que qualquer prova do que havia acontecido teria de esperar até ela ser consertada. Eu esperava que não custasse muito caro. Suspirei com certo esforço, de repente tomada por uma exaustão física e mental aguda. Na verdade, eu estava tão cansada que quando finalmente voltamos para a casa e apagamos a fogueira, eu

quase desmaiei de roupa no sofá-cama. Ironicamente, Ada bêbada estava mais sensata do que o normal.

— O que a mamãe vai achar quando ela te encontrar dormindo de roupa? — Ela avisou.

Eu concordei e vesti minha camisa e calça de pijama. Joguei minhas roupas no chão. Papéis e uns trocados caíram da minha jaqueta. Ada pegou um dos papéis e espiou.

— O que é isso?

Eu olhei mais de perto. Ela estava segurando um cartão de visita.

— Quem é Dex Foray? — Ela perguntou,

Tomei-o das mãos dela e o virei. Ele existia, *sim.*

— Um fantasma — eu disse sonhadora, antes de cair num sono profundo.

CAPÍTULO CINCO

A VIAGEM DE VOLTA PARA PORTLAND NO DIA seguinte foi estranhamente silenciosa. Eu estava ocupada revolvendo os acontecimentos da noite anterior, revirando-os na minha mente, esgotada pelo sono agitado. Minha irmã estava com uma ressaca desgraçada e já havia feito meu pai encostar o carro para vomitar. Eu não havia falado com ela sobre o que aconteceu no farol. Na verdade, eu não podia falar com ninguém sobre nada. Estava me sentindo profundamente diferente e, por mais assustador que tivesse sido vivenciar o inexplicável, me dava uma sensação de importância. Não dava para simplesmente voltar a conversinhas furadas e acenos polidos.

Meus pais também estavam em silêncio. Meu pai estava furioso com Ada por ela ter bebido, e tenho certeza de que também estava bravo comigo por tê-la deixado beber. Minha mãe não estava brava, eu achava, mas ficava constantemente olhando para nós pelo retrovisor.

Afastei os olhos de seus olhos curiosos e olhei pela janela. O outono havia chegado da noite para o dia. O sol havia ido embora e o vento soprava em nosso carro e arrancava as folhas verdes das árvores, espalhando-as no ar. O ar-condicionado no carro estava desligado contribuindo com o silêncio.

Eu não havia tirado nenhuma conclusão consistente sobre a noite anterior. *Ok Computer* do Radiohead tocava no meu iPod e me embalava para um cenário de sonhos, borrando a realidade. Eu comecei a repensar tudo aquilo sobre o que tinha certeza.

Isso me levou ao meu sonho. Era o pensamento com o qual eu terminava todas as vezes que repassava aquele cenário na minha cabeça (o que aconteceu na maior parte daquela manhã). Eu havia realmente sonhado com aquilo? Não

era possível. Como poderia ser? Como eu poderia sonhar com algo e então *viver* esse sonho?

Até aí, apesar de parecido, ainda não era a mesma coisa. O que significava que eu tinha uma vidência bem inútil ou que tudo era uma grande coincidência.

O que mais me dava medo era a possibilidade de vivenciar o outro sonho que eu tive. Eu realmente não queria encontrar uma figura escura e ameaçadora parada aos pés da minha cama.

E Dex. Dex também dançava na minha mente. Eu estava quase descartando esse encontro, acreditando que não passava de imaginação, mas o cartão de visita que Ada encontrou era a prova de que ele realmente existia.

Eu só queria saber para onde ele havia ido, o que ele estava fazendo lá… e quem ele de fato era. Ele era insuportavelmente intrigante. Sua voz, seus olhos, seu jeito, sua intensidade — eu queria saber mais. Queria saber se ele realmente era um caçador de fantasmas. Quero dizer, há muito tempo que eu ia visitar meu tio e, apesar de ter ouvido coisas esquisitas sobre o farol, essa era a primeira vez que alguém mencionava que ele era assombrado, quiçá atrair chamar atenção da comunidade paranormal.

Eu pigarreei.

— Ei, mãe, pai…

— Sim, docinho — disse minha mãe.

Eu hesitei, tentando descobrir a melhor maneira de formular a pergunta.

— Então, os gêmeos me falaram que eles sempre são contatados por canais tipo *Discovery Channel* e tal. Parece que é sobre o farol ser assombrado.

Meus pais se entreolharam de um jeito estranho. Meu pai deu de ombros o mais casualmente que pode e me olhou pelo espelho.

— Que bobagem, Perry. Fantasmas não existem.

— Não estou dizendo que existem, pai, só que muita gente acha que existe, e no farol do tio Al. Meio esquisito, né? Você sabia disso?

Olhei atentamente para eles. Ada também, agora ela estava desperta. Eles se entreolharam novamente, e eu notei um gesto quase imperceptível da minha mãe.

— Não, querida, desculpe, mas não sei o que os gêmeos andaram te falando — meu pai disse, por fim. — Provavelmente estão tirando onda com a sua cara. Você sabe como eles são, sempre tentam te assustar.

— Ah… — eu disse, me afundando ainda mais no banco.

Olhei para Ada. Ela estava acabada, mas dava para ver que ela também não acreditou. Os gêmeos não estavam mentindo. Meus pais estavam. Mas por que mentir sobre algo tão nada a ver?

Eu devo ter cochilado com os meus pensamentos, acordei com o solavanco do carro. Havíamos chegado. Nossa grande e silenciosa casa bem à nossa frente, com as árvores acenando freneticamente ao vento.

Eu saí do carro. O vento frio pegou minha garganta e bagunçou meu cabelo. Nós ficamos fora por apenas pouco mais do que um dia e a luz do sol e o otimismo já pareciam tão distantes agora.

✷

Eu estava de volta ao farol, parada do lado de fora, embaixo da torre. Lá dentro estava iluminado como uma espaçonave com uma luz penetrante que vinha das janelinhas redondas. Um movimento no topo do farol atraiu minha atenção. Um homem veio ao canto e olhou para mim e para o oceano diante dele. Ele estava turvo e sem forma ou traços definidos. Era como se meus olhos não pudessem ou não quisessem focá-lo.

Ele levantou o braço e apontou para o mar. Com a luz se espalhando atrás dele, seus gestos pareciam grandiosos.

Eu segui seu olhar e vi destroços flutuando no mar, subindo e descendo entre as ondas. Eles reluziam no escuro. Olhei para o homem, ele havia sumido.

Encarei o oceano e os destroços que boiavam. O homem agora estava parado entre mim e o mar, ainda observando as ondas.

Eu dei um passo em direção a ele. Ele não era alto ou grande, mas transmitia uma impressão de imensidão. Seu casaco preto parecia escuro como um buraco negro, quanto mais de perto eu olhava, mais se abria num abismo profundo. Era intensamente magnético.

Eu me estiquei até ele, para ver se minhas mãos iriam desaparecer em suas costas.

Ele se virou lentamente, eu parei, com as mãos esticadas. Esperava ver seu perfil enquanto ele se virava; em vez disso, seu rosto desapareceu no céu da noite. Ou o céu negro estava escorrendo em seu rosto. Quando ele me encarou, seu rosto já havia sumido, e eu enxergava o mar atrás dele.

— Nem tudo está perdido ainda, mocinha.

Uma voz profunda, suave. O sorriso do gato de Alice apareceu e desapareceu novamente.

Então acordei.

✷

O trabalho na segunda foi um completo desastre. Eu não conseguia me concentrar em nada. Quando eu não pensava no sonho da noite anterior, estava pensando sobre a real experiência no farol. A última coisa em que eu conseguia pensar era em atender direito ao telefone, acho que desliguei na cara de umas dez pessoas diferentes.

Foi o suficiente para que Frida, minha chefe, me chamasse de canto.

— Está tudo bem com você? — Ela me parou no corredor enquanto eu voltava do banheiro.

Frida era tão pequenina como eu, o que de certa forma me fazia me identificar com ela. Tinha apenas uns trinta anos, e era conhecida por trocar histórias de bebedeira tarde da noite comigo (devo dizer que eu só escutava, uma vez que eu não saía como ela). Mas havia dias, como hoje, nos quais seu rosto magrelo ganhava autoridade.

— Estou bem. — Eu sorri, obviamente não querendo entrar no assunto.

— Venha comigo — ela disse com secura e fez sinal para que eu a seguisse até um escritório vazio.

Com meu coração batendo irregularmente, obedeci; e ela fechou a porta atrás de si. Estava com uma expressão preocupada no rosto, o que fez eu me sentir em risco. Tive um flashback de uma cena médico-paciente.

— O que houve? — Eu perguntei o mais casualmente que pude. Conseguia ouvir os telefones tocando lá fora. Normalmente meus intervalos para ir ao banheiro não são tão longos.

— Você não sabe mentir, Perry.

Achei isso meio insultante. Eu achava que sabia, sim. Dei uma risadinha sem graça.

— Não sei do que você…

— Acho melhor você ir para casa — ela disse.

— Ir para casa?

Ela suspirou. Não estava exaltada ou irritada. Era mais como se ela não quisesse se explicar. Contudo, ela iria ter de se explicar, especialmente com o olhar de interrogação que eu estava dando a ela.

— Você se lembra do que aconteceu algumas semanas atrás? — Ela perguntou, sua voz tomava um tom de aviso. — Quando você teve aquele ataque?

Ah, entendi. Não era à toa que ela estava me tratando com tanto cuidado.

— Eu estou bem — disse novamente, tentando dar um sorriso mais largo.

— Olha, está tudo bem. Eu sei que sou sua chefe e que você não pode falar sobre algumas coisas comigo, mas se precisar, estou aqui. Nas últimas semanas reparei que você tem estado bem diferente.

— Últimas semanas? — Eu repeti.

Ela cruzou os braços e se encostou à porta.

— Sim. Tem andado meio desleixada, mais ríspida com os clientes. Parece que está cansada, como se não estivesse dormindo nada. Não sei o que há de errado, e não espero que você me diga, só quero que você saiba que pode contar comigo se quiser. Não vou julgar. Preferiria saber.

Fiquei muito envergonhada.

— Não sei do que você está falando. Quero dizer, sem ofensa, mas não notei que eu estava agindo diferente.

— Mas percebeu agora?

— Tive um final de semana complicado — eu disse com sinceridade.

Ela me olhou por um tempinho. Durante esse tempo minha mente entrou em paranoia. Sim, há algumas semanas eu tive um ataque de pânico. Eu ferrei a ligação entre uma jararaca e a pessoa com quem ela queria falar. Ela deu um escândalo por minha causa (sério, essa vaca foi cruel), e eu acabei tendo um ataque de pânico que muita gente no escritório testemunhou, infelizmente. Botei a culpa na tpm ou algo assim. Acho que não enganei muito bem a Frida.

Tirando isso, e algumas outras ocasiões antes, eu estava bem.

— Que tal ir para casa e descansar um pouco? Volte amanhã, se estiver se sentindo melhor — ela sugeriu gentilmente.

Teria sido um sonho realizado. Minha chefe finalmente me dando um dia de folga e sem um real motivo. A maneira, porém, como ela estava fazendo isso era

completamente humilhante. Eu senti meu orgulho se eriçar nas minhas costas como espinhos de porco-espinho.

— Eu estou bem — retruquei.

Ela me deu um sorriso solidário e disse algo assustador:

— Não está. E tudo bem. Sério, Perry, a vida é difícil às vezes. Todos nós sabemos. E todos sabemos também que você não pode lidar com isso aqui no trabalho. Então, como sua amiga, vá para casa e se cuide. Volte tinindo. Só… cuide do que precisa cuidar.

Eu sabia que não era só isso.

— E se você não fosse minha amiga?

— Você está passando uma má imagem para a empresa agora — ela respondeu secamente. — Desde o seu incidente há algumas semanas, as pessoas têm andado um pouco… preocupadas com você. Eu acho que seria melhor para você, e para todos, se você pudesse fazer seu trabalho adequadamente. Afinal, você é o rosto da empresa. Então, novamente, vá para casa; não é grande coisa, apenas cuide do que estiver precisando cuidar. E se precisar de ajuda da empresa, sabe, em termos médicos… se precisar falar com alguém e esse tipo de coisa, por favor, não hesite em pedir. Temos ótimos benefícios nessa área.

Meu rosto estava vermelho, fiquei enjoada. Todo esse papo sobre ataque de pânico, e eu prestes a ter um naquela sala vazia. Frida estava me observando atentamente. O tremorzinho em sua testa me dizia que ela estava com um pouco de medo do que eu poderia fazer ou dizer.

Ridículo. Uma manhã ruim atendendo aos telefonemas e me mandam para casa.

Bem, eu não tinha escolha além de agir profissionalmente. Disse a Frida que se era o que eles achavam melhor, eu faria o melhor para a empresa. Eu nunca na vida me importei com essa empresa, mas de repente não queria mais nada além de provar que eles estavam errados. Eu iria para casa graciosa e compreensiva, e voltaria amanhã tinindo, ou seja lá o que raios ela estivesse falando.

De volta à minha mesa, reuni rapidamente minhas coisas enquanto Frida chamava Alana para assumir minhas tarefas pelo resto da tarde. Por causa disso, amanhã ela seria ainda mais escrota.

Acho que eu deveria estar feliz de ter um local de trabalho tão preocupado, mas isso não caiu bem para mim. Pode me chamar de paranoica, mas eu sentia

que isso era o começo do meu emprego indo para uma direção completamente errada.

Sem escolha e sob o olhar atento da minha chefe, rapidamente peguei minha bolsa e segui para o elevador antes que Alaninha aparecesse para me liberar com aquela cara de desprezo.

Entrei no elevador. As portas se fecharam justamente quando Alana dobrou o corredor, o barulho metálico das portas abafaram o som de suas bufadas desdenhosas. Bem na hora.

O elevador começou a descer. Pensei no que eu poderia dizer à minha mãe quando ela me visse voltando mais cedo.

O elevador parou.

O movimento me pegou desprevenida e eu cambaleei levemente, me agarrando na barra de apoio. Eu tinha medo de elevador com defeito, mas sempre afastei esse medo como se fosse irracional. Por sorte, parecia ter parado com aquele solavanco.

Mas ainda não se mexia e as portas não se abriram.

Os botões de cada andar no painel estavam acesos em forma de X. Piscou “X” três vezes.

Mas que…

As portas se abriram, mais depressa do que o normal, como se tivessem sido lubrificadas com óleo de velocidade.

Um homem vestido da cabeça aos pés com uma capa de chuva estava no andar olhando para mim. Seu casaco e sua calça estavam molhados, e ele estava parado numa poça, o carpete encharcado e com água espalhada num raio ao redor dele.

Antes de eu conseguir compreender, as portas se fecharam. O homem nem se moveu em direção a elas. O elevador deu outro solavanco, como se tivesse caído num andar.

Eu soltei um grito, senti como se estivesse no brinquedo da Torre de um parque de diversão, mas sem cinto de segurança.

O elevador parou abruptamente e as portas se abriram novamente.

Eu esperava ver o homem novamente, mas as portas revelaram o saguão, iluminado com a luz do dia da entrada do prédio. Dois executivos bem

convencionais esperavam impacientemente nos ladrilhos. Eles me deram um olhar desconfiado, devia estar na cara que eu estava morrendo de medo.

Saí rapidamente do elevador, parei no meio do saguão e olhei para os dois homens. As portas se fecharam em seu rosto espantado e eles foram embora.

— Mas… que… diabo… foi… isso? — Eu disse em voz alta, com a mão no peito. Quase (quase) desejei que a Palhaça Decrépita Bizarra da semana passada estivesse no saguão novamente, só para eu ter alguém com quem falar. Mas não, eu estava sozinha. Esfreguei os dedos nas têmporas, tentando trazer uma sensação de paz e claridade para minha cabeça, que agora parecia arriscadamente sobrecarregada.

Eu saí do prédio, buscando o ar úmido lá fora e evitando os olhos das pessoas que passavam por mim na rua movimentada. O que havia acabado de acontecer?

Olhei de novo para aquele prédio feio, seu exterior brilhante e espelhado, que escondia uma profusão de esquisitices. Talvez Frida estivesse certa, afinal. Talvez eu precisasse mesmo ir para casa e espairecer. Quando não eram pesadelos ou situações aterrorizantes no farol, eram pescadores imaginários que eu via no prédio em que eu trabalhava.

De repente pareceu tudo bem considerar aquele um dia de doença.

✷

Voltei para casa e minha irmã estava de cama. Parece que ela tinha pego a temida e famigerada gripe suína e teria de passar os próximos dias longe da escola.

— Não vá falar com ela — minha mãe alertou, enquanto mexia uma panela de canja. — Se você já está doente, vai piorar, mesmo que use máscara.

— Mãe, não estou tão doente.

Ela me olhou.

— Alguma coisa você tem, considerando que está aqui, e não no trabalho. Posso ver bem. Agora vá se deitar.

Eu obedeci e segui para o meu quarto. Eu havia planejado falar para ela que fui mandada para casa por causa de doença física, em vez da verdade. Tudo o que tinha a ver comigo e doença mental sempre fazia mal aos meus pais, especialmente a minha mãe. Se eu tivesse dito a ela que Frida me mandou para casa por preocupação sobre meu estado mental… ai, nossa.

Enquanto eu seguia pelo corredor, passando pelo quarto de Ada, escutei um gritinho abafado atrás da porta.

— Perry, é você? Ouvi sua moto.

Eu parei e olhei para a porta, sem ousar me aproximar com medo de a Influenza estar à espreita do outro lado.

— Sim, sou eu. Me mandaram para casa porque estou doente.

— Gripe suína também?

— Não. Não estou com gripe. Eles só *acham* que estou doente.

Silêncio. Eu comecei a me afastar.

— Perry, você pode vir aqui, por favor?

— Não. Por quê?

— Preciso que você faça um favor para mim, vai?

Eu suspirei e me aproximei da porta.

— Posso fazer um favor, mas não vou entrar aí. Você está com gripe suína.

Um suspiro alto e doloroso veio, e então:

— Tá. Hum… Sabe… pode parecer engraçado, mas… bem...

Era como arrancar um dente.

— Que foi, Ada?

— Você poderia escrever no meu blog o resto da semana?

Isso não era o que eu esperava.

— Han?

— Tenho de fazer os posts para o blog, mas estou doente demais para me vestir e tirar fotos. Além disso, a minha cara está um lixo.

— Bom, a minha também, então não posso ajudar muito.

— Não importa, eu só preciso que você escreva alguns posts, mesmo que você apenas atualize as pessoas sobre minha situação.

— Que é…?

— Que eu peguei gripe suína! Que saco, Perry. Não escutou porra nenhuma do que eu disse?

Apesar de admitir que tenho boca-suja, eu ainda estremeço quando a minha “doce” irmãzinha solta um palavrão desses.

— Desculpe. Prossiga.

A voz dela veio mais abafada. Eu me inclinei mais perto para ouvi-la.

— Eu te dou meus dados de login e tudo mais. Você pode fazer tudo do seu computador.

Soava bem fácil, mas juro pela minha vida que não tinha ideia do que escrever. Eu disse isso a ela.

— Qualquer coisa. Não precisa tratar de roupas. Eu preferia que não fosse, porque All Stars e legging nunca serão o auge da moda.

Pfff.

— Enfim — ela continuou —, não importa. Eu só preciso que os posts sejam criados. Se eu não postar diariamente, perco leitores. Só de não ter feito este final de semana já perdi dez por cento e, se continuar assim, vou perder meu pagamento de publicidade.

— Isso sem mencionar o domínio do mundo — eu acrescentei.

— É! — Ela gritou empolgada e teve uma crise de tosse. Eu fiz uma careta e me afastei da porta por precaução. — Exatamente — ela grunhiu quando encontrou fôlego. — Por favor, Perry!

— Tá, tá. Vai me dar algo para fazer, de toda forma.

E, quem sabe, afastar minha mente dos problemas.

✷

Infelizmente, meus problemas têm uma maneira furtiva de rastejar de volta, como a simbiose do Homem-Aranha.

Enquanto eu estava na frente do computador, olhando alheia para a tela, percebi que não tinha nada para escrever. Moda estava fora de questão, considerando que Ada aparentemente pensava que eu assustaria seus leitores. O que eu não entendia, uma vez que leggings, tachas, zíperes, correntes e bastante preto estavam tão em alta agora (pelo menos de acordo com os outros blogs que eu lia); sem falar que ela frequentemente pega as *minhas* coisas emprestadas, mas eu não queria discutir. Era o blog e o meio de vida dela, e eu tinha de me lembrar de que de certa maneira esse era um emprego real para ela.

Pensei em escrever um textinho sobre minha experiência como dublê fracassada ou talvez um pouco sobre uma das minhas bandas favoritas, Slayer,

mas achei que ninguém daria a mínima para minha experiência na mira do revólver e que speed metal não era bem a cara do público dela.

Então me ocorreu. Eu sabia exatamente sobre o que escrever e como.

Saltei da cadeira e peguei minha câmera danificada. Por sorte funcionou bem o suficiente para que eu conseguisse transferir todas as minhas fotos do final de semana e também o vídeo.

Eu abri o programa de edição e pelas horas seguintes me afundei no processo de criar um filme.

A maior parte do vídeo estava com a qualidade bem ruim. Quero dizer, era uma SLR digital, não uma câmera de vídeo de verdade. O som estava áspero, e a luz — apesar de forte na vida real — não pegava muitos detalhes. A experiência, porém, estava toda ali, e mesmo eu não conseguindo me lembrar de alguns detalhes daquela noite (talvez eu estivesse tentando bloqueá-los, sei lá), o vídeo os trouxe de volta.

E trouxe também Dex. Ver seu rosto na filmagem granulosa, ouvir aquela voz grave, quase sarcástica, trouxe uma onda de empolgação. De onde ele veio, o que estava fazendo lá, para onde foi? Essas perguntas eram tão intrigantes quanto as outras que haviam surgido.

Deixando Dex de lado, o vídeo era assustador para danar. A parte mais sinistra era ver movimentos e luzes tremulando ao meu redor. Agora, apesar do meu interesse no paranormal, eu nunca havia visto aqueles programas de caça a fantasmas na TV. Ironicamente, sou medrosa demais e minha imaginação é muito fértil. Um programa, e eu estaria convencida de que tinha um fantasma na minha casa. Entetanto, eu sabia bem que o único momento em que você pode pegar um fantasma na câmera é quando você vê aqueles pequenos “globos de espírito” brancos, ou o que seja.

Bem, é exatamente o que parecia num dos meus quadros. Era quando eu seguia Dex pela escada. Uma… sombra… branca subiu voando pelas paredes escuras até o canto, como se tentasse me vencer subindo as escadas.

Eu estremeci e imediatamente liguei todas as luzes no meu quarto. Essa parte definitivamente ficaria no filme.

Viu, a única coisa que eu tinha para falar que era remotamente interessante era o que aconteceu comigo no farol. E com o vídeo para confirmar tudo o que escreveria, eu sabia que poderia realmente ser um acréscimo válido ao blog da

Ada. Um pouco excêntrico, mas que chamaria a atenção. Na pior das hipóteses, faria seus leitores voltarem para ver o que aconteceu depois.

Decidi dividir a história em três posts e agendá-los três dias diferentes. Dessa maneira, quando Ada se sentisse melhor e estivesse pronta para blogar novamente, minha história já teria sido contada com o máximo impacto.

Naquela noite, eu me empenhei em trabalhar minha história, apresentando meus pesadelos numa prosa fervente e capturando a atmosfera tensa de quando me aproximei do farol. Terminei a parte do filme bem no momento em que abri a janela e desapareci na construção.

Apesar de me sentir desconfortável enquanto me lembrava de cada fato da empreitada no farol, adormeci naquela noite com um sorriso no rosto. Não tive nenhum sonho.

CAPÍTULO SEIS

acordei na manhã seguinte com alguém batendo forte na porta. Parecia que iriam arrombá-la.

Eu gemi e me virei. Eram dez da manhã, eu havia acordado às sete e meia e ligado para a minha chefe para ver se tudo bem eu trabalhar hoje. Eu me sentia bem melhor do que ontem, talvez não tinindo, mas deixei escapar que minha irmã estava em casa com gripe suína. Acho que a paranoia da gripe atingiu todo mundo, porque a conversa foi de “Sim, venha,” para “De jeito nenhum. Fique em casa até você ter certeza de que não tem a gripe suína”.

Eu sabia que não peguei gripe suína nenhuma, mas não posso dizer que discuti com ela. Apesar de que ainda não pegava muito bem para mim, a decisão era deles. Além do mais, eu estava com preguiça, e a ideia de Alana atolada nos telefones por mais um dia me fazia gargalhar por dentro.

— O que é? — Gritei para as batidas na porta com a voz rouca de sono. — Será que não posso dormir? Estou doente. Talvez…

— Deixe-me entrar! — Ada gritou do lado de fora.

— Nem vem, sua doente! — Me sentei. Eu *realmente* não queria contrair a tal da gripe.

— Perry, meu blog, puta merda!

Ahhh, merda. A noite voltou com tudo. Ela estava puta da cara porque eu peguei sua bíblia de moda para pré-adolescentes invejosas e transformei-a em *Ghost Whisperer*. Claro, eu tinha o guarda-roupa da Jennifer Love Hewitt mas não o “manequim P”, magrinho e digno de um post. Eu suspirei e rastejei para fora da cama quente, vestindo rapidamente meu roupão.

Fui até a porta e me encostei a ela. Conseguia imaginar a expressão de ódio de Ada do outro lado.

— Desculpe, Ada. Eu não sabia o que mais eu podia fazer.

— Abra a porta! — Ela bateu forte e minha cabeça sentiu o impacto.

Eu supus que, depois de arruinar a carreira e a renda dela, eu merecia pegar gripe suína. Abri a porta e dei alguns passos para trás, cobrindo o nariz e a boca com a manga do roupão.

Ela ficou diante de mim, minguada e ossuda. Seus olhos estavam piscando com brilho (ou de raiva), o que dava a ela a aparência de uma louca com cabelo branco desgrenhado, como a neta do Doutor Brown, do filme *De volta para o futuro*.

— Você é um gênio! — Ela exclamou.

— Como é que é?

Ela dançou no meu quarto e foi até o computador.

— Hum, por favor, não toque em nada — eu supliquei.

— Ah, que seja — ela fechou a cara e passou a mão por toda minha mesa. Eu me perguntava se tinha desinfetante suficiente na minha gaveta para esterilizá-la. Ela ligou meu laptop e imediatamente abriu seu post no blog. Ou devo dizer o *meu* post no blog.

— Olha! — Ela apontou para a tela.

Eu me aproximei e olhei. Parecia a mesma coisa da noite passada. Dei de ombros.

— Você não viu os comentários? — Ela perguntou incrédula.

— Ada, eu acabei de acordar.

Ela balançou a cabeça com minhas prioridades e começou a descer a tela para a parte de comentários. Ela se virou para olhar para mim, com total choque e felicidade (e, talvez, uma pequena pontada de admiração?) em seus olhos.

— Duzentos comentários!

— Hum — refleti. — Isso é bom, certo?

— Bom? Eu nunca recebi tantos antes. Quero dizer, claro, muitas pessoas olham meu blog e tudo mais, mas caramba… duzentos? Pelo seu post? O máximo que recebi foi cento e sessenta, e só porque eu estava dando uma echarpe da Chanel.

— Você deu uma echarpe da Chanel?

— Não importa, Perry. Foco! Isso é insano. E tudo porque você inventou essa história maluca de fantasma.

— Inventei? Eu não inventei nada. Foi o que aconteceu sábado à noite, enquanto você estava ocupada no rala-e-rola com o Ás.

As narinas dela se dilataram. Ela estava de pé, suas mãos foram direto para a cintura.

— Primeiro que eu não estava no rala-e-rola; segundo, o nome dele é Mario.

Eu não pude conter o riso. Mario não era muito melhor do que Ás.

— Bem — tentei explicar —, se você tivesse me contado o que rolou naquela noite, em vez de me ignorar, talvez eu soubesse disso em vez de pensar o pior.

— Adoro como você naturalmente pensa o pior de mim. Que seja, não é importante.

— Você não é importante — eu retruquei. Que feio.

— Boa. Enfim, foi você quem fugiu sozinha. Fale aí sobre ser irresponsável.

— E agora, como você pode ver, foi isso aí que acabei fazendo, explorando o farol.

— E matou todo mundo de medo.

— E quase morri de medo também. Há muita coisa que aconteceu mais tarde que não consigo nem começar a explicar.

— Tá, então escreva sobre isso. Agora! Veja os comentários. — Ela começou a lê-los. —“Não posso esperar para ouvir o que acontece depois, estou arrepiada”; “Isso me deixou bem no clima do Halloween” e “Onde está o resto da história? Quero saber o que aconteceu, está me matando de medo”. Quase ninguém deu uma palavra de condolências pela minha gripe suína.

— Aparentemente eles estão assustados demais — ofereci.

Ada assentiu lentamente. Com seus olhos voltando para um estado não psicótico, era visível quão doente ela estava.

— Olha, volte para a cama. Descanse um pouco. O escritório disse para eu ficar em casa hoje, então vou começar a escrever a próxima parte, ok?

Ela virou seus olhos vermelhos para mim.

— Pode dar uma visitada no blog de todos que comentaram… e fazer um

comentário bacana para eles, algo como “obrigada pelo apoio no blog enquanto Ada está doente. Por favor, volte amanhã para a segunda parte”.

— Isso é tipo duzentos blogs!

— É assim que se faz! Ninguém disse que ser blogueiro era um pão de mel.

Pão de mel? Ela quis dizer sopa no mel.

Ela se levantou e se arrastou até a porta, virando-se mais uma vez para olhar para mim.

— Por favor?

Eu revirei meus olhos e assenti relutantemente. Em que eu fui me meter?

✷

Como se revela, eu me meti numa boa. Minha vida se transformou num borrão de escrever, editar, postar, visitar blogs e responder e-mails.

Muita gente estava interessada na minha experiência, a maioria estava me mandando mensagens apenas para saber se era verdade ou um post falso. Respondi tanto dessas perguntas que decidi fazer um post de faq no blog, onde eu podia responder esse tipo de pergunta.

O que, porém, era realmente interessante era como a história parecia ganhar vida própria.

Os vídeos que eu postei no blog tiveram de ser antes postados no YouTube para ele ter um link. Eu meio que pensei no YouTube depois. Mal sabia eu que meus vídeos, dentro de dias, tinham uma avaliação média de quatro estrelas (o que é bem bom), tinham pelo menos sessenta comentários e milhares de visualizações.

Eu tinha de ser honesta, isso me emocionou profundamente. Eu nunca fui popular em nada, então ver tanta aprovação e atenção para algo que eu fiz, que me estrelava (e, bem, esse tal de Dex) era uma sensação incrível.

Claro, é estranho se ver como uma sensação da internet — mesmo que não desse para ver que era *realmente* eu no vídeo — mas ainda era lisonjeiro que tanta gente quisesse saber o que aconteceu em seguida, que as pessoas se importassem com essa pequena experiência. Eu a teria guardado para mim mesma, como havia feito tantas vezes antes.

Estranhamente, eu estava feliz por de fato estar fazendo algo com minha vida. Escrever posts de blog, reviver minha experiência, editar o vídeo até que

estivesse em sintonia com minha história de fantasma, e apenas revirar meu pouco utilizado recheio criativo em geral me fazia sentir como se eu tivesse um objetivo. Parece idiota e supérfluo, eu sei, mas não posso evitar de me sentir assim.

Naturalmente era bem brochante ter de ir trabalhar e encarar a realidade do resto da minha vida. Eu não poderia ficar em casa e no blog para sempre. Em algum momento o interesse nas minhas experiências paranormais iria minguar e a febre criativa iria sumir e eu iria voltar a atender telefonemas pelo resto da minha vida.

Atender telefonemas e mal conseguir me concentrar em fazer isso. Eu só conseguia pensar no blog a manhã toda. Quantas pessoas o visitaram na última hora? Como me encontraram? O que pensavam? Quantos comentários havia lá agora?

De tarde, minha chefe veio me ver. Mais cedo ela disse que eu parecia um milhão de vezes melhor e que estava feliz que o descanso havia me feito bem, mesmo sendo notável que ela mantinha uma hipocondríaca distância.

Contudo, havia agora outra coisa na mente dela. Ela parou bem atrás de mim.

— Oi — eu sorri para ela.

— Preciso te mostrar algo. — Frida se inclinou e abriu o Firefox no computador. Ela digitou na barra de URL até o YouTube aparecer. Meu sangue gelou. Eu não estava gostando do rumo que isso estava tomando.

Ela digitou “farol assombrado” na barra de busca e meus vídeos apareceram.

— É você? — Ela perguntou, apontando para a tela. Eu senti que iria arrumar encrenca se dissesse sim, mesmo sem saber exatamente por quê. Mas meu nome de usuária (PerrySlayer) meio que me entregava.

— É… — eu soltei lentamente.

— Está de brincadeira! Vi este vídeo postado no meu mural do Facebook no almoço, daí cliquei para ver qual era o rebuliço. Nossa, se eu soubesse que você era uma caça-fantasmas.

Ela não parecia brava, mas estava agindo diferente. Eu não conseguia identificar a estranha expressão no rosto dela.

— Ah, não sou uma caça-fantasma. — Eu ri desconfortavelmente. — Minha irmã é blogueira e pediu que eu escrevesse alguns posts para ela. Foi isso que

consegui fazer.

— Mas é tudo verdade, certo?

— Sim, com certeza. Quero dizer, não sei exatamente o que aconteceu, mas o que você está vendo é o que rolou.

— Perry, preciso dizer que estou impressionada.

Ah, ela estava impressionada. Então essa era a estranha emoção que ela estava tentando expressar.

Dei de ombros.

— Bem, obrigada. Não foi nada de fato. Na verdade foi divertido de escrever.

Ela se debruçou na minha mesa, braços e pernas cruzados, e olhou para mim de cima a baixo.

— Falo sério, Perry. Eu não tinha ideia de que você era tão esperta. Capitalizar no YouTube assim, jogar o vídeo no Facebook, começar um grupo…

Havia um grupo no Facebook?

— Isso sem mencionar todos os links para o blog da sua irmã. Foram umas estratégias de marketing bem boas.

— Ah. Bom, eu…

— Além da escrita. Você tem talento para motivar as pessoas. Já fez aulas de escrita?

Ela estava de brincadeira? Ela leu meu currículo quando me contratou?

— Sim, fiz. Na faculdade de publicidade. — Eu levantei a voz nas últimas palavras.

Ela digeriu isso.

— Ah, é. Agora me lembrei. Você cursou na Oregon State.

— É o que diz no meu currículo.

Ela assentiu lentamente, tentando entender. Então se endireitou e juntou as mãos.

— Preciso te dizer, Perry, isso com certeza ajuda sua situação.

— Han, que situação?

Ela se virou para mim. Obviamente achava que eu me inteirava rapidamente sobre as coisas que rolavam aqui. Será que ela se lembrava de que eu fiquei

alguns dias fora?

— Poderia agendar a sala de reuniões Pacific na próxima segunda às nove da manhã para mim? — Ela perguntou, voltando a atenção para o meu calendário do Outlook.

Que situação?

— Quero fazer uma reunião com você e com o John — ela continuou — para que possamos planejar nossos próximos passos aqui.

Jon Danvers era o ceo da empresa. Se ela queria uma reunião com ele e comigo, isso definitivamente significava uma “situação”.

— Desculpe, mas parece que eu perdi alguma parte. Quais são esses próximos passos?

— Seu trabalho, querida — ela me deu um apertinho no ombro. — Mas não precisa mais se preocupar. As coisas devem dar uma reviravolta agora.

E com isso ela saiu da recepção.

Que diabos foi isso? Não preciso mais me preocupar? Eu estava preocupada antes? As coisas *devem* dar uma reviravolta? Eu estava numa situação?

Ai, Deus, eu iria ser demitida? De repente tudo começou a fazer sentido. Talvez ela tenha me mandado para casa segunda-feira para que pudesse testar algumas temporárias enquanto eu estava longe e avaliar se elas eram melhores do que eu. Talvez Alana não estivesse me substituindo coisa nenhuma. E só havia uma maneira de descobrir.

Liguei para o ramal da Alana.

Ela atendeu com um seco “Sim?”.

— Oi, Alana. Desculpe incomodá-la, só queria agradecer por atender minhas ligações enquanto eu estava doente.

— Eu não atendi suas ligações — ela despejou, claramente insultada. — Eles contrataram uma temporária para isso.

— Ah — eu respondi o mais casual possível.

— Sim, alguém não sofre de “transtorno fantasma”. — E com esse comentário engraçadinho desligou.

Muito maduro, Alana, eu pensei. Era seguro dizer que agora todo mundo no escritório sabia da minha nova fama com assombração.

Eu não conseguia acreditar que contrataram uma temporária enquanto eu estava longe.

Acalme-se, eu disse a mim mesma. Alana provavelmente se recusou alegando estar sobrecarregada com pedidos de cartões de visita ou algo do tipo. Uma temporária não significava que eu seria demitida.

A menos que a temporária trabalhasse tão bem que eles tenham percebido quão idiotas eles eram de manter uma inútil como eu na folha de pagamento e estavam planejando me mandar embora ao longo de toda a semana.

Até hoje, claro, quando minha chefe finalmente percebeu que eu talvez fosse mais apta a outros cargos da empresa que não atender telefone e marcar reuniões.

Era engraçado como de repente eu me importava em manter meu emprego. Sonhei com essa oportunidade por tanto tempo, em ficar livre desse lugar horrendo e desse tédio completo das nove às cinco. Mas mesmo com o auxílio-desemprego, que não seria grande coisa, eu sabia que teria de arrumar outro emprego. E pensar em encontrar outro trabalho estava além de mim. Por mais que eu odiasse, eu precisava deste emprego.

Contudo, houve um lampejo de esperança na segunda-feira. Comecei a fantasiar. Eu sei que disse que realmente não queria ficar na área de publicidade, mas seria melhor do que nada. E, quem sabe, eu poderia de fato ser capaz de fazer algo bacana para mim mesma. Além disso, meu salário seria melhor e eu finalmente poderia me sentir orgulhosa de responder à pergunta: “O que você faz da vida?” sem ter de justificar ser uma recepcionista.

Ainda assim, a incerteza era estressante, e eu fiquei meio deprê quando cheguei em casa depois do trabalho. A realidade estava chegando, fria e dura. Eu tentei ser otimista, mas meu lado exausto me dizia para esperar o pior.

Entrei em casa e ouvi minha mãe me chamando da sala. Eu entrei e a vi deitada no chão fazendo Pilates com um DVD. Minha mãe sempre estava atrás das melhores ginásticas em DVD.

— Um cara te ligou — ela disse sem levantar o olhar. Eu a observei distraidamente, mexendo as pernas para cima e para baixo junto com o instrutor.

— Tá… — Estranho… Eu não me lembro da última vez que um homem me ligou, especialmente em casa.

— Eu dei a ele seu celular. Acho que ele deve ter te ligado.

Eu olhei meu celular. Nenhuma chamada perdida.

— Não. Ele disse o que queria?

— Ele disse que se chamava Declan… sei lá das quantas. Estava interessado em falar com você sobre seu blog — ela continuou fazendo o exercício da tesoura. — Eu não sabia que você também tinha um blog agora.

— Não tenho — disse lentamente.

Declan? Quem raios era Declan?

Meu coração começou a bater mais rápido. Talvez fosse algum agente literário que viu meu blog e queria que eu escrevesse um livro. Eu sei que é sonhar alto, mas acontece com muitos blogueiros, e minha esperança de repente estava ingenuamente no céu.

— O número dele está na mesa da cozinha — ela continuou. — Ele pediu para você ligar assim que pudesse.

Bem, pelo menos era intrigante. Eu fui para a cozinha e peguei o bloquinho de papel.

Minha mãe havia escrito um número com o código de área de Seatle e o nome Declan Foray.

Dex Foray?

Busquei o cartão de visita que ele havia me dado na minha carteira. Com certeza era o mesmo número, apesar de eu não ter ideia que seu nome inteiro era Declan. Da forma como o nome é geralmente pronunciado (Di-Clan), nem fazia sentido.

Ficava estranhamente nervosa quando tinha de ligar para pessoas que eu não conhecia. Você deve achar que ser uma recepcionista deve ter me ajudado a vencer esse obstáculo, mas não ajudou. Tentei me ludibriar pensando que eu estava apenas fazendo mais uma ligação de trabalho.

Com meu coração batendo um pouquinho mais rápido do que o normal, eu liguei para o número da casa dele. Tocou tantas vezes que eu estava prestes a desligar quando atenderam.

— Dex falando. — Ah, a voz dele, grave, profunda e densa, como um instrumento polido. — Alô? — Ele disse impacientemente.

— Hum — eu gaguejei. — Oi… Hum, aqui é a Perry. Perry Palomino. Você… me ligou?

— Sim?

— É. Bem… só… estou ligando de volta!

— Entendi — ele respondeu com naturalidade.

Isso estava se transformando num começo terrivelmente desconfortável. Eu esfreguei a testa e pensei no que fazer em seguida.

— Então, é, eu… — disse.

— Escute, Perry. Posso te ligar de volta? Só dois segundinhos.

— Hum…

— Perfeito. Já nos falamos.

Clique. A linha ficou muda. Eu olhei para o telefone pasma. Quanto tempo era dois segundinhos? Eu olhei para o telefone pelo que pareceu uma eternidade, antes de eu decidir falar com minha mãe. Quando eu estava saindo da cozinha o telefone tocou.

Eu corri de volta, me recompondo antes de atendê-lo. Eu precisava ser mais exigente.

— Alô, Perry falando.

— Perry! É o Dex. — Ele soava mais entusiasmado agora.

— Oi… Dex? Escute…

— Então, Perry. *Seu nome é* Perry, certo? Eu não conseguia me lembrar do que você me disse no farol, mas é a quem seus postzinhos do blog estão atribuídos.

Uh-uh, o blog. Dex esteve no meu blog. Espero que isso não seja sobre…

— Você encontrou o blog?

Ele riu, ainda que bem sarcasticamente.

— Mocinha, quem não encontrou seu blog?

Comecei a ficar enjoada.

— Olhe, desculpe, eu estava apenas cuidando dele para minha irmã e não tinha nada de interessante para escrever.

— Quer dizer que você não é uma blogueira de moda narcisista? Já estou gostando mais de você. Eu posso quase te perdoar por publicar aquela imagem minha na porra do YouTube.

Ele quase gritou a última palavra. Eu me retorci. Estava na merda.

— Olha, não disse quem você era, e mal dá para ver quem está na gravação na maior parte do tempo. Quero dizer, você me disse para ligar minha câmera, então liguei. Não estou infringindo nenhuma lei. — Eu comecei a divagar.

— Não te ocorreu que havia um motivo para eu te dar meu cartão de visita? — Ele suspirou.

— Na verdade, não. Você acabou me largando lá no fim das contas — eu respondi, agora sentindo a raiva subir à minha garganta. Pensando bem, como ele se atrevia a me ligar para me dar esporro. Isso me deu clareza. — E vamos lembrar, uma vez que você parece ter esquecido, que você estava invadindo a propriedade da minha família; então você é quem deveria ficar feliz por não ter entregado seu cartãozinho vagabundo para a polícia.

Silêncio. Deu ao meu coração tempo o suficiente para desacelerar algumas batidas.

— Muito bem… — ele finalmente disse.

— É. Bem… então, é isso que você queria? Me ligar bravinho porque apareceu um pouco no vídeo que eu postei? Ou será que é porque eu consegui algumas imagens que você adoraria ter feito para seu… clubinho de fantasmas… ou seja lá que diabos que você faça afinal.

Eu pude jurar que o escutei coçando a barba na linha.

— Era basicamente isso — ele respondeu.

E eu com grandes expectativas. Ele era só um cara irritadinho por eu tê-lo feito parecer idiota para o mundo todo (ou para a minúscula porção do mundo que havia assistido às imagens e lido o blog) e bravo por eu ter cortado a onda dele de usar as imagens para lucro financeiro.

— Mas não é só isso… — ele acrescentou.

— Então…? — Eu perguntei, ainda aborrecida, mas também curiosa. Talvez ele estivesse me chamando para sair? Meu coração começou a bater acelerado novamente. Eu era uma menininha, mesmo…

— Sou produtor da Shownet.com. Já ouviu falar da gente?

— Só pelo seu cartão de visitas — disse com sinceridade.

—Produzimos webepisódios. Webcasts. Sabe, na internet.

— Sim, já ouvi falar dessa tal internet — O sarcasmo escapou sem querer.

— Ótimo, isso vai facilitar bastante as coisas — Dex respondeu, passando sobre meu sarcasmo. — A Shownet está transmitindo *Gatas do Vinho* nas noites de quinta, que você deveria assistir hoje, assim como *Quarto de Gamer, Zona dos Manos, Cozinhando com Colleen e Amigos Animais de Amanda Panda.* Já ouviu falar de *algum* deles?

— Não. Eu deveria?

— Provavelmente não. Enfim, assista… Eu tenho mexido nisso e aquilo, aqui e ali, e decidi que deveria talvez entrar nessa onda de fantasmas. Minha ideia principal era tratar disso de forma meio diferente. A TV passa toneladas dessas porcarias de programas, com apresentadores retardados que ficam correndo por aí com câmeras para filmar experiências malucas que no final não revelam nada além da própria inaptidão e um ego inflado. Está entendendo?

— Não muito.

— Então era o que eu estava fazendo no terreno do seu tio. Ninguém fez nenhum programa lá ainda.

— É porque ele não permite que ninguém faça — eu disse.

— Por isso que tive de entrar meio escondido. Valeu, por sinal, por não revelar minha identidade. Já te agradeci, não agradeci?

— Não.

— Ah, bem, enfim, pensei em dar uma bombada nesses outros programas, gravar umas paradas e mostrar paro o meu chefe, esperando que ele visse potencial aí.

Pausa.

— E? — Eu o estimulei. — Ele gostou?

— Não — ele suspirou. — Não gostou. Mas gostou do que você fez.

— O que eu fiz?

— Ok, ele gostou da ideia de nós dois fazermos isso. Juntos.

Uma ideia safada passou pela minha cabeça: *E o que é* isso, *exatamente?*

— Você não é secretamente loira, é?

Agora era minha vez de suspirar. Essa ligação era confusa para danar e eu sabia que minha mãe estava ouvindo os últimos cinco minutos, porque o DVD de ginástica havia sido desligado. Eu tinha uma ideia do que Dex estava sugerindo, mas sua forma irritante de chegar ao ponto estava me deixando zonza.

— Senhor Foray — eu disse o mais profissional possível —, você me ligou querendo falar sobre algo. Vá ao ponto.

Preciso apontar que não sou: A) tão grossa assim no telefone com gente que eu não conheço direito ou; B) tão mal-educada, mas havia algo no Dex — talvez a forma como havíamos nos conhecido — que me fazia sentir como se eu não me importasse realmente com meus modos.

— Baseado nas imagens que eu fiz, baseado nas imagens que você fez, que, por sinal, você não teria feito se eu não tivesse te pedido, e baseado na forma como você tão eloquentemente escreveu a história quando as imagens não puderam, eu acho que a gente poderia realmente ter um programa.

— Você acha ou seu chefe acha?

— Ambos ou… não importa.

Importava, sim, mas eu não queria mais fazer perguntas, muito menos estragar minhas chances do que quer que fosse aquilo. Eu não queria pensar demais, apesar de isso ser mais ou menos impossível com a cabeça que eu tenho. Eu podia liberar meu inconsciente para saltar a um milhão de conclusões fantásticas. Era realmente difícil manter as vozes quietinhas e me concentrar nos fatos nus e crus.

— O que você faz mesmo? É apresentador nessa Shownet? — Eu perguntei.

— O cacete, sou nada. Desculpe a boca-suja, mas, cacete, não. Sou só produtor e cinegrafista. E compositor. Estou absolutamente atrás das câmeras, por isso que preciso que uma pessoa como você esteja na frente.

— Como eu?

— É. Como estava dizendo, você é real, bem carismática. Charmosa, alguns diriam. Eu não diria isso porque nem te conheço, mas vamos ver. Sua presença na câmera é forte; pelo menos no material que tenho aqui é. E a sua escrita não é ruim. Já atuou antes?

Tecnicamente não. Treino de dublê não envolvia nada de atuação, e tenho certeza de que os vídeos caseiros da minha juventude também não contavam.

— Não.

— Bom. Melhor. Isso significa que você não é fabricada. Odeio gente fabricada; não dá para enganar o povo. Então, você é natural, o que é perfeito porque as pessoas querem ver o medo real. Elas não querem o tratamento de

Hollywood. A sua escrita é o acompanhamento perfeito. Ela brilha com algum tipo de clareza num assunto que a maioria das pessoas não entende.

— Para ser honesta, eu mesma não entendo.

— Tudo bem. Honestidade é bom. A compreensão é superestimada. Mas este programa não vai ser superestimado porque está vindo do nada e pegando as pessoas de surpresa até que…

Clique.

O telefone ficou mudo?

— Alô?

Silêncio. Ele desligou na minha cara?

Vi minha mãe na porta da cozinha com um olhar intrigado. Sem dúvida ela estava ouvindo agora.

— Oi, Dex?

Clique.

— É, oi, desculpa, alguém na outra linha — sua voz vinha grave e rouca. — Jimmy Kwan, já ouviu falar dele? Não importa se não ouviu. Foi ele quem começou a Shownet em 2004 e a primeira pessoa que me deu uma oportunidade de verdade. Meu chefe. Mas agora ele está na outra linha e quer saber o que Perry Palomino pensa de tudo isso. O que você diz?

Respirei fundo.

— Devo admitir que eu realmente não sei o que está havendo aqui — disse a ele cuidadosamente. — Quero dizer, você ainda não disse nada, só recebi o recado para te ligar e aqui estou eu.

— Ahhh — ele disse lentamente. — Você quer em termos leigos. Ah, por favor, Perry, achei que você era mais esperta do que isso. Não consegue saltar para conclusões ousadas? É a base de toda essa coisa de fantasma. Vamos ignorar a situação de estarmos num velho farol imundo e saltar para a conclusão de que algum fantasma monstruoso estava atrás de nós.

— Para ser sincera, *eu* nunca achei que havia um fantasma.

Ouvi um suspiro de desgosto do outro lado da linha e imediatamente temi ter perdido todas as chances com ele.

— Sinceridade é bom, mas o bom é superestimado — Dex divagou. — Eu aprecio quem joga limpo. Porra, não tenho muita gente assim ao meu redor, mas

não admita que a coisa é falsa.

— Não é falsa! — Eu exclamei. — Você estava lá!

— Enfim — ele disse me ignorando —, eu, Declan Foray, e meu chefe, Jimmy Kwan, queremos perguntar a você se você estaria interessada em se juntar a mim para filmar uma demo para o website sobre nosso estranho encontro fantasma. Meio que um piloto de programa de TV. Se ficar bom, e se você estiver bem, daí eu vou ficar bem, e o Jimmy vai querer fazer um programa de verdade para nosso canal… da internet. Nosso site. Mas tudo depende de você. Estou fazendo pressão para esse programa porque, para ser sincero, aqui entre nós, não aguento mais um dia gravando *Gatas do Vinho.* Preciso de algo diferente e acho que isso podia ser bem, bem bacana. Agora é sua vez de dizer algo.

Eu fui pega de surpresa, para dizer o mínimo.

Incrível. Impressionante. Bacana. Fantástico. Estupendo. Loucura. Bom demais para ser verdade. Eu queria dizer todas essas coisas, mas só consegui soltar:

— Tá?

— Esse é o espírito! Agora estamos dando pau na máquina!

— Não está bêbado agora, está?

— Imagina, por quê?

— Só espero que você não tenha se esquecido dessa conversa de manhã.

— Acho que não vou — ele refletiu.

— É que isso pode ser a coisa mais bacana que já aconteceu comigo, e realmente não quero me empolgar muito até ter certeza.

— Nesse caso, não se empolgue. Desculpe, mas você… precisa lembrar que isso é só uma demo. Na minha opinião, vai ficar bom pra caramba.

— Você tem jeito com as palavras. Tem certeza de que não é um escritor?

— Você é escritora. E a estrela. Agora o plano é esse: virei de Seattle na manhã de sábado, vou te buscar e iremos juntos para o farol. Vamos precisar da permissão do seu tio, é claro. Vamos sábado à noite para gravar a merda toda. Eu te deixo em casa no domingo e edito até estar digno de um filme do Kubrick. Com sorte, no meio da próxima semana Jimmy estará agradavelmente surpreso

com nossa *pièce de résistance*, ou então volto para o *Gatas do Vinho* e você volta para seja lá que porcaria você faz.

— Sou recepcionista — murmurei.

— Divertido!

Havia algo tão terrivelmente abrupto e obscuro nessa coisa toda.

— Agora, espere um minuto — eu comecei —, como eu posso saber que isso é legítimo? Quero dizer, você ainda pode ser um vagabundo careca viciado com quem eu trombei no farol.

— Eu ainda não sou careca — ele disse.

— E — eu continuei — pode não haver programa. Não vou sair com um estranho num farol. Quero dizer, onde iremos dormir? Não vou dormir com você.

Ele riu.

— Não se ache, mocinha. Vou ficar num motel em Tillamook. Nós não temos um orçamento muito gordo, então eu agradeceria se você pudesse ficar com seu tio. Se ele precisar falar comigo sobre isso, fale para ele me ligar.

Eu ainda não estava convencida, e disse isso a ele.

— Justo — ele admitiu. — Acho que posso compreender que tudo isso pode parecer um pouco aleatório e improvisado. Especialmente pela forma como nos conhecemos. Estou um pouco decepcionado por não ter te conquistado lá, mas acho que a luz não me valorizou muito naquele farol. Faça um favor, não se comprometa com nada esta noite. Vá para a internet e verifique a Shownet.com. Temos páginas no Myspace também. Twitter. Me adicione no Facebook. Dex Foray, F-O-R-A-Y. De manhã, ligue para mim, mande um e-mail, enfim, me fale o que você decidiu, entendeu?

— Sim, ok.

Clique. E do nada ele se foi.

— Que diabos foi isso? — Minha mãe perguntou se aproximando.

Eu coloquei lentamente o telefone no gancho. Eu não tinha ideia.

— Perry?

Olhei para minha mãe. Ela provavelmente ficaria empolgada se eu contasse a ela, mas eu não queria dizer nada até saber exatamente o que era.

— É, bem… — Eu fui para a escada. — Olhe, mãe, ainda não tenho certeza do que era. Vou ter de fazer uma pesquisa e te digo em breve.

Subi correndo a escada para o meu quarto. Ouvi minha mãe me chamando.

— Seu blog também é de moda? Eu não confiaria em ninguém interessado em suas dicas de que vestir.

Eu fiz uma careta e segui pelo corredor. A porta para o quarto de Ada se abriu; ela estava obviamente esperando por mim. Colocou a cabeça para fora e cochichou:

— Perry, preciso falar com você!

Eu continuei andando e respondi sobre o ombro.

— Estou ocupada. Falo com você daqui a pouquinho.

Bati a porta do meu quarto e fui até meu computador. Hora de descobrir a verdade.

O primeiro site que digitei foi Shownet.

Era um site de aparência bacana, simples e com um tom levemente cafona. Os programas eram todos listados numa barra lateral.

Cliquei em *Amigos Animais de Amanda Panda* — era o que soava o mais interessante, tá? — e caí numa página com um vídeo fininho no meio. Eu dei play e fui bombardeada com a música infantil mais louca que já havia ouvido. Acelerada, vários trompetes e crianças cantando em falsete. Mas era grudenta como chiclete.

O programa não era. Era como uma peça de fantoches com ácido, mas sem a esquisitice gostosa do ácido. Só um terrível programa infantil de baixo orçamento com animais mal dublados que pareciam ter sido filmados numa fazendinha. Eu não sabia se Dex era o *cameraman* desse programa, mas torcia para que não fosse.

Então eu decidi dar uma chance a *Gatas do Vinho*, porque eu sabia que ele filmava esse daí. O episódio da semana passada era nos vinhedos de Niagara Region. No episódio da semana anterior, era para encontrar o melhor sherry do Reino Unido. Eu fiquei imediatamente com inveja de Dex e do fato de que ele obviamente tinha de ir para todos esses lugares. Por que raios você iria querer sair de um emprego desses?

Havia delícias também para os olhos. Afinal, o programa não se chamava *Gatas do Vinho* à toa. As apresentadoras eram impecavelmente atraentes e

lindas. Jennifer Rodriguez era alta, tinha a barriga tanquinho e sempre à mostra com seu jeans cintura baixa. Ela tinha aquele charme exótico, pele morena brilhante, lábios carnudos e deslumbrantes olhos verdes. Seu cabelo ficaria perfeito na cabeça de Jennifer Aniston.

A outra menina, Rebecca Sims, também era alta (malditas!) com um olhar de Dita von Teese: cabelo negro cuidadosamente cortado, lábios macios e vermelhos e membros esguios.

Eu imediatamente odiei as duas. Elas não apenas eram gostosonas, tinham também o melhor emprego do mundo: saracoteavam pelo mundo, bebendo vinho e se fazendo de bobas para atrair toda uma geração de jovens. Elas até tinham um segmento onde combinavam vinhos com comida de micro-ondas e *fast-food*. Por que eu não pensei nisso antes?

Não pude assistir muito devido à minha inveja crescente, mas notei que o trabalho de câmera era estiloso e profissa. Nos créditos do programa eu vi o nome de Dex como produtor, *cameraman* e compositor do tema. Era oficial. Dex (Declan) Foray havia sido sincero quando me disse o que fazia.

Um sorriso se abriu no meu rosto até eu rir de orelha a orelha. Agora que eu sabia que era real, eu entendi o que ele quis dizer. Isso podia ser eu! Eu podia ser uma Gata do Vinho!

Claro, eu não seria. Não poderia nem ser sequer uma Gata Fantasma. A não ser que eu fizesse luzes no cabelo, tivesse um bronzeado, cobrisse as sardas, talvez fizesse uma plástica no nariz, emagrecesse e ficasse definida. Talvez se contratasse um *personal trainer* de celebridades?

Do nada eu comecei a fantasiar sobre tudo o que eu não poderia ser.

Não, eu não seria a Gata Fantasma, mas poderia ser a Blogueira Fantasma, e naquele momento isso soava zilhões de vezes melhor do que a Recepcionista Fracassada.

Eu juntei as mãos com alegria. Era hora de entrar no Facebook de Dex e adicioná-lo.

Eu não havia entrado no Facebook desde a tarde. Logo que entrei fui inundada com vinte notificações e doze pedidos de amizade.

Fui vendo os nomes, e por enquanto eram só pessoas dizendo que gostavam do meu blog e do meu vídeo e perguntando se podiam ser meus amigos, até eu chegar no último pedido: Dex Foray.

Acho que ele já havia me mandado um pedido antes. Por algum motivo, fiquei levemente apreensiva em clicar no perfil dele. Eu não sei explicar o motivo, mas tem a ver com olhar as fotos de alguém que você já construiu na sua mente. Eu não achava que tinha pensado muito no Dex nos últimos dias, mas era óbvio que eu havia pensado, especialmente agora depois do telefonema.

O interessante é que a foto do perfil dele era do robô Crow T. de *Mystery Science Theatre 3000*, um dos programas de TV mais hilários e obscuros que existe. Eu imediatamente me identifiquei com ele.

Quando cheguei na página dele, a primeira coisa que procurei foi a data de nascimento e *status* de relacionamento. Assim como a de muita gente, estava em branco. Sua data de nascimento era 18 de agosto, mas não tinha o ano.

Seu mural estava tomado de gente comentando e postando vídeos e links engraçados. Ele não me pareceu o tipo de pessoa que ficava o tempo todo no Facebook, uma vez que seus posts eram de dias atrás. Fui buscar informações.

Eis o que descobri sobre Dex Foray:

Atividades: Música, cinema, videogame, fazer artigos na Wikipédia, bebida, mais algumas coisa.

Música favorita: Metal, rock, alternativo e tudo que falta na cultura pop.

Programas de TV: BBC.

Filmes: Coisas que VOCÊ provavelmente não gosta.

Livro: *Guia do mochileiro das galáxias, Ardil 22*… todos os estereótipos.

Ele não tinha nenhuma faculdade marcada em educação, mas havia a escola: Bainbridge High School, 1996.

Um cálculo mental rápido e dou para ele trinta e dois, dez anos mais velho do que eu. Não sei por que esperava um cara mais novo. Esperava que ele percebesse quão jovem eu era e que não estivesse contando com alguém que ele achava que era mais velho. Sei que a juventude é valorizada, mas às vezes parece que minha idade faz mais mal do que bem, como se eu estivesse por aqui há muito mais tempo e devesse ser levada mais a sério. Mas até aí, eu só tinha vinte e dois, então o que eu sabia?

A seguir, era hora de bisbilhotar as fotos dele. Eu senti uma pontada de *voyeurismo* bizarro quando cliquei nelas, apesar de que após anos de Facebook você acharia que eu já estaria insensibilizada com o fator “mimimi” de espionar as pessoas.

Não havia muitas fotos marcadas com ele. Entretanto, o suficiente.

Eu cliquei na primeira foto, ele num bar segurando uma cerveja num gesto de brinde.

Ele tinha uma camisa de colarinho marrom, manga curta e alguns anéis de aparência céltica nos dedos.

Numa fotografia clara e com flash, e não num bizarro farol abandonado eu podia de fato ver que o que eu me lembrava dele estava correto. Ele tinha um rosto bonito (para ser sutil). Estava com um sorrisinho malandro, o que já era esperado. Seus olhos escuros, boca grande e sobrancelhas expressivas combinavam totalmente.

Eu cliquei na próxima foto. Meu coração se apertou de uma forma pouco familiar. Era uma foto dele num vinhedo, com o braço ao redor de Jennifer Rodriguez. Sabe, do programa de vinhos? A Gata do Vinho? Eu não sabia dizer se era só uma foto de amigos que trabalham juntos ou qualquer coisa, porque ela estava sorrindo para a câmera com aquelas gengivas de *supermodel* e ele estava com os lábios fechados, cabeça erguida, fazendo cara de gângster.

Cliquei na próxima e vi uma foto dele e dela juntos, mas desta vez Rebecca estava no outro braço. Deve ter sido tirada no mesmo dia, uma vez que estavam todos usando as mesmas roupas. Estavam sorrindo, um grupo encantador e afável. Rebecca tinha escrito os comentários abaixo: “Então, Dex, quando vamos fazer nosso *ménage à trois*? Kkkk”.

Eu não vi o “kkkk” e rapidamente cliquei para o resto das fotos. A maioria era de Dex em locação com uma câmera nas mãos. Às vezes era num bar ou num show, às vezes ele posava com gente aleatória. O que era mais interessante nas fotos era que apesar de seu sorriso ser bem decente, com lindos dentes alinhados e tal, havia algo não natural na coisa toda. Quando ele não estava sorrindo, estava olhando para a câmera com olhos sinistros e penetrantes que eram tão intensos que de vez em quando parecia ser uma pessoa completamente diferente.

— Quem é esse?

Dei um pulo de um quilômetro na cadeira. Virei-me e topei com Ada parada atrás de mim, me olhando forma inquisidora.

— Você quase me matou de susto! — Exclamei. — Como entrou aqui?

Ela me olhou com uma careta.

— Pela porta, sua anta.

Notei que ela estava usando uma roupa normal (e presunçosamente feia) de Alexander Wang, o que significava que ela se sentia melhor. Ela apontou para a tela novamente.

— Esse é o perfil de Facebook do Tinhoso?

Olhei de volta para a tela. Nessa foto em particular ele estava sorrindo como um maluco, cabeça virada para baixo, olhos como um falcão, uma barbinha de Johnny Depp. Eu sabia o que ela estava pensando. Fiquei um pouco desconcertada.

— Não tenho certeza — respondi sinceramente.

Levantei o olhar para ela. Ela esperava que eu continuasse e obviamente sabia que havia algo ali.

Eu decidi satisfazê-la.

— Ada, pode manter isso entre nós? Só até a próxima semana?

Ela assentiu empolgada, feliz em ser incluída. Eu me endireitei e contei tudo a ela. No fim ela estava devidamente impressionada. E irritada.

— Você ganha uma merda de um programa de TV só por fazer três posts de blog? No *meu* blog? Onde diabos está meu programa de TV?

— Ok, não é um programa de TV, é um webcast que não vai ser visto por muita gente. E nada está confirmado. Dex só quer experimentar e ver o que acontece.

— Dex — ela bufou. — Você fala como se o conhecesse. Você não o conhece. Eu não me importo se ele é algum *cameraman* com baixo orçamento e tem um perfil no Facebook. A maioria dos assassinos psicóticos e estupradores têm páginas no Facebook… é como eles *pegam* você. Além do mais, ele parece o Tinhoso. Não acha que é um sinal?

— É um sinal de que o bigode de Errol Flynn está voltando à moda.

— Quem diabos é Errol Flynn? — Ela levantou as mãos. — Perry, sério, você deveria reconsiderar isso.

— Ai, que seja. Vai, Ada. Você só está com inveja porque algo bom está acontecendo comigo, para variar. Poderia me deixar aproveitar? Escrever para seu blog, toda a atenção desta semana… Eu não me sinto feliz assim há muito tempo. Talvez nunca tenha me sentido assim. Isso pode ser bobagem no final,

mas é uma bobagem minha e me faz achar que pode haver um lugar para mim neste mundo maluco.

Ela revirou os olhos, mas seu rosto se suavizou.

— Tá. Se você fica feliz. Mas acho que você devia dar um Google nele primeiro, só por precaução. Veja se ele está na lista de *Mais Procurados da América*.

Isso fazia sentido. Eu fui para o Google e digitei o nome dele.

Surgiu um monte de páginas. Estavam todas conectadas de certa forma ao trabalho dele na internet. Nada de muito interessante.

— Bem, é um bom sinal — disse Ada.

Eu assenti, então digitei Declan no lugar de Dex.

Outro conjunto de páginas surgiu. Eu cliquei numa que dizia: “A banda mais irada a agitar Nova Jersey”, pensando que devia ser outro Declan Foray.

Era um artigo de uma revista on-line sobre um grupo lounge chamado Sin Sing Sinatra. A banda era formada por tecladista, baixista, baterista e um cantor (chamado Declan Foray) e teve um modesto sucesso tocando em pequenos clubes e bares na Costa Leste. Eram descritos como “Rocker Crooners” e faziam covers dançantes de músicas de rock. O cantor, Declan, era descrito como tendo uma voz “suave, mas formidável” e alguém para ficar de olho. Eu cliquei na próxima página e vi uma foto do Dex, meu Dex (acho que podia chamá-lo assim) cantando num microfone das antigas.

Seu rosto estava mais magro e sem bigode, mas era definitivamente ele. Seu cabelo preto liso estava mais arrumadinho e um terno branco adornava seu corpo. Ele parecia um verdadeiro *showman*. Também parecia bem jovem. Olhei na url para ver a data: 09/03/02. Ele teria por volta da minha idade.

— Então ele também é cantor? — Ada refletiu.

— Acho que sim. Pelo menos era.

— Talvez ele tenha trocado de nome porque ele era uma droga.

Lancei um olhar para ela.

— Dex é apelido de Declan. De algum jeito. E aqui diz que eles eram o oposto de uma droga.

— Então como nunca ouvi falar deles antes?

— A) Você mal ouviu falar de qualquer uma das melhores bandas. Você acredita cegamente que talento é o que a rádio te mostra; e B) Existem toneladas de excelentes bandas, grupos, cantores, o que seja, que são muito bons apesar de não serem muito conhecidas.

— Ah, que seja. Ele é um *cameraman* agora, não um cantor, então ele fracassou no meio do caminho. Essa conversa já está me entediando. Boa sorte com seu negócio aí.

Ada se virou e deixou meu quarto, batendo a porta atrás de si. Entra em silêncio e sai com estrondo.

Eu balancei a cabeça para o drama adolescente dela e voltei minha atenção para a tela. Para mim não importava se Dex realmente era ou não um cantor, mas não podia evitar de ficar ainda mais intrigada. Eu tinha um grande respeito por todos os músicos; eles eram meio que meu ponto fraco. Eu mal podia escrever notas, minhas músicas eram terríveis e, apesar de uma vez ouvir que eu tinha uma voz forte e agradável, não chegava a ponto de possibilitar uma carreira.

Curiosamente, comecei a vasculhar sites de Torrent para ver se conseguia achar alguma gravação do Sin Sing Sinatra ou Declan Foray. Não consegui achar nada e acabei dormindo no meu teclado.

CAPÍTULO SETE

ACORDEI SEXTA-FEIRA DE MANHÃ, ALGUNS minutos antes de o meu alarme disparar. Tentei lembrar se eu havia tido algum sonho durante a noite, mas não me veio nada. Então me lembrei do telefonema… Dex… o webcast… Google. Tudo. Podia ter sido um sonho?

Olhei rapidamente para a mesinha de cabeceira e vi um pedaço de papel com seu nome e um número escrito. Definitivamente não era sonho. Dex era real; a proposta era real. E lá no fundo eu sabia que eu tinha de ser parte disso, não importava o que acontecesse.

Peguei o telefone e rapidamente disquei o número dele, ignorando o fato de que era bem cedinho e que ele poderia estar dormindo. Eu temia que quanto mais eu esperasse, mais chances ele teria de mudar de ideia.

A cada toque não atendido meus nervos se afligiam. As dúvidas começaram a inundar meu cérebro: e se ele não se lembrasse? E se ele mudasse de ideia? E se o chefe dele, Jimmy Kwan, mudasse de ideia? E se eu o estivesse acordando e o deixasse puto a ponto de ele cancelar?

O último pensamento me assustou mais do que tudo. Eu estava cogitando a ideia de desligar o telefone quando ele atendeu.

— Alô? — Apesar de soar grogue, a voz era inconfundível.

Meu coração acelerou.

— Hum, oi, Dex. É a Perry — eu disse o mais animada possível. — Desculpe se te acordei.

— Quem?

Minhas entranhas se reviraram.

— Perry. Palomino. Falamos ontem sobre meu blog. Sobre o possível webcast. Eu te conheci no farol…

— Desculpe, eu estava completamente chapado ontem. Não me lembro de falar com ninguém sobre coisa nenhuma. Qual é seu nome mesmo?

Não consegui respirar.

— Hum, Perry.

Tinha certeza de que ele conseguia ouvir a tristeza na minha voz.

— Perry — ele repetiu. Eu quase pude ouvi-lo cavando na sua cabeça por meu nome. — É um nome incomum. Acho que você sabe. A maioria das pessoas pensa em Matthew Perry, aposto. Ou Perry Mason.

— É… — eu me resignei.

— Mas tem também Peri Gilpin. Sabe, a Roz do *Frasier*? Ela era um estouro, aquela Roz. Eu poderia ter me casado com aquela mulher, sabe, se ela fosse real e não tivesse aquele penteado horrível dos anos 1990.

Minha cabeça começou a girar a mil.

— É sueco — consegui dizer.

— Ahá! — Ele exclamou. — Isso explica o sotaque de sua mãe.

— Você se lembra de ter falado com a minha mãe?

— Claro que sim. Acha que sou retardado?

Sim, eu pensei. *E muito.*

— Ah — ele continuou —, você não percebeu que estou tirando uma com sua cara? Sabe, sobre estar chapado ontem à noite. Falar que não me lembro.

Que diabos esse cara estava tomando tão cedo?

— Ah, mocinha, você não devia ser tão ingênua.

— Não sou ingênua — eu disse na defensiva. — Só não estou acostumada a lidar com gente doida.

Silêncio. Então uma risadinha sem graça do outro lado da linha.

— Bem, desculpe se te confundi, senhorita Palomino. Na verdade, eu estava esperando sua ligação.

— Achei que tinha te acordado.

— Acordei há horas. Já tomei banho, cortei as unhas do pé, comi panquecas e tomei dez xícaras de café. Agora o que você me conta, senhorita Palomino?

Afastei a imagem das unhas do pé da cabeça.

— Sim, sim, eu gostaria de fazer aquilo — eu disse, esperando expressar certeza absoluta na voz.

— *Fantastic!* — Ele disse com um terrível sotaque francês. — Agora, o que eu preciso é que você garanta que tenhamos acesso ao farol para amanhã de noite. Poderia também verificar se pode passar a noite lá.

— Bem, tenho certeza de que você poderia ficar lá também, se eu ficar. — Tio Albert provavelmente gostaria da companhia.

— Agradeço a oferta, mas já arranjei tudo para ficar num hotel. De qualquer forma, leve roupas de cores claras. O preto não apareceu bem no filme. Talvez traga um pouco de maquiagem, caso eu precise me embonecar. Vou levar o equipamento no carro e… ah é, qual é seu endereço?

Eu disse a ele.

— Eu te vejo amanhã às dez da manhã, em ponto. Esteja pronta para detonar.

— Ah, estarei — eu disse. Arrepios de nervoso (do tipo bom) passaram pela minha espinha. Era empolgação demais.

Desligamos. Meu alarme começou a soar, e eu o desliguei inconscientemente.

Sabe esses momentos na vida quando você se sente num filme? Tenho desses momentos com frequência, geralmente quando estou escutando música. Às vezes andando na rua com chuva, o vento batendo nos meus cabelos, pessoas passando rapidamente por mim num rápido borrão sem rosto, e eu estou ouvindo algo melancólico e me sinto assim, parece que estou sendo observada por uma fonte externa. Como se eu estivesse tendo uma experiência extracorpórea e me vendo seguir com a minha vida. Minha vida fica infinitamente mais interessante, como se cada passo que eu desse, cada poça d’água em que pisasse ou cada par de olhos que encontrasse tivesse um significado além do normal.

Bem, eu estava tendo essa sensação novamente. Não havia música, mas eu podia me ver sentada na cama, meu cabelo preto bagunçado sobre meu rosto, olhando para o telefone e eu… e todo mundo sabia que uma oportunidade de peso havia sido entregue a mim. Como se eu tivesse recebido um superpoder para salvar o mundo.

Isso, é claro, era ridículo. O único poder que eu podia ter era uma imaginação muito fértil. Mas a sensação permanecia.

Lentamente saí da cama, envolvida em futuros mistérios e dramas, e me permiti aproveitar o momento.

Quando a procrastinação atingiu um pico histórico, fui para o computador e rapidamente fiz um novo post no blog. Eu sabia que Ada ia ter um chilique com meu post improvisado, mas não importava. Eu queria contar ao mundo que os posts do blog não foram a troco de nada. Algo grande iria acontecer. Eu não disse abertamente o que seria, para não atrair olho gordo ou encrencar Dex, mas aludi ao fato de que iria visitar novamente o farol, com a devida equipe caça-fantasmas. Eu não mencionei que a equipe era só Dex e eu, mas disse que provavelmente o material seria exibido num site conhecido.

Então deixei tudo isso pra lá, me vesti e fui trabalhar.

✷

Só conseguia ver escuridão no começo. Meus cílios tremularam, molhados e pesados enquanto minha visão tentava focar. Lentamente, a luz apareceu em borrões, um brilho úmido que se movia e girava nos quatro cantos da minha visão.

Meus outros sentidos se acionavam preguiçosamente. Eu estava encharcada e com frio, mal podia sentir meus membros, flutuando, subindo e descendo nas ondas. Uma luz brilhou distante no breu e foi crescendo a cada onda. Eu sentia como se estivesse sendo gradualmente sugada em direção a um túnel brilhante.

Isso era morte? Eu pensei. Meus pensamentos estavam distantes, como se outra pessoa os pensassem por mim, alguém por quem eu não tinha apego ou preocupação. Se isso era a morte, não parecia importar. A gravidade associada a esse conceito estava perdida.

A luz continuou crescendo, até que reencontrei a sensação do meu corpo. A pressão empurrava por baixo. Minha pele estava esfolada. Eu estava deitada numa superfície dura e molhada. Uma praia. As ondas batiam atrás de mim. Olhei para as pedras reluzentes a poucos centímetros do meu rosto. Um caranguejinho branco, luminoso contra o vazio, correu sobre meus braços e apontou para um aclive. Meus olhos seguiram a direção, e eu reconheci a fonte da luz. Não era a morte ou o além. Estava vindo do topo do farol.

O farol era familiar. Parecia que eu já havia estado lá antes, como se guardasse algum propósito da minha vida. Mas eu não conseguia me lembrar de

como isso seria possível. Eu havia vindo do oceano, de terras distantes. Esse lugar não podia ter existido na minha vida.

Eu me levantei lentamente. Minhas pernas tremiam com cada onda que batia, e meus pés escorregavam sobre pedras lisas molhadas. Alguém apareceu a minha frente, bloqueando a luz, fazendo-a se espalhar na noite. Percebi que alguém estava parado lá o tempo todo, mas eu não havia me permitido vê-lo.

A pessoa levantou um braço e apontou na minha direção. Eu sabia que essa pessoa não estava apontando para mim. Virei-me e olhei para o oceano.

Não havia nada lá além do escuro retinto. Então um fraco raio de luz. Havia outro farol, no topo de um alto monte rochoso além da praia. Iluminava as águas escuras abaixo, onde formas reconhecíveis dançavam. Espremi os olhos. Pareciam corpos humanos flutuando pelas ondas. Havia pelo menos uma dúzia deles.

Então o farol se apagou. A escuridão era aguda, ameaçadora, sufocante.

Quando voltou, eu estava de novo na água, as sombras escuras flutuando ao meu redor.

Algo esbarrou nas minhas costas.

Comecei a me debater convulsivamente na água e me deparei com um rosto inchado, túrgido. Não tinha os olhos, por sua pele escorria um líquido escuro, e algas gosmentas saíam de sua boca. Ele submergiu, e eu senti uma mão ossuda agarrar minhas pernas. Gritei enquanto era puxada para baixo, o oceano invadindo minha boca aberta e preenchendo meus pulmões. A luz na superfície ondulava enquanto eu era puxada mais e mais para as profundezas até que a escuridão tomou meus olhos novamente.

✷

Era sábado de manhã, dez para as dez da manhã. Estava sentada nos degraus da frente de casa com uma enorme caneca térmica de café quente. Eu não me virei, mas sabia que minha mãe e meu pai estavam parados na janela da cozinha olhando para mim e para Dex, certificando-se de que sua filha mais velha não estaria sendo levada por um cineasta assassino.

Para ser honesta, eu não estava me sentindo totalmente positiva em relação a tudo isso como no dia anterior. Acho que meu sonho horrendo colocou panos quentes nas coisas.

O mais assustador foi que acordei no meio da noite absolutamente encharcada de suor. Eu estava tão molhada que não dava para saber se não havia mesmo acabado de afundar no oceano. Estava tão melada e salgada quanto, e igualmente desnorteada.

É claro, estava nervosa como sempre. Tomar café da manhã com meus pais e ouvir a opinião deles sobre o assunto não ajudava muito. Meu pai era superprotetor comigo, como a maioria dos pais é. Minha mãe estava mais preocupada de me fazerem de boba. A preocupação deles não era à toa. Eu também tinha as mesmas preocupações, mas no fundo eles sabiam que eu tinha a cabeça no lugar. De qualquer forma, eu sabia me defender, e era isso que importava.

Tio Albert também não aceitou os planos tão bem quanto eu achava que iria. Ele disse que vários caçadores de fantasmas o haviam perturbado nos últimos dias, todos querendo acesso ao farol. Essa era a época, acho. Eu não havia dito explicitamente a localização do farol nos meus posts, mas acho que há poucos faróis de propriedade particular na Costa de Oregon. Felizmente ele cedeu, mas só se algum dia eu lhe desse os *royalties*. Claro, eu não podia prometer nada, mas pensei que se algum dia esse projeto fosse um sucesso, a gente nunca sabe o que pode acontecer (eu o enrolei um pouquinho).

Suspeitamente, Ada ficou alheia o tempo todo. Eu não quis acordá-la antes de sair, mas tinha certeza de que ela teria se arrancado da cama para ver o começo de tudo. Você sabe, só para se certificar de que eu não estava indo para o Pacífico com o Belzebu em pessoa.

Verifiquei o horário no meu celular. Cinco para as dez. Apertei minha jaqueta de couro mais fechadinha ao meu redor. O clima esteve frio e pavoroso a semana toda; nosso verão indiano agora não passava de uma lembrança.

Dito isso, hoje o dia não estava particularmente ruim. O vento que havia sacudido a cidade recentemente ficou mais ameno da noite para o dia. Uma fraca luz do sol vinha do leste, mas não conseguia ultrapassar a densa neblina que se assentou determinada nas ruas e que cobria o topo das árvores. Eu adorava neblina, e havia bastante na nossa casa, estando tão perto do Columbia River e tudo mais, mas não estava ajudando a levantar meu astral.

A umidade estava penetrando nos meus ossos, apesar da jaqueta de couro de motoqueiro, a calça jeans preta flare, a blusa cinza de gola boba e o All Star preto. Sim, eu sei que ele disse para não usar especificamente preto, mas ele obviamente não sabia quão antibranco meu guarda-roupa era. Isso não é uma

questão de ser gótica (o que eu *definitivamente* não sou); é por motivos práticos. Branco comigo não dura mais do que um dia — não, mais do que uma *hora* — sem ter alguma mancha. Assim sendo, eu havia comprado uma camiseta clara e uma jaqueta de marinheiro amarela só para o caso de ele pedir que eu trocasse de roupa.

Soltei um suspiro profundo e respirei lentamente pelo nariz — uma das minhas técnicas de "relaxamento". Admito, se você está surtando completamente, não faz diferença nenhuma, mas sempre vale tentar o efeito placebo.

Olhei para os meus pais. Eles acenaram cuidadosamente. Minha mãe fez o sinal de "telefone" com a mão. Ela me disse mais cedo que ia me mandar mensagens de texto de hora em hora até eu chegar no tio Al, para se certificar de que eu estava bem, e que se eu não respondesse, ela iria ligar.

Eu sentia como se estivesse indo para um péssimo encontro.

O som de um motor interrompeu meus pensamentos. Um Toyota Highlander preto saiu da neblina e parou lentamente em frente de casa. Tinha de ser ele.

Eu me levantei e mandei um olhar de "fiquem aí" para meus pais, para que eles não tivessem a ideia de sair para conhecê-lo.

Eles não fizeram sequer contato visual; estavam ocupados demais olhando o carro. Ficou perto da entrada, com fumaça saindo do escapamento, zumbindo na silenciosa manhã. Se era o Dex, ele não desceu do carro.

Bem, hora de cair na estrada, pensei. Acenei para meus pais, certificando-me de que eles me viam. Eles assentiram, de braços cruzados. É engraçado, meus pais são tão diferentes, mas às vezes pareciam clones idênticos.

Coloquei meu café no degrau, peguei minha sacolinha e segui pela entrada com uma falsa confiança, notando a umidade das folhas enquanto eu passava por elas, sentindo o frio atravessar a lona dos meus tênis.

Cheguei à porta do passageiro e espiei. Nas janelas havia um leve filme, tornando difícil de enxergar na luz cinza da manhã.

A porta se destrancou automaticamente com barulho alto que me assustou. Busquei cuidadosamente a maçaneta e abri a porta.

Não havia ninguém dentro. O carro estava quente e ligado; as chaves estavam na ignição. Contudo, não havia ninguém no banco do motorista.

Mas que diabos? Eu enfiei minha cabeça mais para dentro do carro para olhar o banco de trás.

— Ei!

Saltei a um quilômetro de distância, quase dei com cabeça no teto do carro. Tirei (cuidadosamente) a cabeça do carro e encontrei Dex bem atrás de mim.

Na luz do dia ele parecia mais alto. Sua estrutura ainda estava mais para magra, mas pelas mangas curtas da camisa cinza dava para ver os traços de alguma tatuagem e que seus braços eram fortes.

Havia uma sombra áspera de barba malfeita em suas bochechas, mas o cavanhaque estava bem aparado, assim como o leve traço do bigode. Ele tinha um nariz bonito e reto, que acompanhava as salientes maçãs do rosto. Olheiras suaves borravam o canto de seus olhos, o que aumentava a intensidade deles. Ah, esses olhos. Eram ainda mais penetrantes com aquelas sobrancelhas baixas e a permanente marca de expressão entre elas. Não parecia que ele estava olhando para mim, mas *através* de mim.

Ele estava lá, com uma pose de impaciente, como se estivesse esperando há muito tempo.

Eu estava com a mão no peito, tentando me acalmar, e me perguntei há quanto tempo eu o estava encarando.

— Desculpe — consegui soltar. — Não vi você aí.

Dex assentiu. Tirou um relógio de bolso da calça cargo, olhou rapidamente e falou sério:

— Melhor a gente ir.

Ele me esperou entrar no carro. Entrei, um pouco ansiosa, e ele fechou a porta para mim. Teria sido um gesto de cavalheirismo em outra circunstância, mas no momento parecia estranho e desnecessário. Enquanto ele caminhava até o lado do motorista, olhei para casa através do vidro fumê. Meus pais agora estavam do lado de fora, parados nos degraus.

Enquanto Dex entrava e começava a dirigir, eu os segui com os olhos, me sentindo de repente muito solitária e com medo. Eles acenaram até eu estar fora de vista. Tive uma vontade repentina de saltar do carro. Eu me perguntava a partir de qual velocidade isso seria uma ideia estúpida.

Enquanto esse pensamento ocupava minha mente, eu torcia para que Dex dissesse alguma coisa, mas ele não disse. O silêncio no carro era ensurdecedor.

Parecia o primeiro encontro mais constrangedor do mundo.

Seus olhos estavam atentamente focados na rua, o que era um bom sinal, considerando a neblina. Acontece que eu tenho sérios problemas com silêncios desconfortáveis, a ponto de sempre querer tagarelar sobre sabe Deus o que apenas para preencher o ar.

Eu pigarreei.

— É bom te ver à luz do dia.

Ele assentiu, ainda mantendo os olhos à frente.

— Dirigiu muito? — Eu insisti.

— Nada demais — ele disse secamente. Sua voz era quase um grunhido.

Eu estava confusa. Esse era o mesmo cara com quem eu falei por telefone nos últimos dois dias?

Ele deve ter notado minha cara de interrogação e finalmente tirou os olhos da estrada para olhar para mim, mas não disse nada.

Dei um sorriso nervoso, meio idiota. Com a estranha força nos olhos dele, eu preferia quando ele estava me ignorando.

— Você dirige com frequência para Portland? — Perguntei, soando ainda mais patética. — Quero dizer, aqui não cobramos impostos de vendas, então é bem popular entre os washingtonitos… ahn, washingtonianos.

Ele me ignorou.

— Gosta de escutar música? — Ele perguntou de um jeito que sugeria que ele não se importava realmente com a resposta.

— Quem não gosta? — Respondi como uma forma de sim.

Ele deu de ombros e ligou o mp3 player. Começou a tocar uma música que era extremamente familiar para mim, era uma das minhas bandas favoritas. O som estava alto e a música combinava muito (ela tinha o nome da rodovia 101, a qual íamos pegar para chegar ao litoral). De certa forma a música também combinava com ele; intensa, esquisita e difícil de classificar.

Comecei a balbuciar as palavras da músicas, tomando o cuidado de não pronunciar nada. Ele ergueu um pouco as sobrancelhas.

— Pelo menos você tem bom gosto para música. A gente pode se dar bem nisso. — Eu podia jurar que havia um traço audível de admiração no rosnado dele.

Era um pouco mais fácil preencher o silêncio agora que a música estava tocando. Sua familiaridade era reconfortante nessa situação estranha.

Então, nós provavelmente dirigimos sem falar por mais meia hora antes de sair da I-5 e entrar na rodovia que iria nos levar para Cannon Beach.

Depois de verificar o medidor de combustível, Dex entrou abruptamente num posto, encostando ao lado da bomba. Ele desligou o carro, saiu e se inclinou na janela, com braços descansando sobre o carro. Parecia que ele estava se alongando, então eu o deixei em paz. Ele estava com a cabeça abaixada, balançando-a de um lado para o outro.

Tentei não encará-lo. Foquei minha atenção na normalidade do posto de gasolina, as minivans cheias de crianças sassaricando; o cara de carro esportivo em "crise de meia idade" que inexplicavelmente estava com a capota aberta, apesar do frio; e o frentista que vinha até nós. Havia pôsteres de café quente nas paredes da loja. Mais uma xícara gigante de café seria ótimo contra todos os meus problemas.

Peguei a bolsa no chão e comecei a revirá-la atrás de moedinhas, quando os pelos da minha nuca começaram a se arrepiar. Virei cuidadosamente a cabeça para a esquerda. Dex estava me encarando diretamente, parado como um tigre, com um imenso sorriso no rosto.

Ada estava certa, pensei. *Ele é mesmo o Demônio.*

Mesmo que a ideia arrepiasse até os meus ossos, fiz uma cara de "posso não?" e agi como se não fosse nada, como se eu estivesse acostumada com gente sorrindo para mim sem motivo.

— Você compraria um café para mim também? — Ele perguntou, sua voz um pouquinho mais animada do que antes.

Eu assenti, murmurei "claro" e saí do SUV. Como ele sabia o que eu estava pensando, eu não sei. Coincidência, acho.

Sob as tenebrosas luzes da loja de conveniência, eu me senti melhor. Achei que era um bom momento para mandar uma mensagem para minha mãe. Eu provavelmente receberia um "VOCÊ ESTÁ VIVA?" a qualquer minuto.

Fui ao caixa pagar pelos cafés e percebi que havia esquecido de perguntar a Dex como ele queria, mas imaginei que ele era do tipo "café preto e puro". Então o caixa de óculos da loja perguntou para onde eu estava indo.

— Vou apenas passar a noite em Rocky Point — eu disse.

Ele balançou a cabeça.

— Tem uma tempestade enorme chegando. Mau tempo em toda Oregon e costa de Washington.

Ah, que maravilha. Esperava que não atrapalhasse nossa filmagem.

Eu agradeci ao homem pelo café e saí da loja. Ele tinha certa razão; o céu para o oeste estava mais escuro. Estremeci, mas consegui não derramar o café.

O frentista estava colocando combustível no tanque e jogando conversa fora com o Dex, que olhou avidamente os cafés enquanto eu me aproximava. Ele deu um largo sorriso, com um palito de dente no canto da boca, sua língua remexendo-o rapidamente.

— Desculpe — eu disse entregando a ele o café —, não sabia o que você queria, então só peguei um preto. Espero que esteja bom.

Ele arrancou o copo da minha mão. Nossos dedos se tocaram e ao rasparem, soltaram uma faísca. Não era uma faísca normal, de eletricidade estática. No entanto, enquanto segurava o copo e o levava aos lábios, ele sequer pareceu notar. Parecia que um raio de energia havia passado do corpo dele para o meu, correndo pelo meu braço, descendo pela minha espinha e me envolvendo num calor lascivo e turvo, como se eu estivesse enrolada em toalhas quentes recém-tiradas da secadora. Foi uma coisa esquisitíssima, num dia já repleto de esquisitices.

Ele deu um gole satisfeito, com o palito ainda na boca. Seus olhos estavam mais suaves agora, redondos e sonolentos. Um sorriso se abriu no canto de seu bigode. Ele parecia mais novo, até bonitinho.

Perigosamente bonitinho.

Ele me deu uma piscadela, e eu desviei abruptamente o olhar, voltando minha atenção ao céu, na esperança de disfarçar meu olhar descarado. Não deixava de ser irônico que ele pudesse me encarar descaradamente — como um psicopata, devo dizer — enquanto eu tinha de ser discreta.

— O cara da loja disse que deve haver uma tempestade na costa hoje à noite — eu disse hesitante, como se Dex fosse decidir cancelar a viagem.

Ele assentiu e se encostou no carro.

— Ouvi isso de manhã. Eu não me preocuparia muito com isso, mocinha, nós vamos conseguir o que queremos. Fantasmas não têm medo de um tempinho feio, né?

Eu balancei a cabeça. Eles não tinham medo de tempo feio, não. Mas me ocorreu que eles poderiam não aparecer, independentemente do tempo. É disso que eu tinha mais medo: levar Dex para o farol, com câmeras ligadas, e não encontrar nada.

— Você parece mais velha do que eu pensava — Dex disse. O palito mudando de lado.

— É? — Eu não tinha certeza se isso era um elogio ou não. Ninguém gosta de ouvir que parece mais velho.

— Não é uma coisa ruim — ele disse lendo meu rosto. — Eu só achei que você fosse…

Eu levantei minha sobrancelha. Então…?

— Alguém mais transparente — ele terminou a frase tomando mais um gole de café.

Ele jogou o copo vazio no lixo e limpou os lábios com as costas de uma das mãos. Antes de eu ter chance de digerir o que ele disse (e de tentar entender como ele terminou de tomar aquele maldito café tão depressa), uma voz aguda interrompeu meus pensamentos.

— Perry Palomino? — Alguém gritou atrás de mim.

Eu congelei, não reconheci a voz de cara, mas fiquei apreensiva por alguém aqui saber meu nome.

Eu olhei receosa para Dex, que já estava olhando sobre meu ombro. Lentamente me virei em direção à voz.

Uma menina de estatura mediana, com longos braços magros, uma cascata de cabelo de um vermelho tão radiante que não poderia ser coisa da Mãe Natureza e com um jeans torneado de dar inveja estava olhando para mim boquiaberta. Levou um segundo para eu reconhecer seu rosto, mas quando vi aqueles lábios rosados, nariz fininho e olhos cor de esmeralda sombriamente emoldurados, eu soube quem era: Debbie Birmingham.

Olhar para ela dizia tudo — ela sempre foi a rainha do baile. Eu fiz faculdade com ela, estávamos no mesmo programa de publicidade. Apesar de o visual e o jeito de quem faz e acontece combinarem mais com relações públicas; ela não era exatamente do tipo criativo. Debbie foi uma das minhas melhores amigas no início da faculdade, mas meio que perdemos contato depois do segundo ano. No fim das contas virou algo estranho; quero dizer, éramos

“amigas” no Facebook e tal, mas eu literalmente não a via há alguns anos, o que já era um pouco desconcertante.

Mesmo assim, dei a Debbie meu sorriso mais animado.

— Ei, Debbie — eu disse tentando soar o mais confiante possível. Todos os meus sentimentos de inadequação por ser amiga dela voltaram como uma enxurrada.

Ela passou pela bomba de gasolina e me deu um desajeitado abraço com cheiro de Dior e Pantene Pro-V.

Eu dei um risinho nervoso e dei um passo para trás. Ela me segurou pelos ombros e me olhou de cima a baixo como se eu fosse alguma roupa que ela fosse experimentar.

— Você está linda! Faz tanto tempo! — Ela berrou. Olhou Dex rapidamente com um vago interesse, então olhou de volta para mim. — Eu te vejo no Facebook de tempos em tempos, mas nunca conversamos de verdade. O que tem feito?

Eu realmente achei que o Dex iria voltar para o carro e nos dar um pouco de privacidade, mas depois de pagar o frentista ele cruzou os braços e continuou encostado no carro, como se também quisesse saber o que eu andei fazendo.

— Hum, você sabe — eu forcei um sorriso. — O mesmo de sempre.

— Ainda está fazendo aquelas aulas malucas lá? — Ela perguntou com um ar de graça no rosto. Não uma graça do tipo bacana, mas do tipo maternal.

— Não, meio que desisti — eu ri, esperando soar leve.

— Graças a Deus! As pessoas estavam começando a ficar com medo de você.

Olhei-a com cara de interrogação, mas ela continuou.

— Eu vi que você trabalha na Allingham e Associados! Sabe, eu quase fui contratada lá para ser coordenadora de contas, mas recebi uma oferta melhor na Mindtrap. O que você faz lá?

Senti meu rosto arder. Meus olhos automaticamente foram ao chão; eu não queria olhar para ela, também não queria olhar para o Dex, e podia ver que os dois me olhavam com expectativa.

— Sou a coordenadora da mesa de acesso — murmurei.

— Ah — ela disse, soando surpresa. — Você quer dizer recepção?

— É.

— Ah, bom — ela disse, mostrando seus dentes de comercial de pasta de dente e dando uma batidinha no meu ombro. — Tenho certeza de que vai encontrar algo qualquer dia. A economia está complicada agora, né?

Eu assenti e tentei pensar em algo esperto para dizer, mas travei.

— Você ainda fala com alguém da faculdade? — Ela perguntou, mexendo na blusa como se a banalidade de falar comigo já a estivesse entediando.

— Não, ninguém — respondi com sinceridade. Fui me sentindo mais desprezível a cada segundo.

— Sério? Sabe, Adele, Steve, Ashley, — várias de nós estão vivendo no centro aqui de Portland, mesmo. Eu achava que você tinha contato com pelo menos alguns do velho grupo.

Eu balancei a cabeça, querendo que a conversa terminasse. Se ela era amiga deles, como ela poderia achar isso? Ah, mas é claro, ela estava provando uma ideia. A verdade era que eu *havia* perdido contato com muita gente depois da faculdade. Não foi de propósito. Eu apenas me tornei gradualmente mais isolada no final do último ano. As pessoas que Debbie mencionou eram bacanas para se divertir no começo, mas eu ficava com uma sensação desconfortável sempre que estava perto, como se me deixassem ficar com elas por pena ou sei lá. Depois de um tempo, o mais fácil foi me entocar sozinha no meu dormitório e passar as noites ouvindo música e fazendo estranhas esculturas de argila. Como qualquer pessoa normal.

Eu devo ter pensado nisso por mais tempo que percebi porque Debbie olhou para Dex e disse:

— Desculpe, não me apresentei. Sou Debbie. Fiz faculdade com a Perry em Eugene.

Ela esticou sua esguia mão, que Dex balançou educadamente.

— Dex — ele disse.

Quando ele puxou a mão de volta, abaixou o olhar e fez uma careta.

— Desculpe, acho que sujei sua mão toda de café.

Ela olhou, rapidamente esfregando a mão no jeans, tentando disfarçar o nojo.

— Então, há quanto tempo vocês namoram? — Ela perguntou.

Antes que Dex ou eu pudesse corrigi-la — não que eu quisesse, uma vez que eu sentia que ter alguém tão bonito como o Dex ao meu lado ao menos me favorecia um pouquinho, ainda que tivesse maus hábitos para cumprimentar — outra pessoa atraiu a atenção da Debie.

Um cara grandalhão e corpulento saiu do posto com um engradado de cerveja debaixo do bíceps avantajado e parou ao lado dela com um olhar de expectativa. Ele parecia familiar, mas levou alguns segundos para identificá-lo. Achei que talvez fosse alguém com quem eu fiz faculdade, uma vez que ele aparentemente estava lá com a Debbie, mas no momento em que nossos olhos se cruzaram, eu o reconheci.

Patrick Morrison. Estudei com ele no colégio. Não éramos amigos, mas tínhamos amigos em comum. Ele não era o cara mais popular na escola, tinha cabelo escuro, olhos castanhos brilhantes e o mesmo gosto musical que eu. No ensino médio, música era um divisor de águas, determinava grupos, e era a maneira como nos definíamos. O fato de que esse cara bonitinho ia para os mesmos shows que eu era como um presente dos deuses, e eu ficava absolutamente impressionada com ele. Ele era em geral um cara bacana comigo, mas como todos os caras na época, se pudesse não me diria nem bom dia. Eu me lembro de quando ele finalmente assinou meu livro de formandos; foi a droga do dia mais feliz da minha vida. Bem patético se for pensar.

Lá ele estava, cinco anos depois, parado ao lado de Debbie Birmingham num posto de gasolina saindo de Portland.

— Caramba! — Ele disse apontando para mim. — Eu te conheço!

Eu rapidamente olhei para Dex. Suas sobrancelhas estavam levantadas, um quase sorriso despontava em seus lábios. Dava para ver que ele estava curtindo aquele encontrinho.

— É, oi — eu disse timidamente para Patrick.

Ele olhou para Debbie.

— Como vocês se conhecem?

Ela apontou para mim com menos entusiasmo do que antes.

— Ah, Perry e eu fizemos faculdade juntas. Eu devia ter me tocado que vocês foram para a mesma escola.

Ele assentiu, sorrindo para mim. Por um minuto eu me senti meio perdida nos olhos dele que mantinham o mesmo brilho dos velhos tempos. Às vezes eu

acho que todo o drama da escola foi um exagero, todas as paixonites nada a ver. Mas vendo-o novamente, percebi que essa ainda não estava bem enterrada.

Eu até comecei a pensar que talvez o sorriso dele fosse bem mais generoso do que qualquer um que eu tivesse recebido antes. A ideia de que ele estava realmente feliz em me ver passou pela minha cabeça, assim como o orgulho por ele ter me reconhecido.

Mas tudo foi por água abaixo quando ele abriu a boca novamente:

— Você era tão gorda! — Ele disse, e caiu na risada.

O comentário me retesou; senti o sangue correndo de volta para minhas bochechas. Lá se foi. Num instante minha autoestima despencou com tudo (ela nunca esteve muito pra cima, mesmo).

Eu tentei rir.

— Bem, eu perdi um pouco de peso.

Patrick continuou rindo.

— Quero dizer, você parece melhor agora, uau. Muito bem, Perry. Agora você não é mais aquela gorduchinha que ficava me olhando o dia inteiro.

Ai, meu Deus, me mate. Sério… quem diz isso a alguém?

Eu o vi rindo e fiquei incrédula quando Debbie se juntou a ele. Não que ela já me conhecesse naquela época, mas percebi que ela achou isso engraçado. Aquela vaca sempre me odiou.

— Vivendo e aprendendo! — Debbie deu um sorriso falso. — Mas, sério, você está ótima, Perry.

Patrick tirou o sorriso do rosto e deu um rápido olhar a Dex.

— Então, para onde estão indo?

— Para o litoral — eu disse rapidamente, antes que Dex pudesse dizer a eles. Não que ele estivesse falando muito, mas se começasse a explicar o que estávamos de fato fazendo, eu teria parecido ainda mais idiota.

— Nós também — Debbie sorriu maliciosamente. — Comemoração de aniversário de um ano em Cannon Beach. Vocês estão indo para um programinha romântico?

Eu abri a boca para dizer algo (ainda não sabia exatamente o que, mas provavelmente não seria a verdade), mas Dex foi mais rápido:

— Nada é mais romântico do que uma tempestade. — Ele piscou para eles.

Ok, eu *não* esperava que ele dissesse isso. De repente fiquei ruborizada de gratidão. Foi algo simples; ele não mentiu; apenas não os corrigiu, mas isso me fez sentir que pelo menos a minha fachada ainda estava ilesa.

Debbie nos deu um olhar de aprovação.

— Ah, verdade. Bem, bom te ver, Perry. Vê se não some.

Patrick disse mais ou menos a mesma coisa e os dois acenaram para nós sincronizadamente.

Assim que entramos no suv do Dex, eu soltei o maior suspiro de alívio e bati minha cabeça no painel.

Dex deu um tapinha nas minhas costas.

— Você sobreviveu — ele disse com um sorrisinho. Eu olhei para ele, me sentindo ao mesmo tempo constrangida e aliviada.

— Obrigada mesmo por… bem, não dizer a eles a verdade. Sobre nós. Quero dizer, não há nada entre nós, mas você sabe — eu divaguei.

Ele deu de ombros e ligou o carro.

— Não se preocupe, mocinha. Você fica me devendo uma.

Eu me endireitei e apertei o cinto enquanto Dex saía com o carro pela estrada.

— Fico te devendo uma? — Perguntei com cuidado.

Ele apontou para o banco de trás.

— Isso é para você.

Eu me virei e olhei. Havia uma pilha de livros atrás de mim que não estavam lá antes.

Coloquei-os no colo e olhei-os. Eram da Biblioteca Pública de Seattle.

— O que é isso? — Eu disse.

— Livros, Perry, livros! A espinha dorsal da civilização. E nosso dever de casa.

E olhei com curiosidade. *Famosos naufrágios de Oregon, Mistérios da costa de Oregon, Folclores e mitos de Oregon no Século XX, Cidade de Xangai: A Verdadeira Portland, Faróis da Costa Oeste, O livro dos fenômenos estranhos, de Charles Berlitz.* Era uma verdadeira coleção de tesouros da história sobrenatural local.

— Este é seu dever de casa? — Perguntei folheando-os.

Ele riu.

— Não, é seu dever de casa. Eu já li.

— Por que preciso ler isso?

— Porque sim — ele disse seriamente. Notei um leve brilho em seus olhos quando suas sobrancelhas se abaixaram.

— Ahhh, *porque sim* — tirei sarro dele. — É minha razão favorita!

A seriedade dos olhos dele desapareceu, e ele sorriu. Ele tinha um sorriso tão adorável quando o usava para o bem, e não para o mal.

— Você não pode simplesmente entrar nessa situação às cegas. Precisa conhecer o histórico, a história do local, se quer explorá-lo. Se entrarmos no farol e virmos um monte de sei lá e tal, não vai fazer nenhum sentido a não ser que saibamos como, quando e por quê. Está me entendendo?

— Sim — menti.

Ele também sabia que era mentira. Falou mais devagar.

— Se esse farol for mesmo assombrado, não vamos conseguir entender nada até entendermos *por que* é assombrado. As coisas não acontecem sem motivo. Há uma história para ser contada sobre esse lugar, e você só vai reconhecê-la se ler sobre o assunto, por isso os livros. Esse farol não é uma torre qualquer de madeira e concreto. Teve um nascimento, uma morte e muitos ritos de passagem entre eles.

— Bem, você parece já saber muito sobre isso, como o Velho Roddy e o absurdo que for, então por que não me conta?

Ele suspirou.

— Não sou eu o apresentador aqui, você é. E parece que você não acredita em uma única palavra do que eu digo.

— Não é verdade — eu disse.

Mas é claro que ele tinha razão.

— Apenas leia.

— Tudo isso?

Ele se esticou e abriu uma página com um Post-it colado nela:

— Marquei e sublinhei tudo que você precisa saber. Temos duas horas antes de chegarmos na casa do seu tio. Então leia!

CAPÍTULO OITO

O CARRO SEGUIU RONCANDO POR MAIS OU menos uma hora, passando por tristes trechos de fazendas que normalmente reluziam sob a luz do sol, mas que agora tinham o clima pesado da morte se aproximando. Não estou tentando ser dramática; juro que parecia que o cenário tinha passado de saudável para doente no decorrer de uma semana. Algumas árvores nem folhas tinham mais, apesar de eu poder jurar que sábado passado elas tinham. O vento que descia dos morros costeiros contra o carro provavelmente ajudou no processo de remoção.

Eu estava aconchegada no banco, folheando distraidamente os livros que Dex me mandou ler. Não estava sendo muito bom. Eu não apenas ficava enjoada quando lia num veículo em movimento como sabia muito bem que estava num carro com um cara que era um *completo* estranho para mim.

Tentei não ficar olhando para ele, mas era difícil. Quanto mais tempo se passava naquele carro, mais hipnotizada pelo rosto dele eu ficava. Às vezes parecia em paz. Suas pálpebras macias levemente fechadas, o canto de sua boca larga se contraía de tempo em tempo, como se ele estivesse prestes a contar alguma piada cretina. Às vezes ele parecia possuído por uma chama interna. Seus olhos ficavam mais escuros, mais fortes, emoldurados por sombras profundas criadas por suas sobrancelhas taciturnas. Sua boca formava uma linha dura e firme e seu sorrisinho esperto desaparecia.

Ele fazia essa cara toda vez que eu lhe dirigia uma pergunta. Queria saber onde em Seattle ele vivia, o que ele fazia para se divertir e se ele sempre quis ser cineasta.

As respostas? “Queen Anne”, “isso e aquilo”, e “não”. Seguido de: “isso aqui não vai ser lido sozinho” e um tapinha nos livros. Eu sentia como se fosse

uma adolescente com o pai mandando fazer o dever de casa em vez de sair. Eu não escutava meu pai, mas escutava o Dex. De certa forma ele era mais intimidante.

Não preciso nem dizer que ele ficou aliviado quando finalmente avistamos o oceano e seguimos em direção a Rocky Point e à casa do Al. O tempo na costa estava um terror. Uma forte arrebentação batia contra as praias. Árvores retorcidas desafiavam a física com o vento batendo. A cidade de Cannon Beach parecia estar fechada. A estreita rota sinuosa da 101 estava especialmente assustadora.

Chegamos à casa do tio Al logo depois do meio-dia. Os meninos estavam trabalhando, ou se metendo em encrencas, provavelmente, mas o tio Al estava lá para nos receber. Bem, a mim pelo menos.

— Perry — ele disse com os braços abertos. — De volta tão cedo?

Eu ri e dei um rápido abracinho nele. Fiquei aliviada por ele estar feliz em me ver. Eu estava sentindo como se este final de semana fosse um peso para ele.

— E este é o cineasta? — Al olhou para Dex parado a alguns passos de mim.

Dex assentiu e se aproximou. Esfregou a mão na calça antes de dar a Al um forte aperto de mão. Al ergueu a sobrancelha e puxou a mão de volta.

— Excelente cumprimento — Dex disse a ele seriamente. — Firme, e não como uma água-viva. — Ele assentiu novamente para criar impacto.

— Ah, bem, que bom — Al me deu um olhar estranho. Eu sorri nervosa.

— Sim, tio Al, esse é o Dex, o cineasta da Shownet.

— Tio Al — Dex disse de maneira grave.

Al fez uma pausa e então perguntou:

— Vocês dois vão dormir aqui, certo?

Dex balançou a cabeça.

— Agradeço a oferta, senhor, mas reservei um hotel em Tillamook.

Al riu.

— O Mook? Ah, não queira ficar lá. É bom para comprar queijo, e só. Insisto que fique com a gente esta noite.

Olhei para Dex. Não havia como negar — eu realmente esperava que ele dissesse sim.

Dex sorriu educadamente, mas permaneceu firme.

— E eu insisto em não ficar. Tenho uma namorada preocupada em Seattle, e ela já não está nada feliz de eu passar o final de semana aqui com sua sobrinha quase menor de idade.

Senti como se tivesse levado uma facada no estômago e começado a sangrar decepção para todos os lados. Namorada? Não o tinha ouvido falar de namorada ainda. E o Facebook dele não dizia nada também. Então me lembrei das fotos dele com os braços ao redor de Jennifer Rodriguez. Será que era ela?

Olhei para Dex, com piercing na sobrancelha, as roupas escuras, as costeletas longas, o cabelo preto bagunçado, o final da tattoo que às vezes aparecia pela manga da camisa, o gosto por música alternativa e a personalidade irreverente. Ele não poderia se interessar por uma garota *daquelas*, poderia?

Mas até aí, o que eu esperava? O cara era cineasta e aparentemente compositor e ex-cantor. Ele certamente sabia ser conquistador quando queria, e foi agraciado com uns belos genes. Fazia sentido ele namorar uma gostosona.

Eu me senti idiota. Nem sei por que, eu nem gostava mesmo do cara, mas me senti idiota mesmo assim. Como se meu inconsciente estivesse à espera para eu pular no pescoço dele qualquer dia desses. Ridículo, como se afinal eu pudesse conseguir um cara desses, ainda mais um cara dez anos mais velho do que eu. Ele tinha acabado de dizer que eu era quase menor de idade?

Respirei fundo e tentei deixar isso de lado. Não deveria ter me perturbado, mas é claro que perturbou. A maioria das coisas que não perturbavam os outros me perturbava.

Enquanto minha cabeça e meu coração tinham uma pequena discussão, Dex e Al jogavam conversa fora.

— Então, há uma chave que possamos usar para entrar? Queremos evitar danos ao farol — Dex perguntou a Al. — Não que possa ser danificado, mas acho que você não quer o senhor Miyagi aqui arrombando nenhuma porta com chute. — Ele apontou o dedão na minha direção.

Eu sorri, torcendo para que ele não tenha percebido minha fragilidade momentânea.

— Sim, tem uma chave mestra que vocês podem usar — disse Al. — Agora, entrem para tomar um cafezinho. Já vou servir.

Ahhh, café. Isso seria bem-vindo, um café quentinho para me distrair.

— Eu agradeço — disse Dex —, mas temos de fazer umas tomadas teste antes de escurecer.

Droga.

Ele se virou para mim e apontou para o porta-malas do suv.

— Perry, preciso que você me ajude a pegar o equipamento.

Al suspirou e seguiu para dentro, decepcionado por perder a companhia para o café.

— Vou pegar a chave para vocês.

Eu me senti mal por ele. Tirando o final de semana passado, eu tinha sensação de que ele não recebia visitas com muita frequência. Meus pais sempre diziam que a maioria dos amigos dele eram os amigos da ex-mulher. Eu fiz uma nota mental para conversar com o tio Al mais tarde e perguntar sobre ele, em vez de sair correndo como eu normalmente faço.

Ele saiu novamente e deu a chave na minha mão. Seus gentis olhos preocupados olhavam profundamente os meus.

— Não fiquem fora por muito tempo. Vou pedir comida chinesa para todo mundo hoje à noite.

Eu assenti e torci para que Dex aceitasse pelo menos isso. Dex deu a ele um aceno rápido.

— Parece bom.

Dex foi para o carro e eu o segui, vendo seus quadris magros requebrando e seu cabelo escuro e grosso balançar na brisa.

Ele abriu o porta-malas e me entregou uma caixa alta de papelão.

— O que é isso? — Eu espiei por uma fresta.

— É só um rebatedor branco. Para luz.

Eu o tirei da caixa e agitei num círculo que ondulava ao vento. Mirei o rebatedor para o rosto dele, iluminando as sombras sob seus olhos. Ele olhou para mim, com aquele sorrisinho sempre presente.

— Fiquei bonitão? — Ele perguntou, enquanto desemaranhava alguns cabos.

Pensei desesperadamente em algo inteligente para dizer. Só consegui pensar em *droga*. Como ele é bonito… Eu estava ferrada.

Ele tirou os olhos dos cabos com interesse, me incitando a dizer algo.

— Não — disse sem graça.

Ele riu e balançou a cabeça, voltando a atenção aos cabos.

— Estou decepcionado com você. Minha nossa, tinha certeza de que você finalmente me xingaria.

— Estava tentando — eu disse.

Aquele sorriso de novo. Fez algo esquisito no meu peito. Esquisito de um jeito bom, o que era esquisito de um jeito ruim. Meu cérebro retornou aos pensamentos sobre a namorada dele. Desgraçada. Desgraçada ela e desgraçada eu por me importar.

Dex largou os cabos que agora estavam arrumadinhos e começou a mexer na câmera. Sem olhar para mim, ele apontou para uma grande sacola de lona.

— Tripé. Mas não tire da sacola ainda; só coloque no ombro.

Tentei desajeitadamente colocar a alça no ombro. Era quase mais longa do que meu corpo e ficava batendo no chão e no meu rosto. Dex assistiu a essa dança desconfortável, fazendo eu me sentir ainda mais desastrada. Quando consegui controlar as coisas, ele levantou com um minúsculo microfone sem fio e ficou na minha frente.

— Merda, você é baixinha, hein? — Ele disse animado. Ele se abaixou e prendeu o microfone no meu suéter. Seu rosto estava a poucos centímetros do meu peito. Eu não ousava respirar. Observei a conta no piercing de sua sobrancelha; parecia uma obsidiana preta, com pequenos riscos cinzas e brancos. Meu coração foi parar na garganta. Aquele jorro de energia e calor começou a passar novamente pelo meu corpo.

Ridículo. Eu precisava sair dessa situação. Quanto antes.

— Você é baixinho — eu retruquei. — Para um homem.

Ele terminou de prender o microfone, mas manteve a cabeça no meu nível e me olhou nos olhos. Por uma fração de segundo, me perguntei se ele ia me beijar. É claro que não ia, então me senti imediatamente sem graça. Engoli em seco. Ele manteve o olhar firme e fez uma cara maliciosa, como se gostasse de me deixar desconfortável.

Bem, eu não permitiria. Estreitei meus olhos para ele, quebrando o feitiço.

— Está olhando *o quê*?

Ele não desmontou, mas se endireitou e afastou o olhar.

— Ah, eu? Só estou vendo com o que vou trabalhar aqui — e tirou uma câmera maior da sacola.

— E o que seria exatamente? — Eu perguntei, me aprumando contra uma rajada de vento.

— Acho que não vou descobrir tão cedo. — Ele pegou o rebatedor de luz e fechou o porta-malas. — Vamos?

Eu assenti e caminhamos em direção à praia. Só quando eu estava alguns passos atrás dele soltei um longo suspiro, como se eu tivesse esquecido de respirar pelos últimos dez minutos.

✷

Não fomos direto para o farol. Dex achou que seria melhor filmar alguns planos abertos onde era cênico.

Estava na praia de frente para ele, em direção ao norte. O farol estava em destaque no plano de fundo. Dex originalmente queria uma tomada do oceano batendo violentamente atrás de mim, mas a quantidade de respingos do mar estava danificando a câmera, sem mencionar que soprava meu cabelo para a frente. Levou segundos para ficar claro que eu não poderia ser uma boa apresentadora parecendo o Primo Itt.

O rebatedor de luz foi colocado em ângulo aos meus pés. Apoiei o All Star sobre ele para evitar que voasse longe, por sorte ele só estava me gravando da cintura para cima. Afinal, minha bunda gorda não precisava aparecer no filme.

Dex montou o tripé por precaução, para manter a câmera parada contra o vento.

— Caramba, que bom que eu trouxe os microfones sem fio; senão o som ficaria uma droga — ele grunhiu olhando a tela da câmera.

Ele agia ainda mais como um tirano quando estava com a câmera na frente do rosto. Eu fazia o que ele mandava e tentava seguir o fluxo, mas podia ver a mente dele indo a mil e seus olhos buscando todas as possibilidades do espaço na frente dele. Parecia um cientista louco.

Ele mexia e remexia no foco, fazendo minúsculos ajustes e observando atentamente a tela. Eu não tinha certeza do que ele estava procurando ou para onde estava olhando precisamente. Só torcia para que ele não tivesse dado *zoom* no meu nariz.

Suspirei e olhei para o oceano. Não sentia o familiar fluxo e refluxo de emoções que eu geralmente sentia quando ficava na praia. Hoje o oceano estava mais estranho. Frio, áspero e pronto para me levar embora. Enquanto as ondas voltavam, puxavam a areia como dedos desesperados, tentando me alcançar.

— Fique aqui — Dex disse baixinho. — Não se mexa.

Tentei ficar onde estava, olhando o mar.

— No que estava pensando? — Ele perguntou interessado.

Eu queria me virar e olhar para ele.

— Nada.

— Você pensa demais.

— Se está dizendo… Já posso me mexer?

— Saco, faça o que quiser. O momento se perdeu.

Eu olhei para ele. Ele se endireitou e esticou os braços sobre a cabeça. Sua camisa se ergueu um pouco, deixando à mostra a barriga chapada com um fino rastro de pelos que desapareciam na barra de sua cueca. Afastei o olhar antes que ele me visse encarando.

— Desculpe — disse a ele. — Bem, e agora?

Ele suspirou longa e exageradamente, juntou as mãos e olhou para mim como havia feito no carro, através de mim. Estremeci. Tenho certeza de que foi por causa do frio, e não porque às vezes eu achava seus olhos inquietantes.

Seus olhos deixaram de olhar através de mim para olhar para mim. Ficaram consideravelmente relaxados. Ele virou a cabeça para o lado.

— Você trouxe alguma coisa mais quente para usar? Quer meu gorro?

Balancei a cabeça.

— Estou bem. Valeu.

Ele me olhou por alguns segundos, como se estivesse verificando se eu estava mentindo.

— Sou eu que estou te dando calafrios?

Dei uma risada nervosa. Normalmente eu teria dito qualquer coisa para a outra pessoa se sentir melhor, mas com Dex eu descobri que ser direta era a única alternativa.

— Bem, sim — disse encolhendo os ombros. — Para quem não é transparente, como você disse, parece até que você consegue enxergar através de mim.

Ele sorriu.

— Aprecio sua honestidade, Perry Mason. Se eu continuar te dando calafrios, me avise.

Eu me sentia melhor agora que tudo estava claro. Contudo, apesar de não ter problema contar a ele que me perturbava de vez em quando, por nada no mundo diria que ele ficava cada vez mais bonito.

— Muito bem, vamos fazer uma tomada rápida aqui. — Ele acenou para eu ficar parada. — Tire o cabelo do rosto e vire para a direita, por favor.

Eu me estiquei e juntei o que pude do cabelo. Fiz uma careta ao tocar minhas mechas, bagunçadas e embaraçadas com o vento e o sal. Ele sorriu para a imagem na câmera. Estava provavelmente rindo de mim. Olhei para a câmera.

Ele levantou o olhar.

— Quando eu disse que você não era transparente, falei sério. Tem muita coisa rolando aí dentro de você. — Deu uma batidinha na lateral da cabeça.

— Não temos todos? — Zombei. Eu me senti vagamente insultada. Só porque eu tinha vinte e dois, e não trinta e dois, não significava que eu não houvesse passado por muita coisa. Dex afastou a atenção da câmera e me olhou direto nos olhos, desta vez com sinceridade.

— Desculpe — ele disse, sua voz baixa, quente e séria. — Não queria te depreciar de forma alguma, tá?

Eu posso não ser transparente, mas ele era terrivelmente bom em ler meus pensamentos, ou pelo menos meu rosto.

Ele assentiu, aparentemente satisfeito com minha falta de resposta, e se virou para a câmera novamente.

— Vamos lá, se lembra do seu texto?

Diabos, texto? Quando o assunto do texto surgiu?

— Que texto?

— Eu não te dei um texto? — Ele coçou a cabeça.

— Não, Dex. Me deu um dever de casa de história, mas nenhum texto.

Ele pensou e deu de ombros.

— Dane-se. — Acenou para mim. — Invente algo.

— Sobre o quê?

— Sobre o farol, sobre o que poderemos vivenciar. Apresente o programa; conte-nos uma história. Ação! — Ele apontou para mim.

Ah, Deus, isso era pior do que ser chamado à frente da classe quando você não fez a lição de casa.

Eu pigarreei.

— Boa tarde. Bem vindo ao… — Parei. Eu de fato não sabia o nome do nosso programa — Blogueira… Fantasma. O mistério de hoje gira em torno dos mistérios… do… desse farol.

Eu apontei para o farol como uma daquelas gostosas cafonas que apresentam prêmios em programas de auditório. Minha mente estava girando freneticamente, tentando encontrar ideias mais rápido do que eu podia falar.

— O Farol Rocky Point tem uma história interessante e sórdida — uma história que eu estava prestes a inventar —, ele foi construído na virada do século para alertar navios aportando; porém, após apenas dez anos de serviço, começou a ter problemas mecânicos. Pelo menos imaginaram que eram mecânicos, porque não importa o que tentassem, a luz continuava se apagando ao escurecer. Começaram boatos de que o farol era assombrado, pois ficava invisível para os navios que passavam. Logo foi abandonado e lacrado e um novo farol foi erguido num afloramento rochoso mais adiante na costa.

Apontei para a praia, torcendo para que Dex seguisse meu dedo e tirasse a pressão de mim por um momento. Eu não tinha ideia de que diabos eu estava falando e nem de por quanto tempo poderia continuar falando. Entretanto, a câmera ficou em mim. Os olhos de Dex me encontraram por um segundo e me encorajaram silenciosamente a continuar. Eu respirei fundo…

— Porém, o horror e a tragédia também encontraram aquele farol. Na véspera do dia em que seria ativado, um navio mercante bateu nas rochas próximas ao farol durante a noite. O navio afundou, junto com dezesseis homens e duas mulheres que se afogaram nas ondas. Pelo menos é o que dizem os registros oficiais. Uma lenda diz que uma das mulheres ficou à deriva num pedaço de madeira até chegar à praia. Logo ali.

Olhei para trás, para a costa rochosa além do farol e do penhasco.

De repente, eu não podia respirar. A imensa pressão de espinhos gelados tomaram meu corpo, e eu congelei no lugar.

Eu olhei perdida para o mar e de repente meu mundo escureceu.

Eu estava parada sob o farol, ondas quebravam nas minhas costas, e minha atenção estava voltada para a vista acima. No penhasco estava o homem de preto, seus dedos apontando direto para o mar e o céu enegrecidos. Atrás dele havia outra figura, obscurecida pelas sombras.

A luz do farol se acendeu, e naquele instante de iluminação absoluta, pude ver essa outra figura. Era eu.

Era eu, parada lá, clara como o dia, lentamente buscando o ombro do homem de preto.

Senti dedos me agarrando.

Eu me virei e gritei.

Estava de volta à praia, à luz do dia. Dex estava parado ao meu lado com a mão firme no meu ombro. Levei alguns segundos para conseguir parar de gritar e perceber para o que eu estava olhando.

Ele agarrou meu outro ombro.

— Perry. Perry, sou eu, Dex. Você está bem? O que houve?

Meus olhos passaram por seu rosto incapazes de focar. Ele apertou meus ombros e me puxou para mais perto dele. Teria sido bom, se eu não estivesse surtando pra caramba.

— Perry, olhe para mim. *Olhe* para mim. — Ele colocou seu rosto mais perto até eu não ter escolha senão focar aquelas órbitas castanhas dele. Eu podia ver que ele estava tão assustado quanto eu. — Está aqui agora. Comigo. Está bem? Está tudo bem.

Eu assenti e respirei fundo. Ele não soltou meus ombros nem saiu de perto do meu rosto. Estudou implacavelmente meu semblante. *Aquela marca de expressão está mesmo entalhada lá*, eu pensei vagamente.

— O que houve? Você se virou e congelou. Ficou completamente branca. Eu fiquei te chamando sem parar. Não conseguia me ouvir?

Balançando a cabeça, eu disse a ele que não conseguia ouvir nada.

— Eu não estava mais aqui. Estava em outro lugar.

— Onde?

Eu afastei o olhar.

— Não sei. Em lugar nenhum. Acho que eu estava sonhando.

— Para onde foi? O que viu? — Ele me balançou levemente. Isso me lembrou de algo. Eu me perguntei se ele já havia visto *Um corpo que cai* do Hitchcok, porque ele estava dando uma de Jimmy Stewart comigo.

Eu me afastei dele e caminhei alguns passos em direção ao oceano, consciente dos dedos espumosos das ondas, mas precisava de espaço para respirar.

— Melhor a gente voltar — Dex disse e se virou para pegar seu equipamento.

— Não! — Eu gritei, surpreendendo a mim mesma. E o surpreendendo também. — Desculpe, mas não. Vamos para o farol, planejar as tomadas para a noite e acabar logo com isso — eu disse através dos dentes cerrados.

Eu não ia deixar a operação toda ir abaixo porque eu estava tendo um surto sem sentido. Eu não ia deixar minha imaginação, porque só poderia ser minha imaginação, tomar conta de mim.

— Perry, não sei o que aconteceu com você, ou para onde você foi, mas não há vergonha em dar isso por encerrado. — Ele olhou sério para mim e também um pouco ansioso, imagino que do mesmo jeito que eu ficava quando lidava com Ada. A última coisa de que eu precisava ou que queria era que ele ficasse preocupado comigo.

— Não foi nada, Dex. Foi só um devaneio, tá bom? Vamos nessa.

— Eu me sinto responsável por você.

— Por quê? Por ter me chamado e tipo — comecei a imitar sua voz grave, falando com minha mão — “ah, olá, garotinha, você gosta de filmes de terror? Espero que possamos fazer um filme de terror juntos; talvez eu possa ganhar uns trocados com você. Espero que você goste de ler livros de história por livre e espontânea pressão”.

— Foi uma péssima imitação — ele comentou. — E só para esclarecer as coisas, não estamos fazendo dinheiro aqui. Acha que estou ganhando grana com isso? Eu pago meu combustível, pago meu quarto de hotel e esse equipamento aqui é todo meu. Acha que pode ficar rica com a internet só porque teve alguns acessos no seu blog? Não é assim que funciona. Você faz isso porque você quer fazer isso ou porque você não tem escolha. E você tem escolha, Perry.

Fiquei envergonhada com essa resposta, mas fiz uma expressão presunçosa.

— E minha escolha é continuar. Agora, eu posso me filmar sozinha se você preferir ir embora.

Dex sorriu, mas não era um sorriso feliz, e balançou a cabeça.

— Ei, não vou a lugar nenhum. Percebi que você ficou insegura com tudo isso desde o começo, e estou te dando uma saída.

— Bem, desculpe se eu pareci hesitante. — Revirei os olhos.

Ele tinha alguma ideia de como era estar no meu lugar? Eu me considero uma pessoa bem fácil de lidar, mas tudo tem limite. Dois dias atrás eu estava aproveitando o brilho de ter escrito meu blog. Agora, eu estava de volta ao farol com alguém que eu mal conhecia e quem eu estava cada vez mais convencida de que era levemente desequilibrado, para filmar a coisa toda — de novo — esperando que virasse algo que o mundo todo visse. Achei que estava assimilando tudo o mais depressa que podia.

— Está bem. — Dex terminou de guardar o tripé na sacola e a entregou a mim. Então estendeu a mão. — Amigos?

Equilibrei o tripé no ombro e estendi lentamente minha mão. Eu não tinha certeza se Dex era meu amigo ou não; eu não tinha certeza de que podia confiar nele. Mas havia algo que me compelia a ser parte da vida dele, de alguma maneira, mesmo que fosse só por dois dias nessa selvagem Costa Oeste.

Ugh, eu estava ferrada.

— Amigos — eu disse, e sorri timidamente.

Apertei sua mão. Estava quente e senti novamente uma onda de energia passar por mim, criando arrepios internos. Fiz força com os dedos para corresponder seu aperto firme.

Tudo pareceu desacelerar. As ondas estavam abafadas; o vento bagunçava meu cabelo num estupor nebuloso. Na minha cabeça, eu podia me ver dando um aperto de mão nessa praia, me comprometendo com… alguma coisa.

✷

Estou feliz em relatar que o resto da excursão ao farol aconteceu sem mais complicações. Consegui afastar o medo da cabeça, não me deixando pensar sobre os sonhos e o que eles poderiam significar. Era difícil, especialmente quando eu sentia as pontadinhas de terror enraizadas em alguma lembrança

turva, rastejando para mim de cada canto. Eu me dizia que não era nada além de um *déjà vu* por ter estado lá uma semana antes.

Mesmo estando claro do lado de fora, o farol ainda era sinistro pra caramba. Talvez até mais, considerando que você podia ver cada linha decrépita e teia de aranha cinza em detalhes.

O tio Al havia pregado novamente a placa que eu havia chutado, mas por sorte Dex estava inclinado a um modo mais racional de entrar no farol, com a chave mestra.

A fechadura se destrancou com um som gratificante. Já a porta precisou de um ou dois vigorosos empurrões de Dex, mas abriu com um rangido bem dramático que ecoou pelo cômodo. Dex entrou e olhou ao redor. Eu permaneci lá fora.

— Não vai entrar? — Ele perguntou. — Prefere ficar aí fora enquanto eu dou uma olhada?

O ar que vinha do cômodo era velho, como se nada ali tivesse respirado por centenas de anos. Estava escuro como carvão, e eu só podia enxergar um leve contorno de uma mesa. Mas ficar lá fora também não parecia muito seguro.

Eu balancei a cabeça. Entrei timidamente e tossi com o ar pesado. Dex empurrou ainda mais a porta para permitir que mais luz entrasse.

— Imagino que você não teria uma lanterna por aí, certo? — Ele perguntou.

— Serve o iPhone? — Eu mostrei para ele.

Ele abanou a cabeça e olhou para o canto mais distante da sala, forçando a vista.

— Só vou forçar a porta ali e ver se funciona. Não quero nenhuma surpresa esta noite.

Eu o vi desaparecer na sombria neblina de partículas suspensas de poeira. Olhei ao redor do cômodo, inspecionando. A mesa era feita de carvalho (ou de alguma madeira robusta) e se sustentava em pernas grossas, esculpidas. Comparei-a brevemente ao meu corpo. Ela estava coberta por uma boa camada de uma gosma escura. As paredes estavam nuas e acinzentadas, salvo por algumas pinturas náuticas a óleo que ainda estavam penduradas, deslocadas. Uma pilha de cadeiras e um armário estavam num canto e havia um fogão enferrujado na parede.

Ouvi Dex lutando com o cadeado na escuridão.

— Então, me diga — sua voz ecoou. — Onde você leu sobre as duas mulheres que estavam a bordo do navio que afundou?

Eu tremi e afastei os pensamentos da cabeça.

— Inventei. Podemos não falar sobre isso aqui, por favor?

Ele fez uma pausa na escuridão por vários segundos e enfim concordou.

— Tá.

A chave voltou a chacoalhar.

— Isso!

Ouvi a porta rangendo enquanto abria.

— Ótimo. Podemos sair daqui agora? — Eu perguntei. Quanto mais eu ficava lá vendo minha sombra dançar na poeira ao meu redor, mais meus olhos começavam a me pregar peças.

— Não quer verificar o segundo andar? — Ouvi sua voz mais abafada, como se ele estivesse fora do cômodo, na escadaria do hall.

Eu podia ver na minha mente. Os traços de algas nas escadas. Queria avisá-lo para não subir, para tomar cuidado com cada passo. Em vez disso, fugi do prédio, para o iluminado e uivante vento do lado de fora.

Olhei para o céu, de olhos bem abertos, e enchi o peito com o começo da noite.

— Desculpe.

Pulei de susto e olhei para Dex, que havia saído do prédio.

— Não precisamos subir até mais tarde, de qualquer forma. Apesar de eu achar que haverá acontecimentos suficientemente interessantes lá embaixo. — Ele se virou e trancou a porta atrás de si.

Eu não queria nem começar a pensar que “acontecimentos” poderiam ser esses.

CAPÍTULO NOVE

APESAR DO FATO DE QUE AINDA IRÍAMOS voltar ao farol mais tarde naquela noite, eu fiquei extremamente feliz (e aliviada) quando voltamos para a casa aquecida e aconchegante e encontramos os gêmeos jogando videogame e uma bela bagunça de comida chinesa na mesa da cozinha.

— Bem na hora! — Tio Al exclamou quando passamos pela porta. — Por favor, sentem-se, vocês devem estar com fome. Estão pálidos como… fantasmas! — Disse dando risada.

Dei um sorriso amarelo e me joguei numa cadeira.

— Meninos! — Al gritou na sala, sua voz retumbante. — Larguem esse maldito videogame e venham comer!

Ouvi os gêmeos resmungando da outra sala, e em seguida eles apareceram, com os olhos avermelhados como se tivessem acabado de acordar de um cochilo ou de um coma gráfico induzido.

— Ei, prima — Matt bateu nas minhas costas. Olhou para Dex e de novo para mim. — Esse é um dos fantasmas que você achou no farol? — Ele trocou um olhar de sarro com seu irmão.

Eu levantei minhas mãos sarcasticamente em derrota.

— Rá-rá. Esse é o Dex. Dex, esses são meus primos, Matt e Tony.

Dex deu a eles uma casual continência e um aceno de cabeça.

— Eu ia perguntar qual é o gêmeo malvado, mas provavelmente vocês dois são. Certo?

Matt e Tony trocaram um olhar preocupado, mas sorriram quando perceberam que Dex estava brincando.

Tony riu e olhou para mim.

— Onde achou o piadista?

— Putz, foi no farol — Dex brincou.

— Meninos, sentem-se e calem a boca! — Mandou Al, jogando pratos de papel pela mesa à nossa frente e mantendo olhos em Dex e nos gêmeos. Eu percebi que ele não sabia até que ponto os filhos podiam brincar com Dex. Algo me dizia que ele já estivera em situação semelhante antes. Os gêmeos eram um pouco volúveis de vez em quando, e eu também não conhecia Dex bem o suficiente (ou praticamente nada) para saber o que esperar dele. “Espere o inesperado” parecia ser seu lema.

Os meninos se sentaram obedientemente e começaram a colocar montanhas de *chow mein* em seu prato.

— Meninos! — Al gritou novamente. — Os convidados primeiro.

Ele lançou um olhar de desculpas para Dex e para mim.

— Não se preocupe, tio Al — Dex disse. Eu não pude evitar o sorriso pela sua escolha de palavras. — De onde eu vim, é costume os convidados comerem por último. Sabe, como a leoa, que come antes de alimentar seus filhotes.

— E de onde você veio?

— Seattle — Dex respondeu.

Al riu.

— Então lembre-me de nunca comer na sua casa!

— Ah, você não sabe o que está perdendo. Minha namorada é uma cozinheira de mão cheia. — Ele se encostou na cadeira, com um sorriso presunçoso. Seus olhos brilhavam bastante. Eu não gostava de quanto ele parecia mais relaxado, mais adorável, quando a mencionava.

— Namorada? — Matt perguntou e olhou para mim desconfiado, enquanto me passava uma caixinha de porco agridoce. Dei a ele um olhar, demonstrando que eu não estava nada interessada em Dex. — Ela é gostosa?

— Ah, pfff — eu o censurei. — Não interessa!

Dex olhou para mim surpreso.

— Claro que interessa. — Ele olhou para os meninos e para Al. — Para sua informação, ela é, sim.

Ah, pelo amor de Deus. Por favor, não me diga que é a Jennifer.

— Gostosa quanto? — Tony o provocou.

Dex tirou a carteira do bolso de trás e tirou uma foto do tamanho de foto de passaporte. Ele passou pela mesa para Tony, que dividiu com Matt. Eu não conseguia ver de onde eu estava.

Os olhos de Tony e Matt se arregalaram. Até Al olhou e soltou um assobiozinho.

— Sério? *Esta* é sua namorada? — Matt perguntou incrédulo.

— Ou isso ou alguma gostosa aleatória que eu estava catando numa cabine de foto. Saio em vantagem mesmo assim. — Dex sorriu, e pela primeira vez eu não fiquei encantada com seu sorriso. Eu me senti rebaixada. Mais baixa do que uma habitante das cavernas numa caverna bem funda. Prontamente me ocupei de me entupir de comida.

— Ela parece bem familiar — Tony refletiu.

— Bem, ela saiu na revista Maxim — Dex anunciou.

Eu engasguei com um pedaço de porco ao mesmo tempo em que os gêmeos gritaram.

— Maxim?!

Comecei a tossir, meu rosto foi ficando vermelho. Todo mundo se virou para olhar para mim.

— Está bem, Perry? — Al perguntou, prestes a se levantar.

Eu assenti freneticamente e acenei para ele se sentar de volta. Era só o que me faltava.

Os meninos voltaram sua atenção para a foto, mas pelo canto do olho eu podia ver que Dex estava me olhando. Eu me recusei a olhar para ele.

— Por que ela estava na Maxim? Ela é famosa? — Tony perguntou.

— Já viu *Gatas do Vinho?* Passa no site Shownet, mas também é bastante visto no YouTube. — Dex ainda olhava para mim enquanto dizia isso.

— Não brinca! — Matt gritou. — Adoro esse programa! Quero dizer, já assisti. Ela é uma das gatas.

— É aquele vídeo das meninas que recomendam qual hambúrguer do McDonald’s combina melhor com determinado vinho? — Al perguntou. Eu olhei para ele surpresa. Ele me deu um olhar de explicação. — Nem sei mexer direito na internet, mas já vi.

Dex voltou sua atenção ao Al (graças a Deus).

— Já viu? Que demais! Bom saber que a audiência demográfica está se ampliando. Sim, é minha namorada, Jennifer Rodriguez. Eu sou o cameraman do programa e compositor.

— *Ela* é sua namorada? Então que diabos está fazendo com ela? — Tony disse, com uma cara enojada e obviamente se referindo a mim.

— Ei! — Eu exclamei indignada.

Dex riu.

— Negócios. Preciso fazer o que o chefe manda!

Minha boca caiu. Negócios? Chefe? Esse maldito programa foi ideia dele, porra! Desculpe a boca suja. Aquele mentiroso nojento!

Agora era Dex quem ignorava meu olhar descarado. Cara, se olhar matasse, eu estaria tentando cometer um triplo homicídio, contando com o meu.

Al me chutou embaixo da mesa. Virei a cabeça para ele, e ele me deu um olhar preocupado. Tenho certeza de que ele achou que eu estava prestes a perder a cabeça. Já fui bastante conhecida por surtar com meus pais — meu temperamento não é exatamente comedido —, então acho que ele pensou que eu faria o mesmo com Dex. Ele provavelmente ficou um pouco inseguro sobre como lidar com a ira feminina. De qualquer forma, ainda que Dex e os meninos não notassem o meu rosto vermelho e o ranger de dentes, o tio Al com certeza notou.

Eu respirei lentamente, me recompus e comecei a enfiar mais comida na boca. De repente eu não fazia ideia de qual era a verdade. Dex estava lá porque ele queria estar ou o quê? Isso era mentira ou a mentira era tudo o que ele havia me dito antes?

Eu estava tão puta da cara.

— Uau! — Tony disse e passou a foto de volta para Dex. Fiquei feliz de ele não tentar mostrá-la para mim,

O resto do jantar foi fácil — para eles. Eu fiquei apenas me censurando por ter me atraído por Dex e até chegar a pensar que ele poderia se atrair por mim. Na verdade, eu nunca cheguei a de fato pensar isso, mas acho que inconscientemente devo ter desejado, porque estava me sentindo tão idiota e frustrada por causa da “namorada gostosona” dele. Por fora, porém, eu levei numa boa. Ri das piadas idiotas do tio Al e fingi estar interessada nos jogos de

videogame que Dex e os gêmeos discutiam. Fugi do contato visual com Dex para evitar que seus olhos curiosos captassem algo. Eu não tinha dúvida de que ele perceberia como eu me sentia por dentro; e para o bem do meu orgulho, eu preferia que ele achasse que eu sou uma vaca antissocial a deixá-lo saber a verdade.

Quando o jantar acabou e os gêmeos convenceram Dex a ver algumas partidas de algum jogo tosco de zumbi que eles estavam jogando, eu fui até o gabinete de bebidas do tio Al na cozinha.

Al me olhava atentamente enquanto jogava os pratos de papel no lixo.

— Posso preparar algo para você, Perry — ele ofereceu com doçura. Percebi que ele estava pisando em ovos.

Peguei uma garrafa de vodca. Ah, a companheira vodca.

— Não, tudo bem. Eu só preciso de algum suco.

Ele abriu a geladeira e me passou uma caixa de um suco de laranja encorpado e me viu preparando a bebida. Eu estava ficando cansada de gente me observando o dia todo.

— É um sujeito interessante — ele disse baixinho.

Eu dei um lento gole no drinque. Estava bem forte. Eu não estava acostumada.

— Só tome cuidado — ele disse, olhando para a sala. — Sei que você é uma mulher crescida agora, mas ainda é minha sobrinha; e seus pais me matariam se você se machucasse.

— Vou ficar bem. Eu sei me defender, lembra? Joelhada? — Eu brinquei e fiz um movimento de chute com minha perna direita.

Tio Al sorriu.

— Ah, eu lembro, Perry. Assisti a suas apresentações de caratê. Mas você entendeu o que eu quero dizer. Esse cara é bem mais velho do que você e tem interesses próprios. Divirta-se. Aproveite o momento. Eu realmente espero que você tire algum proveito no final. Mas cuide do coração, tá, *bella*?

Dei um olhar cansado para Al.

— Coração? Ah, deixa disso, tio Al. Acabei de conhecer esse cara. Os homens são a última coisa em que quero pensar no momento, especialmente um do tipo desse aí. Já tenho dificuldade em lidar comigo mesma, imagine ter de lidar com a cabeça de mais alguém.

Ele deu uma risadinha e assentiu.

— Eu sei, mas que tipo de tio eu seria se eu não tentasse proteger a pequena Perry?

Ele pegou o telefone e passou para mim.

— Aliás, ligue para sua mãe. Ela telefonou algumas vezes antes do jantar. Não quis te dizer até você botar comida no corpo.

Eu suspirei ranzinza e peguei o telefone.

✷

Quando terminei de falar com minha mãe, estava indescritivelmente exausta, prestes a me jogar no sofá sem pensar em nada e assistir aos gêmeos jogando, quando um estrondo explodiu e por um segundo a casa toda sacudiu. A porta da cozinha se abriu, fazendo os pratos de papel que restavam na mesa voar.

— O que foi isso?! — Eu gritei. Torcia para que não fosse o começo de um terremoto, uma vez que estávamos em área sujeita a tsunamis.

Dex deu um pulo. As janelas começaram a chacoalhar, e Al correu de seu escritório para a porta da cozinha.

— Acho que agora a tempestade está começando para valer! — Ele gritou.

Ele foi fechar a porta, mas Dex passou correndo por ele e saiu para a noite de tempestade.

— Ei! — Al gritou atrás dele. — Cuidado!

Adoro tempestades. Corri atrás de Dex. Al tentou me segurar, mas eu o driblei.

— Perry — ele chamou, mas os gêmeos também me seguiram, e Al ficou em desvantagem.

Eu me virei e o vi fechar a porta, nos espiando pela janela.

O tempo estava absolutamente selvagem; as rajadas de vento vinham tão fortes e diretas que às vezes era difícil ficar de pé. Ainda não estava chovendo, mas o ar estava pesado, como se estivesse prestes a despencar a qualquer minuto. O rugido forte de trovões sacudia o céu e o chão. Esperamos, espalhados na grama escura, olhando em direção ao oceano e segurando o fôlego para que os raios aparecessem. Alguns segundos depois (nove segundos, para ser exata) rajadas de relâmpagos surgiram das nuvens pesadas até as ondas revoltas no horizonte.

Foi durante o flash de um raio que eu vi algo que nunca havia visto antes. Ao longe, havia uma ilha solitária, com a silhueta de uma bigorna. No topo daquele morro havia o que parecia ser outro farol.

Igual àquele que eu havia inventado.

Congelei, mantendo meus olhos naquele ponto mesmo quando os relâmpagos cessaram e minha visão encontrou apenas o escuro.

Enquanto os meninos faziam ruídos impressionados com a demonstração da Mãe Natureza, eu esperei pelo próximo raio para que pudesse ter uma vista melhor. Era estranho que eu nunca houvesse visto aquele farol antes, e ainda mais estranho eu ter falado sobre ele mais cedo. Talvez eu tenha visto através da neblina e nunca o tivesse reconhecido conscientemente. Talvez eu tivesse lido sobre ele nos livros de história sem prestar atenção.

Trovões sacudiram o ar com mais força do que antes; a vibração sacudiu ao redor do meu crânio como bolas numa máquina de lavar. Eu comecei a contar, e no cinco o raio caiu.

Desta vez ele se ramificou em feixes que se bifurcavam, alguns de lado, indo em direção ao farol fora da praia, que agora estava claramente iluminado. Não havia dúvida de que estava lá.

— O Farol Tillamook — Dex disse. Eu olhei para o lado. Ele estava à minha direita, e eu nem havia notado. As maçãs de seu rosto pareciam sombras obsidianas contra a luz trêmula da entrada da casa. Eu não conseguia ver seus olhos, mas conseguia senti-los. Ele estava olhando para mim, e não para o show de raios.

— É como a história que você inventou — ele disse sem empolgação. — Precisamos fazer isso. Agora.

Assim que disse isso, outra rajada de vento forte me balançou e um trovão rugiu, só que mais perto. Era definitivamente um sinal de Deus para não seguirmos para o farol, mas Dex já havia se virado correndo de volta para a casa.

— Coloque roupas e sapatos mais apropriados — ele gritou sobre o ombro.

— Vocês são loucos — Tony disse quando passou por mim. Matt me deu um empurrão para que eu seguisse com eles. Ele se inclinou.

— Concordo— ele disse. — Tome cuidado.

Essa era provavelmente a primeira vez que vi meus primos agindo remotamente como irmãos comigo. Acho que de todos os momentos em que eles

poderiam ter escolhido para começar a agir assim, escolheram o pior deles.

✷

Dex e eu seguíamos novamente pela praia em direção ao farol. Agora, porém, era um milhão de vezes diferentes do que havia sido à tarde.

Para começar, tínhamos menos da metade do equipamento. O tripé, o equipamento de som e as luzes ficaram para trás. Dex estava com sua câmera no ombro, e era isso.

Além de tudo, estávamos cercados pela completa escuridão. A lua permanente sepultada em algum lugar daquele céu conturbado, e a única luz que tínhamos vinha dos relâmpagos que se moviam para o norte e em direção a terra. Relâmpagos não eram exatamente a luz mais agradável para o caminho, especialmente quando os flashes foram ficando mais fracos e espaçados.

Para melhorar, estávamos no meio de uma tempestade cada vez mais violenta. A chuva estava começando a cair esporadicamente, apesar de termos sido poupados do impacto de uma total enxurrada até então. As rajadas de vento vinham mais fortes e furiosas a cada minuto, parecia que a praia toda estava sendo jogada no meu cabelo. Sem mencionar o número de vezes que me derrubou na areia, e eu não sou levinha.

Por sorte, nas primeiras vezes que meus coturnos não conseguiram me sustentar nas dunas escorregadias, Dex estava lá para puxar meu braço e me ajudar. A luz do meu iPhone era completamente inútil nesse momento, então tive de guardá-lo para evitar que a areia ficasse depositada nele para sempre.

Dex ainda tinha uma lanterna que havia pegado emprestado do Al. Era pequena e não iria durar muito, mas ainda era uma fonte de luz. Havia a luz da câmera também, mas esse seria o último recurso. Considerando que Dex disse que ele mesmo pagou pelo equipamento, não ficaria surpresa se ele não sacasse a câmera até estarmos dentro do farol e a salvo de adversidades.

Segundos após afastar a mão de Dex no escuro (ele estava me ajudando a ficar de pé, não seja pervertido), perdi novamente o equilíbrio. O vento uivava ao meu lado, e a ponta da minha bota se enroscou no mato espalhado pelas dunas.

Eu caí para a frente em câmera lenta e meti o rosto na areia. Não doeu, mas fez me sentir uma idiota.

Respirei areia por alguns momentos e me virei no chão de bunda. Minha visão ficou negra… Até minha jaqueta amarela, escolhida justamente por ser clara e capaz de chamar a atenção estava turva, cinza e granulosa.

Eu esperava que Dex me desse a mão a qualquer momento, mas não conseguia senti-lo perto de mim.

— Dex? — Disse hesitantemente. Minha voz era quase inaudível ao vento. Meu cabelo voava na minha boca, com gosto de peixe velho.

— Dex! — Gritei mais alto.

Escutei atentamente, prendendo o fôlego, mas só conseguia ouvir o vento uivando e o leve bater das ondas carregado por ele.

Com muito cuidado, fiquei de pé, me mantendo o mais próximo possível do chão. Era tão desorientador estar no escuro sem a menor ideia do que era leste ou oeste, de onde o farol estava, de onde a casa estava, ou de onde Dex estava. Na verdade, quanto mais eu pensava nisso, mais entrava em pânico.

Um relâmpago estourou novamente ao longe. Não era o suficiente para iluminar nada perto de mim, mas pelo menos eu podia deduzir para onde ficava o norte — eu estava virada para lá.

Eu me virei, sabendo que tinha de ir para o sul e subir um pequeno morro para chegar ao farol. Era onde Dex devia estar. Ele estava com a lanterna, afinal de contas.

E eu tinha meu celular. Tirei-o do bolso e acionei o aplicativo da lanterna. A não ser que a luz estivesse a menos de meio metro de distância, eu não podia ver porra nenhuma.

Passo vacilante após passo vacilante, segui em frente, esporadicamente chamando por Dex, até meu pé deixar a areia instável e chegar a um lugar duro, firme e inclinado. Senti como se estivesse subindo a mesma área que subi na semana anterior.

Eu me arrastei pela encosta, agarrando a grama molhada e as pedras soltas até finalmente estar no topo do penhasco. Eu parei para arrumar fôlego, então dei alguns passinhos rápidos caso eu ficasse cansada e acabasse dando um passo errado próximo demais da beirada.

E agora? Graças a Deus o chão era regular, mas eu estava extremamente cega. Mesmo achando que meus olhos se acostumariam à escuridão, o máximo que eu conseguia enxergar era minha mão à frente do rosto.

— Dex! Por favor, cadê você? — Eu gritei. Não queria soar em pânico, mas sentia como se fosse ter um enorme ataque de pânico se não o encontrasse logo, ou o farol, ou algum sinal de humanidade.

Fechei os olhos por dez segundos e contei. Esperava que quando os abrisse minha visão noturna estivesse um pouco melhor. O mais assustador, apesar da proteção que minhas pálpebras forneciam contra o vento secante, era que não fazia muita diferença estar de olhos abertos ou fechados.

Quando cheguei ao zero, abri lentamente os olhos e rezei para que eles tivessem se ajustado ao escuro. Nada. Tudo parecia igual.

Só que…

Havia uma luz. Juro que havia. A não ser que meus olhos estivessem pregando uma peça em mim.

Eu forcei a vista, sem ter muita certeza para qual direção. Ao longe havia um brilho caloroso que piscava rapidamente.

Comecei a seguir desajeitadamente em direção a essa luz. Minhas pernas davam passos cuidadosos enquanto meus braços tateavam à frente, caso eu batesse em algo. Ou em alguém.

Afastei da cabeça os pensamentos assustadores e mantive os olhos focados na luz. Quanto mais eu andava, mais perto a luz se tornava, até eu ter certeza de que era algum tipo de fogueira.

Quem acenderia uma fogueira com um tempo desses? Eu não sabia. Talvez fosse Dex tentando atrair minha atenção.

Eu estava perto agora. O chão se transformou em um caminho coberto por folhas. Senti pingos nos meus ombros e notei que o vento havia diminuído. Ainda soprava constantemente, mas de certa forma canalizado. Eu estava na floresta. Não era um bom lugar, mas a luz estava a poucos metros de distância.

Eu não conseguia distinguir até eu estar bem na frente. Não era uma fogueira, mas uma lanterna pendurada no galho de uma árvore morta. A lâmpada iluminava os troncos próximos e deixava o resto da mata numa sombra sinistra.

Era diferente de tudo que eu já havia visto na vida real. Parecia exatamente um lampião a óleo de um livro de história.

Eu o tirei do galho e segurei-o sobre os olhos doloridos. O vidro era alto e em forma de uma chaminé. O lampião era velho, manchado e queimado em alguns lugares. Sua base era pesada e feita de metal, com uma pequena manivela

ajustável do lado. A chama era de um amarelo claro vivo. Não pareceria deslocado se estivesse num romance gótico, mas aqui, numa floresta ao lado da praia, não combinava.

Crac.

Um galho se quebrou atrás de mim. Eu me virei, pronta para jogar o lampião fedorento no rosto de alguém. Contudo, não havia ninguém ali. Apontei a luz na direção do ruído, mas só vi a escuridão profunda.

Senti o imenso desconhecido atrás de mim. Eu me virei para o outro lado. Não havia escutado nada, mas estava com aquela sensação de quando estamos vendo um filme de terror e a pessoa entra numa sala escura sem verificar os cantos ou atrás das coisas. Você sabe que no instante em que se concentrar demais no que está à frente, algo vem e te pega por trás.

Dizer que eu estava aterrorizada era pouco. Minhas pernas e meus braços estavam formigando com um quadro frenético de arrepios. Minha respiração ficava mais curta a cada segundo. Eu não queria mais ficar na floresta, mas a planície aberta e o oceano rugindo não pareciam uma grande alternativa.

A única coisa que eu podia imaginar era que esse caminho no bosque era, na verdade, uma estrada. Eu me abaixei e examinei as folhas. Havia leves marcas de pneu com lama em algumas partes, e o caminho era largo o suficiente para um carro passar.

Talvez se eu seguisse o rastro para longe da praia, chegasse a uma estrada principal; ou ainda melhor, uma casa. Então poderia chamar meu tio e pedir que ele me buscasse.

Quem eu estava tentando enganar? Por que eu não ligava para meu tio agora mesmo?

Ansiosa, coloquei cuidadosamente o lampião de volta no galho da árvore morta e peguei meu telefone. Eu poderia ligar explicando o que havia acontecido e onde eu achava que estava e tudo ficaria bem.

Mas havia Dex. Eu provavelmente deveria esperar e ver se conseguiria encontrá-lo. Melhor ainda, eu podia ligar para ele também.

Liguei para o número de Dex e coloquei o celular na orelha.

Tocou duas vezes, depois um clique.

— Quem é?

Meu sangue esfriou. A voz era de uma mulher. Soava como Ingrid Bergman velha.

— Alô? O… Dex… Declan Foray está? — Eu perguntei com o coração na boca.

— Não. Não está — a mulher respondeu lentamente.

— Des… desculpe. Devo ter discado o número errado. — Olhei ao redor e apertei meu casaco naquela escuridão.

— Não é o número errado, querida. Ele não pode atender agora — ela disse lentamente, sua voz soava bem… perversa.

Ridículo, eu disse a mim mesma. *Você ligou para o número errado porque está escuro, e você está no meio do mato com uma tempestade, e atendeu uma velha que apenas quer conversar.*

— Você está certa. Eu quero sim conversar — a mulher continuou. — Por isso liguei.

Eu disse aquilo em voz alta? Coloquei a mão na testa. Estava úmida de suor.

— Eu te liguei — eu disse, quase sussurrando. — Peço desculpas. Estava ligando para meu amigo Dex e digitei o número errado.

Desliguei rapidamente e olhei para o telefone por alguns segundos. Era meu iPhone de sempre, cheio de músicas e aplicativos inúteis, mas parecia alienígena para mim.

Eu estava prestes apertar o botão *home* para ligar para meu tio quando minha visão começou a diminuir. Olhei para o lampião; a chama estava se apagando.

— Não! — Eu gritei e tirei-o da árvore. Virei freneticamente a roda de ajuste, esperando que soltasse mais gás ou cera ou seja lá o que tivesse lá dentro. Se não funcionasse, em poucos segundos eu estaria no escuro novamente.

Meu empenho não surtiu efeito. Quando a chama estava quase se extinguindo, porém, vi de canto de olho algo se mexendo.

Olhei para a esquerda. Havia outro lampião mais afastado na estrada. Ele cintilou bem quando o que eu segurava se apagou de vez.

Eu não sabia como este outro havia se acendido. Eu não sabia se havia alguém ali que o acendeu. Talvez a pessoa estivesse escondida atrás das árvores o tempo todo, me observando. Talvez fosse a velha do telefone.

Estremeci com meus pensamentos mórbidos. Eu poderia ficar no escuro pensando nisso ou ir até a luz. Pelo menos na luz eu poderia ver o que estava tentando me matar. Sei que não havia indícios de que alguém *estava* tentando me matar, mas o que quer que estivesse rolando não era normal, para dizer o mínimo. Minha imaginação e adrenalina estavam a mil. Eu quase podia sentir uma mão se esticando no escuro atrás de mim e pegando meu…

Não conclui o pensamento. Corri em direção ao outro lampião e tirei-o da árvore.

Era igual ao lampião anterior. A árvore era igual à árvore anterior. Eu havia corrido em círculo? Não, era impossível. Pensar nisso fazia minha cabeça rodopiar. Parar de pensar seria melhor, preservaria minha sanidade.

Com o lampião na mão, eu decidi seguir a estrada enquanto eu podia dar o fora dali.

Abri caminho através da densa mata de abetos molhados e carvalhos mortos. Cheiro de mofo subia a cada passo que eu dava, e o caminho à frente balançava com o movimento do lampião. O caminho fez uma curva e logo fui capaz de visualizar a depressão que só poderia ter sido criado por pneus. Meu sistema interno de navegação estava me levando para o norte, que era a direção do tio Al e exatamente aonde eu queria ir.

Eu não me importava se eu deixaria Dex sozinho na praia. Até onde eu sabia, ele poderia estar de volta em casa esperando por mim. Ou não esperando por mim e jogando videogame. Ou de volta ao motel falando com sua namorada gostosona ao telefone.

Esse último pensamento me deixou brava, e eu fiquei feliz com isso. Era melhor ferver como uma adolescente rejeitada do que absorver totalmente a situação aterrorizante em que eu estava.

Acho que corri por alguns minutos, a estrada constantemente se curvando na penumbra. Então, como antes, a chama começou a se apagar.

— Ah, caramba! — A força da minha voz me surpreendeu. Apesar de constrangedor, eu ainda assim esperava que alguém por perto tivesse escutado.

Balancei o lampião de um lado para o outro, gritando:

— Pooooorra! Vai se ferrar, lampião!

Transbordando de terror e raiva, peguei o lampião e o atirei contra uma árvore o mais forte que pude. O vidro se quebrou por todos os lados e faíscas se

espalharam pelas folhas e raízes. Por um minuto pareceu que a árvore toda iria pegar fogo; o que não seria de todo mal. Um incêndio na floresta pelo menos chamaria atenção, mas no final as folhas estavam úmidas demais e a luz se apagou.

Lágrimas se formaram no fundo de meus olhos. Eu queria me encolher, virar uma bolinha e chorar até meus olhos caírem. Meu coração estava disparado, meus membros pareciam anestesiados, eu não sabia quanto horror eu ainda poderia aguentar. Estava perdida no mato, no escuro, sem ter para onde me virar.

A escuridão era desorientadora. Me sentindo zonza, estiquei a mão até uma árvore para me apoiar. Mas minha mão acertou algo mais macio. Macio e quente. Como lã. Como um suéter. Como alguém usando um suéter.

Minha mão estava tocando o peito de alguém.

Eu puxei minha mão com um grito e comecei a abrir caminho o mais rápido que pude.

Estava correndo às cegas. O chão ondulava, e eu podia ter dado de cara com uma árvore a qualquer momento, mas de certa forma meus pés continuavam se movendo, um na frente do outro.

Antes de eu me dar conta, senti o vento no rosto, o cheiro de sal no ar e a grama úmida abaixo de mim. Apesar de estar na direção oposta de onde eu tinha certeza de que a estrada levava, eu estava no planalto novamente, onde o farol deveria estar. Continuei correndo até meus pés começarem a escorregar. Instintivamente eu soube que estava perto da beirada.

Eu parei, no instante exato, e coloquei meu peso nos calcanhares. Se o vento não estivesse soprando, batendo as ondas e me empurrando para trás, eu provavelmente teria despencado.

Pude ver o brilho nas cristas das ondas lá embaixo, e via a altura do penhasco que se estendia abaixo de mim. Respirei o mais fundo possível e rezei em silêncio, me forçando a não pensar no que havia acabado de acontecer. Agora que eu estava fora do mato e havia encontrado a praia, era só seguir o oceano à minha esquerda; não havia dúvida de que eu encontraria a casa do meu tio.

Eu soltei o ar e virei para o norte, pronta para caminhar de volta.

Uma luz veio ao meu lado. Lentamente ganhou vida no escuro vazio.

Eu cuidadosamente virei minha cabeça para a direita e vi o lampião — o mesmo lampião a óleo que eu havia acabado de quebrar momentos antes —

flutuando ao meu lado no ar.

Mas eu conhecia bem aquela luz.

O lampião se abaixou e pude ver um rosto, iluminado pelo brilho oscilante. Era o rosto de um homem esquecido. Morto e inchado. Sua pele descascava em pedaços gosmentos; pequenos parasitas saíam de suas orelhas e nariz. Eu havia visto aquele rosto antes, nos meus pesadelos mais sombrios. E agora estava bem na minha frente.

— Você derrubou isso — *a coisa* disse, um grunhido baixo de sua boca sem lábios.

Toda a força que eu tinha no momento usei para me virar e correr.

Segui por vários metros até o chão abruptamente ceder e eu ser lançada no ar. Aterrissei com um forte impacto na ladeira e caí em círculos vertiginosos.

Virando, rolando, caindo e caindo para sempre.

Até algo parar minha queda.

Alguém.

Eles gritaram.

Eu gritei.

Eu havia rolado me batendo a toda velocidade e fui solta novamente, parando dolorosamente sobre uma duna. Meu quadril suportou o impacto do meu peso e de ter rolado. Soltei um grito de dor.

— Perry! — Alguém gritou. Era uma voz grave e profunda, antes de qualquer coisa me lembrei de por que estava correndo. O rosto daquele homem sem pele, apodrecido, ocupava a minha mente.

Abri os olhos e tentei ficar de pé o mais rápido possível, quando um par de braços veio da noite e me segurou.

— Perry!

Soava como o Dex. Ai. Deus, eu rezava para que fosse o Dex.

— Jesus, Perry. Você está bem? — *Era* o Dex. Estava de joelhos, inclinado sobre mim.

— Sou eu — consegui dizer fracamente. Eu mal conseguia falar.

Eu o senti se aproximando e colocando sua mão no meu rosto, sentindo minhas bochechas.

— Ai, merda. Eu não sabia para onde você tinha ido. Um segundo você estava do meu lado e no outro eu vi essa luz, então fui investigar e você sumiu. Juro, só dei dois passos e te perdi. Eu não sabia que estaria tão escuro. Eu usei minha lanterna, mas não conseguia ver merda nenhuma.

Ele estava falando rápido, sua voz tomada de medo.

— Eu ouvi alguém gritando e sabia que devia ser você. Sinto muito. Você se machucou?

Ele moveu a mão para minha testa e tirou o cabelo de meu rosto. Foi nesse momento que notei que o vento não estava mais tão intenso. A tempestade parecia estar passando. Eu podia até visualizar o contorno do rosto de Dex, o que era um grande alívio, uma vez que eu ainda estava com medo de ver outra coisa.

— Só meu quadril. E minha sanidade.

Ele soltou ar lentamente. Vi seus ombros caírem. Ele tirou sua mão do meu rosto e a colocou delicadamente no meu ombro. Minha testa sentiu o frio sem a mão dele ali.

— O que aconteceu? — Ele perguntou, sua voz tão baixa que era quase inaudível.

— Podemos ir para casa? — Eu não conseguiria funcionar como um ser humano racional ali fora. Sentia que os fios no meu cérebro haviam entrado em curto-circuito e ficando fritos.

— Claro. — Ele ficou de joelhos e gentilmente me ajudou a levantar. — Consegue andar? Quer que eu te carregue?

Apesar de tudo eu ri.

— Você vai me derrubar em menos de cinco passos. Estou bem.

Ele colocou a câmera no ombro. Pensei que pudesse tê-la quebrado quando bati nele, mas, honestamente, não dava a mínima. Com a outra mão, ele agarrou a articulação do meu braço.

Andamos rapidamente, esbaforidos, em direção à casa. Pela segunda vez em uma semana, eu sentia que a casa do tio Al era a visão mais maravilhosa da Terra.

CAPÍTULO DEZ

A CASA ESTAVA VAZIA QUANDO VOLTAMOS para dentro. Eram só dez da noite, mas parecia que os meninos haviam ido para algum lugar, afinal era sábado à noite.

Até o tio Al estava supostamente desaparecido, até eu encontrar um bilhete que ele deixou na mesa da cozinha: “Fui jogar pôquer na casa de um amigo”.

Dex e eu ficamos na cozinha mal iluminada olhando um para o outro. Foi meio esquisito. Nenhum de nós sabia o que fazer ou dizer. Eu sentia que se tentasse, iria me debulhar em lágrimas.

Eu estava transtornada e absolutamente exausta. Noite de sábado ou não, eu só conseguia pensar em ir para cama e dormir pelos próximos dias; mas havia algumas coisas com as quais tínhamos de lidar primeiro.

Dex suspirou.

— Bem, melhor eu ir.

— O quê? Não pode ir! — Eu não consegui conter o grito.

Ele olhou para o relógio na parede.

— São dez horas. Ainda preciso me registrar no motel.

Ele não podia simplesmente me deixar sozinha nesta casa depois de tudo o que havia acontecido. Eu sentia as comportas se abrindo. Eu me virei e encarei a geladeira, tentando não piscar e tentando controlar minha respiração.

— Ei — ele sussurrou e se aproximou. Esperei que ele colocasse sua mão no meu ombro, mas ele não a colocou. Ficou atrás de mim, provavelmente sem saber o que fazer, o que é a resposta de todo homem sempre que uma menina está chorando.

Acontece que eu não estava chorando. Eu estava tentando desesperadamente *não* chorar. Dex era a última pessoa na frente de quem eu queria desabar. Eu queria ter um pino de segurança no bolso para poder me distrair com uma alfinetada de dor. Respirei através dos lábios fechados e recuperei o controle das minhas lágrimas iminentes. Eu era durona. Tinha apenas de engolir o choro.

Eu me virei e olhei para ele. Fiz uma corajosa, porém extremamente falsa, tentativa de sorriso. Eu sabia que meus olhos estavam úmidos e apavorados, não combinavam nada com o sorriso.

Ele estava olhando para mim, não confuso, como eu achei que estaria, mas curioso.

— Está bem — eu disse. — Vá se registrar. Nós nos encontramos de manhã e voltamos para Portland.

Ele deu mais um passo para perto, aqueles olhos obstinados nos meus, buscando por algo, qualquer coisa que o satisfizesse.

— É isso que você quer? — Ele perguntou.

Não. Não era.

— Sinto muito por ter estragado seu programa, Dex — eu disse com humildade.

Ele olhou para o chão por um segundo e balançou a cabeça.

— Você não deveria se desculpar, não combina muito com você. — Ele levantou o olhar. — Além do mais, não é meu programa. É nosso. Nem tudo está perdido ainda, mocinha.

Nem tudo está perdido ainda. Onde eu havia escutado isso antes?

— Repita o que você disse?

— O quê?

— Nada.

Dava para perceber que ele não acreditou que não era nada, mas deixou de lado. Ele olhou ao redor.

— Quer que eu fique aqui esta noite? — Ele perguntou. Não havia hesitação em sua voz.

Claro que eu queria que ele ficasse. Eu teria pedido a qualquer um para ficar.

— Isso vai soar idiota — comecei —, mas se importa de ficar até o tio Al ou os gêmeos voltarem? Você pode só ficar aqui, assistir ao que quiser, jogar

videogame. Ou ir dormir no outro quarto. Eu só não quero ficar sozinha agora.

Ele assentiu.

— Claro.

Eu me senti mal por pedir e evitar que ele fosse para o motel.

— Sinto muito, só… não consigo nem começar a explicar o que eu vi lá. Eu…

Ele deu um passo em minha direção, balançando a cabeça.

— Não, não explique. Quero ouvir, mas podemos conversar de manhã. E por favor não se desculpe. Isso é fraqueza, e não força. Não preciso que você se desculpe. Na verdade, nada disso teria acontecido se eu não tivesse saído do seu lado, então sou eu que peço desculpas.

— Dex, estava escuro…

— Então, enfim, você consegue notar por que eu não me importo em ficar aqui algumas horas.

— Está bem — eu sorri. O alívio que foi tomando meu corpo era incrível. — Obrigada — eu disse, indo em direção ao quarto de hóspedes — e boa noite.

— Estarei aqui se precisar de algo. — Ele disse às minhas costas.

Eu parei na porta do quarto antes de fechá-la atrás de mim. Eu não tinha de me virar para saber que ele ainda estava ali.

✷

A manhã seguinte finalmente chegou após ondas de sono sem sonhos. Eu digo sem sonhos porque não me lembrava de sonho nenhum, mas isso não quer dizer que minha mente não estava agitada num estado de semidelírio, semissono a noite toda. Apesar de estar tão cansada que senti que meu corpo literalmente não podia se mover nem um centímetro quando deitei na cama, minha mente ainda estava a mil, numa turbulência terrível. Flashes da noite, os lampiões, o rosto, as árvores, a blusa, a mulher no telefone — tudo rodopiava no meu cérebro. Eu tinha tantas perguntas. Nenhuma fazia sentido — motivo pelo qual provavelmente meu cérebro ainda tentava processar os acontecimentos às três da manhã, mesmo quando eu não estava mais conscientemente pensando em nada.

Nem preciso dizer que não me senti nada descansada. Especialmente tendo acordado com o barulho de chuva no telhado e um frio pesado no ar. Eu queria que sair da cama não fosse uma opção.

Apesar disso, eu tinha um lugar para ir (para casa, para ser precisa), mas sempre que eu pensava em pisar no calor e segurança do meu lar e ver os rostos familiares, era acompanhado de um sentimento de culpa.

Ah, sim, eu e minha culpa. Eu me sentia terrivelmente culpada por fazer as malas e deixar esse lugar sem realizar nada. Verdade, consegui quase me matar de medo, mas isso só seria significativo se eu tivesse trazido minha câmera comigo. Nós voltaríamos para Portland sabendo que o final de semana inteiro não fora desperdiçado. Para piorar, eu sentia como se isso pegasse mal para mim e para o blog da minha irmã. Quem iria acreditar em mim agora que eu nem havia sido capaz de entrar no farol novamente? Eu havia dito ao mundo o que estávamos fazendo e agora não havia absolutamente nada para mostrar. Eu iria parecer a maior idiota do planeta. Não apenas eu, mas Dex também.

Depois de lavar o rosto e passar uma leve maquiagem, eu saí com minha única outra roupa, que por acaso era a mais confortável; meias grandes, calça preta de ioga, uma túnica grossa vermelha de magas compridas e um cinto largo de tachas. Eu sabia que parecia que estava indo para um show de rock no meio do inverno, mas enfim… Eu esperava apenas que meus coturnos estivessem secos o suficientes para serem usados depois de terem sido tão encharcados. Era bom me preocupar com coisas normais.

Segui para a cozinha e encontrei o tio Al comendo cereal na mesa. Ele levantou o olhar e sorriu.

— Bom dia! Quer café?

Balancei a cabeça e me sentei.

— Você parece cansada. Dormiu bem? — Ele soava preocupado.

— Achava que sim, mas provavelmente não — eu disse, então olhei para a cafeteira no canto.

Al seguiu meu olho e se levantou.

— Fique aqui. Eu faço para você num segundo! Você é tão ruim quanto eu quando se trata de café, Perry.

Eu sorri agradecida.

— Dex ainda estava aqui quando você chegou ontem à noite?

— Sim — disse ele enquanto me servia uma xícara daquele maravilhoso líquido escuro. — Ele estava sentado aqui, escrevendo em um caderno. Ele disse que não queria te deixar sozinha em casa. — Ele levantou a sobrancelha com a

última frase. — Acho que foi bem cavalheiro da parte dele. Mas ainda acho que há algo estranho com esse cara.

— Não é mais estranho do que eu. — Dei de ombros e beberiquei meu café. Me senti imediatamente mais desperta, o que obviamente era uma sensação falsa, uma vez que o café leva cerca de vinte minutos para fazer efeito. Ah, o poder de ser sugestionada. Algo que eu deveria ter em mente, considerando tudo.

— Vocês conseguiram fazer tudo?

Suspirei.

— Não. Acabamos nos separando. Não sei onde eu estava… uma estrada de serviço de algum tipo? Uma floresta?

Al deu de ombros, e eu continuei.

— Enfim, quando encontrei Dex novamente decidimos encerrar.

— Sem fantasmas.

Eu hesitei.

— Bem. Não sei. Prefiro pensar que minha mente estava pregando peças em mim.

— Você sabe que aquele farol tem uma história muito estranha, Perry. Há um motivo pelo qual eu o mantenho lacrado.

Intrigada, eu examinei o rosto de Al. Seus olhos fundos eram suaves, mas sérios.

— Diz aí — eu o encorajei.

Ele se recostou na cadeira.

— Primeiro devo deixar registrado que não acredito em fantasmas. Mas eu realmente acredito no Mal e acho que ele mora naquele farol.

Os olhos do tio Al ficaram escuros e senti meu sangue gelar. O mal para mim era um milhão de vezes pior do que fantasmas.

— Você acha que o farol é “maligno” e me deixou entrar lá mesmo assim?! — Eu exclamei. — E a história de proteger sua sobrinha querida?

Ele deu de ombros novamente.

— Não posso te dizer o que você pode ou não fazer. A ideia de que ele é maligno pode soar tão ridícula para você quanto a ideia de que é assombrado para mim.

— Nem sei se é assombrado. Foi por isso que planejamos voltar.

— Se é ou não, não importa. Para mim é maligno. Veja, o farol foi amaldiçoado desde o começo. Levou uma eternidade para ser construído e alguns trabalhadores morreram em acidentes bizarros. Quando finalmente ficou pronto para operar, a luz começou a ter problemas. Eles continuaram tentando, mas parecia que pelo menos uma vez por semana, toda lâmpada que colocavam deixava de funcionar depois de escurecer.

Eu assenti lentamente. Como havia dito, eu *devo* ter lido isso em algum lugar, não tem como minha imaginação ser tão boa.

— Eles planejaram construir um novo farol, fora da costa. Com sorte o novo farol não só funcionaria melhor como não seria tomado por neblina com tanta frequência. Então o Farol Tillamook, logo na costa, foi inaugurado. Você sabe do naufrágio que houve lá?

— Acho que sim.

— Na noite anterior da luz ser ligada pela primeira vez, nosso farol aqui falhou. Pela última vez. Um navio da Malásia com destino ao Rio Colúmbia bateu nas rochas abaixo do Terrível Tilly lá fora. Acham que todo mundo se afogou no naufrágio, mas não foi o caso.

— Não? — Eu perguntei.

Bem, oficialmente foi essa a história. Mas não explica por que o corpo parcialmente queimado de uma mulher exótica foi encontrado amarrado à cama do faroleiro com cordas de algas.

Eu estremeci violentamente e me lembrei das manchas de carvão na cama que vi no farol. Al parou e me deu um olhar surpreendido. Eu acenei para ele fazendo sinal para ele continuar.

— O faroleiro na época não foi encontrado em lugar nenhum, o que não surpreendeu ninguém. Havia boatos por aí de que ele havia ficado louco com o isolamento. Na época, não havia nada ao redor exceto neblina e árvores. Ou talvez ele tenha sido atormentado pelos fantasmas das pessoas que morreram construindo o farol. Então as pessoas começaram a se perguntar sobre a suposta maldição do farol. Talvez nunca tivesse sido amaldiçoado, talvez fosse ele quem estivesse mexendo nas lâmpadas o tempo todo.

— Claro, mas por quê?

Al deu um lânguido gole de café. — Muitos motivos. Atenção. Tédio. Talvez ele só quisesse assistir a alguns navios batendo e ardendo.

— Acho que ele conseguiu o que queria.

— Sim, conseguiu. Houve inúmeros naufrágios ao longo da costa, e levou um bom tempo para eles pararem de acontecer. Eles ainda continuam acontecendo, mesmo com o Terrível Tilly aceso.

— Bem, se encontraram o corpo no farol, como sabiam que era do navio? Quero dizer, era normal ter mulheres nesses navios? Ela provavelmente era uma local ou sei lá, capturada para algum jogo sexual bizarro com algas.

Al pareceu enojado com a menção de um jogo sexual com algas.

— Não era normal ter mulheres nesses navios, mas as pessoas entravam escondidas a bordo o tempo todo. Os Estados Unidos, o admirável mundo novo, a vida melhor. O corpo que eles encontraram tinha descendência oriental e estava usando roupas estrangeiras. Então o boato é de que ela deve ter nadado ou flutuado até a praia e tentado pedir ajuda no farol.

Eu absorvi o máximo que pude. As coisas começaram a fazer sentido da forma mais esquisita possível. Parte de mim agradecia minha estrela da sorte por nada de horrível ter acontecido comigo quando eu estava no farol com Dex. Parte de mim estava mais instigada do que nunca a voltar e a começar a explorar novamente. Creio que essa era uma batalha entre a parte racional e a parte louca do meu cérebro. Torcia para que a parte racional ganhasse.

— Então ela deu com… o cara do farol…

— O Velho Roddy — ele retrucou.

— Certo — eu disse lentamente. — Ela foi rastejando até a praia e deu de cara com o Velho Roddy, que a transformou em escrava sexual antes de amarrá-la e tentar queimá-la viva. Como sabemos que ela não chegou morta e então ele fez… isso com ela?

Novamente nós dois fizemos uma careta com as minhas suposições.

— Você tem uma imaginação terrível, Perry.

— Bem, é a humanidade. Somos uma espécie terrível.

— Alguns de nós são terríveis; alguns de nós são bons. O que aconteceu naquele farol deve ter sido o ápice de tudo o que nos castiga. Como eu disse, não acho que é assombrado, mas que há algum tipo de maldição, algo maligno

naquele lugar, desde o começo. Está apenas esperando que outra pessoa invada seus domínios.

Ele olhou severamente para mim, talvez com um pouco de medo em seus olhos. Eu entendi que ele estava dizendo. Eu *senti* o que ele estava dizendo. Assombrado pelo Velho Roddy ou amaldiçoado por algum demônio, eu sabia que havia algo naquele lugar que me queria desesperadamente. E o mais perturbador de tudo era que eu meio que o queria também.

— Então o que aconteceu depois? — Perguntei. Precisava ignorar meus sentimentos. — Quero dizer, você lacrou tudo? Estava aberto quando se mudou para cá?

— Eu não sabia o que estávamos comprando quando nos mudamos para cá. Eu não havia ouvido nenhuma das histórias, nem a Paula, mas no fundo, no fundo, eu sabia que havia algo terrível naquele lugar. Eu só coloquei os pés lá uma vez; foi a primeira vez que todos nós o exploramos. Acho que Matthew encontrou uma mandíbula de algum animal num dos quartos. O lugar parecia muito inseguro e perigoso, sem mencionar quão fracas as estruturas pareciam ser no segundo andar. Sério, qual é o sentido de ter o próprio farol desativado? Não fazia sentido para mim. Então o lacramos e praticamente nos esquecemos dele. Até a semana passada.

Meu lábio tremeu de vergonha.

— É, me desculpe por isso.

— Não se preocupe, Perry. Estou feliz que nada tenha acontecido com você.

Ele me observou atentamente, como se tentasse entender se *tinha* acontecido algo comigo ou não.

— Não — eu disse lentamente. — Acho que nada de fato aconteceu comigo. É que você pensa que o farol é maligno, e muitos dos… meus sentimentos… em relação a ele reforçam isso.

Ele bateu na minha mão.

— Estou feliz por você não voltar lá.

Eu sorri para ele. Eu me sentia feliz por conhecer melhor meu tio. Talvez este final de semana não tenha sido um desperdício no fim das contas.

— Mas devo dizer — ele começou — que na noite passada achei que ele…

Antes de ele concluir o pensamento, houve uma forte batida na porta da frente.

— Bom dia, senhor. Eu vim buscar a senhorita. — Dex estava na porta, simulando distinção. Ele estava usando um boné e deu com ele um aceno respeitoso.

— Entre, Dex. — Al o conduziu para dentro e fechou a porta.

Dex caminhou até mim com um sorriso no rosto. Meu coração deu um pulo.

— Bom dia. Quer tomar um café da manhã antes de irmos? — Ele perguntou.

— Hum, ah, claro. — Olhei para o relógio na parede.

— Desculpem-me por aparecer do nada. — Ele olhou para nós dois. — Tentei ligar para o seu celular algumas vezes e te mandei uma mensagem de texto. Mas não recebi resposta, ou caía num número errado.

Ele abaixou a voz na última parte. Eu observei seu rosto. Seu sorriso vacilou levemente. Ele estava mentindo? Ninguém me ligou ou mandou mensagem a manhã toda. Tirei meu iPhone por via das dúvidas e olhei para ele. Não. Nada.

— Enfim — Dex continuou, olhando para Al —, preciso roubar sua sobrinha agora. Preciso chegar em Seattle até de noite.

— Fique à vontade. Sinto muito que vocês estejam indo de mãos abanando, mas acho que essas coisas sempre acontecem por um motivo.

— Acredito bastante nisso, tio Al — Dex disse. Ele olhou para mim. — Demora para arrumar suas coisas?

Larguei o resto do meu café. Odeio ter de me apressar. Eu me levantei e peguei minha bolsa.

— Estou pronta.

Ele fez um sinal de joinha, então prontamente se virou e caminhou para fora da casa.

Eu olhei para Al e revirei meus olhos como uma forma de justificar as ações de Dex, as quais eu mesma não conseguia explicar. Então o abracei me despedindo, agradeci por tudo e me arrastei para fora atrás de Dex.

O suv estava ligado na entrada; o vapor saindo do escapamento criava uma gratificante e calorosa cena da manhã chuvosa. Eu estava encharcada quando abri a porta e entrei.

Dex colocou a mão na marcha e me deu uma olhada.

— Você já estava viva nos anos noventa? Porque parece que eles te mastigaram e cuspiram — ele disse brincando.

Engatou a marcha ré e acelerou para fora da casa.

— Eu nasci em 1988, para sua informação. Não sabe contar? — Respondi a ele. Não estava no clima para nenhum tipo de provocação.

Ele olhou para mim com um olhar animado de malandro. Dava para ver que *ele* estava no clima de provocar.

— Você só é filha dos anos noventa se você era adolescente naquela década. Quero dizer, olhe para você, esses coturnos e All Star e leggings.

— É você quem tem piercing na sobrancelha — retruquei. — Acho que é melhor seguir uma época que você não tenha vivido propriamente. Do contrário você só está preso ao passado.

Ele riu.

— Não tenho um passado ao qual me prender.

Ele ligou o mp3 player. Para minha surpresa, começou a tocar Billy Joel. “Scenes from an Italian Restaurant”, para ser precisa.

Dex começou a cantar junto.

Eis a famigerada voz de Declan Foray. Era mais suave, mais profunda e mais poderosa do que a do Joel. Parecia flutuar sobre as palavras, vibrando com tons pujantes. Era linda, hipnótica… e tão anacrônica.

Ele continuou a cantar até notar que eu estava olhando para ele. Eu devo ter parecido bem confusa.

Dex abaixou o volume.

— Faço isso todo dia de manhã. Então, onde quer comer? Eu vi uma dessas típicas lanchonetes enormes na cidade que deve servir o café mais preto deste lado da fronteira.

— Claro, parece bom — eu disse enquanto ele voltava para a música, estalando os dedos e se remexendo em seu banco.

Ele fazia isso todo dia de manhã? Olhei para o relógio. Eram oito e meia. Onde ele arrumava essa energia para fazer um musical a essa hora?

Eu não estava reclamando; era fascinante ouvir e observar, após ultrapassar o estranhamento dessa nova e espontânea conduta. Eu não achava possível

superar Billy Joel, mas Dex estava conseguindo enquanto acelerava pela rodovia costeira em direção a Tillamook.

Ele sorria e cantava para mim, ao que tudo indicava.

Meu coração se apertou novamente. Ele sabia que a forma mais rápida de me conquistar completamente era cantar para mim?

— Eu não sabia que você sabe cantar — eu menti.

— Não? — Ele me olhou desconfiado. — Acho que há muitas coisas que você não sabe sobre mim, mocinha. Mas vai saber… no seu devido tempo.

Claro, eu pensei sarcasticamente. Eu sabia que após este final de semana não haveria mais tempo para nós.

Um tempinho após algumas músicas de Billy Joel (as quais infelizmente Dex não cantou), nós paramos ao lado de uma lanchonete em Tillamook.

Dex estava certo sobre ser uma típica lanchonete. Tinha um toldo laranja dos anos setenta com uma fonte medonha: Tilly's Diner. Nas janelas fumê havia pinturas de xícaras de café, bacon e ovos com aquela tinta áspera de vidro, descascando nos cantos. De fora não dava para ver se estava aberta; e pela rua nublada tomada de chuva, eu não conseguia imaginar ninguém realmente vivo nesta cidade, muito menos tomando café da manhã.

Quando entramos na lanchonete, o cheiro de gordura e carne na chapa atingiu minhas narinas. Os sinos da porta tilintaram alto, ecoando pelo restaurante. Para minha surpresa havia uns poucos clientes, mas não era surpresa alguma eles serem todos velhos desgrenhados. Seguimos até uma mesa no canto, coberta por uma grande toalha plástica verde. A luz estava fraca e me desvalorizava absolutamente.

— Que lugar encantador — eu disse deslizando para um banco estofado na frente de Dex.

— Não é? — Ele disse sem sinal de sarcasmo.

Uma garçonete redonda apareceu. Tinha óculos grossos, um nariz vermelho carnudo e parecia não ter queixo. Eu não conseguia olhar para o rosto dela por muito tempo sem sentir náusea, então procurei seu crachá: Nancy.

Nancy passou dois cardápios laminados pela mesa com um ar de desprezo. Eu sorri desconfortavelmente para ela, e ela não retribuiu. Ela voltou sua atenção ao Dex.

Ele lançou a ela um sorriso safado.

— Bom dia, Nancy. Como está você neste dia maravilhoso? — Disse com toda a sinceridade.

Nancy olhou para ele desconfiada.

— O nosso especial de hoje é o prato grande de café da manhã do Tilly. Quer café?

— Nós dois, por favor — Dex disse, sem nem se importar se eu concordava. Acho que ele já sabia. Eu sabia que ele podia cantar. Ele sabia que eu gostava de café. Éramos como antigos amigos.

Nancy partiu sem repetir o pedido.

Dex olhou para o cardápio e franziu a sobrancelha.

— Acho que ela gosta de mim.

— Você sempre acha — disse de forma um pouco agressiva. Não pude evitar.

Dex largou o cardápio e olhou para mim com uma expressão estranha.

— Você está bem?

Ele me deixava desconfortável. Eu me arrependi de dizer aquilo e me remexi no banco. Voltei minha atenção ao cardápio.

— Estou bem.

— Não enrole um enrolador — ele disse bravo.

Agora era minha vez de ficar surpresa. Seus olhos pareciam quase venenosos. Fiquei ainda mais desconfortável.

Por sorte, Nancy escolheu aquele momento para bater duas xícaras de café na mesas, com gotas pretas escorrendo pelos cantos.

— Bem? — Ela olhou para nós, levantando a sobrancelha.

— Nós dois queremos o especial — Dex disse, sem tirar seus olhos insolentes de meu rosto. Deu a Nancy um olhar de desculpas, mas ela nem notou; apenas suspirou e levou os cardápios da mesa.

Eu nem queria o prato especial grande, seja lá o que for, mas algo me dizia que não era um bom momento para discutir isso. Eu mordi meu lábio inferior e gradualmente levei meus olhos para encontrar os deles novamente.

— Lembra quando você disse que eu deveria avisar quando você estivesse me assustando? — Eu o lembrei. — Esta é uma dessas vezes.

Ele manteve o olhar por mais alguns segundos antes de se inclinar de volta no banco e passar a mão no cabelo.

— Esta também é a hora de me dizer o que aconteceu ontem à noite.

Ah. Uma luz se acendeu na minha cabeça. Agora eu sabia uma coisa que intrigava Dex — ele não saber algo. Não é à toa que ele estava lendo atentamente meus pensamentos. Ele estava ficando maluco por não saber o que havia rolado. Ele deve ser um desses namorados que sempre pergunta em que você está pensando. Provavelmente colocava a namorada contra a parede.

— Tá, então. Vou te contar do começo ao fim. Só mantenha a mente aberta, não pense que tenho alucinações ou que sou louca, se bem que posso muito bem ser, e não diga nada até eu terminar.

Os olhos dele se iluminaram um tiquinho.

— Prometo.

Eu suspirei e dei um longo gole daquele café preto pavoroso para reunir forças. Então contei tudo a Dex: meus sonhos, o que inventei na praia e o que tio Al me contou e, finalmente, o que aconteceu na noite anterior. Quando terminei, os pratos chegaram na nossa mesa e de repente me senti faminta por falar tão empolgadamente por tanto tempo.

Enfiei uma grande fatia gordurosa de bacon canadense na boca e disse:

— Agora você sabe tudo o que eu sei, o que é nada. Feliz?

Dex manteve sua palavra e permaneceu quieto e atento durante todo o discurso. Mesmo depois que terminei ele não disse nada. Fez apenas um beicinho até parecer um pato sexy e entregou-se ao café da manhã. Tentei não ficar assistindo a ele comer, mas pela linha entre suas sobrancelhas dava para perceber que ele estava pensando profundamente, tentando entender o que eu havia contado a ele.

Comemos em silêncio. Quanto mais ele ficava sem falar nada, mais arrasada eu me sentia por dentro. Será que acreditava em mim? Será que ele achava que eu não batia bem? Porque se havia alguém nessa mesa que não batia bem, eu sabia muito bem que não era eu. Dito isso, eu vi, sim, um homem morto tentando me entregar um lampião na noite passada.

— Você acredita mesmo em tudo isso? — Ele disse.

— O que está querendo dizer? — Eu perguntei lentamente. — Claro. Aconteceu. Não sei como explicar, mas foi o que aconteceu.

Olhei mais de perto para ele; minha boca um pouco aberta. Ele duvidava de tudo?

— Acha que estou inventando tudo isso? É isso que você acha?

Ele riu.

— Vamos, Perry. Não encontramos nada de verdade da primeira vez que estivemos lá. Eu não te culparia por tentar fazer de um morrinho uma montanha.

Eu mal conseguia formar pensamentos, que dirá comentar as suposições dele.

— Acha que estou mentindo?

— Acho que você viu o que quer ver — ele disse e enfiou uma panqueca inteira na boca. Eu estava pasma demais até para notar quão nojento era aquilo.

Não pude me conter e me estiquei na mesa para agarrar o braço dele. Apertei-o. Com força. Ele olhou para mim, a panqueca congelando dentro de sua bocona.

— Dex — eu disse com tanta intensidade e seriedade quanto pude reunir. — Não estou mentindo. Não ligo para nada disso. Você me encontrou. No final das contas, foi você quem me encontrou. Estou dizendo apenas a verdade. Você acha que aquele farol é assombrado, está procurando provas, e agora estou te dizendo que sei que é. Ele *é*.

Ele observou meu rosto, enquanto mastigava lentamente, até acabar a panqueca. Eu não sabia o que ele estava pensando, mas não havia nada mais que eu pudesse fazer naquele momento.

— Olha — eu finalmente disse. —, eu vou provar. Vamos lá agora mesmo. Diabos, vamos esta noite. Podemos dirigir para Portland depois. Preciso te mostrar. Preciso que acredite em mim.

Ele balançou a cabeça.

— Não podemos, mocinha. Preciso voltar esta noite.

— Por quê? O que tem de fazer? Sua namorada é tão paranoica que não te deixa ficar fora da vista dela por um final de semana?

Ele foi pego de surpresa e conseguiu rir.

— Minha namorada? Jenn não está nem aí se estou lá ou não.

Isso era novidade para mim, mas tentei não demonstrar.

— Não — ele continuou. — Eu só encerrei isso. Não acho que eu deva me aprofundar mais nessa coisa toda. Já tenho imagens o suficiente e, com sua permissão, eu poderia juntá-las ao que você gravou semana passada.

— E se eu disser não? — Retruquei de braços cruzados.

— Eu diria que você está sendo terrivelmente teimosa e agindo como uma típica menininha quando não consegue o que quer — ele respondeu. — Então eu deixaria de lado, lavaria as mãos e iria para casa.

— Para sua namorada que nem se importa se você está lá ou não?

Ele jogou o guardanapo.

— O que *você* tem a ver com isso?

— Nada. Só acho que você é um medroso.

— Opa?

Eu podia ver a raiva surgindo por trás daqueles olhos, mas ignorei. Já tinha superado a etapa de me importar com algo além da minha raiva.

— Isso mesmo — eu reforcei. — Acho que você é um medroso. Fica feliz de dar tudo por encerrado porque está com medo de voltar lá. Sabe que estou contando a verdade, mas a verdade *te assusta*.

Foi a vez dele se inclinar na mesa e agarrar o meu braço.

— Você me assusta, Perry — ele grunhiu e apertou firme meu braço. — *Você*.

Eu olhei para a mão dele segurando meu braço. Ele encontrou meus olhos e então, lenta e hesitantemente, me soltou.

— Vai ser uma viagem de volta bem estranha, hein? — Perguntei com um ar de gozação. A situação era ridícula.

Ele suspirou e se inclinou de volta, empurrando o prato para longe.

— Espero que eu esteja te enlouquecendo tanto quanto você está me enlouquecendo — eu disse diretamente.

Ele balançou a cabeça e saiu da mesa.

— Vou pagar — ele murmurou, apesar de eu não ter terminado de comer. Não importava. Eu já havia tido o bastante — da comida, de tudo. Pelo menos o café da manhã havia sido de graça.

Eu o vi se aproximando da caixa e decidi que seria um bom momento para respirar ar puro antes da infernal viagem de volta.

Saí da lanchonete e respirei fundo. Fechei os olhos e virei meu rosto em direção ao céu. Deixei a chuva cair no meu rosto, soltei todo o ar lentamente através dos lábios Parecia que eu estava limpando a poeira acumulada dentro do meu cérebro. Abri os olhos e comecei a me sentir meio desequilibrada.

Havia uma mulher, uma velha, parada bem a minha frente. Seu sorriso borrado parecia tingido com cera vermelha. O batom manchava seus dentes amarelados. Minha respiração estancou de repente.

Eu a havia visto antes, no saguão do meu trabalho.

Não sei quanto tempo ficamos lá olhando uma para a outra. Eu me sentia paralisada, incapaz de respirar, de me mover ou de falar. Ela também não falava, só mantinha aquele sorriso demoníaco.

Ela lentamente se esticou e colocou a mão ossuda no meu ombro. Suas mãos estavam repletas de anéis de coquetel enferrujados; o casaco de tafetá branco que ela usava tinha pompons de palhaço. Eram de cores diferentes: amarelo vivo, laranja, vermelho, azul e verde. Ela parecia a mãe velha e satânica de um palhaço.

Ela começou a falar. Ou melhor, seus lábios vermelhos grudentos se moviam, mas nenhum som saía deles. Ela falou assim por alguns segundos antes de eu finalmente ouvir: “Declan”.

Que tem ele? Eu pensei, o terror competindo com a curiosidade.

— Ele tem algumas histórias para contar — ela cochichou. Sua voz estava baixa, quase metálica, como se estivesse falando pelo telefone, e havia um sotaque familiar em certas sílabas. — Ele vai te contar, um dia. Sobre o que aconteceu com ele. Você só precisa observá-lo. Fique de olho nele. De perto. Você são farinha do mesmo saco.

Ela tirou a mão de mim e, com os olhos focados na lanchonete, caminhou direto para dentro com seu casaco farfalhando atrás dela numa brisa leve.

Eu fiquei parada, minha respiração voltando. Eu percebi que estava encharcada até os ossos por causa da chuva (e talvez do suor); eu não me importava. Olhei ao redor para ver se alguém mais havia testemunhado o que havia acabado de acontecer, mas não havia ninguém naquela rua cinza molhada.

Olhei de volta para a lanchonete e dei um passo hesitante em direção a ela, me perguntando por que ela havia entrado lá e se mais alguém havia notado quão bizarra ela era. Eu me abaixei, tentando enxergar através do filme escuro e dos

desenhos idiotas de comida. Não conseguia ver nada além de sombras de pessoas sentadas nas mesas. Coloquei meu rosto na janela com as mãos ao redor dele, sem me importar se alguém lá dentro me veria tentando dar uma de fofoqueira.

Acho que notei algum tipo de alvoroço quando a porta se abriu e Dex irrompeu para fora. Eu saltei alguns centímetros e quase bati minha cabeça contra o vidro. Olhei para ele — puro pânico em seus olhos —, então ele me viu.

Ele se esticou, pegou meu braço e me puxou bruscamente em direção a ele.

— Precisamos ir. *Agora.*

Corremos para o carro. Minha mente a mil. O que estava rolando? Quem era a velha e o que ela me alertou sobre Dex? Ficar de olho nele? O que ela queria dizer?

Eu saltei no banco do passageiro e mal consegui fechar a porta antes de Dex pisar no acelerador e o SUV disparar pela rua, guinando de um lado a outro pelas ruas escorregadias. Decidi aceitar o conselho dela e ficar de olho nele. Ele parecia possuído.

Virei a cabeça para olhar a lanchonete, mas Dex berrou:

—Não olhe para lá! Fique olhando para a frente!

Com o coração na garganta, eu fiz o que ele disse.

— O que foi isso que acabou de acontecer? — Eu berrei quando ele tirou o carro da rua para a estrada.

Ele apenas balançou a cabeça, com as mãos apertando o volante tão firme que os nós dos seus dedos pareciam rígidos como uma sombra branca.

— Dex! Fale comigo! Desacelere! — Eu gritei quando o carro deslizou para um canto, com água voando para todo lado, seu corpo se apertando contra o cinto.

Ele manteve o pé no acelerador e se esticou para trancar todas as portas do carro. Nós aceleramos em um silêncio mortal.

Ficar de olho em Dex, de fato. Eu sentia como se ele fosse a última coisa que eu veria.

CAPÍTULO ONZE

ESTÁVAMOS CORRENDO LOUCAMENTE PELA encharcada 101 em direção ao norte, com as portas trancadas por alguma razão indecifrável e Dex se recusando a proferir uma palavra ou sequer olhar para o lado. Eu estava à beira de um surto.

Obviamente Dex estava tendo um ele mesmo. O olhar de medo absoluto nunca deixava seus olhos. Eu não sabia o que fazer. Parte de mim queria agarrar a direção e estacionar o carro eu mesma. Contudo, por mais forte que eu fosse, ele sem dúvida era mais, e nesse clima eu provavelmente capotaria o carro, ou coisa pior.

Eu me perguntava se gritar ajudaria, ou se implorar ajudaria, ou se chorar ajudaria. Billy Joel ainda tocava nos alto-falantes, o que tornava a situação ainda mais absurda.

Então me ocorreu. Eu sabia o que era. Eu sabia do que Dex tinha medo. Tudo fez sentido. Ele a viu, com os próprios olhos.

— Você a viu — eu disse, mantendo minha voz o mais calma possível. — Não viu?

As mãos de Dex apertaram a direção, mas seu pé saiu levemente do pedal. Seus olhos se viraram para mim, então de volta para a estrada.

Eu me inclinei para mais perto, com cuidado para não invadir o espaço dele.

— Eu a vi também — confidenciei. — E já a tinha visto antes, lá em Portland. Ela me disse coisas.

As sobrancelhas do Dex franziram.

— O que ela disse?

— Então você a viu!

Ele me ignorou.

— O que ela te disse?

— Pare o carro e eu te conto. Não vou conversar com você assim. Você vai acabar nos matando.

Do nada, Dex pisou no freio e mandou o Highlander por uma estradinha de terra margeada de castanheiras balançando. O carro parou com um solavanco, e ele impacientemente colocou o carro em ponto morto e desligou o motor. Tirou o cinto e se ajustou em seu banco para me encarar.

— Fale — ele ordenou sem meias-palavras. Seus olhos eram evasivos; sua grande boca carnuda estava fechada numa linha sombria. Seu boné havia caído um pouco, acrescentando sombras a seu rosto. Sua franja estava caída na testa.

A chuva caía forte no capô. Eu sempre achei esse um dos sons mais tranquilizantes, e dessa vez não foi diferente. Eu me estendi e tirei a aba de seu boné de cima das sobrancelhas dele, e gentilmente arrumei seu cabelo para o lado. Sua testa estava quente e macia sob meu toque; seu cabelo levemente úmido de suor e produtos capilares.

Tocá-lo era estranhamente íntimo, como se eu o estivesse vendo realmente pela primeira vez. Não sei por que fiz isso; acho que alguma parte de mim instintivamente queria acalmá-lo. Foi a primeira vez que eu o vi remotamente vulnerável.

Eu estava a um palmo de distância de seu rosto. Seus olhos, apesar de ilegíveis, olhavam profundamente nos meus. Eu podia facilmente ficar lá por um bom tempo, só olhando para ele, segurando seu olhar. Se eu imaginasse com força o suficiente, eu poderia quase ver raios fluindo entre nós numa linha inquebrável.

Contudo, quanto mais eu olhava para ele desse jeito, mais eu me dava conta de como devia estar parecendo psicótica.

Tirei minha mão de sua testa e baixei os olhos para o banco. Os parafusos estavam quebrados. Notei que meu coração batia pesadamente no peito. O que havia com esse homem que agitava não apenas a minha mente, mas também meu coração?

Só havia uma forma de descobrir. Respirei fundo e mergulhei.

— Semana passada, no trabalho — eu disse —, eu estava esperando pelo elevador. Não havia ninguém no saguão, ou foi o que pensei. Então notei essa senhora sentada, absolutamente parada, no sofá. Ela era diferente de qualquer um que eu tenha visto antes. Parecia alguém saído de um filme do David Lynch, quase.

Encontrei os olhos dele. Eles não haviam deixado os meus, como se ele estivesse esperando que meu olhar retornasse ao dele. Eu sentia como se ele estivesse tentando me hipnotizar. Eu estava dividida entre me sentir alerta e querer afastar o olhar, ou mergulhar mais fundo nele e me perder. Então havia aquela sempre presente sensação de aperto no peito, a sensação de que não havia ar o suficiente, de que eu estava afundando nesse indescritível redemoinho.

Eu não conseguia mais aguentar e rapidamente afastei os olhos para o exterior do carro. A chuva e a neblina borravam o para-brisa, mas eu ainda conseguia visualizar a silhueta de árvores dançando ao fundo. Foquei seus movimentos, o tempo todo sabendo que ele ainda olhava para mim. Continuei contando.

— Ela usava… bem, parece que estava vestida para uma formatura, só que ela devia ter uns oitenta anos mais ou menos. Ela tinha um cabelo perfeitamente cacheado, como eles faziam nos anos quarenta, com grampos e tudo mais, sabe? E o rosto lotado da maquiagem mais pesada do mundo. Tipo maquiagem de teatro. E o batom? Meu Deus, nunca vi nada mais tosco. Ela tinha batom até nos dentes, o que era assustador, porque essa mulher bizarra não parou de sorrir para mim, mesmo quando as portas do elevador fecharam.

Lancei um olhar para Dex para me certificar de que ele ainda estava ouvindo. Então fiquei sem ar.

Havia um fio de sangue escorrendo de sua boca.

Ele estava mordendo seu lábio com tanta força que estava arrancando sangue. Seus olhos permaneceram imóveis e fixos nos meus; eu comecei a me perguntar se ele estava realmente olhando para mim ou se havia entrado em transe ou se estava tendo algum tipo de crise.

— Dex, está sangrando — eu disse tentando esconder o horror na minha voz.

Com um movimento calculado, ele languidamente lambeu os lábios e abaixou o olhar. Eu rapidamente enfiei a mão no bolso da jaqueta e tirei um lenço. Ele o pegou num estupor. Empurrei sua mão de lado e passei o lenço em

seus lábios. Com a outra mão eu me apoiei em seu ombro e me abaixei até que meu rosto estivesse em frente ao dele. Sem olhares perdidos agora. Eu precisava que ele *me visse*.

— Está bem? — Perguntei educadamente, mas com firmeza. — Sério. Responda, Dex. Senão vou chamar meu tio para ajudar, porque não sei o que fazer com você agora.

Ele tirou o lenço da minha mão, fez uma bola com ele e jogou no banco traseiro. Sugou o lábio por alguns segundos. Os pelos esparsos de seu bigode estavam arrepiados. Por um simples instante, cogitei a ideia de morder eu mesma seu lábio. Era um pensamento inapropriado, acima de tudo, e eu o tirei da minha cabeça.

Ele soltou o lábio. Parou de sangrar. Olhou para o teto e respirou fundo. Eu senti que talvez não estivesse ajudando, então tirei a mão de seu ombro e me sentei de novo.

— Há duas semanas — ele começou, sua voz encorpada como um creme. — eu levei Jennifer à Ilha Bainbridge.

Ah, sim. Jennifer. A razão principal pela qual beijar seu rosto seria, “ah”, tão inapropriado. Eu me sentei ainda mais longe.

— Na verdade eu tive de me mudar de Nova York para lá quando terminei a escola para viver com… bem, enfim, nem preciso dizer que nunca voltei lá desde que me mudei; mas Jenn insistia que pelo menos fizéssemos uma visita ao lugar, uma vez que ela tinha lido que havia algumas vinícolas da moda aparecendo por lá. Tudo se baseia na porcaria da moda.

Eu assenti, ávida para saber mais sobre ele.

Ele continuou.

Finalmente, eu desisti e disse a ela que iríamos fazer um bate e volta lá. O tempo estava lindo, estava incrível pra caramba até semana passada. E sim, eu ainda tinha algumas más lembranças trancadas, à espreita nos diferentes cantos da minha cabeça, mas eu sentia como se eu estivesse próximo de colocar essa parte do passado para trás e seguir em frente. Como todos nós esperamos fazer. Então Jenn decidiu que ela queria comprar um *gelato* numa loja nova lotada. Eu sabia que depois de comer ela iria se arrepender e vomitar tudo no banheiro. Ela é intolerante à lactose e usa isso como desculpa para se empanturrar e depois vomitar. Sabe, uma forma tolerável de bulimia. Espero que você não seja praticante dessa porcaria.

Ele balançou um dedo para mim e eu abanei a cabeça com firmeza.

— Enfim, ela foi esperar nessa fila ridiculamente longa por um sorvetinho metido a besta, porque é isso que um *gelato* é, e eu decidi me distrair e fui vagar pelas docas. Se tem algo que eu não suporto é esperar pelas pessoas. Lembre-se disso, Perry. Bem, onde eu estava? Ah, sim. Então eu caminhei pelas docas. Estava um dia maravilhoso, e as pessoas estavam por ali, fazendo coisas de turista. Estava vendo um casal de meia-idade se preparando para passear em seu meigo veleiro quando avisto algo de canto do olho. Alguém parou ao meu lado. Agora, eu adoro tirar com a cara de estranhos; gosto mesmo. Mas neste dia em particular eu não estava no clima de conversar com ninguém. Então ignorei a pessoa que estava ao meu lado. Provavelmente fiz isso por cerca de três minutos, o suficiente para o barco que eu estava vendo partir. Finalmente eu não consegui aguentar mais. Por um instante até pensei que fosse alguém olhando para o outro lado. Fascinante como nós sempre pensamos que as coisas giram em torno de nós. Entretanto, eu estava certo desde o começo. Vi essa velha parada ao meu lado, olhando diretamente para mim. Ela era exatamente como você descreveu. Até o batom nos dentes. Também estava vestindo algo bem inadequado. Tanto que mais tarde, quando eu a descrevi para a Jenn, fiquei chocado por ela não ter visto a velha. Como ela pôde não ter visto uma velha usando maquiagem de drag queen e um vestido roubado do cadáver de Bette Davis?

A história de Dex estava provocando arrepios na minha espinha.

— E… o que aconteceu? — Perguntei fascinada. De repente eu estava muito feliz por estarmos próximos um do outro naquele carro. Eu estava prestes a saltar nos braços dele.

Ele pigarreou.

— Bem, não sei. Ficamos lá algum tempo, se bem que talvez tenham sido só alguns segundos. O sorriso dela era tão… onisciente. Eu não conseguia pensar no que fazer ou dizer. E o mais engraçado era que ela me parecia estranhamente familiar. Ela disse algumas coisas para mim… bem, ela parecia saber tudo sobre mim. Ela disse…

Sua voz sumiu, e ele olhou para as mãos. Uma mecha de cabelo caiu à frente. Eu o esperei continuar, não querendo me meter uma vez que o assunto parecia ser mais do que pessoal.

— Ela basicamente disse que eu encontraria alguém que poderia me ajudar a encontrar o que eu procurava. Alguém que me ajudaria a encerrar um assunto.

Então começou a ir embora. Por algum motivo, eu não consegui correr atrás dela, por mais devagar que ela se movesse. Eu só consegui perguntar “quem?”. Ela me disse exatamente isso: “Você irá encontrá-la no farol”. Então ela virou a esquina e desapareceu.

— Você não foi atrás dela?

Ele balançou a cabeça, o branco em seus olhos se mostrando claramente.

— Não pude. Eu só conseguia pensar que tinha de voltar para Jenn. Não queria ver aquela mulher novamente.

— Mas ela sabia tudo isso sobre você, coisas que ninguém mais saberia! — Exclamei.

— Eu sei, mas eu não queria saber *como* ela sabia.

— O farol — eu refleti.

— Bem, não fez muito sentido para mim por muito tempo, até eu encontrar… bem, você. E ainda não fazia muito sentido, pelo menos na época. Mas…

Ele olhou para mim com uma pontada de anseio. Talvez impressionado. Ou talvez eu estivesse vendo o que queria ver.

— Enfim, eu sabia que tinha de fazer você embarcar na minha ideia, não importa o que acontecesse.

— Você disse aos gêmeos que era ideia do seu chefe, que você só estava fazendo o que cara havia mandado — eu apontei, ainda irritada com a revelação da noite passada.

— Eu menti — ele disse.

— Por quê?

— Porque às vezes eu minto, Perry. Todos nós mentimos. Até você, mas nem todo mundo tem coragem o bastante para admitir.

Eu não estava satisfeita com essa resposta desconfortante. Eu sabia que só serviria para me fazer pensar duas vezes em tudo o que ele dissesse e fizesse a partir de agora, mas ignorei isso e o fiz continuar.

— Então você só me procurou porque eu era a moça do farol?

— A princípio. Então isso me fez perceber que talvez fosse um sinal de que eu estava na direção certa. Que isso talvez fosse finalmente minha separação de

Gatas do Vinho para começar algo sozinho. *Gatas do Vinho* sempre foi ideia da Jenn e do Jimmy… eu só entrei mais tarde, depois que o *cameraman* saiu.

— Bem — eu disse e me sentei novamente contra meu banco. Eu não estava certa do que fazer com isso agora.

— Bem — ele concordou. Ficamos lá em silêncio por alguns momentos. Finalmente, eu tive de perguntar.

— Então você a viu. Agora mesmo, na lanchonete. O que ela disse que o fez surtar daquele jeito?

Seus olhos se encheram de medo. Ele os fixou em mim. Me mantiveram ali.

— Prefiro não dizer, mas basicamente… — Ele suspirou e começou a morder o lábio. Eu o observei atentamente para me certificar de que ele não arrancasse sangue novamente. — Ela basicamente disse que isso era só o começo. E que tínhamos de terminar o que havíamos começado.

— E o que acha que isso significa? — Perguntei.

Ele me ignorou.

— Ela disse alguma coisa para você?

Senti que se eu contasse a ele o que ela dissera, se é que ela havia dito alguma verdade, e eu acreditava que sim, só iria colocá-lo na berlinda. Mas diferentemente de Dex, eu não sabia mentir. Ele perceberia.

— Ela disse que você me contaria o que aconteceu com você. Seja lá o que isso signifique. E que eu tinha de ficar de olho em você. — Eu omiti a parte de que éramos farinha do mesmo saco. Isso era ridículo demais até para ser mencionado, e meio ofensivo.

— Ficar de olho em mim? Por quê? — Ele perguntou, parecendo quase desinteressado.

— Não sei. Ela é uma palhaça decrépita de dar arrepios.

Ele conseguiu sorrir e olhou para as unhas.

— É, ela é, mas ela nos conhece. A nós dois.

— Ela conhece você — eu ressaltei. — Eu só a vi uma vez antes, e agora ela só falou sobre você.

— Ela mencionou você também — ele admitiu casualmente.

Meu coração se acelerou. Senti que ele estava prestes a dizer algo contundente, apesar de eu não ter ideia do que poderia ser. Ela sabia algo

profundo, sombrio e secreto sobre Dex. Que coisa profunda, sombria e secreta ela poderia saber sobre mim?

— O que ela disse?

— Ela disse que eu precisava cuidar de você. Que você precisava de mim, e que eu tinha ficar de olho *em você*. — Ele riu na última parte. — Acho que ela estava sugerindo que você podia ser perigosa.

Eu? Perigosa? Dei a Dex um olhar absolutamente estupefato para ampliar a dúvida e a confusão que eu sentia.

— Não pareça tão chocada — ele disse calmamente. — Eu consigo ver.

— Ver o quê?

— Eu te disse que você me assusta, não disse? — Ele olhou nos meus olhos por um segundo, então afastou o olhar.

Mesmo eu tendo feitos aulas de dublê para me sentir poderosa, para me sentir perigosa, o que ele disse me arrepiou até os ossos. Eu sabia que eu podia ser vagamente perigosa com meu mata leão, mas um homem mais velho, mais forte e mais *esquisito* admitir que tem medo de mim… bem, isso não estava certo. Eu não era *tão assustadora assim*.

— Tenho um metro e cinquenta e oito e sou doce como um ratinho — eu disse na defensiva.

Ele fez um beicinho e levantou a sobrancelha.

— Você é baixinha. E sei que pode ser doce quando quer. Mas há diferentes tipos de perigo, mocinha, só digo isso.

Eu tinha a necessidade de me justificar, de demonstrar quão doce eu podia ser. Mas talvez fosse justamente disso que ele estivesse falando. De repente comecei a duvidar da minha natureza.

— Ei — ele disse, pressionando o dedo indicador entre minhas sobrancelhas para alisar o franzido que devia estar lá. — Tudo bem. Sou um menino crescido. Vou ficar de olho em você se você ficar de olho em mim. Combinado?

Seu dedo estava quente contra minha testa, deslizando como uma faca sobre um tablete de manteiga aquecida.

— Combinado — sorri timidamente. Ele tirou o dedo da minha testa e pareceu melancólico. — E agora? — Eu perguntei.

Ele deu de ombros.

— Não sei.

— O que acha que tudo isso significa?

— Novamente, quem dera eu soubesse. Mas acho que estamos fadados a descobrir.

— Fadados? Como coisa do destino? — Dex não me parecia alguém que apostaria muito no destino.

— Talvez sim, talvez não, mas acho que você concorda que isso tudo é muito maior do que nós dois. Essa mulher. O que está acontecendo com você. Não são apenas coincidências. As coisas estão acontecendo por um motivo.

— Seja como for, ainda não sei o que devemos fazer em relação a isso.

— Acho que você sabe. Você disse que sabia mais cedo.

Disse? Eu soltei o ar sonoramente e observei a chuva batendo contra as janelas. Estava diminuindo, e o céu estava clareando um tom ou dois. Era difícil de acreditar que era apenas dez da manhã. Fazia só vinte e quatro horas desde que Dex havia me buscado na casa dos meus pais, mas parecia uma vida inteira.

Sim, acho que eu sabia o que eu… o que nós tínhamos de fazer. A única coisa que parecia certa. Voltar para o farol enquanto ainda estávamos na estrada. Filmar a coisa toda. Terminar de uma vez por todas e dar o fora. Vivos.

Eu não acrescentei essa última palavra apenas para causar impacto, apesar de o simples fato de pensar nela me desse arrepios.

Algo me dizia que desta vez seria bem diferente. Bem maior. Muito mais aterrorizante. Se voltássemos ao farol, definitivamente algo iria acontecer. Havia muita expectativa, muitos sentimentos para não acontecer nada. A mulher disse a Dex que ainda não havíamos terminado; pode me chamar de louca, mas eu estava inclinada a acreditar nela.

— Quando a mulher falou com você na lanchonete, alguém mais a viu? — Perguntei com curiosidade.

Ele pensou por um momento, então balançou a cabeça.

— Eu sinceramente não notei. Acho que reparei na garçonete dando um olhar estranho para ela, o que poderia significar que a senhora é real, e não um fantasma, sabe? Se é o que você está perguntando, mas não posso ter certeza.

— Ou ela é real ou não é. Se não é real, é um fantasma.

— Ela pode ser algo que nós dois estamos imaginando.

— Isso é possível?

— Acho que teríamos de partilhar uma consciência se fosse. Não sou especialista em ciências ocultas, mas acho que deveria começar a pesquisar sobre. Fazer um curso sobre isso na faculdade. Eles têm parafísica na itt Tech, certo?

Ele deu um sorriso preguiçoso. Agradava-me ver que sua cor havia voltado e que seus olhos estavam mais calmos. Eu me sentia mais calma também, só de saber que estávamos juntos nisso.

— Então, acho que a única coisa que nos resta é voltar e tentar de novo. Hoje — eu anunciei, novamente determinada.

— Hoje à noite — ele contestou.

— Toda lógica e bom senso sugerem uma visita diurna — discuti.

— Você sabe que nada vai acontecer durante o dia.

— Não, não sei, e você também não. Coisas insanas acontecem o tempo todo durante o dia. E vai ser muito mais fácil de gravar.

— Exatamente! Seria mais fácil, é por isso que nada vai acontecer durante o dia. Você já se perguntou por que ninguém nunca conseguiu uma fotografia com a prova incontestável de um fantasma? Porque eles não podem ser *vistos* dessa forma.

— Essa é sua teoria?

— Sim, e é uma boa teoria. Fantasmas, o paranormal, coisas inexplicáveis. Nunca houve prova concreta porque o que quer que estejamos caçando se recusa a ser capturado. Eles se recusam a ser vistos por todos. Eles existem o suficiente para nos atrair e nos seduzir, mas no final não nos dão nada concreto. É como… a lei dos fantasmas. Você não viu *Os fantasmas se divertem?*

— Aham — eu disse lentamente. Não tinha ideia de onde ele queria chegar.

— Eles se metem em encrenca se são fotografados. Não acho que seja muito distante disso. Além do mais, acho que as energias só podem ser captadas por certos tipos de pessoas, pessoas como você. E, bem, isso só deixa a gravação mais misteriosa.

— Achei que você não acreditasse em fantasmas…

— Eu minto. Lembra?

Ah, certo.

— E se formos quando começar a escurecer? — Eu propus, tentando me comprometer apesar do meu nervosismo.

— Por que às sete da noite não é tão assustador quanto às duas da madrugada?

— Isso, exatamente.

Ele deu de ombros.

— Por mim tudo bem. Daí podemos voltar para Portland assim que acabarmos. Você tem de trabalhar amanhã, não tem?

Eu assenti. Eu tinha de trabalhar. Tinha aquela reunião, e tinha quase me esquecido dela. Eu não queria ir parecendo e me sentindo um lixo, mas sabia que não tinha muita escolha.

Está bem, claro que eu tinha escolha. Eu podia cancelar tudo e me esquecer disso. Tocar minha vida, mas eu não queria tocar minha vida, não a vida que deixei em Portland. Mesmo com a promessa de uma promoção em vista, não conseguia imaginar voltar para as coisas como eram antes. Era irritante, horripilante às vezes, sentir como se o apego pela realidade estivesse lasseando, como se estivesse lidando com algo muito além de qualquer compreensão sobre a vida e a morte. E ainda assim era tão cativante.

De certa forma, ao lidar com os mortos, eu nunca havia me sentido tão viva.

Ter Dex ao meu lado também ajudava. Na verdade, não acho que eu seria capaz de seguir com isso se não fosse por ele. Ele fazia os sonhos, os sustos, o desconhecido suportáveis. E depois de falar com ele naquele carro frio estacionado atacado pela chuva, no acostamento da rodovia costeira, eu sentia como se eu estivesse um passo mais perto de compreendê-lo.

Bem, um passo com mais um milhão por vir. Entretanto, ainda assim um passo.

Ele se sentou direito e colocou o cinco de segurança. Ajustou sua jaqueta e abriu um sorriso que deixou meus joelhos bambos. Fiquei feliz por estar sentada.

— Vamos voltar para a casa do seu tio e planejar melhor as coisas?

Eu sorri e assenti. Não tanto pelo que ele havia dito. Eu assenti para mim mesma, percebendo que conhecer melhor Dex, implicava que eu cuidasse de mim mesma.

Independentemente de maldições malignas, Velho Roddy ou Palhaça Decrépita Bizarra, me apaixonar por esse homem seria a coisa mais assustadora

de todas.

CAPÍTULO DOZE

BASTA DIZER QUE TIO AL FICOU EXTREmamente surpreso quando nós aparecemos novamente na sua porta. Por mais que ele amasse companhia, eu tinha certeza de que ele havia soltado um suspiro gigante quando Dex e eu partimos de manhã. Desculpe, tio Al; você não vai se livrar da gente tão facilmente.

Ainda assim, ele foi educado o suficiente para nos deixar ficar na sua casa o dia todo. Os meninos já estavam acordados jogando videogame, o que para Dex estava muito bem. Decidi ser útil e aliviar um pouco da culpa fazendo uma torta de maçã para os rapazes. Sim, eu sei que não pareço ser o tipo de mulher que esquenta a barriga no fogão (realmente não sou; meu talento para cozinhar é medonho), mas até que tenho jeito com o forno.

Além disso, era um jeito de fazer o tempo passar. Eu já havia usado a internet dos gêmeos por uma hora, apenas respondendo e-mails e verificando os comentários do blog. Ada estava de volta e a todo vapor, totalmente dedicada em provar que o blog era dela e de mais ninguém. Ela postou bastante desde que parti, parecia que ela estava tentando enterrar meus posts sob montes de moda e futilidade.

Não importava. Eu sabia que tinha um plano B (Dex) e eu ainda recebia mensagens curiosas sobre minhas aventuras. Um clube de caçadores de fantasmas de Salem (imagine só), Oregon, estava perguntando se podia me entrevistar ou ver o farol. Eu decidi deixá-los no banho-maria por um tempo, mesmo que a resposta fosse um categórico não.

No entanto, eu não pude evitar contar isso a Dex quando nos sentamos na mesa da cozinha armados com canetas e papel para planejar a noite.

— Então, um clube de caçadores de fantasmas de Salem está querendo que eu os receba e mostre a eles o farol — eu disse casualmente.

Dex parou o que estava escrevendo, mas não olhou para mim.

Ele pigarreou.

— E?

— Não respondi a eles — disse honestamente. Ele abriu a boca para dizer algo, então fechou-a abruptamente e depois abriu a boca novamente.

— Bem, faça o que quiser. Você é dona do próprio nariz, nós não assinamos nada.

Soou indiferente, como se realmente não se importasse com o que eu fazia. Isso me irritou. Eu esperava que ele ficasse com inveja, por mais imaturo e mesquinho que isso pareça. O tiro saiu totalmente pela culatra.

Como uma deixa para botar uma pedra naquele assunto, o celular de Dex começou a vibrar na mesa. Uma foto de Jennifer apareceu na tela. Meu rosto deve ter caído no chão e sido automaticamente tomado por um rosa vibrante. Por sorte, Dex estava ocupado.

— Oi, gata — ele atendeu.

Eu podia ouvir a voz dela abafada do outro lado. Ela parecia falar bastante. Dex olhou brevemente para mim, e eu tentei projetar uma curiosidade casual.

— Sim, tudo bem. Sério, eu não me importo. Faça o que você e as meninas quiserem. Sem problema. Só vou chegar em casa de manhã, mesmo.

Seus olhos voaram para os meus, mas ele estava olhando através de mim novamente. Sua voz ficava diferente quando falava com ela. Era um tom ou dois mais alto, sem aquele tom sexy na voz. Eu me perguntei o que aquilo significava, se é que significava alguma coisa.

— Sim, ainda não. Está bem. Tchau.

Ele apertou o botão de desligar e soltou o telefone.

— Ok, onde estávamos? — Ele perguntou a si mesmo, pegando a caneta e colocando-a no papel.

Eu não pude evitar a pergunta:

— Ela não se importa que você fique outra noite?

Ele balançou a cabeça.

— Não. — Ele bateu no papel com a tampa da caneta e olhou para a janela.

— Tem mais torta?

— Sim, tem uma fatia ou duas; guardei na geladeira — disse com desconforto. Acho que ele não iria falar sobre ela comigo. Talvez eu fizesse perguntas demais. Talvez ele só quisesse torta.

Ele entrelaçou os dedos e abriu um sorriso meigo.

— Você pegaria um pedaço de torta para mim? — Ele levantou a sobrancelha. Tentei não revirar os olhos. Abri a geladeira, me abaixei e peguei a torta e uma garrafa de leite. Acenei para ele.

— Quer um copo de leite também? — Perguntei mal humorada.

Ele estava olhando para a minha bunda. Pelo menos, era o que parecia. Acho que sendo a maior coisa no cômodo, devia ser difícil *não* olhar para ela.

Esperei ele levantar os olhos. Ele finalmente os ergueu e exibiu inocentes dentes brilhantes e alinhados.

— Estava olhando minha bunda?

— Sim — ele respondeu sem hesitar. Seus olhos redondos e perturbados. Ou jocosos, se preferir um termo mais educado do que “perturbado”.

Eu balancei a cabeça. Coloquei o leite de volta na geladeira, sem me abaixar desta vez, peguei um garfo e coloquei uma fatia de torta na frente dele. Podia sentir as chamas subindo pelo meu pescoço e pelas minhas bochechas.

Ele não parecia incomodado com isso.

— Obviamente eu também preciso de um guardanapo — ele disse objetivamente.

— Obviamente — eu murmurei, enquanto caminhava até a gaveta e jogava um guardanapo na frente dele. Eu me sentei e o estudei receosa.

Ele dobrou algumas vezes o guardanapo bem direitinho e colocou-o no bolso da camisa, com a pontinha de fora, como um lenço. Então se afundou na torta, terminando-a em algumas bocadas. Empurrou o prato para longe e limpou a boca com as costas da mão, aparentemente esquecendo do guardanapo.

Ele me notou. Acho que o estava encarando de novo. Era melhor ele se acostumar com isso, é difícil não encará-lo quando ele agia tão… ai, Deus, tantos adjetivos para usar aqui.

— Não vai comer nada? — Ele apontou para mim com o garfo.

— Não gosto de torta — disse. Isso não era verdade, não sei por que menti.

— Não gosta de torta? Que tipo de pessoa não gosta de torta? — Ele riu, se inclinou e cutucou meu braço com o garfo. — Não dá para confiar em você.

Eu instintivamente me afastei.

— Não sou eu quem está apontando um garfo.

Ele abriu minha mão e colocou o talher nela.

— Agora é você que está com o garfo.

Ele se sentou na cadeira, abaixou o olhar para suas anotações e coçou pensativamente as costeletas. E do nada…

— Eu só quero que você curta as coisas doces da vida, Perry. Só isso.

— Eu curto… doces — consegui dizer. Não iria animá-lo com minhas tiradas, com certeza não.

— Doces são uma metáfora — ele disse baixinho.

Ele soltou ar e bateu o punho na mesa. O prato com a torta pulou. Eu pulei. Tenho certeza de que os gêmeos no outro cômodo pularam.

— Tudo bem, chega de conversa fiada — ele rosnou. — Vamos fazer um plano de ação concreto para esta noite. Por mais que eu adore seguir com o vento e fazer o que dá na telha, acho que não podemos nos dar ao luxo de fazer isso desta vez. Talvez da próxima. Parece bom?

— Ai, Deus, que seja — disse para dentro.

— Esse é o espírito — ele refletiu e começou a rabiscar furiosamente o papel. Logo percebi que ele estava desenhando o farol detalhadamente.

— Então, havia quatro andares, certo?

Eu não conseguia lembrar.

— Não sei. Até onde você foi até eu chegar?

— Não cheguei até o topo. — Ele terminou o desenho e apontou a torre com a caneta. — Vamos lá em cima hoje à noite.

Já era o bastante ter “acontecimentos” nos andares mais baixos, que eram mais seguros.

Ele apontou para a parte habitável no prédio.

— Vamos também chegar ao segundo andar, agora que temos a chave. Eu gostaria de te levar de volta àquele quarto.

Lembrando o que o tio Al me contou sobre a mulher morta amarrada com algas na cama, fiquei enjoada com a ideia.

— Vou tentar. Mas não vou fazer nenhuma idiotice, entendeu?

Dex me deu um rápido sorriso.

— Claro.

Não era muito reconfortante. Eu me perguntava se era uma de suas mentiras.

Fomos discutir qual equipamento deveríamos levar, o que eu deveria dizer à câmera e quais eram os cômodos de início e fim.

— Provavelmente deveríamos ter um código de segurança também — ele disse.

— Um código de segurança? Tipo no sadomasoquismo?

Os olhos dele brilharam, animados e claros.

— A palavra de segurança é gelatina.

Deus me proteja se eu tiver de dizer “gelatina” por alguma razão.

Dei a ele um sorriso safado, mas seus olhos estavam focados além de mim na sala. Virei a cabeça e vi Matt e Tony parados lá, cochichando um com o outro e nos olhando de cara feia.

— Precisam de alguma coisa? — Dex perguntou.

— Que foi, meninos? — Eu perguntei num tom mais leve.

Os gêmeos trocaram um olhar rápido antes de Matt vir à frente, olhando trêmulo para Dex.

— Hum, nós, hum, a gente meio que estava ouvindo vocês e tal…

— Queremos ajudar — Tony falou e se juntou ao irmão ao meu lado.

— Tááááá — eu disse lentamente.

— Nós moramos aqui, esse farol é nosso — Tony continuou, com os braços cruzados sobre o peito em desafio.

Matt revirou os olhos.

— Só achamos que podemos ajudar seu programa de TV, de internet, sei lá.

— E como? — Dex perguntou com a melhor voz de professor de escola.

Outro rápido olhar entre os gêmeos. Dava para ver que Tony ia abrir a boca, mas Matt puxou uma cadeira e se sentou.

Ele olhou para Dex em concordância, e me encarou antes de começar a despejar. Policial bom, policial ruim.

— Perry, sabe o Ás?

Como eu poderia me esquecer dele?

— Bem — ele continuou —, ele tem um barquinho em Nehalem Bay. Iríamos lá mais tarde de toda forma para… bem, fazer algumas coisas. Então pensei que poderíamos levar vocês pela água. Sabe, para que vocês possam ter alguns bons planos de filmagem do farol daquele ângulo.

A ideia de sair de barco, especialmente com aquele tempo de merda, não era nada atraente, mas podia ver que Dex estava começando a considerá-la seriamente. Era como se Matt soubesse que a frase mágica era “bons planos de filmagem”. Parecia que o caminho para o coração de Dex era qualquer coisa que ajudasse sua filmagem.

Isso e torta.

Dex baixou os olhos para os desenhos e então para o céu cinza pela janela. Eu esperei que ele dissesse algo. Todos esperamos.

Finalmente ele olhou para Matt e deu de ombros.

— Claro, se você acha que é uma boa ideia.

Ele queria parecer desinteressado, mas eu podia ver que ele estava se estapeando por dentro por não ter sugerido isso antes. Acho que alguns planos e pontos de vista diferentes realmente acrescentariam um pouco de variedade à maneira como estávamos fazendo as coisas, e eu sei que os gêmeos estavam se sentindo um pouco de fora dessa aventura que acontecia na propriedade *deles*. Ainda assim, eu me sentia desconfortável com isso. Sair na água, com ninguém menos que Ás a reboque parecia o prenúncio do desastre.

Matt e Tony abriram sorrisos idênticos. Tony riu.

— Que bom — porque já falamos com o Ás sobre isso. Ele está nos esperando no cais.

Agora era hora de Dex e eu trocarmos um olhar desconfortável. Imagino que teríamos de seguir às cegas com eles.

Tio Al saiu por um tempinho, e provavelmente era melhor assim. Apesar de ter um homem de trinta e dois, uma mulher de vinte e dois e dois meninos de dezenove tomando as próprias decisões, eu sabia que ele não ficaria muito feliz

de saber que íamos sair de barco com ninguém mais, ninguém menos, do que o “Ás”.

Rapidamente preparamos o equipamento, além de alguns sacos plásticos a mais e capas de chuva para emergência, caso a chuva apertasse novamente, o que era inevitável, e seguimos para a caminhonete dos gêmeos.

Dex e eu ficamos no estreito banco traseiro, o qual estava metade ocupado, por algum motivo, por uma armadilha para caranguejos.

Eu não entendia o sentido de ter uma caminhonete se as coisas não são colocadas na caçamba, mas agora não era o momento de questionar os gêmeos sobre nada.

Infelizmente isso significava que eu tinha praticamente de me sentar no colo de Dex.

Tudo bem, talvez não fosse tão infelizmente assim. Os bancos estavam úmidos e um pouco mofados, enquanto a perna de Dex era firme e quente. (Eu mencionei firme? E quente?)

Ainda assim, eu não pude evitar um rápido sorriso tímido por estar não apenas com o peso de metade da bunda e uma coxa sobre ele, mas também por estar literalmente em cima do rosto dele.

— Desculpe — eu disse com a voz baixinha. Porque meus lábios estavam a poucos centímetros dos dele, a última coisa que eu queria era soltar meu bafo sobre ele.

Ele deu um sorrisinho de canto de boca, talvez pensando a mesma coisa. Nesse meio tempo, eu sabia que os gêmeos estavam nos espiando pelo espelho retrovisor.

— É, desculpe pela armadilha aí atrás — Matt disse. — Não queríamos que ela se molhasse.

Não fazia sentido nem tentar entender isso. Eu só dei a eles um merecido olhar torto e seguimos.

Claro que a estrada era toda irregular, e eu fiquei instantaneamente ciente de novo de A) quanto eu pesava e B) quanto meus peitos pulavam quando passávamos por um buraco. Juro, uma hora eles quase bateram no Dex. Tive de morder os lábios com força para segurar o riso e evitar olhar diretamente para ele, como se ele fosse um eclipse solar.

Após vinte minutos consciente do corpo de Dex embaixo do meu, e de seu hálito quente no meu pescoço *e ainda* ser submetida a Nickelback sem parar, cortesia do pavoroso CD player dos gêmeos, nós finalmente entramos numa marina de aparência vagabunda tomada por redes de pesca semiabandonadas e pilhas de caixotes apodrecidos.

Saímos da caminhonete, e o ar estava mais frio e úmido do que na casa. Ás veio animado até nós, parecendo bem o punk de que eu me lembrava da semana passada: um rosto sujo, moletom velho com capuz e olhos malandros. Na verdade, à luz do dia ele parecia mais velho também, o que não era um bom sinal, considerando que ele ficou com a minha irmã de quinze anos.

Ele cumprimentou os gêmeos como se eles fossem todos da mesma gangue em Compton e deu a Dex e a mim um aceno de cabeça.

— E aí, caça-fantasmas? — Ele disse. — Prontos para chapar o coco?

— Hum — eu disse, olhando para Dex. Eu sabia que ele ficaria de saco cheio do Ás em dois segundos.

— Chapamos depois — Matt disse, e apontou para o barco. — Que tal tirarmos o barco primeiro?

— Parece sensato. — Ás riu e tirou uma garrafinha de rum de seu bolso da frente. Deu um golinho e piscou para mim e para Dex. — É meu direito como pirata.

Ele saiu pela doca com os meninos o seguindo bem de perto. Eu balancei a cabeça e murmurei.

— Não consigo acreditar que ele ficou com minha irmã.

Dex riu.

— Esse imbecil ficou com a sua irmã? Ela não está na escola ainda?

Eu suspirei.

— Sim, está.

Ele fez uma careta.

— Sei que vocês mulheres gostam dos *bad boys* e tal…

Eu ri, talvez alto demais.

— Eu não!

Ele levantou a sobrancelha para mim, o piercing refletindo a luz fraca.

— Bom saber — ele disse com um sorriso malicioso e seguiu atrás dos meninos.

Descemos pelo cais escorregadio, passando por tripas de peixe, placas faltando e cascos tomados de cracas até chegarmos ao barco do Ás. Surpreendentemente não era uma merda de barco como os outros pareciam ser. Era só um pequeno barco com bancos e uma minúscula cabine na frente que tinha só espaço suficiente para uma cama. Eu estremeci internamente. Ainda bem que Ada nunca viu esse lugar.

Nós subimos, colocamos a capa de chuva e protegemos a câmera (com o Ás dirigindo, imaginei que ficar seca não seria uma tarefa fácil) e rugimos para fora do porto com tamanha velocidade que já comecei a esperar que algum velho no cais começasse a acenar com o punho pedindo para desacelerarmos.

Ao sairmos da baía para o oceano aberto, as coisas ficaram rapidamente intensas. Eu estava me agarrando ao meu banco pela minha vida e Dex gritou repetidamente a Ás para diminuir alguns nós. Quanto mais as ondas nos acertavam, mais molhados ficávamos. Seria um inferno se a câmera do Dex ficasse danificada por isso…

Finalmente Ás aceitou as sugestões. Ou melhor, Matt assumiu o leme e deixou Ás e Tony terminarem o resto do rum. O barco desacelerou até chegar a uma velocidade confortável o bastante para que Dex pudesse começar a gravar a costa.

Estávamos bem longe do farol, mas as ondas acinzentadas que vinham contra nós, a espuma branca e as faixas de pastos e a praia eram bem fotogênicas. Do outro lado, no horizonte, havia uma mancha desbotada, o Farol Tillamook. O Terrível Tilly.

Eu apertei bem a capa de chuva ao meu redor. Estava me sentindo terrivelmente molhada e um pouquinho enjoada a cada solavanco do barco. Para tirar minha atenção disso, assisti ao Dex planejando, ajustando a câmera e fazendo uma panorâmica ao nosso redor.

— Precisa que eu esteja nos planos? — Perguntei sobre o rugido do motor. Não que eu fosse filmar o material naquele momento, com meu cabelo emaranhado e molhado e a roupa de saco de lixo, mas eu queria fazer alguma para evitar vomitar. Engraçado que nunca fiquei enjoada em barco antes.

— Acho que estou bem — ele disse, mantendo os olhos no visor. — Isso provavelmente só vai ter alguma narração depois. — Ele me deu um rápido olhar

curioso. — Você está bem?

Eu estava prestes a responder quando Ás decidiu enfiar a garrafa de rum debaixo do meu nariz.

— Isso vai te curar! — Ele disse enrolando a língua.

Foi o suficiente para fazer eu me mexer. Fiquei de pé vacilante, enquanto o barco sacudia para todo lado, e segui até os fundos.

— Ei, cuidado — Dex disse agarrando meu braço para me equilibrar. Fiz sinal para ele me deixar ir. Eu estava desconfortavelmente prestes a vomitar.

Caminhei para o lado oposto do barco, onde o Pacífico se estendia para se encontrar com o céu, e fiquei de joelhos.

— Ela vai gorfar! — Ás gritou da frente.

— Cale essa boca — ouvi Dex dizer a ele.

— Você está bem, Perry? — Matt perguntou, ignorando os dois.

Fiz sinal para eles pararem de falar e me deixarem em paz para me concentrar em não despejar o almoço na lateral do barco.

Meus joelhos se encharcaram no convés, e os meninos estavam discutindo sobre algo, mas de alguma forma meu cérebro estava cooperando comigo e lentamente os afastando, como se meus ouvidos tivessem um botão para diminuir o volume.

Agarrei o canto do barco e coloquei a cabeça para fora, até poder ver as ondas cinza batendo abaixo de mim.

Mantive o foco no oceano revolto e me concentrei na miríade de cores frias e nas formas da espuma cremosa do mar a cada crista e a cada vale. As ondas de náusea continuaram a passar por mim, mas o pior era o desconforto e o pânico que havia começado a passar pelas minhas veias. Eu estava com medo, mas não sabia do quê.

Fechei os olhos e lentamente respirei o ar salgado. O rugido do motor, os meninos e os sons das ondas diminuíram até tudo o que eu ouvia era o meu coração pulsando na minha cabeça.

— Perry.

Era uma voz de mulher.

Eu abri os olhos. Só conseguia ver o oceano.

— Perry — a voz disse novamente. Era estranhamente familiar e vinha da minha frente. Das ondas.

— Perry, você está bem?

Será que eu estava ouvindo coisas?

Lentamente me virei e olhei para o barco. Dex estava de costas para mim, ainda gravando a terra e o farol, que agora podia ser avistado. Matt estava concentrado dirigindo, enquanto Ás tagarelava com ele sobre algo. Tony parecia estar prestando atenção nele enquanto me olhava com a visão periférica.

— Perry, me ajude — ouvi novamente a voz que vinha da direção da água. Meus olhos se arregalaram e meu coração desacelerou. Eu não tinha escolha senão olhar sobre a borda do barco.

Algo escuro se movia abaixo das ondas. A princípio parecia uma sombra passando pela onda ou impressão por causa da marola. No entanto, quanto mais eu olhava, mais eu podia vislumbrar algo.

Era um braço? Movia-se como um.

Então dedos. Eu pude ver uma mão abaixo da superfície da água.

Eu tentei gritar, dizer algo, me mexer. Mas não conseguia. Eu só via uma mão sair da água, uma sombra aguada transformando-se em algo físico. Tinha tons verde e branco, mas era real, com veias azuis correndo pelo braço.

O braço estava acompanhado de outro, parecia uma pessoa sem cabeça se mexendo na água. Eu olhei fixamente para o lugar onde a cabeça deveria estar. Podia ver as sombras serpenteando mais abaixo.

Uma das mãos começou a curvar um dedo para mim. Reconheci por acaso o esmalte azul no dedo. Tinha aquele mesmo tom.

Ainda segurando a borda do barco, fiquei lentamente de pé, até estar parada bem acima e olhando o corpo.

A cabeça irrompeu da água.

Era *eu*.

Eu estava olhando para mim mesma flutuando na água, com aqueles olhos mortos vidrados que soltavam um fluido verde.

— Me salve, Perry — ela disse. Minha boca se abriu como se meu corpo estivesse em queda livre. Minha mente rodopiou.

Antes que eu pudesse reagir, ela saltou da água e agarrou minha capa com as duas mãos.

Eu soltei um grito que chacoalhou até o tutano dos meus ossos e fui puxada sobre a beira do corrimão do barco.

A água correu para me cumprimentar, tornando-se negra, preparada para me engolir nas profundezas.

Então fui agarrada por trás e puxada de volta no instante em que as ondas iam beijar meu rosto.

Eu caí de costas no barco. Alguém me pegou.

— Perry! — Eles gritaram, e o barco parou repentinamente, me empurrando para meu herói.

Era Tony, me segurando com firmeza pelas costas com as duas mãos enquanto Dex sacudia meus ombros suavemente.

Foi como uma eternidade até meus olhos poderem de fato focá-lo.

— Jesus — Dex praguejou, em seus olhos havia uma mistura de preocupação e irritação.

— O que aconteceu? — Eu perguntei enquanto minha respiração finalmente voltou ao meu corpo.

Olhei para Ás e Matt me olhando do timão. Ambos pareciam mais com medo do que preocupados.

— Acho que você teve outra crise, Perry — Tony disse baixinho.

Dex deu a Tony um olhar atravessado, mas eu o ignorei. *O que havia acabado de acontecer?*

Eu me virei para olhar novamente para a água. As ondas passavam como sempre haviam feito. Não havia nada.

— Você não a viu na água? — Eu perguntei francamente, sabendo que aquilo me fazia parecer louca.

— Ela quem? — Dex disse. Tony soltou meus braços e Dex me puxou um pouco mais para perto dele. — Quem estava na água?

Eu balancei a cabeça.

— Esqueça.

— Está vendo coisas de novo — Matt falou.

— Cale a boca, Matt! — Eu disse. Sinceramente, era meio verdade.

Achei que Dex cairia em cima do que ele disse, mas deixou passar.

— Estávamos te chamando. Você só olhava para a água. Acho que não nos ouviu.

Assenti concordando. Eu me sentia cada vez mais idiota.

Ele suspirou e me levou até o banco. Estalou os dedos para Matt.

— Acho que deveríamos voltar agora. Tem um colete salva-vidas? Um cobertor ou algo assim?

Tony desapareceu na cabine e saiu com o colete; Dex tentou colocá-lo em mim.

— Para sua segurança — ele disse bem sério.

— Pfff — eu tentei afastá-lo. — Não sou um bebê.

Para falar a verdade, eu estava apavorada e o deixei colocar o colete em mim. Então ele me entregou um cobertor fedido enquanto os gêmeos levavam o barco para a costa.

— Acho que você devia tomar uma biritinha — Ás brincou.

Não parecia mais uma má ideia. Minha mente estava com tanta dificuldade de processar o que havia acontecido que qualquer coisa para anestesiá-la era bem-vinda.

Nós seguimos em silêncio pela maior parte da viagem, até Tony bater no meu ombro.

— Ei, você ainda vai naquele psicólogo? — Ele perguntou. Era uma pergunta ardilosa, mas a voz dele soava inocente, como se estivesse apenas curioso, o que não significava que fosse me fazer falar sobre meus encontros com o doutor Freedman, o psicólogo da família.

— Ele não era meu psicólogo; era da família toda — eu disse calmamente como se não fosse grande coisa.

— Ele só estava lá por sua causa — Tony apontou.

— Ei, mano! — Matt avisou do leme. — Não é hora nem lugar de falar sobre isso.

Tony deu de ombros.

— Desculpe. É só que, se você está vendo coisas novamente, talvez devesse ligar para ele.

— Vendo coisas novamente?! — Eu repeti ferozmente. Não fazia ideia do que ele estava falando.

Olhei para Dex e balancei a cabeça para indicar que era tudo bobagem. Dex não parecia muito convencido.

— Você via coisas antes? Que tipo de coisas? — Dex perguntou.

Eu suspirei.

— Não vi. — Olhei para os gêmeos. — Não sei do que está falando, Tony.

— O meu pai disse que você estava doente. Meio louca, que seus pais estavam surtando, tipo, quase internando você ou…

— Drogas, Tony. Eram só drogas — eu retruquei na defensiva.

— Drogas? — Dex e Ás disseram em uníssono.

— Ah, como se alguém neste barco pudesse falar de mim — eu disse. — Usei algumas drogas no colégio. Todo mundo usa.

— Nem todo mundo vai para o psicólogo por causa disso — Matt retrucou.

— Eu fui — Ás disse. A primeira coisa válida que ele disse até então.

— Viu? — Eu disse. — Os pais surtam, mesmo. Eu era um pé no saco. Uma idiota, o que quer que eu diga? Isso está no passado. Está tudo bem agora. Estou bem.

Ninguém pareceu convencido, exceto Ás, que voltou a não se importar. Dex parecia o menos convencido de todos. Ele ficava me olhando, tentando me entender, tentando ler meus pensamentos.

Eu me reclinei de volta no banco e virei minha cabeça para ele.

— Olha, estou cansada. E às vezes você vê coisas quando está cansado. Devia saber disso.

Afinal, naquela mesma manhã ambos nos deparamos com o absurdo da Palhaça Decrépita Bizarra. Qual é a diferença?

E se eu estiver vendo coisas? E se eu realmente avistei alguém na água? Um fantasma de mim mesma. Isso era possível?

Dex mordeu seu lábio por um tempo, mantendo contato visual e disse:

— Tem certeza de que consegue lidar com isso?

— Que porra é essa?! — Eu xinguei. Surpreendi a mim e a todos no barco. Até Dex pareceu espantado. — Claro que posso lidar com isso. Qual é o sentido

de falar sobre tudo aquilo de manhã? Nós decidimos que vamos fazer isso, então é isso o que vamos fazer. Só porque eu vi algo na água não significa que não estou ajuizada o suficiente para continuar. Temos um acordo!

— Tudo bem, está certo. Acalme-se. — Ele segurou meu ombro.

Eu o empurrei para longe. Quanta audácia ele me dizer para me acalmar.

— É só que você quase caiu no mar, e seus primos aqui estão falando que você ia a um psicólogo. Eu sei, eram as drogas ou qualquer coisa infeliz com a qual você tenha se metido quando adolescente, mas saber um pouco mais sobre isso teria sido bom antes de começarmos.

Soltei uma gargalhada sarcástica.

— Ah, então agora o fato de não nos conhecermos bem está se tornando um problema. Entendo.

Ele sabia que eu estava certa. Eu havia tentado tirar algo dele o final de semana todo, e agora que o jogo havia virado, era um problema para *ele.*

— Tá bom, mocinha. Só estava perguntando — disse. Ele se virou para ver as imagens que havia feito, como se nada tivesse acontecido.

CAPÍTULO TREZE

A CADA MINUTO ESCURECIA MAIS QUANDO voltamos para a marina e seguimos de volta para a casa do Al. Ele não gostou que tivéssemos saído e ficou roxo de raiva quando os gêmeos disseram a ele sobre o barco do Ás. Por sorte, o surto dele foi só com os gêmeos. Ele deixou Dex e eu em paz para fazermos nossas coisas, mas podia sentir que o tio Al sabia que algo estava rolando comigo.

Obviamente eu estava mais sensível do que nunca. Tentei afastar o incidente do barco da cabeça, mas a imagem de mim mesma, buscando por mim mesma, na água saltava em ondas cerebrais como uma mensagem subliminar.

Para o bem ou para o mal, eu realmente não podia me dar ao luxo de remoer isso. Tínhamos um trabalho a fazer e por mais assustada que eu estivesse, eu era teimosa demais para recuar. Especialmente agora. Tínhamos um programa para gravar, e ele não iria se gravar sozinho.

Quando o céu se tornou de um tom resolutamente cor de carvão, Dex e eu estávamos prontos para ir. O tempo havia piorado vertiginosamente na última hora, com vento em todas as direções, mas não era nem perto de tão caótico quanto o da noite anterior. Queríamos estar o mais preparados o possível desta vez, então eu usei a jaqueta cargo preta do Dex sobre as minhas roupas. Não me valorizava na frente da câmera, como ele esperava, mas ele também não queria que eu pegasse uma pneumonia.

Eu não me importava. Imaginei que o preto poderia me esconder dos fantasmas. Além disso, tinha o cheiro dele… muito bom.

Ficamos do lado de fora da porta dos fundos, lado a lado, vendo as ondas distantes captarem a luz amarelada projetada da casa. Dex parecia estar imerso

em pensamentos profundos, com a câmera apoiada no ombro. Eu não queria pensar no que estávamos prestes a fazer até eu ter de absolutamente fazê-lo.

Finalmente ele se virou para mim; seu rosto estava sombreado pela luz e reluzindo com as gotas do chuvisco.

— Está pronta? — Ele perguntou gravemente.

— Tão pronta quanto possível — respondi.

Ele pegou minha mão e segurou-a à nossa frente.

— Não vou te soltar desta vez. — A voz dele estava áspera. Eu sabia que ele estava falando sério.

Eu assenti, e ele apertou minha mão. Parecia quente e forte. Eu apertei a dele de volta, torcendo para que não tivesse de soltá-la. Eu queria que ele colocasse os braços ao meu redor e fizesse tudo ficar bem.

Em vez disso ele assentiu.

— Vamos lá filmar uns fantasmas.

Ele saiu andando, me puxando pela mão, e logo estávamos na praia, caminhando ao sul com passos determinados. Eu sentia que estávamos marchando para a batalha. Quase podia ouvir uma música dramática de Segunda Guerra na minha cabeça. Isso e o tema de *Matrix*.

Passamos pelas dunas e pelo aterro sem muita perturbação, tirando uma escorregada ou outra. Dex me segurou todas as vezes. Na verdade, seu aperto aumentava a cada escorregão; quando chegamos à frente do farol, minha mão estava dormente.

Eu não sabia se a terceira era a tentativa de sorte. Não vi lampiões malucos na floresta, nenhum cara morto e inchado no meu encalço, e Dex estava à vista e ao meu alcance o tempo todo.

Contudo, isso não impediu que a visão do “farol sombrio” tirasse meu fôlego. Era como se o medo trouxesse lágrimas aos meus olhos.

Dex olhou bem para cima, absorvendo tudo. Lentamente soltou minha mão, que começou a sentir alfinetadas e agulhadas de formigamento, e tirou a câmera do ombro. Começou a ajustá-la e abriu um sorriso solidário.

— Não vou sair do seu lado. Gelatina, lembra?

Eu sorri corajosamente para ele, apreciando quão normal ele podia ser quando queria.

Ele tirou a chave do bolso e ficou com ela a postos. Com a outra mão, ele acendeu a luz da câmera.

Recuei com a claridade e protegi meu rosto com a mão.

— Desculpe — ele disse. — Você se acostuma. Pronta para rodar?

Nem um pouco, mas assenti mesmo assim. Senti como se antes de qualquer coisa eu tivesse medo da exposição, mas decidi que eu deveria aceitar tudo isso de braços abertos. Era muito mais fácil de lidar com esse medo do que com o "medo da morte", por falta de uma expressão melhor.

Dex apertou o botão de gravar e fez uma contagem regressiva com os dedos. Gravando.

— Estamos diante do Farol Rocky Point — eu disse em voz alta —, prestes a fazer a primeira jornada com uma equipe de filmagem profissional, torcendo para capturar em imagens um traço do Velho Roddy ou de qualquer espírito aterrador que possa habitar essas paredes castigadas pelo oceano.

Decidimos ter bem pouca narração gravada e preencher todos os fatos históricos com locução posterior. Dex só queria que eu explorasse naturalmente e reagisse ao que víamos. Eu imediatamente soube que ia parecer a maior medrosa. Eu me sentia hipócrita por ter chamado Dex de medroso mais cedo.

Ele me entregou a chave e seguiu com a câmera atrás de mim. A chave estava gelada, longa e pegajosa na minha mão. Parecia naturalmente pesada.

Caminhei lentamente para a porta e inseri a chave na fechadura. Ela estalou; o som era poderoso, mesmo no vento uivante.

Coloquei a chave no meu bolso, virei a maçaneta enferrujada e empurrei a porta.

Ela a abriu pela metade e o rangido das dobradiças ecoaram pelo denso cômodo. A luz de Dex brilhou à frente, iluminando as partículas de poeira numa névoa esverdeada lançando as sombras negras para os lados.

Sei que Dex queria que eu caminhasse até o cômodo, mas eu não conseguia. Eu havia passado por muita coisa na última semana, mais do que eu já havia passado em toda a minha juventude. Nesse momento, parada na soleira de um lugar morto e maligno, parecia que estava nos portões do inferno. O inferno com vista para o mar.

Ainda dava tempo de fugir. Eu não precisava entrar de novo nesse lugar, que se tornou maior do que uma lenda na minha vida. Um lugar que continha tudo o

que sempre temera e o que eu ainda não sabia que temia.

Dex pigarreou atrás de mim. Isso me segurou ali. Ele disse que não me deixaria. Eu tinha de apostar minha vida que ele não estava mentindo.

Entrei no cômodo e empurrei a porta para abri-la completamente.

Minhas botas ecoavam contra o chão de madeira a cada passo. Olhei para os meus pés. Era interessante, estivemos no cômodo no dia anterior, mas nossas pegadas já haviam sumido, cobertas por uma camada grossa de poeira. Era como se tivéssemos imaginado tudo aquilo.

Olhei para a câmera.

— Tanta poeira. Isso é normal?

Contra a luz, eu não conseguia enxergar a expressão do Dex, então soube que começaria a fazer à câmera várias perguntas idiotas que não podiam ser respondidas.

Caminhei até o centro do cômodo, ao lado da grande mesa maciça, e olhei ao redor, respirando na manga do meu casaco para evitar o ar embolorado.

BLAM!

A porta, repentinamente ágil, bateu. O acontecimento quase rompeu meu coração ansioso enquanto o impacto balançava as pinturas na parede. Houve uma batida metálica; quando me virei, duas panelas e frigideiras caíram do fogão para o chão. O barulho foi ensurdecedor.

Olhei para Dex pela câmera para que ele visse quão assustada eu estava. Era ruim não poder ver o rosto dele, mas não havia muito que eu pudesse fazer em relação a isso.

A poeira ao redor das panelas começou a decantar. Eu tinha a estranha vontade de guardá-las arrumadinhas, mas a ideia era absurda. Eu poderia passar um aspirador também.

Nosso plano havia sido caminhar pelo cômodo e explorar qualquer ponto ou objeto estranhos. Depois disso, iríamos para o corredor, subir as escadas até o segundo andar e ver o quarto inexplorado acima de nós. Então seguiríamos para o temido quarto em que fiquei trancada semana passada e finalmente até a escada em espiral para a torre que costumava guardar a luz “amaldiçoada”, a alma dessa instalação.

Eu mantinha tudo em mente como uma forma de roteiro, o que me fez focar ainda mais na tarefa técnica em mãos em vez de no potencial cenário de fazer

sujar as calças.

Falando em tarefa em mãos, eu estava imóvel olhando para as panelas e frigideiras caídas por muito tempo, ignorando completamente o fato de que a câmera estava rodando. Dex provavelmente teria de editar pra caramba quando terminássemos.

Respirei longa e lentamente pelo nariz e caminhei até a escuridão à esquerda. Dex me seguiu com a câmera, iluminando o caminho até eu chegar ao armário que havia visto no dia anterior.

Era alto e feito de madeira maciça, como a mesa. Abri as portas e torci para que um cadáver não caísse de dentro dele.

Nele havia apenas um par de galochas e uma jaqueta com capuz, do tipo que pescadores costumam usar. Mesmo que a jaqueta parecesse velha e estivesse com as costuras se soltando em vários pontos, estava sem poeira, assim como as botas. Eu não sabia se valia a pena mencionar isso ou não.

— Parecem ter sido usadas recentemente — a voz do Dex ecoou áspera e sem emoção no cômodo. Acho que *valia* a pena mencionar.

Eu concordei.

— Sim, estão sem poeira.

Era estranho, eu não tinha pensado que elas de fato poderiam ter sido usadas recentemente. Acho que Dex disse isso para causar impacto. Eu *esperava* que fosse para causar impacto.

— Pode iluminar o resto do cômodo? — Perguntei, apontando para o vazio.

Dex mirou a câmera e a luz para as paredes e o teto. Tudo parecia ameaçador naquela luz granulosa; para meus olhos impressionáveis até as cadeiras empilhadas num canto lembravam um terrível espantalho. Não achei mais nada interessante naquele cômodo. Permanecia morto e quieto.

A luz voltou ao meu rosto, e então se moveu lentamente para a porta, que levava ao corredor. Fui até lá e a abri. Lentamente. Para criar tensão.

Era como eu me lembrava. O cômodo à nossa frente (onde eu arrombei a janela) estava fechado, mas eu sabia que não valia a pena explorá-lo. Dex entrou no corredor ao meu lado e abaixou a câmera. Foi bom sentir seu corpo contra meu ombro. Eu me sentia tão desconectada quando ele estava em modo cineasta.

— Está indo bem — ele cochichou.

— Obrigada — eu disse, olhando para ele mesmo não conseguindo enxergar

nada com a luz apontando para a outra direção.

— Vamos subir. Vá devagar. Com a luz vindo de trás, você provavelmente não vai conseguir ver onde está pisando.

Eu me virei para a escadaria enquanto ele colocava a câmera de volta no ombro e iluminava o meu caminho.

— Está bem. Só prometa que você vai ficar bem atrás de mim. Não quero que o que houve semana passada se repita — eu implorei.

— Não? — Ele perguntou surpreso.

Me virei e olhei para ele, com a luz me cegando.

— Está falando sério?

— Claro que estou.

A luz se moveu com ele dando de ombros.

— Seria mais divertido.

— A ideia não é ser divertido — eu disse.

Dex ficou em silêncio por um momento.

— Então qual é?

Parados, aos pés da escadaria, não era o local para ter essa conversa. Eu não podia acreditar que ele estivesse preocupado em tornar isso “divertido”.

— É assustador — eu admiti.

— É para ser assustador. Por isso estamos aqui. Para o programa, se lembra?

— É, mas você disse que nós estávamos *destinados* a vir aqui.

— Sim. Para o programa. Saia dessa sua cabecinha e pense no cenário maior aqui.

Lancei um olhar para ele na escuridão.

— Bem, estou com medo, tá?

— E daí? Precisamos que esteja com medo!

E daí? O que ele queria dizer com “e daí”? Dei a ele um olhar feio, o mais amargo que pude, e disse:

— Por que preciso estar? Como você não está com medo?

— Porque acho a vida mais assustadora do que a morte — ele respondeu objetivamente.

Então escutei o som de uma porta se abrindo no segundo andar.

Eu congelei e escutei mais atentamente, meu coração acelerado dentro do peito. Dex permaneceu parado, segurando o fôlego.

O barulho continuou por um longo tempo, mais do que parecia possível, como se a porta estivesse girando em torno das dobradiças sem o batente. Meus olhos buscaram cegos pela escadaria.

O rangido finalmente parou. Olhei para o Dex querendo mais do que nunca ver se ele tinha algum medo em seus olhos, mas, como de costume, só vi a luz de sua câmera.

Mordi o lábio. Eu sabia que ele queria que eu subisse, como planejamos, mas eu não sabia se eu conseguiria, especialmente agora. Fiquei firme, com o rosto fechado, e me recusei a me mexer.

Dex se esticou e me *empurrou* levemente para que meu pé tivesse de pisar no primeiro degrau para eu me equilibrar. Balancei a cabeça violentamente em protesto e me segurei quando ele me cutucou novamente, mais forte. Não tive escolha a não ser ir para o segundo degrau.

Eu era Kim Novak me recusando a ir para a torre do sino, enquanto o obcecado Jimmy Stewart forçava cada passo meu. O que Dex faria quando estivéssemos no topo? Eu iria cair da janela para minha morte?

De repente eu estava com medo. Ou melhor, estava com medo de Dex. Mais cedo ele parecia estar do meu lado, mas agora praticamente me forçava a subir a escada em direção à fonte de um som que era obviamente causado por alguém ou algo que estava dentro do prédio com a gente. Algo maligno. Cada osso no meu corpo me dizia para cair fora dali. E se eu quisesse correr, ele me deixaria?

Talvez seu rosto bonito e charme obscuro estivessem me cegando. Ocorreu-me novamente, com mais urgência desta vez, que eu não sabia *nada* do Dex. Sob aqueles olhos fundos e maçãs do rosto proeminentes ele podia ser um psicopata. Na verdade, eu tinha certeza de que ele era pelo menos em parte um psicopata. E um mentiroso confesso, para completar.

Ele iria me deter se eu tentasse sair daqui, pensei desesperada. Não havia dúvida de que ele ao menos tentaria. Eu me arrependi de ser tão imatura, acreditando que esse homem realmente se importava comigo, uma garota gorducha que ele acabara de conhecer. Eu sempre reconheci a incerteza sob suas pálpebras semicerradas, mas havia preferido ignorar isso.

Acho que enquanto eu pensava nisso, eu olhava para ele com terror absoluto,

porque a luz saiu do meu rosto torcido e Dex esticou a mão para alcançar meu ombro. Eu recuei levemente, não pude evitar. Agora havia duas coisas para temer, e eu sabia que pelo menos uma delas era capaz de me machucar.

— Ei — ele cochichou. — Venha comigo.

Ele passou por mim até estar dois degraus acima na escada. Apontou a luz da câmera para a frente com uma mão e buscou minha mão com a outra. Ele a apertou, apesar de eu não sentir conforto em seu toque desta vez, e continuou a subir as escadas, me puxando com ele.

Se eu ficasse frouxa, ele me arrastaria passo a passo até o topo?

Segui relutantemente enquanto a escuridão e o desconhecido seguiam no meu encalço. Eu precisava da falta de medo que Dex parecia ter.

Quando chegamos ao segundo andar, as duas portas estavam fechadas. Pelo barulho que ouvimos, e o fato de não termos escutado o clique da porta fechando, eu esperava que pelo menos uma das portas estivesse escancarada.

De certa forma era melhor assim. Talvez o que eu ouvira anteriormente estivesse só na minha cabeça. Afinal, Dex nunca disse ter ouvido o barulho. Talvez eu estivesse enlouquecendo lentamente. Eu meio que preferia essa ideia.

Ficamos ali, com a luz refletindo nas duas portas. Eu sabia que ele estava esperando que eu escolhesse um cômodo para entrar. Eu também sabia que ele acabaria tomando essa decisão no final.

Ele apontou a câmera para o quarto no qual não consegui entrar semana passada. Tirei a chave do bolso e a revirei nas mãos, sentindo seu peso e aproveitando o que era conhecido e real. Esta simples chave era deste mundo; mas o que ela abriria poderia não ser.

Dex não disse nada. Estava esperando. Eu podia ser teimosa e me recusar. Observando sua postura tensa, eu sabia que ele estava se preparando para isso.

Dei um passo em direção à porta e rapidamente inseri a chave nela e virei a tranca. Olhei para Dex atrás de mim, não para a câmera, a qual estava gravando novamente.

— Não vai acontecer nada com você — ele disse, soando seguro.

Famosas últimas palavras.

Virei o fecho e abri a porta. A luz de Dex iluminou dentro do cômodo, mas não revelou nada além de partículas verdes de poeira flutuando na escuridão. Eu

não conseguia ver nenhuma mobília ou paredes. Não podia ver sequer um teto; a luz apenas penetrava no vazio até desaparecer no infinito.

O cômodo era gélido. O ar fluía em nossa direção rápido e cortante, com um cheiro fresco, como o cheiro de mar depois da chuva.

Contrariando o bom senso, dei três passos para dentro e parei. Havia pisado em algo macio e escorregadio. Espiei meus pés, mas a luz não chegava até lá.

Olhei para Dex atrás de mim.

Por um momento achei que meus olhos haviam se ajustado à escuridão, porque comecei a vislumbrar sua silhueta enquanto ele permanecia na porta. Então notei a luz de sua câmera lentamente se apagando. A luzinha vermelha de gravação piscou azul e amarela.

— O que está havendo? — Perguntei hesitante.

Ele virou a câmera e olhou para ela, as luzes azuis e amarelas piscando em seu rosto. Eu podia ver que ele estava, para dizer o mínimo, confuso, senão tão assustado quanto eu.

— Não faço ideia — ele disse. Bateu na lateral da câmera, mas o ruído pareceu vazio. Diferentemente do resto do prédio, havia uma peculiar falta de eco neste cômodo.

De repente o corredor se iluminou com uma luz branca e brilhante, e meus olhos começaram a arder diante de seu alcance invasivo. Dex protegeu os olhos com os braços e foi para o corredor olhar para a escadaria, de onde parecia vir a luz. Seu corpo parecia estar desvanecendo diante de meus olhos.

— Está vindo da torre — eu o ouvi dizer, baixinho e com um tom estranho, como se eu o ouvisse falando debaixo d’água.

Então Dex fez o inexplicável. Saiu do meu campo de visão e seguiu para a direção das escadas, em direção à luz.

— Dex! — Eu gritei, mas a palavra pareceu rasa na minha boca. Saí correndo do quarto, atrás dele, meus pés aterrissavam no chão com borrifadas, como se nesse segundo o chão tivesse ficado molhado. Eu irrompi às cegas pelo corredor.

Gritei por Dex novamente, sem saber para onde me virar. Olhei de novo para o quarto que eu havia deixado. Ainda estava escuro onde a luz não o alvejava.

Então a voz de Dex veio das escadarias soando ínfima e distante. Estava gritando, mas eu não conseguia entender o que ele dizia; eram apenas sons sem

palavras.

Eu tinha duas escolhas. Podia seguir às cegas para a esquerda, descer as escadas e sair do prédio; ou subir em direção ao Dex e à terrível luz.

Eu sabia o que ele faria. Ele me deixaria para trás. Decidi fazer o oposto.

Irrompi pela escadaria, meus pés tropeçando nos degraus enquanto subiam, meus braços se apoiavam cegamente nas paredes cheias de infiltração para me equilibrar. Em segundos cheguei ao andar de cima, mas só vi mais luzes ofuscantes. Eu não sabia que era possível uma luz cobrir cada centímetro de sombra e soprar todos os detalhes aos céus. Senti como se eu estivesse correndo em um filme com superexposição.

Continuei subindo as escadas, gritando por Dex ao longo de todo o caminho. Não consegui escutar nada além de minha respiração irregular e minha pulsação disparada. Minhas orelhas pareciam cheias de algodão, o que me confundia ainda mais.

O topo da escadaria levava a mais escadas, como numa torre de castelo, e eu continuei subindo, subindo e subindo até as escadas finalmente terminarem. Cheguei descontrolada e caí com tudo no piso, sentindo um chão frio de madeira. Meus cotovelos amorteceram todo o peso do meu corpo, eu senti imediatamente ardência da pele esfolada em um milhão de farpas.

Eu lentamente me virei e encolhi meus joelhos. Então a luz, aquela terrível luz alienígena começou a enfraquecer até parecer uma lâmpada normal de 150 watts. Detalhes e formas tomaram meus olhos, e eu pude ver exatamente onde eu estava.

Desejei imediatamente estar cega de novo.

CAPÍTULO CATORZE

A LUZ ESTAVA AGORA DESBOTADA, COM UM brilho fraco. Eu estava no topo da torre. A luz brilhava na própria lâmpada imensa do farol, em um vidro redondo como de uma antena parabólica, colocada delicadamente sobre uma alta base de madeira branca. Essa era a infame luz amaldiçoada que deixou de iluminar as praias para os navios que passavam, ano após ano na escuridão.

A sala circular tinha paredes de vidro que batiam acima da cintura, intercaladas por vigas metálicas brancas e redondas.

O cômodo estava vazio, exceto por uma única cadeira do lado oposto ao da luz. De onde eu estava no chão, podia ver os pés de alguém sentado.

Desejei estar vendo as solas das botas pretas do Dex, com cadarços entrelaçados, mas não era o caso.

Eu estava olhando um pé direito com uma galocha amarela pisando num pedaço de alga, a mesma galocha que eu havia visto no armário no andar de baixo. O bico da galocha batia em câmera lenta no chão. Imóvel, absorvi os detalhes da cena enquanto decidia o que iria fazer. Eu não queria levantar o olhar, me levantar, ou me mover.

Mas eu também não podia ficar caída no chão.

Vi o pé se levantar e bater sem som, com o pedaço de alga balançando de um lado para o outro, preso à lateral da galocha. Eu sabia que não era o Dex. Era o Velho Roddy, o faroleiro. Não havia tempo para descobrir se o Velho Roddy era um fantasma ou uma pessoa real. De certa forma, a segunda opção era ainda mais assustadora.

— Não vai se levantar? — Uma voz metálica e doentia perguntou aparentemente de dentro da minha cabeça.

Fiquei de joelhos e olhei ao redor das instalações de luz.

Absorvi cada detalhe.

Um homem estava sentado numa cadeira de madeira que se fragmentava nos braços. Usava a mesma capa de chuva que eu havia visto no andar de baixo. Estava fechada até a metade e uma blusa felpuda de lã subia até o pescoço. O capuz cobria a cabeça do homem; e ainda que eu não pudesse ver seu rosto, eu conseguia distinguir o brilho branco de dentes pontudos.

Os dentes cintilaram para mim.

— Onde está o Dex? — Perguntei trêmula. Engoli em seco. — Quem é você?

— Sou o faroleiro — o homem respondeu. Os dentes não se moviam. — Está invadindo a minha propriedade.

— Desculpe — consegui dizer —, mas este farol é propriedade de Alberto Palomino há muitos anos. Acho que você está na propriedade dele.

Não sei como tive colhão de dizer isso e imediatamente me arrependi dessa decisão.

Antes que eu conseguisse entender o que estava havendo, o homem ficou de pé tão rápido que sua cadeira caiu atrás dele, batendo no chão com um estrondo ensurdecedor.

Num piscar de olhos, filetes escuros de algas saíram das mangas do homem, no lugar em que suas mãos deveriam estar, e se enrolaram como cordas grudentas e pulsantes no meu pescoço. Tentei arrancá-las com os dedos, mas antes que conseguisse agarrá-las, elas se apertaram contra minha laringe, e fui projetada à frente com uma velocidade assustadora.

Incapaz de respirar ou de me mover, dei de cara com o faroleiro. Estava a centímetros do vazio negro de seu capuz, e ele me girou e bateu a parte de trás da minha cabeça com força contra a janela de vidro, então tive um vislumbre de seu rosto no feixe de luz.

Era um dos meus pesadelos. Seu rosto sem pele, soltando pus, esfarelando, estava tão próximo que eu podia ver pequenas veias estouradas que serpenteavam em seu nariz quebrado. Impressionante as coisas que notamos quando estamos à beira da morte.

As algas se apertaram mais, e senti meu corpo ficando mole. Eu não conseguia sentir o chão embaixo dos meus pés, que pendiam perdidos no ar. Ele me puxou para mais perto de seu rosto; sua boca afiada lembrava a de um cachorro velho, com as gengivas negras e inchadas e as presas deformadas. Ela se abriu bem, e eu fechei os olhos, temendo perder metade do meu rosto.

Em vez disso ele fez uma pausa; senti que estava sendo projetada para trás novamente e me preparei para o impacto quando a parte de trás da minha cabeça colidiu. Senti a dor aguda e o corte do vidro afiado quando a janela quebrou, espalhando estilhaços nas minhas costas, pescoço e casaco. Senti a chuva e o vento no meu rosto quando a janela cedeu atrás de mim para o céu da noite.

Meus olhos se abriram, e vi a lua na sua órbita noturna ao redor da terra, espiando por trás de uma nuvem, o que me deu um conforto relaxante. Era tão relaxante que quase não notei que já não conseguia respirar e que as bordas da minha visão estavam ficando escuras. Então era isso? Seria essa a minha morte? Ser lançada do topo de um farol por um homem morto?

Com a última gota de força que restava, fiquei tentada a rir de todo esse absurdo. Era tão tentador apenas ceder. As ondas batiam tristemente no penhasco abaixo, e eu poderia muito bem me juntar a elas.

Agora a escuridão quase cobria a lua. Meus olhos estavam se fechando.

Então escutei algo entre o barulho das ondas quebrando, do vidro estilhaçando, do vento e dos grunhidos do faroleiro que ainda tinha suas cordas escorregadias ao redor do meu pescoço. Era Dex.

Estava me chamando.

— Perry! Perry!

Flutuava na brisa e tomava meus ouvidos, me trazendo de volta à vida.

Em vez de rir, aproveitei o resto de força que tinha e comecei a chutar para o alto. Senti o gratificante estalo de um queixo sendo quebrado quando meu pé direito acertou o rosto de Roddy.

Quando ele caiu para trás com o impacto, eu me dobrei para a frente pela cintura e ricocheteei para o cômodo, quando os filetes de algas soltaram meu pescoço.

Caí no chão e respirei o máximo de ar possível. Roddy estava se contorcendo de dor no chão, e eu novamente me perguntei se ele estava vivo ou morto. De qualquer forma, eu não iria ficar ali para descobrir.

Cambaleei passando por ele em direção à escadaria, quando um de seus filetes de algas avançaram e quase alcançou minha perna. Eu saltei sobre a alga que serpenteava e aterrissei com um baque no andar debaixo. Minhas canelas estavam feridas, mas eu consegui continuar correndo para baixo. Afastando-me da luz que esmorecia, tudo era escuro, mas eu ainda conseguia perceber que estava no andar que tinha a mesa.

— Dex! — eu gritei. — Dex, cadê você?

Escutei uma batida vinda de cima e um mórbido som de algo molhado. Sabia que Roddy estava rastejando escada abaixo, arrastando algas molhadas atrás de si.

Fui saltando ao andar de baixo e gritei por Dex novamente.

— Perry! Estou aqui! — Escutei o grito abafado de Dex à minha esquerda. Corri em frente e colidi contra a porta do quarto escuro e vazio em que estivemos antes. Meus pés ficaram imediatamente encharcados.

Sem outra luz disponível, peguei meu iPhone e iluminei a porta. Água escorria dali, inundando o corredor. A maçaneta estava sendo sacudida, como se estivesse sendo puxada do outro lado. Dex tinha de estar lá.

— Dex! — Bati à porta.

— Perry, a porta está emperrada. Acho que um cano estourou. O quarto está inundando, e rapidamente! — Ele gritou do outro lado.

Puxei freneticamente a porta, mas ela não se movia. O som de Roddy descendo lentamente a escada me dava mais urgência.

— Dex, há mais alguém aqui com a gente. Roddy. Ele tentou me matar. Você precisa sair. Há uma janela; você precisa saltar por ela. Vou ter de descer pela escada.

— Não me deixe aqui! — Eu o escutei gritar, e meu coração se apertou um pouco. Estava finalmente tão aterrorizado quanto eu, e por um bom motivo.

— Sinto muito, Dex, não consigo entrar; e precisamos sair agora.

Um ESTRONDO, seguido de um tilintar.

Eu me virei e vi um lampião a óleo lentamente rolando pelas escadas em minha direção. Ficou mais devagar, fez uma curva e acabou quebrando caindo pelo restante dos degraus até o andar debaixo. Parou no canto com um barulho de algo sendo quebrado e de vidro se estilhaçando.

A escadaria abaixo de mim se iluminou e em segundos chamas quentes começaram a lamber as paredes e a subir pelas escadas em minha direção.

— Perry, a chave! — Dex gritou.

Claro. No meu cérebro privado de oxigênio tomado pelo medo eu havia esquecido que tinha uma chave. Ouvi os passos de Roddy se aproximarem. Ele devia estar no andar logo acima de mim. As chamas agora subiam do andar abaixo de mim; e era eu quem tinha a chave para tirar nós dois daqui. Segurando o celular, procurei nos meus bolsos com a outra mão, meus dedos gordinhos buscando desajeitadamente a nossa salvação.

Achei a chave e enfiei-a na fechadura, virando-a o mais rápido que pude. Antes de conseguir puxar a maçaneta, a porta se abriu e um enorme jorro de água do mar fluiu para o corredor. A força me derrubou e a corrente me arrastou para o quarto do outro lado do corredor. A água estava a mais de um metro de altura, ainda que metade do volume tivesse escorrido pelas escadas para o primeiro andar.

Eu sentia os ramos de centenas de algas flutuantes batendo no meu corpo na água escura, e comecei a chutá-los freneticamente. Estava escuro no quarto, mas havia a luz vinda das chamas que ainda subiam pelas paredes da escadaria, era como elas se tivessem sido lavadas de gasolina.

— Dex! Dex!

Escutava água se espalhando e então vi uma silhueta curvada na porta. Teria pensado que era Roddy se não fosse o contorno da câmera sendo segurada acima da cabeça, como um troféu. Mesmo com risco de se afogar, Dex ainda tinha suas prioridades muito bem definidas.

Ele me chamou, e em segundos estava parado na minha frente. A água subia rápido, mas ainda estava apenas na altura do meu peito. Ele se esticou para mim, buscando meu ombro com a mão que estava livre.

— Ah, graças a Deus, eu… — ele começou.

Antes de poder terminar a frase e antes de sua mão conseguir me alcançar, senti uma serpente de alga fisgar meu tornozelo. Gritei, mas era tarde demais.

Fui puxada para baixo da água numa velocidade impressionante. Com os olhos abertos, eu podia enxergar apenas a escuridão através da água turva, delineada pelas chamas laranja dançando sobre a superfície.

Meu pulmão estava se afogando na água do mar.

Na minha desorientadora prisão submersa, escutei os gritos abafados de Dex e o som distante de vidro quebrando.

Também escutei a voz.

— Estava esperando por outra como você — o desencarnado som metálico do faroleiro através de canais subaquáticos invisíveis. — Não há mais navios o bastante.

Senti outra alga se enrolar na minha cintura e me puxar para mais longe da superfície. Ainda que fosse impossível, eu sabia que estava me afogando num oceano sem fundo, e então o líquido que tomava meus pulmões me dominou. Eu chutei e tentei em vão me soltar da amarra na minha cintura.

Talvez isso fosse o que a velha tivesse em mente para mim. Talvez a morte fosse o meu destino aqui, ocorreu-me novamente.

De repente, senti um par de mãos passando pelo topo da minha cabeça. Uma delas pegou meu cabelo. A dor do puxão foi vaga. A outra mão me puxou pelo braço esquerdo.

Com um puxão gigantesco eu fui levada à superfície. A voz de Dex tomou meus ouvidos. Meus olhos se abriram, e eu vi que estávamos cercados por chamas, o calor tomando o ar sobre a água fria. Eu tossi água do pulmão e tentei puxar ar, mas só consegui encher o peito de fuligem quente.

— Consegue saltar? — Ouvi Dex dizer quando me colocava em pé. Sua voz parecia a um milhão de quilômetros de distância.

Eu assenti debilmente, sem entender sequer o que ele estava sugerindo.

Ele me puxou para a janelinha redonda quebrada. Ele queria que nós saltássemos para fora, para o abismo abaixo.

Era loucura, mas não tínhamos outra escolha. Apesar de a água no prédio estar começando a baixar e não estivesse mais fluindo do outro quarto, o fogo era irrefreável e avançava sobre a água, como se ela fosse combustível. Se ficássemos mais alguns minutos, seríamos queimados vivos. Era o que o Velho Roddy queria.

Dex olhou pela janela para verificar a situação embaixo, então se virou e colocou as mãos nos meus ombros. Olhou-me bem nos olhos.

As luzes das chamas dançavam em seu rosto molhado. Ele estava com um arranhão enorme na lateral da testa. Seus olhos estavam apavorados, mas determinados, enquanto olhavam impiedosamente para os meus. Notei que ele

não estava mais com a câmera. *Talvez me salvar fosse mais importante*, pensei vagamente.

Ele me balançou levemente para que eu recobrasse o foco.

— Não quero te deixar, mas preciso ir antes. Assim posso amortecer sua queda — ele disse.

— Deixe o corpo mole — foi tudo o que pude dizer, me lembrando da coisa mais importante sobre quedas das minhas aulas de dublê.

Ele assentiu, então se inclinou e beijou minha testa num gesto muito surreal. A demonstração repentina de afeto era tocante e terrivelmente fora de hora.

E assim ele saltou pela janela.

Fiquei olhando, para verificar se ele estava bem. Ele caiu e rolou, segurando o braço, mas pelo menos estava vivo.

Ele olhou para mim.

— Venha!

Comecei a subir no peitoril.

— Você não pode partir — a voz gemeu atrás de mim. Arrepios subiram pela minha espinha, apesar do calor flamejante do fogo que se aproximava.

Eu me virei o mais rápido que pude na água.

O faroleiro estava na porta, sua silhueta definida contra a luz laranja. As chamas serpenteavam para o quarto pelo batente da porta e iam escalando as paredes como mãos pirotécnicas buscando algo para acender. Eu sabia que tinha pouco tempo antes de as chamas me alcançarem de vez.

Eu também sabia que ainda não podia ir embora.

Mesmo do outro lado do quarto, eu não tinha dúvida de que seus tentáculos de algas poderiam me prender novamente com facilidade em um movimento do punho dele. Ninguém me salvaria desta vez. Eu precisava saber como isso iria terminar.

— Por que eu? — Perguntei. — Por que começou a vir até mim? Nos meus sonhos, neste lugar. O que você quer?! — Gritei sobre o ruflar das chamas.

Ele sorriu, dentes brancos contra o vazio negro.

— Me disseram que você ouviria.

— Quem disse? — Gritei, com o fogo chegando mais perto. Podia ouvir Dex gritando para eu saltar.

— Ela me disse que você ouviria e que você viria. Que me ajudaria. Que me libertaria. Tenho estado tão solitário… Estava esperando por alguém como você.

Ele baixou a cabeça, como se ele estivesse genuinamente triste, mas eu não sentia nada por ele.

— Vai ter de continuar esperando — eu disse, com determinação subindo em minha voz.

Ele me olhou sorrindo com escárnio, e algas voaram em minha direção.

Com menos de um segundo para reagir, saltei pela janela e me arremessei para fora do prédio.

Eu iria cair à esquerda de Dex, e por um segundo achei que os arbustos poderiam amortecer minha queda, mas não era o caso. Em pleno ar, consegui ficar em posição de aterrissagem, então fiquei mole, com as pernas, os joelhos dobrados, caí no chão. Por sorte, a grama estava úmida e macia. Consegui me impulsionar e rolar um pouco.

Rolei duas vezes e fiquei em pé novamente. Olhei para trás e vi que o penhasco estava a menos de um metro.

Dex, que estava gritando o tempo todo, ele correu e agarrou meu braço.

— Você está bem? — Ele gritou freneticamente.

Eu estava bem, até agora. Olhei para a janela e vi a sombra do Velho Roddy parada lá, olhando para nós. As chamas haviam tomado completamente o cômodo e estavam lambendo as bordas de sua capa de chuva.

— Você consegue vê-lo? — Sussurrei para Dex, sem tirar meus olhos daquela visão terrível.

— Sim, estou vendo — Dex respondeu baixinho, para meu alívio.

Enquanto as chamas tomavam o Velho Roddy, ele estendeu os braços pela janela e apontou para o mar, como havia feito nos meus sonhos.

Eu me virei para olhar. Não havia nada, exceto o constante raio brilhante do Farol Tillamook fazendo seu trabalho fora da costa.

Eu olhei de novo e o vi lentamente se desintegrando no fogo.

Dex se virou para mim.

— Precisamos sair daqui.

Ele agarrou minha mão, correu para os arbustos próximos e tirou deles a câmera. Deve tê-la jogado para fora antes de saltar pela janela. A lâmpada estava

quebrada, mas tirando isso parece que o risco valeu a pena.

Com a câmera em segurança debaixo do braço, saímos correndo em direção ao norte, passando o mais longe possível do farol. O som das sirenes começou urgir pelo ar à distância, e então me dei conta da gravidade da situação. O farol do tio Al iria queimar até o fim por nossa causa. Como iríamos explicar isso?

Nós escorregamos e deslizamos pelo penhasco e chegamos até as dunas quando uma grande explosão nos atirou contra a areia. Instintivamente, protegi o pescoço com as mãos enquanto pequenos destroços caíam do céu.

Ficamos um minuto deitados ali. Eu podia sentir Dex ao meu lado na areia molhada e crocante e ouvi-lo se mexer, obviamente vivo.

Quando vi que os fragmentos do farol explodido haviam parado de cair, me levantei e olhei para ele. Estava cobrindo a cabeça com a câmera, que certamente estava cheia de grãos de areia. Semana passada as minhas lentes foram quebradas, hoje sua câmera foi arranhada; este definitivamente não era um bom lugar para o audiovisual.

— Você está bem? — Perguntei, encostando nele.

Ele rolou de costas, grunhindo e se retorcendo, com os olhos fechados de desconforto.

— Onde aprendeu a rolar assim? — Ele murmurou, sua voz baixa e vacilante.

— O quê? — Perguntei cuspindo areia.

Ele abriu bem os olhos, as chamas da explosão dançavam em suas pupilas negras.

Fiquei deitada ao lado dele e vi o céu da noite com o forte brilho do farol na escuridão. A chuva parou. Eu pude ouvir o crepitar da fogueira e as sirenes que ainda estavam bem distantes.

Ficamos deitados ali, assistindo ao espetáculo de luzes enquanto recuperávamos o fôlego.

Finalmente Dex respondeu.

— Quando saltou da janela. E quando o farol explodiu, eu estava prestes a te proteger, mas você se impulsionou pela grama e entrou em modo de proteção ninja ou sei lá o quê.

— Eu… fiz aulas — respondi sem fôlego.

— Uhum — ele disse sem fôlego e respirou fundo.

Eu rolei e olhei para ele. Ele virou a cabeça e olhou para mim. Fiquei sem palavras, honestamente não podia acreditar que estávamos vivos.

Ele lentamente assentiu. Parecia sonolento, mas eu vi através de seus olhos caídos que ele compreendia. Sentia como se eu pudesse apenas olhar para ele, e ele saberia tudo o que eu estava pensando.

Ele se esticou e pegou minha mão. Apertou-a e a levantou sobre nós, era o maior gesto de vitória que tínhamos forças para fazer.

Dei a ele um pequeno sorriso.

— Você se feriu afinal? — Ele perguntou.

Eu não havia sentido nada até então. Queria ficar na minha sepultura de areia, mas eu sabia que tinha cortado a parte de trás da cabeça quando fui lançada contra o vidro. Comecei a sentir os ossos das canelas latejando, os cotovelos queimados e minha garganta em carne viva pelo estrangulamento das algas. Meus pulmões também chiavam, meus olhos ardiam. Em geral, meu corpo inteiro parecia ter sido atingido por um caminhão.

— Estou bem — eu disse.

Ele deu uma risadinha.

— Caramba, você é a Mulher Maravilha, por acaso? Acho que ferrei meu braço e meu tornozelo na queda, sem falar que rachei a cabeça na escada. — Ele esfregou o corte na testa. Quando parou de rir de si mesmo, respirou fundo e fechou os olhos.

As sirenes estavam próximas agora, e eu podia ver luzes vermelhas iluminando as árvores ao longe.

— O que vamos fazer agora? — Perguntei, torcendo para poder apenas fechar os olhos. Talvez eu aparecesse magicamente em casa, na minha cama, e tudo estaria resolvido.

Dex grunhiu.

— Quero dizer, o que vamos falar? Voltamos para o tio Al? Ficamos aqui e esperamos ajuda? Como explicamos ao Al, a todo mundo, o que diabo aconteceu? “Então, um pescador morto me atacou e explodiu seu farol”?

— Morto? — Ele zombou, com os olhos ainda fechados.

Assenti.

— Ele estava morto, Dex. Quero dizer, não estava *vivo* vivo. Não estava… como nós.

Mesmo que minhas sinceras explicações soassem fracas. Como eu poderia começar a explicar o que aconteceu a qualquer um quando não conseguia explicar sequer para a única pessoa que estava lá?

— Agora ele está morto — ele disse sem um traço de interesse. — E sinceramente não acho que isso deva ser mencionado. Ninguém deveria estar nesse farol por motivo nenhum, muito menos um bat-Capitão-Highlander-muito louco.

Ele abriu os olhos e rolou para o lado para olhar para mim.

— Não haverá nenhum vestígio dele. Estivesse já morto ou não.

— Vamos ter de mentir.

— Talvez. Contamos para a polícia o que estávamos fazendo. Dizemos a eles que joguei um cigarro pelo corredor e daí o fogo começou. Lugares assim têm todo tipo de combustíveis e químicas dentro.

Para dar mais veracidade, ele tirou um maço de cigarros do bolso da calça cargo, contorcendo o rosto de dor ao fazer isso, e pegou um cigarro. Notei quão trêmulas suas mãos estavam até perceber o que ele realmente estava fazendo.

— Você não fuma — eu disse a ele. Não o havia visto fumar em todo final de semana, nem senti cheiro de cigarro nele.

— Fumo e não fumo. Meu palitinho de dente amigo aparece quando estou no modo ex-fumante — ele disse com o cigarro encaixado no sutil beicinho de pato. Pegou de algum bolso invisível um isqueiro dourado com a outra mão e acendeu o cigarro numa manobra experiente. Tragou profundamente e soprou a fumaça em anéis que se uniram às chamas no céu.

Um barulho estridente tomou o ar e ecoou nas árvores, o som urbano de uma sirene de polícia ou ambulância (eu sempre confundo as duas).

Dex tossiu.

— Tá. Chegou a hora.

Ele ficou de pé sem soltar um pio, mas dava para ver que estava com muita dor.

Colocou a mão na lombar e olhou para mim. Com a postura garbosa e balançando o cigarro, ele me lembrava da silhueta do pirata Capitão Morgan.

— Quer que eu te carregue? — Ele perguntou. Não sei se ele estava fazendo graça ou apenas sendo educado. Decidi pelo primeiro, por via das dúvidas.

— Não — eu fiz força para me sentar. Meu abdome queimava por causa da queda, especialmente as laterais, que haviam sofrido o puxão das algas.

Ajoelhei-me e lentamente fiquei ereta. Sabia que o golpe atrás da minha cabeça provavelmente me faria sentir mais tonta do que o normal. Não ousei tocá-la, para que Dex não fizesse uma tempestade num copo d'água por causa do ferimento. Eu só queria que a gente fosse para casa.

E para o trabalho. Ah, Deus, *o trabalho*. A reunião. Só de pensar nisso ficava um pouco tonta. Dex me equilibrou com a mão.

— Consegue andar? Não estava brincando sobre te carregar — ele disse.

Bem, com você é melhor prevenir do que remediar, não é? Balancei a cabeça, puxei o revigorante ar metade oceano, metade combustível queimado, e me endireitei.

O topo do morro agora estava apinhado de gente de uniforme em veículos de emergência. Acho que a explosão de um farol foi uma das coisas mais emocionantes que já aconteceu aqui.

E nós fazíamos parte disso.

CAPÍTULO QUINZE

PENSEI QUE FALAR COM OS POLICIAIS curiosos, médicos da ambulância, bombeiros, jornalistas locais, além do tio Al e dos gêmeos, suscitaria muitas dúvidas sobre nossa história, mas todos pareceram comprá-la com satisfação. Um bombeiro disse que há um incêndio toda semana por causa de óleo de motor e coisas do tipo. Acho que ele queria dizer que marinheiros bêbados são idiotas, mas desde que ele acreditasse no que aconteceu sem nos questionar, estava tudo lindo.

Ainda havia, porém, a reação do tio Al. Eu me sentia extremamente culpada por destruir seu farol histórico. Nada disso teria acontecido se sua sobrinha idiota não tivesse aparecido em sua porta com um cineasta levemente desequilibrado.

Entretanto, o tio Al pareceu apenas aliviado. Acho que ele achava mesmo que o lugar era maligno, berço de algum espírito demoníaco terrível. Enquanto explicávamos o que aconteceu, notei que ele estava com um olhar desconfiado. Não era acusador, mas um olhar de desconfiança de haver mais na história do que estávamos contando a todos. Para falar a verdade, isso me acalmou, como se ele aceitasse o segredo sem sabê-lo.

De qualquer forma, Dex e eu tivemos muita sorte não apenas por sairmos de lá vivos, como as pessoas nos diziam (se elas soubessem…), mas também por sermos liberados pelas autoridades sem mais perguntas.

Isso não quer dizer que os socorristas da ambulância nos liberaram rapidamente. Tiveram de fazer um belo check-up em nós dois para assegurar que não tínhamos nenhuma queimadura ou ferimentos.

Dex e eu nos sentamos um ao lado do outro na traseira da ambulância enquanto os dois médicos nos cutucavam e examinavam. A enfermeira do Dex perguntou a ele se ele tomava algum medicamento. Dex hesitou e disse um nome que eu não sabia pronunciar, algo como “zapina”.

A mulher titubeou.

— É para azia — Dex disse, sua voz seca e seus olhos fixos até que a socorrista apenas assentiu e voltou a seu trabalho.

O chinês casca-grossa que estava comigo estava me deixando nervosa. Ele me tocava em vários lugares, perguntando se doía, então me deu um olhar como se não acreditasse em mim. Metade das vezes doía realmente, mas eu sabia que quanto mais admitisse, mais eles iriam querer me levar para o hospital para mais exames. Eu só queria voltar para casa. Comecei a me arrepender por ter ficado e desejado que Dex e eu tivéssemos apenas voltado para casa e fingido não saber de nada.

Enquanto a socorrista de Dex saiu para pegar algo na frente da ambulância, minha cabeça foi puxada para trás bem bruscamente. O cara — acho que o nome dele era Jesse — espiou meu pescoço desconfiado.

— Como isso aconteceu? — Ele perguntou, referindo-se a meus ferimentos no pescoço.

Vi Dex de canto de olho virando a cabeça para olhar em minha direção. Não havíamos tido chance de explicar um ao outro o que havia acontecido. Acho que ele não sabia o que aconteceu no topo da torre, assim como eu não sabia o que havia acontecido com ele naquele quarto.

Tive de pensar rapidamente.

— Asfixia erótica. Já tentou? Deveria.

Apesar de não poder ver o rosto de Jesse, sabia que ele estava chocado. Olhou para Dex buscando uma explicação. Esperava que Dex o fizesse sair do nosso pé.

— É um joguinho que a gente faz — Dex disse, sua voz tomada por um sutil sarcasmo. Queria dar um toca-aqui nele pela resposta. — Sabe como é.

— Hum — o socorrista respondeu e puxou minha cabeça para a frente. Olhou nos meus olhos, desconfiado. Dei para ele um olhar como se fosse ele o bizarro aqui.

Quase fiz um comentário ácido sobre David Carradine, o ator que, suspeita-se, morreu em decorrência de asfixia autoerótica, quando ele deslizou a mão para trás da minha cabeça. Ele parou onde meu cabelo estava úmido por ter sido esmagado contra o vidro. Tirou a mão lentamente e nós dois vimos na luz feia da ambulância. Estava vermelha de sangue.

Olhei para Dex. Ele estava meio boquiaberto e com os olhos arregalados, mas não disse nada, ainda que eu pudesse ver palavras querendo se formar na ponta de sua língua.

Jesse segurou a mão na frente do rosto e disse objetivamente.

— Está sangrando. E tem vidro no cabelo.

Nesse momento eu poderia escolher entre cobrir o assunto com alguma mentira duvidosa ou dizer objetivamente que não sabia o que aconteceu.

— Isso foi minha culpa — Dex de repente falou. — Entrei em pânico quando nos empurrei pela janela. Acho que não verifiquei se não havia nenhum vidro quebrado.

Consegui sorrir para Jesse e não arrisquei olhar para Dex para que Jesse não percebesse.

Jesse balançou a cabeça e fez sinal para que eu fosse mais para dentro da ambulância.

— Ela vai ficar bem? — Dex perguntou. Eu quase podia ouvir um toque de tédio em seu tom.

Evidentemente, Jesse ouviu também. Ele deu a Dex um olhar feio.

— Vou limpar o ferimento e verificar se há concussão. Acho que você está liberado agora.

Dex deu de ombros e saiu andando. Enquanto Jesse me sentava na maca, pude ver o tio Al e os gêmeos indo até Dex. Olharam para mim, e Dex começou a explicar-lhes algo. Então Jesse fechou as portas da ambulância, me trancando com ele no pequeno cubículo esterilizado. Eu me sentia muito desconfortável.

Ele parou na minha frente e estreitou os olhos. Havia de algo muito vingativo nesse cara, como se sua missão na vida fosse desconfiar de todos com quem ele encontrasse.

— Foi isso mesmo o que aconteceu? — Ele perguntou seriamente.

— O quê? Com a minha cabeça? — Eu não iria contar a ele a verdade, até porque tinha a impressão de que ele não ficaria muito satisfeito com ela de

qualquer jeito. Talvez ele recomendasse que eu fosse para outro tipo de hospital.

Colocou uma mão dura no meu ombro. Eu o olhei com certo desdém, mas ele não a removeu.

— Seu namorado te machucou?

Eu caí na risada. Não pude evitar. O socorrista Jesse pareceu irritado com meu desabafo e deu um passo atrás.

— Ele não é meu namorado. É meu… bem, meu parceiro. Quero dizer, mais ou menos. E como dissemos, estávamos filmando no farol esperando ter a imagem de algo sobrenatural. Quando tudo virou um inferno dos diabos, a única coisa que a gente pôde fazer foi saltar pela janela. Devo ter batido minha cabeça quando atravessei. Provavelmente eu estava me concentrando em, você sabe, não morrer, e nem notei.

— Pode ser… — ele disse lentamente, sua cabeça se mexendo de um lado para o outro como se ele tivesse um tique em câmera lenta.

— Olha, vai arrumar minha cabeça ou não? Não é seu trabalho? — Eu soltei cansada. Estava cada vez mais esgotada e meu cérebro girava com milhões de acontecimento que eu me recusava a processar.

— Tudo bem. Só estou tentando ajudar.

Ele abaixou minha cabeça e começou a remexer no meu cabelo grosso, tirando a sujeira com algodões e gazes com cheiro de álcool que faziam arder pra danar. Minúsculos cacos de vidro choveram no chão grudento como flocos de neve.

Dez minutos depois ele colocou um Band-Aid enorme e um quadrado de gaze que ficava absolutamente estranho na parte de trás da minha cabeça. Isso não ia pegar bem no trabalho amanhã. Eu até podia imaginar Frida dizendo: “Bem, Perry, o emprego era seu, mas decidimos ficar com alguém que não parecesse ter bebido um litro de tequila no final de semana e consequentemente batido a cabeça na banheira durante algum joguinho sexual bizarro”.

— Posso ir agora? — Perguntei impacientemente.

— Devia mesmo ir ao hospital para verificar se teve uma concussão — ele respondeu.

— Talvez eu vá a algum hospital de Portland esta noite. Só quero ir pra casa.

— Não pode dirigir.

— Então, sorte minha que ele está dirigindo. — Apontei na direção das

portas fechadas torcendo para que Dex ainda estivesse lá fora. Eu me sentia confinada no escritório fluorescente sobre rodas.

— Tecnicamente, ele não está apto a dirigir também — ele disse morbidamente.

— Tenho certeza de que ele está…

— Não com os medicamentos que ele toma, de qualquer jeito — Jesse terminou.

Medicamentos? Devo ter parecido confusa porque Jesse levantou uma sobrancelha fingindo estar surpreso de modo zombeteiro.

— Ah. Não sabia sobre o medicamento? — Ele ponderou casualmente. — A olanzapina é um antipsicótico bastante poderoso que geralmente se intensifica quando o paciente fuma.

Meu coração gelou. Dex tomava antipsicóticos. Quase brinquei comigo mesma sobre como eles não pareciam estar fazendo muito efeito, quando a realidade começou a me ocorrer.

— Antipsicóticos?

— Principalmente usado para tratar esquizofrenia. Você não conhece esse homem muito bem, conhece?

— Não é da sua conta — retruquei e fiquei de pé. Lutei contra a confusão que tentava se apoderar de mim. Caminhei abaixada até a porta e a abri.

Fui recebida com o ar frio da noite. O fogo estava praticamente extinto, exceto por algumas brasas brilhando aqui e ali e algumas fagulhas na fundação. O farol estava reduzido a uma pilha negra de mingau fumegante.

Tio Al e Dex estavam um ao lado do outro, encarando a ambulância. Quando me viram seus rostos se iluminaram.

O rosto de Al era de amor e preocupação paterna. Mas o rosto de Dex… eu tinha de olhar para ele com outros olhos. Fiquei na base da ambulância, querendo observá-lo de longe.

Ele enfiou as mãos nos bolsos da capa de chuva um pouco grande demais, que ainda tinha partículas de areia grudadas. Notei como a capa de chuva o fazia parecer menor do que ele era. Terra havia sujado suas botas pretas e sua calça cargo cinza. Ele olhou diretamente para mim, com a cabeça casualmente baixa, talvez se perguntando no que eu estava pensando ou o que estava fazendo. As proeminentes maçãs de seu rosto faziam sombra; sua longa boca estava fechada

e se contraindo levemente, serpenteando em sua mandíbula. Seus olhos eram intensos, mas curiosos, enquanto olhavam para mim, pequenos pontos duros à procura de algo em seus buracos profundos. Suas sobrancelhas pretas se aproximaram uma da outra e afundaram ainda mais aquela marca de expressão sempre presente. Sua testa ampla se contraiu, assim como o curativo recém-feito sobre o corte. Uma longa mecha de cabelo caiu à frente e se grudou nela.

Lentamente ele abriu a boca e mostrou a língua. Era quase tão grande quanto sua boca e estava reta contra seu queixo. Seus olhos não se alteraram.

Jesus, quem era esse cara?

Meu pulso acelerou. Comecei a me sentir tonta novamente.

— O que há de errado, Perry? — Tio Al perguntou, vindo até mim.

Balancei a cabeça e me abaixei levemente para colocar as mãos no joelho.

— Ela deveria ir ao hospital, só por precaução — ouvi Jesse dizer atrás de mim.

Eu me virei lentamente. Ele estava na ambulância olhando para Dex. Dex olhou de volta para ele, lentamente puxou a língua de volta e casualmente mostrou o dedo do meio para ele.

— Tudo bem, Perry — Al disse com o braço ao meu redor sem notar a cena entre Dex e Jesse. — Vamos te levar para o hospital.

— Não vou para lugar nenhum! — Gritei. A amargura na minha voz me surpreendeu e todo mundo parecia chocado. Al tirou a mão do meu ombro. Dex permaneceu ao fundo e colocou sua mão de volta dentro do bolso.

— Tudo bem, terminamos aqui — Jesse disse revirando os olhos e batendo a porta. Soltei um suspiro de alívio quando ele caminhou para a frente da ambulância e entrou nela.

Olhei para o Al, me desculpando.

— Desculpe, tio Al — disse sinceramente. — Estou bem, mesmo. Só quero ir para casa. Tenho certeza de que minha mãe vai me mandar para o hospital de qualquer jeito assim que ela vir esse ferimento de guerra na minha cabeça.

Ele suspirou e concordou.

— Tá bom. Você já é bem grandinha para tomar as próprias decisões, creio eu.

Olhou para Dex e para mim.

— Vamos. Estou com a caminhonete aqui, se os meninos já não tiverem ido. Eu levo vocês de volta e podemos esquecer que esse… desastre… já passou.

Essas eram as palavras mais doces que eu poderia ter escutado.

✷

De volta à casa, eu fiz as malas o mais depressa que pude, sem me esforçar demais. Acontece que já era meia-noite; meu iPhone teve uma morte terrível na inundação, então eu não tinha visto a hora. Tome nota de uma despesa eletrônica para mim, outra razão pela qual a promoção era tão importante.

Liguei para meus pais e expliquei que provavelmente eu chegaria em casa no meio da noite, para não esperarem por mim. É óbvio que eles iam esperar. E é claro que meu pai estava gritando comigo por eu ter sido tão irresponsável. Por sorte, Al pegou o telefone e acalmou seu irmão, explicando quase tudo e omitindo a parte dos ferimentos. Imaginei que meu pai havia perguntado sobre Dex, porque Al disse: “Ela parece estar em boas mãos. Sim, é um cara de confiança”.

E por falar no cara “de confiança”, Dex ficou no banheiro o tempo todo enquanto eu estava ao telefone. Teria sido estranho a qualquer outra hora, mas depois do que Jesse disse, comecei a me preocupar.

Dex era realmente psicótico? Quero dizer, eles não chamariam o remédio de antipsicótico se ele não fosse. E se fosse, de que tipo era? Esquizofrênico? Ouvia vozes? Era suicida? Era… perigoso?

Silenciosamente segui pelo corredor e parei do lado de fora do banheiro. Estava prestes a bater quando…

— Vou sair num segundo — Dex disse do outro lado da porta.

— Ah… tá bem — eu disse. Me sentindo meio envergonhada, dei um passo atrás e me inclinei contra a parede. Eu queria apenas dizer a ele que realmente precisava ir ao banheiro.

A porta se abriu. Ele havia trocado de roupa e estava carregando sua sacola. Levantou uma sobrancelha para mim com um sorriso malicioso no canto da boca.

— De olho em mim?

— Não — balancei cabeça, esperando soar convincente. — Preciso usar o banheiro.

— Há dois banheiros — ele disse enquanto passava por mim. Senti o cheiro de loção pós-barba recém-aplicada no ar. Seu rosto parecia mais liso, seu bigode estava bem aparadinho.

Entrei rapidamente no banheiro. Agora era uma ótima hora para examinar meu rosto. Não estava bonito, a não ser que você considere mortos-vivos bonitos. Posso dizer com certeza que eu não acho.

Meu reflexo era assustador.

Eu estava tão branca que estava quase transparente. Até minhas sardas, que normalmente se destacam no meu nariz, tinham quase sumido, como se tivessem se escondido de medo. O rímel que cobria meus cílios havia escorrido para baixo dos meus olhos. Meus olhos não tinham o brilho usual; pareciam sem vida e opacos e meu pescoço estava horrendo. Os ferimentos das algas, que suspeitamente pareciam marcas de mão, eram uma mistura terrível de azul, roxo e amarelo, eu teria de usar gola rulê amanhã… e um chapéu. E óculos escuros. Eu ia parecer com a Yoko Ono na reunião. Estava torcendo para que Frida não fosse fã dos Beatles.

Suspirei e me recompus. Estava me preocupando com o trabalho quando há duas horas eu quase perdi a vida por coisas que eu não podia explicar ou sequer entender.

Não parecia real.

Quando saí do banheiro, eu não parecia nada melhor, mas Dex estava me esperando no carro para partir. Dei ao tio Al o maior abraço que pude e disse a ele quão grata eu era por tudo que ele fez por mim neste final de semana.

Ele caminhou para a porta e quando eu estava saindo colocou gentilmente sua mão no meu ombro.

— Perry — ele disse brevemente olhando para baixo como se não estivesse certo de como começar —, sei que há mais nessa história, do que aconteceu esta noite. Acima de tudo, estou feliz que esteja bem. Mas se quiser falar sobre isso com alguém que entende, estou a um telefonema ou uma viagem de carro de distância.

Dei a ele meu sorriso mais gracioso.

— Obrigada, tio Al.

Embora eu soubesse que eu possivelmente ligaria para falar sobre o que aconteceu, de jeito nenhum eu voltaria para a costa de Oregon por um longo,

longo tempo.

Caminhei pelo ar da meia-noite para o SUV do Dex. Parecia fazer anos que tivemos nossa conversa de coração para coração no acostamento. Digo de coração para coração porque foi o máximo que eu realmente conversei com o Dex e soube algo sobre ele. Agora, nós tínhamos toda a viagem de volta, e mesmo que tivesse muitas coisas para perguntar, eu não sabia como.

Abri a porta. Dex se sentava no banco do motorista mexendo atentamente em sua câmera. Joguei minha bolsa no carro e entrei.

— Está funcionando? — Perguntei esperançosa.

Ele mordeu o canto da boca.

— Não sei. O LCD está rachado, mas estou rezando para o cartão de memória estar bem.

— Foi o que aconteceu com minha câmera semana passada. Lente quebrada, mas o cartão de memória funcionou.

Ele assentiu de uma maneira que me fez questionar se ele de fato me ouvia. Jogou a câmera no banco de trás, como se fosse completamente inútil, engatou a marcha e pôs o pé no pedal.

A casa do tio Al, a costa selvagem e os pesadelos loucos despareceram atrás de nós, engolidos pela escuridão.

Não falamos por cerca de dez minutos. Pude ouvir Elton John cantando “Someone Saved My Life Tonight” bem baixinho nos alto-falantes; achei que a letra fazia bastante sentido.

Olhei para Dex, seu rosto iluminado pelo painel. Podia ver que ele sabia que eu estava olhando para ele, mas mantinha os olhos na estrada. Seus olhos pareciam tristes, ou talvez apenas cansados.

— Como você está? — Mantive minha voz pouco acima de um cochicho.

— Ótimo — foi sua resposta. Como de costume, eu não podia ver se ele estava brincando ou não. De qualquer forma, fiquei com o “não fale comigo”. Sorri fracamente e me inclinei contra a janela, os reflexos de dentro do carro fazendo a escuridão que passava parecer abstrata.

Devo ter cochilado por um tempo porque quando dei por mim uma pequena poça de baba havia se formado no meu ombro direito.

— Você roncou — Dex disse.

Levantei minha cabeça envergonhada e limpei a baba.

— E babei também — acrescentei. Olhei para o relógio: duas da manhã.

Não tinha ideia de como eu sobreviveria no dia seguinte. Enquanto refletia sobre o plano de agir normalmente no trabalho — e meu plano para ganhá-los numa reunião e receber a promoção por enquanto consistia em agir entusiasmada e concordar com tudo o que eles diziam. Dex soltou um pequeno suspiro.

— Sinto muito — ele disse.

Eu o olhei surpresa.

— Por tudo — ele continuou quando eu não respondi. — Não era assim que as coisas deveriam ter acontecido. Quero dizer, em *Gatas do Vinho* eu nunca fui atacado por uvas assassinas, por mais divertido que isso pareça.

Fechei meus olhos e me reclinei de volta.

— Não é culpa sua.

— Sim. É minha culpa. Eu obviamente não pensei bem nisso. Quero dizer, você é só uma menina com uma vida promissora pela frente, e eu te arrasto para um farol assombrado. Quero dizer, porra. Em que diabos eu estava pensando?

Pude ver flashes de remorso por trás de seus olhos. Meu coração se apertou, mas só um pouco.

— Se eu concordei em ir para um farol assombrado com você, obviamente minha vida não é tão promissora assim — eu o lembrei rapidamente.

— E você mal me conhece — ele continuou, sem me ouvir. — Você não me conhece, e eu não te conheço e te convenci que isso seria uma ideia fodástica. Você quase morreu esta noite. Poderia ter morrido.

Eu me endireitei e me inclinei perto dele.

— Você quase morreu também.

Dex balançou a cabeça.

— Eu não me dei conta de contra o que lutávamos. Desculpe por fazer você subir aquelas escadas. Sei que você não queria outra coisa além de sair de lá, e eu deveria ter deixado. E deveria ter te seguido.

— Se eu quisesse mesmo, eu poderia ter passado por você.

— Eu só… porra. Nunca deveríamos ter voltado lá.

— Bem, nós voltamos. E nós dois decidimos isso. Lembra?

Dex não pareceu convencido, mas também não protestou. Ficou em silêncio e sua boca ficou firme.

— Tenho medo de perguntar o que aconteceu com você — ele finalmente disse.

Eu tinha medo de responder. Não queria me lembrar de nada, ainda que estivesse bem fresco na minha cabeça, assim como na minha garganta. Mas não podia guardar tudo para dentro também. Se guardasse, pode apostar que iria precisar dos comprimidos do Dex logo mais. O que, por sinal, me lembrou: eu queria perguntar a ele sobre o medicamento, mas como você trazer à tona algo tão pessoal? “Aliás, há boatos de que você é psicopata…”?

Então contei a Dex exatamente o que aconteceu com todos os detalhes. Das galochas que o Velho Roddy usava até o momento em que ouvi sua voz gritando para eu saltar do prédio quando eu estava pendurada na janela.

— “Ela me disse que você ouviria e que você viria. Estava esperando alguém como você.” Foi o que ele disse. Não sei quem é “ela”, mas a única coisa que faz sentido, se é que podemos dizer isso, é que ele estava falando da velha. A Palhaça Decrépita Bizarra.

Dex não disse nada, então tentei amenizar o clima.

— Então eu soltei uma fantástica frase de impacto do tipo “a única coisa que você vai ter é a morte”.

Ele nem esboçou um sorriso, eu me perguntava quando eu iria ver aquele sorrisinho encruado novamente. Estava começando a preferir aquele Dex a esse gravemente sério.

— E foi isso o que aconteceu — eu acrescentei. Esperava que ele dissesse algo logo.

Ele mordeu o lábio por um segundo antes de dizer.

— Você conta tudo isso tão casualmente, como se acontecesse com você toda semana.

— Bem, meio que acontece.

Ele me deu um olhar que me fez encolher um pouco.

— Estou falando sério, Perry. Queria que você falasse sério também.

— Bem, desculpe por usar o humor para passar por situações difíceis. Essa situação toda é absurda, nem sei como devo processar o que aconteceu, muito menos o que sinto. É impossível. Não parece real. E, honestamente, como pode

ser real? Não pode. Simplesmente não pode. Não pode. Não pode. Não pode. Não pode… — comecei a rir com o absurdo daquilo tudo, uma gargalhada uivada que fazia meu rosto tremer.

Alguns parafusos no meu cérebro começaram a estalar. Um por um, eu podia sentir meus pensamentos se desenvolvendo, quando o rosto do Velho Roddy voltou, a sensação da minha cabeça passando pelo vidro, os tentáculos pegajosos de algas, a água fria afogando meus pulmões.

Estalo. Estalo. Estalo.

Minhas emoções se afunilavam fora de controle; meus pensamentos circulavam de realidade para realidade. Eu continuava rindo sem parar, até Dex parar o carro no acostamento. Ele puxou o freio e ligou a luz interna.

— Perry? — Disse cuidadosamente. Moveu a mão em direção ao meu joelho.

Eu afastei sua mão impulsivamente e cacarejei.

— Quem é maluco agora? Você ou eu?

Dex franziu a testa e pareceu completamente confuso. Eu não o culpava. Eu tinha perdido completamente o controle.

— Shhh, está tudo bem — ele cochichou e estendeu a mão novamente. Eu não o afastei desta vez, mas de repente tive vontade incontrolável de dar um soco no rosto dele. Seus olhos se arregalaram como se ele soubesse o que eu estava pensando. — Perry, se acalme.

— Me acalmar? — Retruquei. — Me acalmar? Você é o psicótico aqui, Dex. É melhor me dar seus comprimidos, então.

Ele apertou os lábios, a risca na testa ficando mais profunda.

— Isso mesmo! — Eu exclamei. — Eu sei o que é Olanzapina! Quando ia me contar que eu estava fazendo dupla com um esquizo?

Sei que o que eu disse foi cruel, mas não me importei. Ri da culpa. Senti essa enorme onda de energia, como emoções atormentadas presas que subiam pela minha barriga. Se eu parasse de rir, provavelmente começaria a gritar.

Ele absorveu o que eu disse sem se alterar. Era como se não tivesse me escutado.

Em vez disso, ele se virou para me encarar de perto até seu rosto estar bem diante do meu. Eu o vi em câmera lenta. Vi seus olhos virarem de um marrom

chapado para um tom vívido e faiscante de mogno. Suas pupilas se contraíram, virando minúsculos pontinhos negros. Tornaram-se más. Muito más.

— Ei! — Ele gritou tão alto que minhas orelhas ficaram anestesiadas. Pude sentir os perdigotos voando à minha bochecha. O impacto de sua voz quase parou meu coração. — Contenha-se!

Não sei se alguém já berrou bem na sua cara, mas deixe-me dizer que é uma experiência aterrorizante. Em apenas uma ação, senti como se experimentasse toda a raiva que arrebentasse Dex por dentro. E estava dirigida a *mim*.

Eu parei de rir. Parei de respirar. Parei de piscar. Parei de me mover. Parei tudo.

Os olhos de Dex penetraram nos meus com tanto poder e tanto ódio que fez meu estômago ficar embrulhado. Então ele soltou o ar e abaixou o olhar. Quando levantou os olhos, eles estavam repletos de desculpas e remorso novamente.

— Sinto muito — ele disse baixinho. — Eu tive de fazer isso.

Eu esperava que ele se mexesse e me desse espaço para respirar, mas ele manteve a cabeça bem ali. Eu supus que queria me atormentar mais, mas ele parecia tão… compassivo, uma virada de cento e oitenta graus de dois segundos atrás para cá; eu sabia que ele estava tentando se certificar de que eu estava bem.

Isso me lembrou do filme *Gênio Indomável*, quando Robin Williams diz “a culpa não é sua” repetidamente para Matt Damon, até que ele cede e desmorona. Eu já havia desmoronado. As lágrimas começaram a correr dos meus olhos, eu sabia que era hora de desmoronar.

Mantive os olhos abertos e sem piscar pelo máximo que pude até estarem tão cheios de lágrimas que eu tive de fechá-los. Eu havia ficado tão envergonhada de chorar na frente de Dex no dia anterior, mas agora eu não me importava nem um pouco. E minhas lágrimas eram exatamente o que ele queria.

Comecei a soluçar e berrar, despejando tudo da noite, tudo da semana passada e provavelmente tudo dos últimos vinte e dois anos. Dex me observou por alguns segundos, então colocou os dois braços ao redor dos meus ombros e me puxou gentilmente para ele. Eu resisti um pouco no início, não querendo confusão, então desisti e enterrei minha cabeça fundo no peito dele. Provavelmente estava derramando meleca nele todo, mas não me importava.

Ele não disse nada para me acalmar ou me fazer parar de chorar. Apenas me abraçou, o que era mais eficiente do que qualquer coisa. Isso me fez perceber, no fundo da minha mente devastada, quanto eu precisava de afeto. O toque humano.

É algo sobre o qual você realmente não pensa até ser lembrado de quanto é carente.

E agora eu percebia quanto eu queria, precisava disso dele. Esse homem perturbado e medicado que havia entrado na minha vida há poucos dias. Ainda não o conhecia, mas sentia como se não precisasse. Dizem que pessoas que passam por situações extremas juntas desenvolvem um vínculo silencioso. Não importa quão desconfortável fosse sentir que ele era potencialmente um maluco, não importa quão frustrante fosse lidar com ele a cada minuto, não importa quanto eu soubesse que ele iria voltar para Seattle em uma hora; havia uma linha de energia invisível atraindo-me para ele. E de maneira egoísta, ingênua, eu esperava que ele sentisse isso também.

Seu pescoço estava com um delicioso cheiro de pós-barba e almíscar natural. Talvez eu pudesse ficar assim para sempre, mas minhas lágrimas diminuíram e minha respiração e pulsação voltaram a um ritmo razoável. Acho que encharquei a parte da frente de sua jaqueta.

Relutantemente me afastei e sorri. Tirei um lencinho umedecido do bolso e o esfreguei em sua camisa.

— Desculpe — cochichei.

Ele olhou para baixo e deu um sorrisinho.

— Ei, já tive coisas piores em mim. Cocô de cabra, vinho regurgitado… isso não é nada.

Não pude conter o sorriso. Rapidamente passei o lenço já empapado pelo meu rosto e nariz. Seu rosto permaneceu a distância de um palmo do meu, e eu não queria parecer completamente lastimável. Notei que ele ainda estava com os braços ao meu redor, então obviamente eu não estava tão mal assim. Então ele era louco…

Algo surgiu nos olhos dele. Começaram a voltar para seu modo normal, sexy e sonolento, e suas sobrancelhas se torceram quase dolorosamente, como se ele tivesse se lembrado de algo. Ele tirou as mãos de mim enquanto parecia levemente constrangido. Parecia que havia uma tensão estranha no ar e só então ele havia notado.

Ele pigarreou e desviou os olhos.

— Você vai ficar bem agora.

— Claro— murmurei, olhando para minha mão manchada de rímel.

— Acredite em mim. Já estive lá. Já vi coisas. Você expurgou tudo; não irá mais causar danos. É quando você não coloca para fora que, bem…

Ele colocou a mão nos bolsos, tirou um frasquinho de pílulas prescritas e chacoalhou para enfatizar.

— O que aconteceu? — Perguntei cautelosamente. Quanta coisa ele tinha nos bolsos!

— É uma história para outro momento — ele disse. Seus olhos permaneciam vazios, mas senti uma inflexão bem-humorada em sua voz.

— Ah — eu disse de maneira débil.

— Saiba que não sou esquizofrênico, só meio bipolar.

— Faz sentido.

Ele revirou os olhos.

— O remédio mexe mesmo com minha cabeça, sem mencionar o barrigão com que fico. Se tomar muito eu fico parecendo o ator Tom Arnald, se tomar pouco… bem, não sou realmente *tão* louco se é com isso que se preocupa.

— Não estou preocupada. E você não parece o Tom Arnold, mas devia arrumar umas analogias mais atuais.

— É porque eu só tomo o suficiente para aguentar. E mesmo com a dosagem mínima fico com isso. — Ele apertou a barriga, e tinha quase nada para agarrar. — As mulheres amam isso — ele disse com uma piscada.

— Tenho certeza de que sua namorada ama — eu disse baixinho.

— Você que pensa — ele brincou —, ela só me enche para eu fazer academia. Já fez academia? É a coisa mais gay do mundo. Fui nos primeiros seis meses de namoro até cansar de pagar para alguém me torturar.

— Tenho certeza de que ela entende.

Ele balançou a cabeça.

— Você viu como ela é. Ela tem uns padrões bem altos. Enfim, ela não sabe que eu ainda tomo remédio.

Isso me surpreendeu e eu busquei no rosto dele para ver se ele estava brincando. Sua expressão neutra não me ajudou em nada.

— Está brincando. Como ela pode não saber?

Ele deu de ombros.

— Não sabendo.

— Ela não te vê tomando os comprimidos?

— Consigo ser discreto. Duvido que fizesse diferença.

Eu estreitei meus olhos com essa nova informação. Já me sentia bem tendenciosa, mas agora eu sabia que Jenn era realmente uma vaca.

— E você mora com ela? — Disse incrédula.

— Aham — ele respondeu de modo casual. — Enfim, mudando de assunto… você vai ficar bem?

— Não sei. — Funguei e voltei ao meu banco.

— Era uma pergunta retórica, o que significa sim, vai.

Ele olhou para o relógio.

— E deveríamos estar voltando. Apenas me diga se tiver vontade de rir histericamente de novo, para que eu possa aumentar o volume.

Dex deu partida e levou o carro para a estrada. Eu me sentia exausta e levemente aliviada ao mesmo tempo. Fechei os olhos e quase caí no sono quando uma pergunta me ocorreu.

— Dex?

— Sim, madame?

— O que quis dizer quando falou que esteve lá? Que já viu coisas?

— Vá dormir, mocinha.

— Tá bom — suspirei com sono. E logo tudo escureceu.

CAPÍTULO DEZESSEIS

ACORDEI DO MEU COCHILO SEM SONHOS quando senti o carro de Dex parando. Estacionamos na rua em frente da minha casa. Mesmo no escuro, com folhas se espalhando no vento e jogando pequenos galhos de cerejeiras, parecia com o melhor lugar da Terra.

— Lar, doce lar — disse Dex.

Eu me sentia desconfortável. Dava um abraço de despedida? Dava um aperto de mão? Ambos pareciam estranhamente inapropriados.

— Parece o final de um primeiro encontro, não parece? — Ele apontou.

Fiquei extremamente ruborizada.

— É, acho que sim.

Dex abriu os braços, um sorrisinho afundando no canto da boca, e disse.

— Vem cá.

Eu me inclinei e o abracei. Ele me apertou bem firme e soltou um grunhido bem humorado. Eu o apertei de volta, sem querer soltá-lo, mas também não querendo passar a ideia errada. A ideia errada era eu querer continuar o tocando.

Finalmente eu me afastei e olhei para o lado.

— Ei — ele cochichou enquanto deslizava a mão sob meu queixo e o puxava para cima. Não tive escolha a não ser encontrar seus olhos. Eles dançavam no escuro. — Tudo bem com você?

Olhei para os lábios dele, minha respiração mais profunda. A vontade de beijá-lo ficou assustadoramente forte, tanto que me surpreendeu. Eu obviamente não estava bem, mas por motivos diferentes dos que ele pensava.

Eu me salvei fechando os olhos e dizendo.

— Estou bem.

Satisfeito ele soltou meu queixo e se sentou de volta em seu assento.

— Fabuloso.

Eu rapidamente abri a porta e saltei do carro antes de fazer ou dizer algo idiota. Ouvi “Scenes From an Italian Restaurant” tocando baixinho nos alto-falantes, o que imediatamente me lembrou da sessão de cantoria dele no carro ontem. Parecia fazer tanto tempo.

Devo ter sorrido involuntariamente, porque ele passou minha bolsa do banco de trás e disse.

— Quer que eu comece a cantar de novo? Vou cantar o CD todo para você. “My Life”, “Piano Man”, “She’s Always a Woman”…

Podia ver que ele estava brincando, mas secretamente eu não queria mais nada. Engoli duro e dei um sorriso tímido.

— Acho que isso é adeus?

— Por enquanto — ele disse. — Vá dormir direito e arrebente na reunião amanhã. Eu te ligo quando tiver algo interessante para dizer.

— Parece bom. Tchau, Dex.

Estava prestes a fechar a porta quando ele me parou.

— Espere! — Ele pegou atrás, na sacola; sua boina de cineasta. — Use isso amanhã. Vai cobrir o buraco na sua cabeça. E vai ficar bem descolada.

Peguei, enfiei na cabeça e agradeci segurando a aba:

— Valeu.

Ele acenou com os dedos enquanto eu fechava a porta.

Eu me virei e caminhei em direção à casa, ouvindo o carro partir. Olhei para trás, e ele havia sumido.

Suspirei e fiz uma pausa na porta para reunir meus pensamentos antes de destrancá-la e voltar para minha velha vidinha.

✷

Como se pode imaginar, o dia seguinte se tornou uma completa loucura vezes mil.

Para começar, cheguei em casa e encontrei minha mãe dormindo na minha cama, aparentemente esperando por mim. Por sorte, Dex havia me dado sua boina, que cobria o ferimento na minha cabeça para que eu deixasse a minha mãe desesperada.

Claro que ela me bombardeou com uma tonelada de perguntas de mãe preocupada, as quais eu facilmente driblei dizendo quanto eu precisava dormir, o que era verdade; mas que no fim não fez um pingo de diferença, considerando que acordei me sentindo um absoluto lixo.

Cada osso e cada músculo do meu corpo doía até não poder mais. Não conseguia sequer me abaixar para amarrar as botas e tive de optar por sapatilhas. Isso, mais a gola rulê para esconder os profundos ferimentos no meu pescoço e a boina do Dex na minha cabeça me deixara a cara da Yoko Ono.

Contudo, minha escolha de guarda-roupa era o menor dos meus problemas, além da dor física, eu também estava em estado de choque mental. Estava tão exausta que me sentia no limite do delírio. Cada frase parecia um desafio, o que não caía bem para atender ao telefone.

Nem mesmo os dois Red Bulls puderam ajudar meus pensamentos confusos, apesar de terem elevado minha pulsação ao *status* de parada cardíaca, e isso ainda foi dobrado na hora em que entrei na reunião.

Por uma sorte maluca ou compaixão do universo, consegui não apenas passar pela reunião com Frida e o chefão, John Danvers, como os conquistei e ganhei a promoção.

É, eu sei.

Não posso explicar, mas consegui passar uma imagem bem profissional e entusiasmada e até mostrei a eles alguns dos projetos de publicidade que criei na faculdade. O cargo era só de coordenadora de produção, que era um trabalho bem estressante e subalterno, mas ainda era melhor do que ficar presa na recepção. Além disso, pagava três dólares a mais por hora, e eu teria benefícios.

Fiquei nas nuvens o resto do dia. Literalmente. Todos os analgésicos que eu estava tomando, além da falta de sono, me faziam sentir como se eu estivesse flutuando no fantástico mundo de Perry.

Meu novo cargo começaria na próxima segunda-feira, então eu teria a semana inteira para treinar minha substituta (por acaso eles tinham em mente a temporária que me cobriu na semana anterior), o que significava, por sua vez,

uma semana bem fácil para mim. Eu poderia simplesmente colocar a outra pessoa para fazer todo o trabalho.

Simplicidade era o que eu precisava. Meu cérebro e meu corpo estavam uma bagunça, eu precisava que as coisas corressem da maneira mais suave possível. Mais do que qualquer coisa, queria deixar o final de semana para trás e focar um novo caminho. Quanto mais eu me dedicava ao balanço diário da vida “normal”, mais absurda se tornava a ideia de ser uma blogueira fantasma.

Além do mais, não tive notícias de Dex. Ele disse que ligaria se soubesse de algo, mas ainda assim, acho que parte de mim torcia para que ele me ligasse de qualquer jeito.

Mais tarde naquela noite, entrei no Facebook para bisbilhotar o perfil dele, como a boa xereta que sou. Não encontrei indícios de ele ter acessado seu perfil recentemente, mas pessoas haviam escrito em seu mural durante nossa ausência. Alguns caras, algumas meninas, a maioria com piadas internas e planos em potencial. Era estranho saber que Dex tinha uma vida sem mim e o farol, por mais egocêntrico e idiota que isso soe.

Só me reforçava que Dex era só um homem. Um homem confuso, mas apenas um homem. Um homem com uma Gata do Vinho como namorada, com um trabalho interessante e diversificado, uma bela voz, uma vida social e um passado sórdido. Um homem bonito, sedutor, cujos olhos liam sua alma, e cujo sorrisinho desdenhava de você. Um homem no qual eu me esforçava para não pensar.

Isso era mais fácil de dizer do que de fazer. Ada continuava trazendo o assunto à tona à mesa de jantar.

— Ele era meio sinistro — Ada disse em um tom arrogante dando mordidinhas na carne. — Eu já estava duvidando de que você ia voltar.

— Valeu, Ada — murmurei com um olhar atravessado.

— Bem, teria sido legal se tivéssemos tido a chance de conhecê-lo — minha mãe reclamou melancolicamente —, em vez de vê-lo de longe.

— É, bem, achei que vocês podiam me deixar constrangida — respondi com sinceridade.

— Ah, “que seja”, como você diria. Por que isso importa? — minha mãe disse, trocando um olhar com meu pai, que estava silencioso como era costume sempre que havia comida na frente dele.

— Porque ela tem uma queda por ele — Ada se intrometeu.

Revirei os olhos.

— Ai, por favor, eu acabei de conhecer o sujeito.

Ela apontou o garfo para mim.

— Eu vi como você olhava para as fotos dele no Facebook. — Ela se virou para minha mãe. — Ele tem namorada.

Minha boca despencou.

— Como *você* sabe disso?

— Talvez eu saiba usar uma ferramenta de busca melhor do que você — Ada respondeu com petulância.

— Perry, você gosta mesmo desse cara! — Minha mãe me provocou, olhando para mim.

— Não! — Eu exclamei e quase derrubei meu garfo.

— A dama protesta demais. — Ada caçoou, usando uma citação de *Hamlet*.

— Você nem sabe o que está citando aqui, loira — retruquei.

— Meninas — meu pai nos interrompeu firme, mas gentilmente. — Vamos deixar a Perry relaxar um pouquinho. Não é todo final de semana que você explode o farol do meu irmão.

Não dava para saber se ele estava de fato bravo, como era geralmente o caso. Afinal eu tinha *explodido* o farol do irmão dele, o que não podia ser menosprezado. Mesmo que não fosse de fato minha culpa, parecia que era. Senti, porém, certa compaixão em sua voz e fiz a ele uma cara de desculpa.

— Nós só estamos felizes que esteja bem, docinho. — Ele se esticou e tocou minha mão. — E orgulhosos também. Vamos brindar a seu novo trabalho, tim-tim!

Sorri, apesar de tudo, e levantamos nossos copos de vinho. Ada ergueu seu refrigerante com uma expressão seca, apesar de eu conseguir enxergar um leve toque de afeição fraternal.

Após o jantar e uma conversinha furada sobre meu novo cargo, eu voltei ao meu quarto, pronta para apagar. Eram sete da noite, e mesmo as doze horas de sono não pareciam ter sido o suficiente.

Coloquei algumas coisas na minha bolsa quando ouvi a porta se fechar atrás de mim. Temendo o pior, me virei em pânico.

Era apenas Ada, me olhando com horror.

— Que porra aconteceu com a sua cabeça? — Ela gritou e correu para me examinar.

Eu bati na mão dela e estranhamente senti minha cabeça. A boina havia caído, deixando meu elegante Band-Aid exposto.

— Não é nada, cai fora!

Ela cruzou os braços para indicar que não ia a lugar nenhum.

— O que houve? Me diga ou vou chamar a mamãe e o papai!

Eu sabia que ela iria, mesmo. Queria contar a ela, mas não sabia qual versão. A história oficial ou a verdadeira?

Apesar de todas as nossas diferenças, Ada era minha irmã. Olhando em seus olhos inocentes, pintados impecavelmente com a melhor maquiagem, eu sabia que ela ainda tinha alguns benefícios da dúvida guardados para mim.

— Quer a verdade ou a história oficial?

— Qual é a história que você vai blogar? — Ela perguntou sabiamente.

Ela tinha um bom ponto. Se ainda estávamos realmente fazendo esse projeto — no momento eu não sabia o que Dex iria conseguir resgatar de sua câmera, sem mencionar o fato de que a coisa toda poderia ser cancelada — iríamos obviamente mostrar a verdade às pessoas. Isso significava que meus pais, as autoridades, tio Al; todos iriam saber que a verdade era absurdamente diferente de tudo que eles tinham escutado.

De qualquer maneira, eu também sabia que eles não acreditariam em nada. Não importa que tipo de prova nós fornecêssemos, não importa quão bem eu escrevesse sobre a experiência, eles iriam achar que eu inventei tudo.

Bem, deixe-os achar.

— Então? — Ela perguntou impacientemente. — O que foi? O que aconteceu? De verdade.

— Tá — eu disse hesitantemente. — De verdade? É melhor você se sentar, mas antes deixe o cinismo do lado de fora da porta.

Ela suspirou e se jogou na minha cama, toda desengonçada revirando os olhos.

Comecei do começo, mas deixei de fora a parte sobre a Palhaça Decrépita porque isso só iria dar mais pano pra manga. Quando terminei, pude ver Ada

lutando com tudo o que contei.

Ela roeu pensativamente as unhas e me observou de perto.

— Então… essa é a história verdadeira?

— Sim. Acredite ou não, não me importo, mas você queria a verdade, e aí está. Dex pode confirmar o que eu disse.

— Mas você disse que Dex nunca viu o tal de Rodney.

— Roddy. E ele viu, só não foi… atacado por ele.

— Eu… não sei o que dizer — ela se levantou e começou a andar de um lado para o outro.

— Bem, não precisa dizer nada.

Ela pareceu pensar nisso por um tempo, então deu um olhar curioso.

Ela perguntou.

— Lembra quando éramos bem mais novas, ou quando eu era bem novinha, enfim, e você tinha tipo dez anos, e íamos para o chalé de esqui todo inverno?

Eu lembrava vagamente. Durante alguns anos, todo inverno nós esquiávamos nas montanhas, mas eu não sabia o que isso tinha a ver.

— Lembra o quarto em que dormíamos?

Mais uma vez, eu lembrava vagamente. Um típico quartinho com beliches e o próprio banheiro. Eu me lembrava do cheiro da lareira à noite e do cheiro da neve derretendo no peitoril da janela de manhã, mas nada mais.

— Mais ou menos — eu disse lentamente.

— Lembra-se de um menino chamado Sam que vinha te visitar?

O nome me dizia algo. Tentei puxar pela memória, mas fui bombardeada com imagens de milhões de viagens e um milhão de meninos que poderiam se chamar Sam. No entanto, tive uma lembrança de um menino branco como neve do lado de fora da janela, mas ela era tão nebulosa e fugaz, que poderia muito bem ser um sonho.

Ela continuou:

— Sam vinha toda noite e batia na nossa janela, eu acordava e te encontrava tentando abri-la. Eu lembro que perguntava o que você estava fazendo e você dizia: “Sam está aqui. Tenho de deixá-lo entrar; ele está com frio”.

As lembranças começaram a se derramar nos meus olhos. Vi o doce rosto travesso de Sam na janela, tão pequenino e com frio. Ele devia ter uns oito anos, mas era pequeno para sua idade. Eu me lembrava de que abria a janela e o convidava para entrar, mas ele nunca entrava. Ele dizia que tinha de ficar do lado de fora porque sua mãe estava brava com ele. Eu me lembrava agora do frio agudo que vinha pela janela e beijava meus pés e do gelo que se acumulava em seus cílios como pó de pirlimpimpim.

— Sim, eu me lembro — disse a ela. Seu rosto ficou soturno, o que acelerou instintivamente meu pulso.

— O que tem?

— Eu nunca vi o Sam — ela disse cuidadosamente. — E eu também estava lá, na cama de cima do beliche. Eu lembro que você acordava toda noite, sempre à uma da manhã, e rastejava até a janela e a abria. E ficava conversando sozinha por sei lá quanto tempo. Então fechava a janela, olhava para mim e dizia: “Sam teve de ir embora”. Mas nunca houve ninguém ali, Perry.

Eu olhava para ela atônita, enquanto processava essa peça insana de informação. Eu tenho uma péssima memória, e isso aconteceu há muito tempo, mas quando ela trouxe isso à tona, me lembrei perfeitamente. Quero dizer, sei que tinha amigos imaginários quando era pequena, mas *havia* claramente um menino chamado Sam. Certo?

— Eu estava sonâmbula? — Perguntei. Talvez eu tivesse sonhado.

— Acho que não — Ada disse. — Você frequentemente falava sobre ele durante o dia também, se perguntando por que sua mãe o trancava fora do chalé. Uma vez você até disse à mamãe que queria convidá-lo para jantar. Eles disseram que claro que poderia, achando que ele era um menino que ficava por ali. Mas eu nunca o vi no jantar. E nunca o vi na sua janela.

— Como se lembra de tudo isso? Você devia ter uns cinco anos!

— Eu me lembro porque me assustava, Perry. Você me assustava. Comecei a pensar que minha irmã mais velha era louca.

— Louca — eu repeti. Fechei os olhos e pressionei as mãos contras as têmporas. Estava cansada demais para lidar com isso. Era só uma pitada extra de ridículo sobre a pilha crescente de insanidade.

Ada colocou a mão no meu braço.

— Você não é louca.

— Claro — eu murmurei e me sentei na minha mesa. Temi que isso me fizesse pensar em tudo de novo.

— É sério, para valer. Acho que você viu Sam, mesmo que eu não o tenha visto. E acho que você também viu esse Velho Roddy. Eu acredito em você, Perry.

Dei a ela um sorriso esmaecido.

— Estou falando sério. Talvez você pudesse gostar disso — ela resmungou.

Suspirei e me recostei na cadeira.

— Gosto, Ada, calma. É só muita coisa para absorver. Quero dizer, o que tudo isso significa?

— Significa que talvez você veja coisas. Talvez se você pensar nos anos que passaram, possa se lembrar de outras coisas também.

Isso não soava uma boa ideia.

— Outras coisas? Houve mais?

Ela inclinou a cabeça pensativamente.

— Talvez. Você agia de forma bem estranha durante o ensino médio.

— Eram as drogas — respondi com amargura.

— Talvez fossem, talvez não. Você sabe que não foi muito divertido para mim crescer tendo você como irmã.

Toma essa!

— Sinto muito — eu disse, torcendo para que ela percebesse que eu realmente sentia muito por isso. — Eu fico muito feliz que você não tenha acabado igual a mim.

— Ainda há tempo! — Ela exclamou ironicamente. — Não importa, de qualquer maneira. Sei que foi mais difícil para você do que foi para mim.

— Sério, eu sinto muito. Não tenho desculpas.

— Eu não quero ouvir isso! O que passou, passou, tá? Não importa.

Ela começou a seguir para a porta.

— Espere — eu a chamei. Eu não queria mesmo que ela me deixasse sozinha com a bomba que ela havia jogado.

— Tenho coisas para postar no blog. Você não tem?

Dei de ombros, impotente.

— Não sei.

— Você sabe que tem. Dane-se todo mundo. Escreva sobre o que aconteceu mesmo assim. E se ninguém acreditar em você, não importa, porque eu acredito em você, esse Dex acredita, e as pessoas acreditam no que você diz a elas para acreditar. É igual à moda. Elas usam o que você falar para usarem.

Por que eu não era tão esperta assim quando eu tinha quinze anos? Ah, certo, as drogas. Que desperdício...

— Ah, e parabéns pelo novo emprego — ela acrescentou antes de sair do quarto.

Certo… novo emprego, Sam, Velho Roddy, Dex, blog, treinar uma recepcionista, minha cabeça ferida.

Era hora de dormir.

✷

— Boa tarde, Allingham e Associados, Melody falando — Melody, nossa futura recepcionista, atendeu ao telefone e com uma voz exageradamente melosa.

Eu estava encostada na parede, observando-a enquanto ela fazia o primeiro teste de atender ao telefone. Treinei-a a manhã toda, com a logística básica do trabalho, ainda que ela já tivesse feito o trabalho durante minha ausência semana passada sem problema algum. Ainda assim, achei um pouco divertido ficar atrás vendo a tocha ser passada. Divertido e extremamente aliviante.

Para você ver, enquanto eu não era uma boa recepcionista, Melody era uma ótima. Animada, amável e focada. Apesar de ela poder só estar mostrando trabalho — a maioria das pessoas se esforça ao máximo no primeiro dia — algo nela gritava recepcionista. Talvez fosse porque ela era bonita, bronzeada e loira, com os dentes mais brancos que já vi no norte da Califórnia. Ou seu entusiasmo e talento organizacional intuitivo (ela abasteceu os grampeadores no intervalo da manhã, sabe, só por diversão). Ou poderia ser que ela estivesse genuinamente interessada em ajudar as pessoas, diferentemente de mim, que acreditava que um olhar aborrecido era igualmente eficiente.

Enquanto eu a via assumir meu antigo emprego, eu percebia quanto eu iria ser feliz num novo cargo. Era assustador ter novas responsabilidades, é claro. Quanto mais eu pensava nisso, mais eu me preocupava em não ser boa o bastante. Por outro lado, talvez eu pudesse aproveitar a ocasião, fazer um grande

trabalho e deixar a preguiça, a procrastinação e a apatia para trás. Eu poderia ser uma nova pessoa. Poderia surpreender a mim mesma.

Isso, porém, não significava que eu não pensava no Dex em momentos aleatórios do dia. Eu ainda não havia ouvido um pio dele. Eu considerava mandar uma mensagem de texto ou um recado no Facebook para ele.

Algo bem tranquilo e casual, mas não queria parecer desesperada. Você não liga para alguém logo depois de um encontro; era o mesmo tipo de coisa.

É idiota como eu ficava comparando nossa aventura com um encontro quando era bem o oposto disso. Pelo amor de Deus, nós não éramos sequer colegas de trabalho. Eu começava a duvidar de que algo iria acontecer, mas não podia evitar. Eu sentia como se estivesse num semirrelacionamento com ele, o que me fazia sentir ainda mais idiota. É assim que maníacos começam!

Eu balancei a cabeça e soltei um suspiro de desgosto.

— Fiz algo errado?

Melody olhava para mim interrogativamente com o telefone na orelha. Acho que viajei por um momento, como de costume

Dei a ela um rápido sorriso e respondi sinceramente.

— Não, você está indo bem. — Eu, por outro lado não estava. Minha mente continuava a se dividir entre ficar empolgada com a nova posição e me sentir decepcionada da falta de uma da Shownet.

E não melhorou com o passar do dia. Assim que cheguei em casa minha mãe me arrastou para um banho de loja.

Eu sei que um banho de loja parece divertido, e sei que Ada me apunhalou com o olhar quando minha mãe me puxou pela porta, mas não deveria ser uma experiência agradável.

Minha mãe geralmente me leva para esses passeios porque: A) ela tem más notícias e quer adoçá-las um pouco ou B) quer dar uma de “Eliza Doolittle” pra cima de mim. Suspeito que esse passeio seja o segundo caso.

— Então, o que está havendo, mãe? — Perguntei cuidadosamente enquanto ela tentava pela enésima vez estacionar o carro numa vaga estreita.

— Há espaço para sair? — Ela perguntou, olhando para o meu lado. Não havia, a menos que ela estivesse achando que eu era quinze quilos mais magra, mas em vez de sugerir outra tentativa, e talvez ouvir um sermão sobre fazer dieta, eu disse a ela para estacionar. De alguma forma eu me espremi para fora

do carro, mas não sem apertar meus peitos contra a porta — divertindo as crianças do carro vizinho, que acharam bem engraçado.

Dentro do shopping, senti meu coração acelerar. A multidão, o empura-empurra, as pessoas no corredor que trabalhavam nos quiosques e praticamente corriam atrás de você com creme para as mãos e para os cabelos. O shopping não podia ajudar em nada meus ataques de pânico e era um dos piores lugares para mim, especialmente estando com os nervos à flor da pele.

Minha mãe não notou, como sempre. Ela apenas me conduziu para o departamento feminino da Macy. Já havia me tocado, mesmo antes de ela começar a tirar vários blazeres e saias. Ela queria que eu parecesse mais profissional no novo cargo.

Era justo, acho. Eu precisava ampliar um pouco meu guarda-roupa, e minhas camisetas de banda não estava mais servindo, mesmo que eu as usasse com uma bela saia. Eu sabia que minha mãe ia me espremer em algumas roupas que não me valorizariam e não seriam nada a cara da Perry.

E eu estava certa. Dez minutos depois eu saí do provador com apenas uma roupa que servia em mim e um belo sermão sobre meu peso.

— Pelo menos podemos comprar sapatos. Talvez um salto alto? Não tem como você ganhar peso nos pés — ela disse animada, e antes que tivesse tempo de me insultar novamente, fui arrastada na direção do departamento de sapatos.

Não me entenda errado. Adoro sapatos, mas adoro o *meu* tipo de sapato; e o meu tipo de sapato é do tipo tosco e confortável. Os sapatos que minha mãe queria que eu usasse serviriam melhor para outra pessoa. Alguém como Jenn.

Pensar nela acelerou minha pulsação.

Acho que minha mãe notou, porque quando o vendedor entediado guardava um par de sapatos de volta na caixa, ela disse:

— Então, me conte sobre esse cara com quem você estava. Dex?

— Você quer dizer o produtor do programa? Ele é bem… interessante. — Não queria seguir por esse caminho com ela.

— Está a fim dele?

— Não, mãe. — Eu suspirei e toquei o acabamento do belo par de sapato com salto de dez centímetros. — Será que ninguém me escuta?

— Docinho, você não devia deixar algo como uma namorada ficar no seu caminho — ela disse com convicção demais.

Eu ri, não pude evitar. Até o vendedor pareceu chocado com o que ela disse, mas ele rapidamente se afastou antes de poder ouvir mais.

— Mãe — consegui dizer. —, este é um conselho terrível para dar para sua filha.

Ela sorriu para mim, e por um instante eu senti como se estivéssemos compartilhando de uma piada interna.

— Não estou dizendo que você deva fazer alguma coisa. Só estou dizendo que às vezes a vida acontece de maneira engraçada. Quando estava namorando seu pai, tinha um cara bacana que queria namorar comigo. Ele me mandava flores, me convidava para sair quando seu pai não estava olhando. Nunca tive nada com ele; fui fiel. Mas frequentemente me pergunto o que teria acontecido se eu tivesse ficado com esse outro homem. O nome dele era Ted. Claro, seu pai teria ficado com o coração partido, ou pelo menos com o orgulho ferido, mas Ted acabou encontrando outra. Ele era um empresário muito bem-sucedido. Acabou fazendo milhões com uma empresa de telefonia. Minha vida poderia ter sido muito melhor se eu tivesse ficado com ele. Nunca se sabe.

Isso fez minha cabeça girar, ainda mais com a dor na planta do pé enquanto eu tentava me equilibrar num par de meia pata de bico fino.

— Hum, bem, você não teria a mim e a Ada se tivesse ficado com o tal de Ted — eu a censurei enquanto tentava manter o equilíbrio.

Ela deu de ombros.

— Acho que não. Só estou dizendo que talvez seja melhor aproveitar, só isso. Você deveria levar esses. Eles fazem suas pernas parecerem mais magras.

Olhei para os sapatos. Eles não faziam nada além de me fazer parecer ter as pernas tortas. No entanto, eu concordei para dar fim à conversa terrível. Não é que eu achasse que meus pais tinham um casamento perfeito, e eu não ficaria surpresa se eles secretamente ansiassem por uma vida diferente, mas ouvir minha mãe revelar isso tão descaradamente era perturbador, para dizer o mínimo.

Mas não terminamos por aí. As coisas ficaram bem piores no caixa, quando ela pagou por aqueles sapatos do capeta.

— Agora, Perry, espero que esse novo avanço em sua posição signifique que você vai pensar mais seriamente sobre arrumar seu próprio cantinho e sair de casa.

Isso também? O vendedor e eu trocamos um olhar que dizia: “Não acabou ainda?”.

— Ai, meu Deus, mãe — suspirei alto.

— Bem, só estou dizendo. Você já é bem grandinha para ser responsável e se mudar. Por favor, não pense que queremos que você saia nem nada do tipo, mas com mais responsabilidade vem… mais responsabilidade. E eu adoraria transformar seu quarto no meu próprio quarto.

— O que quer dizer com seu próprio quarto? — Olhei para ela desconfiada.

Ela deu de ombros e pegou a sacola com o vendedor. Ele pareceu feliz por se livrar de nós e aliviado por não ter de ir para casa com ela, diferentemente de mim.

— Não sei, docinho. Às vezes você chega a uma certa idade em que você quer ter o próprio quarto e o próprio espaço. Além disso, seu pai ronca. Seria legal ter uma boa noite de sono.

Não sei exatamente há quanto tempo meus pais estavam casados, mas esta era a primeira vez que eu ouvia minha mãe reclamar do ronco do meu pai. Não estava gostando nada do rumo dessa conversa.

Quando deixamos o shopping e começamos a caminhar na garoa cinzenta em direção ao carro, nossa conversa entrou em outros assuntos, como o novo *reality show* em que ela estava viciada. Afastei o máximo que pude o que ela disse da cabeça.

CAPÍTULO DEZESSETE

O RESTO DA SEMANA PASSOU RÁPIDO. EU estava treinando Melody (fácil) e sendo treinada por Frida para meu novo cargo (não tão fácil). Nem tudo que aprendi seria absorvido de cara, mas sabia que perfeição não seria esperada desde o começo na segunda-feira.

Melody aprendia rápido, como achei que aprenderia. Isso me permitiu que eu me envolvesse nas novas planilhas de Excel com as quais eu tinha de me acostumar para a agenda de produção que chegaria enquanto ela recebia clientes e atendia ao telefone. Fiquei tão atordoada com aquele Excel caótico (Excel era meu Nêmesis) que mal notei quando ela me passou o telefone.

— Perry? — Melody me cutucou enquanto eu levantava o olhar. — É para você — ela disse animada.

— Ah — eu disse distraidamente, com a cabeça explodindo com alguma fórmula que não funcionava, que nem me toquei. Peguei o telefone e coloquei na orelha. Melody removeu o fone de cabeça.

— Perry falando. — Minha voz não soava tão amistosa quanto deveria, mas que fosse, esse não era mais meu emprego.

— Ahhh, olá, é a Perry? Perry Palomino, sim? — Um homem dizia num sotaque tão afetado que chegava a beirar o ridículo.

— Hum, sim — respondi dando uma olhada a Melody. Ela levantou a sobrancelha para dizer que ela não tinha ideia de quem era.

— Ahhh, Perry, você é a mulher fantasma, sim? Você vê fantasmas grandes, sim? — O homem insistia. Eu pausei, tentando imaginar o que estava rolando. — Talvez?

— Sim, sim! Você é ela! Você é a mulher do computador. Você tem programa de fantasma e explode faróis; você grande estrela!

Meu coração parou. Eu rapidamente espiei o número no visor. Era um código de área de Seattle.

— Dex? — Perguntei. A esperança estava claramente estampada na minha voz.

— Dex? Ele homem bonito, sim? O homem gênio, gênio sexy. Descobriu você! Fez você estrela.

— Dex — repeti lentamente.

Houve uma pausa, então a voz riu, alta e esganiçada. Poderia reconhecer aquela risada em qualquer canto. Era o Dex.

— Desculpe te ligar no trabalho — ele disse. Sua voz normal grave e suave veio pela linha e inundou meu coração de calor. — Mas tentei algumas vezes até perceber que você não atende mais ao telefone.

— Ah, tudo bem — eu disse animada. O telefone começou a piscar com outra chamada. Melody se moveu para apertar o botão, mas eu a afastei com a mão. As outras chamadas podiam esperar. Isso era o que eu chamava de “prerrogativa da recepcionista”.

— Vou ser rápido, sei que você tem de voltar para atender outras chamadas de gente mais importante. Por sinal, como foi a reunião?

— Hum, bom, fantástica — eu disse, não querendo falar abertamente sobre meu novo cargo na frente de Melody. Parecia de mau gosto.

— Precisa falar em código? Conseguiu o emprego?

— Sim, as duas coisas — sorri. Melody me olhou com ar de dúvida.

— Bem… boa notícia para você, certo? — Ele perguntou de forma inocente.

— Claro.

— Hummm — ele refletiu. A linha ficou em silêncio.

— O quê? — Perguntei, achando a reação dele engraçada.

— Precisava que você viesse a Seattle sexta-feira à tarde — ele declarou com voz séria, como se eu não tivesse escolha.

— O quê?! — Eu exclamei. — Não posso!

— Precisa — ele respondeu.

Olhei para Melody. Ela entendeu a deixa. Saiu da cadeira e cochichou:

— Vou ao banheiro.

Balbuciei um agradecimento e prontamente me sentei no lugar dela.

— O que quer dizer com eu preciso? — Cochichei agressivamente no bocal.

— Editei as imagens, compus a trilha; ficou incrível, Perry! Pelo menos eu acho que está. Jimmy quer encontrar você sexta-feira, só para se certificar.

— Mas… o quê? Imagens? Conseguiu resgatá-las?

— Bem, odeio roubar uma expressão da sua década favorita, mas DÃR! — Ele disse sarcasticamente.

Revirei os olhos, mesmo que não houvesse ninguém ali para ver.

— Esta é a primeira vez ouço falar disso. Achei que ia me ligar assim que soubesse que tinha as imagens.

— Não, eu disse, eu ligaria se tivesse algo interessante, e Jimmy acabou de me dizer que ele quer vê-la na sexta, a qualquer custo. Achei isso bem interessante.

— Dex, não posso simplesmente ir para Seattle do nada. Começo meu novo cargo na segunda-feira, e ainda tenho de treinar a recepcionista — eu chiei.

— Para mim ela pareceu muito bem treinada. Muito melhor do que você, na verdade.

Juro que quase desliguei o telefone. Respirei fundo e torci para que ele caísse na real.

— Escuta, Dex, não posso sair. O Jimmy vai entender. Talvez eu pudesse ir no sábado ou na semana que vem — disse bem lenta e calmamente.

— É, não vai rolar. É agora ou nunca, pegar ou largar, ou morrer, dependendo de quão dramática você queira ser. Diga que está doente.

Eu realmente me sentia doente agora que tudo isso estava rolando. Eu deveria saber que não seria uma situação simples. Obviamente não havia sido simples até agora.

— Ah, não sei — disse cansada.

— Diga que está doente. Sua recepcionista dá conta. Ela já daria conta sem você de qualquer jeito, certo? Escute aqui, *eu* cuido do seu voo. Sem custo para você. Você vai conhecer o Jimmy, ele vai ser conquistado pela sua…

personalidade, torço eu. Você vai assinar uns papéis aí, tomamos um champanhe e tudo no mundo vai ficar certo.

Soava fácil demais.

Suspirei, insegura do que dizer. Era um daqueles momentos em que eu sabia que minhas ações iam determinar um novo rumo na minha vida, outra estrada para seguir. Eu diria sim, faltaria no trabalho e possivelmente prejudicaria meu novo emprego? Ou eu diria não, daria adeus à possibilidade de trabalhar com Dex e fazer algo realmente interessante (ainda que não convencional) com minha vida, e seguiria em frente num caminho mais responsável? Podia fazer ambos? Talvez…

— Posso te ligar mais tarde? Realmente não posso falar agora — consegui dizer quando Melody voltou à recepção.

— Pode me ligar a qualquer hora — ele disse secamente —, mas preciso da sua resposta agora. Estou com Jimmy aqui na minha frente, e ele está começando a pensar que sou meio mentiroso.

— Você é mentiroso — murmurei e dei a Melody um olhar de desculpas. Ela olhou para as linhas piscando no fone, mas não disse nada.

— Sim ou não? — Dex disse, com impaciência subindo em sua voz. Eu podia ver suas sobrancelhas franzidas e o vinco na testa.

Eu respirei fundo e fechei os olhos. Não havia sentido em tentar descobrir o que estava certo, não havia sentido em pensar. Eu disse a primeira coisa que veio em mente.

— Sim.

Eu disse sim.

— Obrigado, Perry — ele disse sinceramente, quase gentilmente. — Vou te mandar um e-mail com detalhes do voo agorinha mesmo. Eu te pego no aeroporto e tudo mais. A reunião só vai levar umas duas horas no máximo, daí você volta de avião para casa. Doce como mel. Lembra da metáfora do doce, né”?

— Sim.

— Bom, até mais, mocinha.

Então a linha ficou muda. Eu suspirei lentamente no telefone.

Melody me deu um sorrisinho atrevido.

— Problemas com homem?

Eu sorri apesar de tudo.

— Acho que pode-se dizer que sim.

✷

O dia seguinte e até a metade do dia seguinte ficaram completamente de cabeça para baixo para mim. Dex me mandou um e-mail com meus bilhetes de voo, que significava que estava tudo certo. A única coisa que eu tinha de fazer era dizer que estava doente na manhã de sexta.

Eu realmente não achava que Frida acharia isso um problema. Quer dizer, ela poderia sentir que era inconveniente e talvez temer que eu não fosse segunda-feira (apesar de eu garantir a ela que viria), mas não achava que ela iria tirar a conclusão imediata de que eu estava cabulando o trabalho. Afinal, a gripe suína ainda estava rolando por aí.

Não, eu sabia que o problema seria os meus pais. Como eu ia dizer a eles que estava doente e daí embarcar num avião para Seattle? Estava com uma resfriado que só um médico em Seattle poderia curar? Eu poderia dizer a eles que eu estava indo para o Seattle Grace Hospital para fazer uma consulta com o Doutor McDreamy, do *Grey's Anatomy*.

Eu sabia que se contasse a verdade aos meus pais eles ficariam terrivelmente decepcionados comigo. Notei quanto eles pareciam aliviados quando toda essa coisa de programa de fantasma não deu em lugar nenhum, e eu sabia quão felizes eles ficaram quando fui promovida. Não podia suportar decepcioná-los depois de dar a eles tantos anos de chateação.

Era tão preocupante que na noite de quinta eu tive de sequestrar Ada para meu quarto e pedir o conselho dela.

Fiquei deitada na cama, apertando meu elefante de pelúcia nos braços, olhando perdida para o teto. Ada estava sentada à minha mesa me observando pensativamente. Parecia uma cena bizarra de psicólogo e paciente. E o tempo todo Ada ficou em silêncio enquanto eu me abria para ela.

— Então? — Perguntei frustrada.

— Calma. Estou pensando — ela respondeu por eu tentar apressá-la.

— Está? Ou está falando isso só para me agradar?

— Só para te agradar, dãr!

— Você é a segunda pessoa em dois dias a usar essa expressão — eu apontei.

— Apenas diga à mamãe e ao papai que você vai trabalhar, e diga a seu trabalho que você está doente — ela anunciou. — Acha que eu sempre vou para a escola?

— Ada! — Eu exclamei, o papel de irmã mais velha vindo à tona.

— Pfff, que seja, você era uma drogadinha — ela disse na defensiva.

— Por favor, pare de jogar isso na minha cara.

— Não, você que pare de agir como se você desse a mínima. Tenho quinze anos, Perry, caramba. Acha que vou escutar qualquer conselhinho de irmã que você tiver para me dar? Acorda para a apatia.

— Ai, nossa, como você é emo.

— Queria meu conselho, aí está. Acha que vou dizer o que você quer ouvir? Se quiser ser toda esperta e adulta sobre essa maluquice então faça a coisa certa. Mas se quiser fazer algo divertido e aproveitar, então dane-se o que todo mundo pensa. Rock and roll, cara!

Eu ri com essa última parte e me sentei. Ada se levantou da cadeira e estava pegando minha guitarra.

— Você nunca mais tocou — ela disse nostalgicamente.

— Ando ocupada. E ainda sou péssima.

— Sonhe alto, sonhe alto. — Ela dedilhou distraidamente, os acordes, todos errados, mas suas palavras ressoaram na minha cabeça. Eu costumava sonhar alto. Parecia que em algum ponto eu havia me esquecido disso e desisti.

— Tá — eu disse. — Vou dizer à mamãe e ao papai que vou trabalhar. Vou pegar a moto e ir para o aeroporto e ficar por lá algumas horas. Então eu digo a eles que vou sair depois do trabalho ou algo assim, para eles não se preocuparem se eu chegar tarde.

— Acho que você pode ser bem espertinha quando quer, Perry. Nem precisava ter me contado tudo isso. — Ela abaixou a guitarra e tirou a longa franja da frente dos olhos pintados de preto.

— Valeu — eu disse a ela.

Ela sorriu timidamente.

— Só vai ganhar outro elogio meu daqui a uns dois meses, tá?

— Entendido.

— Boa sorte. — Foi a última coisa que ela disse antes de sair do quarto.

Eu não tinha ideia de como eu caí no sono naquela noite. Meus nervos estavam à toda e meus pensamentos a mil, mas logo o sol nasceu.

CAPÍTULO DEZOITO

entrei no avião com o coração sacudindo como um pássaro em pânico no peito e dei à aeromoça o maior sorriso que pude quando entreguei-lhe meu tíquete. Eu me sentia alguém muito importante, mesmo que não fosse o caso. Ainda havia uma sensação de mistério e “pessoa foragida” nas minhas ações, uma vez que tudo que eu estava fazendo era meio uma mentira. Devo admitir que era bem empolgante.

Liguei para Frida às seis e meia da manhã para que a minha desculpa soasse mais convincente. Se havia algo que eu sabia sobre ligar para falar que está doente é que você raramente tem forças para ligar no momento apropriado. Ela soou levemente desconfiada, o que tornou difícil dosar entre parecer doente o suficiente para faltar ao trabalho, mas não doente demais para parecer que eu não iria trabalhar segunda-feira. No final, não havia muito que ela pudesse fazer, e ela me disse para ligar para ela domingo à noite para confirmar se eu estaria bem para trabalhar.

Com os meus pais foi um pouco mais fácil. Fiquei vestida e pronta, como sempre. Mas estava tensa, e minha empolgação era aparente mesmo antes do café da manhã. Enquanto eu pegava algumas sobras na geladeira, minha mãe perguntou se eu estava me sentindo bem. Por sorte, Ada estava lá e mudou de assunto antes que eu pudesse responder. Quase pisquei para ela em agradecimento, mas se minha mãe pegasse, seria um desastre.

Foi uma viagem curta num avião pequeno antes de aterrissar no aeroporto Sea-Tac. O voo não teve acontecimentos, mas não pude parar de me remexer no assento como se tivesse pó de mico. Quando aterrissamos e o avião estava

taxiando até o portão de desembarque, o velho ao meu lado deu um tapinha na minha mão e disse:

— Tudo bem, estamos seguros agora. — Ah, se ao menos eu pudesse ter certeza de que isso era verdade.

Quando foi hora de desembarcar, agarrei minha bolsa e caminhei em fila até a porta, muito empolgada. Sentia como se fosse uma personagem de um filme romântico. Novamente, isso era coisa de menininha idiota, mas não havia como fingir que eu não me sentia assim.

Após dar ao piloto um aceno entusiasmado enquanto entrava no terminal, avistei Dex.

Queria poder dizer que ele era “apenas um homem” como eu disse a mim mesma a semana toda, mas após vê-lo parado lá, no portão, esse de fato não era o caso.

Ele estava casualmente encostado numa coluna, com um palitinho de dente na boca. Seu cabelo preto estava arrepiado na frente e o arranhão na testa havia sumido. Ainda acrescentava certa aspereza a seu rosto, que parecia mais jovem e fresco do que nunca. Seus olhos estavam iluminados e brilhantes, e eu podia jurar que seus cílios estavam mais longos ou algo do tipo, pois ele quase parecia delicado. Até seu bigode de Erro Flynn mal se via e seu cavanhaque estava aparado como uma pista de esqui lisinha.

Sua roupa estava diferente também: uma camisa social branca de mangas compridas e calça preta. Ele poderia ser um garçom, não fosse pela enorme jaqueta corta-vento verde exército que ele estava usando.

Não posso mentir. Vê-lo fez meu coração derreter e bater em câmera lenta no peito. Nossos olhos se encontraram, e eu me senti atraída para ele, como se houvesse algum raio de atração hormonal. Graças a Deus que o raio teve o bom senso de sumir quando eu estava prestes a atingi-lo.

— Oi — eu disse, com a voz mais esganiçada do que eu queria.

Ele tirou o palito e atirou-o no chão na frente de uma mulher que passava. Ela olhou feio para ele. Ele devolveu a ela um sorriso safado e franziu sugestivamente as sobrancelhas para ela. Depois se virou para mim e sorriu.

— Você veio! — Ele soou surpreso.

— É — respondi, ajustando a bolsa no ombro, sem saber se eu deveria abraçá-lo ou não.

— Você é mais tola do que eu pensava — ele se esticou e tocou meu braço. — Deus abençoe os jovens.

Antes de eu poder processar o que ele queria dizer com isso, ele sacou o relógio de bolso e olhou para ele.

— Melhor a gente ir, ham?

E ele disparou do terminal como um tiro. Eu corri atrás dele. Comecei a me perguntar se eu havia cometido um erro. Eu também desejei que o casaco dele fosse um pouco mais curto, para que eu pudesse ter uma melhor visão da bunda dele. Pois é, eu estava ferrada.

A viagem até o centro foi bem longa, com trânsito e zonas de construção engarrafando a I-5. Nesse meio tempo, fui me inteirando do que havia nas imagens.

— Inicialmente achei que estávamos ferrados, porque muitas das imagens eram apenas pretas com um ruído ou outro, mas daí percebi que eu podia salvar ao menos o áudio, e então usá-los em outros trechos para complementar a ambientação da coisa toda. Então se eu pudesse usar sua narrativa em certos pontos, iria preencher as imagens pretas.

Ver Dex falar sobre o filme me fez perceber quanto ele de fato se importava com tudo isso e como ele sabia exatamente do que estava falando. Ele conseguia ter uma visão mais ampla do cenário, enquanto eu não podia sequer imaginar como qualquer coisa que filmamos poderia ficar remotamente interessante. Se eu mesma estivesse com a câmera na cara do Velho Roddy, seria outra história. Entretanto, Dex parecia confiante de que ele tinha algo impressionante em mãos, ainda que eu não acreditasse.

Ele deve ter visto o cinismo no meu rosto porque ele se virou para mim e disse:

— Acredite em mim, está bom. Uma coisa bacana está rolando aqui.

— Um daqueles casos em que eu vou ter simplesmente de confiar em você, certo?

— Espero que sempre confie em mim — ele respondeu seriamente.

Eu não tinha certeza sobre o que responder. Olhei pela janela. Não é que Dex não fosse confiável. Ele salvou minha vida, de certa forma. É que ele era tão imprevisível, que eu tinha dificuldade em aceitar tudo o que ele dizia. Havia ainda o lance admitido de ser mentiroso/bipolar e o fato de que eu não queria

nada além de que ele parasse o carro para que eu pudesse pular em seu colo e abusar horrores dele. Bem, eu sabia por experiência própria que não se deve confiar em caras que você acha que são infernalmente sexy.

Moreno, sombrio e misterioso? Tome cuidado.

E claro, havia ainda o termo “sempre”, como se ele tivesse certeza de que trabalharíamos indefinidamente juntos. Por mais que eu quisesse aquilo, meu lado adulto responsável precisava saber exatamente no que eu estava me metendo. Iria interferir no meu emprego? Quanto eu receberia, se recebesse? Em suma, o que havia para mim? A última coisa que eu queria era que tirassem vantagem de mim.

Refleti sobre tudo isso durante o resto da viagem, e mesmo enquanto subíamos no elevador de um dos arranha-céus de Seattle. Acho que para uma pequena empresa de internet eles estavam de fato indo muito bem.

Saímos do elevador e viramos à esquerda numa placa que dizia: “Shownet”. Paramos à frente de uma porta francesa de vidro fosco.

Dex pegou a maçaneta e parou. Olhou para mim.

— Tudo bem com você?

Eu assenti. Estava bem, mesmo que cada passo em direção à porta me deixasse mais e mais ansiosa até eu estar tremendo na base.

— Só um pouco nervosa — eu admiti —, mas sempre fico nervosa. Sempre. Não importa o que aconteça.

— Vamos esperar que ele te ache tão cativante quanto eu acho — Dex disse com um tom não tão promissor quanto eu esperava.

Entramos na sala e nos apresentamos formalmente para a recepcionista, Leigh, que respondeu a Dex com o brilho de uma boneca Barbie, mas cujos olhos se tornaram indiscutivelmente demoníacos assim que falou comigo. E eu achando que *eu* era uma má recepcionista. Aff…

Entramos numa sala de reunião pequenas, mas agradavelmente decorada. Havia no canto uma máquina de café-expresso chique, para a qual eu olhei avidamente.

Dex captou meu olhar.

— Quer um?

Ele estava prestes a pegar quando a porta se abriu e um coreano esguio e careca com óculos de hipster entrou na sala.

Dex prontamente se sentou numa cadeira e fez sinal para que eu fizesse o mesmo. O careca caminhou até o outro lado da mesa de vidro, jogou uma pasta com estrondo e me espiou.

— Jimmy, esta é Perry Palomino — Dex disse baixinho.

Estava prestes a dar a mão para Jimmy, mas ele apenas assentiu com desprezo numa poltrona enorme giratória acolchoada. Se tivesse um gato no colo, seria o arqui-inimigo perfeito de um filme de história em quadrinhos.

Olhei para Dex buscando apoio. Por baixo da mesa ele apertou meu joelho. Levemente inapropriado, mas ainda assim reconfortante.

— Então é você — Jimmy disse lentamente com uma voz alta e cautelosa.

— Sou eu — concordei animada, torcendo para conseguir projetar certo charme.

— Sabe, estava cuidando das minhas coisas, ganhando uma grana — ele tirou os óculos e esfregou os olhos. Dex e eu esperamos pacientemente enquanto ele fazia isso. Colocou os óculos de volta e me olhou bem nos olhos. — E daí você apareceu do nada.

Ele ficou por isso. Eu devia dizer algo? Pedir desculpas? Não tinha certeza de onde esse tal Jimmy queria chegar, mas ele não parecia a pessoa mais fácil de se conversar.

Dex se virou para mim.

— Jimmy só quer se certificar de que você está mesmo nessa.

— Bem, talvez — disse o mais confiante possível. — Antes quero saber exatamente em que estou entrando. Do que estamos falando aqui?

— Pelo menos você é mais esperta do que aparenta ser — Jimmy fungou. Tomei como uma ofensa, mas não demonstrei. Senti Dex ficar tenso ao meu lado.

Jimmy tirou alguns papéis da pasta e olhou para eles, mas não os entregou a mim.

— Se eu decidir fazer isso, e este é um grande “se”, porque mesmo que tenha gostado do que Dex me mostrou, e eu acho que esse cara aí pode fazer um monte de besteira ficar bom como pudim, ainda não comprei você; mas *se* eu decidir dar o sinal verde para vocês dois, espero que você perceba que isso não vai fazer de você famosa e não vai te deixar rica. Eu só quero atrair anunciantes o suficiente para fechar as contas e talvez dar a Dex uma droga de câmera nova.

Olhei para Dex. Ele estava envergonhado, olhando para as mãos.

— Eu faço dinheiro — Jimmy continuou — mantendo os custos menores do que deveriam ser. Para você, senhorita Palomino, significa um pagamento por hora baseado exatamente em quantas horas você contribuir para o projeto. Isso pode significar muito dinheiro numa semana, pode não significar porra nenhuma na semana seguinte, sugiro que você mantenha seu emprego como barista ou seja lá o que for.

— Sou coordenadora de produção numa agência de publicidade — eu disse com orgulho.

— Ah! Então você é mais esperta do que aparenta. Bem, isso ajuda em algo.

Não contive o estreitar de olhos para ele. Eu nunca havia estado na presença de alguém que me incomodasse tanto quanto aquele sujeito.

— Perry vai decidir se ela precisa manter um emprego paralelo ou não — Dex falou por mim.

— Não banque o herói, Dex — Jimmy disse com desprezo. Virou os olhos penetrantes para mim novamente. — O Dex aqui diz que você tem uma intuição natural para investigar essas ditas situações fantasmagóricas.

Eu tinha?

Jimmy continuou.

— Mas acho que é uma grande asneira. Acha que importa para mim se você é a próxima ghost whisperer ou não? Não me interessa. Mas se puder vender, e Dex me garantiu que você pode, com sua escrita pelo menos, então é tudo que me interessa. Vocês façam seu trabalho, façam a pesquisa, e mando vocês dois para onde quer que vocês precisem ir para criar um programa bom pra caralho.

Dex se debruçou à frente e falou comigo.

— Já tenho um caso em Laredo, Texas, que poderíamos investigar. Deve ser algo bem fantástico. Fantasmas mímicos.

Eu não sabia o que fantasmas mímicos eram, mas a ideia de ir para o Texas era bem bacana. Jimmy, porém, não parecia convencido.

— Agora, o problema principal que tenho com você, Perry — Jimmy disse diretamente — é que apesar de eu acreditar que você pode escrever uma história atraente, e Dex diz que você é uma pessoa fácil de se trabalhar, eu não acho que você é atraente o suficiente para estar na internet.

Meu rosto imediatamente se inundou de calor e fiquei meio boquiaberta.

Ele continuou.

— Não é que você não seja bonita, você tem um quê, mas você viu o que temos nos outros programas. A mina do Dex, Jennifer, bem, o corpo dela… sem ofensas, Dex, é o que dá acessos e dólares. Além do mais, tem a amiga dela, e aquelas duas podiam vomitar vinho o dia todo e as pessoas iriam assistir. Eu só não vejo as pessoas vendo um programa com uma menina… cheinha. Novamente, não se ofenda. É apenas a realidade.

Senti como se alguém tivesse arrancado minhas tripas com um gancho afiado. Isso deveria ser a coisa mais humilhante a que eu já havia sido sujeitada, o que é bastante, vindo de alguém que era conhecida como "rolha de poço" na escola. Esperei que as lágrimas brotassem, mas estava em choque demais para ter alguma reação.

Em compensação, Dex teve uma reação.

Ele de repente ficou de pé; sua cadeira deslizou para trás em direção à parede. Ele bateu as mãos na mesa com tanta força que fiquei com medo de o vidro quebrar. Ele se inclinou até ficar bem perto do rosto assustado de Jimmy.

— Você não se cansa de ser idiota, Jimmy? — Dex rosnou com a voz saindo do fundo do âmago, cuspindo palavras em carne viva. — Ela pode não ser uma periguete obcecada e magra como um palito, mas é mais do que ideal para este trabalho. Você sabe que ela tem algo, e temos direito de dividir isso com o mundo. Este programa é mais do que historinhas cretinas sobre fantasmas. Este programa vai mais fundo nos mistérios do que qualquer outro programa já tenha ido. Vai trazer o real de volta à programação de *realities*. Ela é inteligente, engraçada e não tem medo de se arriscar. Isso sem mencionar que ela é bonita, sexy e charmosa. Você sabe disso, eu sei disso, e logo todo mundo vai saber. A única pessoa que não sabe disso é *ela mesma*, por causa de dementes com pensamento arcaico como você, que ficam falando para ela o contrário.

Minha boca se abriu ainda mais. Eu não conseguia acreditar no que Dex havia acabado de dizer. Devia ser a coisa mais maravilhosa que alguém já havia dito sobre mim, e suas palavras e sua paixão me derreteram. Senti finalmente lágrimas brotando.

— Nós vamos mesmo discutir por causa *dela*? — Jimmy disse após alguns segundos, apontando o dedão para mim.

Dex continuou a olhar para Jimmy, com a raiva pulsando nos cantos de sua mandíbula.

Isso era demais para mim. Comecei a chorar, mesmo que fossem lágrimas de frustração e raiva. Eu não sabia o que fazer, então decidi sair.

Levantei-me rapidamente, soltei um “com licença” e saí da sala e do escritório antes que Jimmy, Dex ou a recepcionista tivessem chance de dizer qualquer coisa.

Apertei o botão do elevador algumas vezes antes de minha visão ficar borrada pelas lágrimas e decidi que as escadas poderiam ser o caminho mais rápido para sair dali. Segui pela escadaria e corri. Inicialmente eu não estava certa do que eu estava correndo; quando desci dez lances e meus joelhos começavam a doer, eu desacelerei e comecei a respirar profundamente.

Foi estupidez fugir assim. Eu sabia que era totalmente antiprofissional e que pegava mal para mim, mas qual era o sentido de ficar lá para ser ainda mais humilhada? Eu não iria arrumar um programa desse modo, não importa quão duro Dex lutasse por mim.

A lembrança do que ele havia dito trouxe um sentimento de calor ao meu peito dolorido que chiava. Eu desacelerei o passo ainda mais e me sentei num dos degraus frios. A escadaria estava vazia, e eu tinha mais trinta andares para descer.

Respirei fundo e tentei lidar com o que tinha acontecido. Havia dois sentimentos em conflito dentro de mim. Um era a sensação asquerosa que você tem quando sabe que se fez de idiota; a outra era uma sensação de falta de dignidade. Nunca na minha vida alguém havia apostado tanto por mim, e acreditado de fato. Ou pelo menos agido como se acreditasse. Eu era um grande risco para ele, e ele parecia disposto a saltar sem cabo de segurança. Estava impressionada por Dex ter dito tudo aquilo para seu chefe. Eu estaria no olho da rua em um segundo se eu dissesse algo assim para Frida.

E com isso veio uma terceira sensação: culpa. A culpa de mentir para minha chefe e colocar meu emprego em risco, por nada. Podia ver os sapatos que minha mãe comprou para mim, orgulhosos em sua caixinha. Eu poderia ter arruinado tudo para mim mesma.

— Que confusão — eu disse em voz alta. Minha voz ecoou pelas paredes de cimento.

Fiquei sentada lá por mais alguns minutos tentando decidir o próximo passo. Eu não sabia onde Dex estava e não tinha celular, então não podia ligar para ele, mas tinha dinheiro e uma passagem de avião. Pegar um táxi e voltar ao aeroporto parecia a ideia mais inteligente. Iria apenas voltar para casa, me dedicar ao trabalho, fazer algo útil com a minha vida e esquecer que tudo isso aconteceu.

Não seria fácil. Simplesmente acabar com todas as esperanças que isso havia me dado. Esperança, potencial, sonhos. Eu realmente achava que isso tudo estava fora da minha vida cotidiana. Minha promoção era ótima e tudo mais, mas era um emprego comum, e eu ainda me sentia sufocada. Quando pensava nesta oportunidade, ser uma coordenadora de produção não era nada em comparação. Isso havia sido a chance de provar de fato a todos do que exatamente eu era capaz. Mesmo quando eu achava que nada sairia disso, no fundo da minha mente e do meu coração, eu já estava totalmente comprometida.

Suspirei. Limpei a maquiagem borrada sob meus olhos, coloquei o cabelo para trás e me levantei. Eu provavelmente remoeria isso o dia inteiro de qualquer jeito, mas não havia sentido em remoê-lo numa escadaria fria de um edifício gigante de escritórios em Seattle.

Segui pelo resto das escadarias até o saguão, caminhando rapidamente caso eu encontrasse alguém que eu não queria. Não que eu achasse que Jimmy estaria me esperando para me atacar e insultar ainda mais, mas eu estava paranoica.

Uma vez lá fora, procurei por táxis na rua. Parecia que havia um do outro lado da rua na frente de um hotel boutique.

Estava seguindo para lá, torcendo para que ninguém mais o pegasse, quando ouvi meu nome.

Era a voz do Dex.

Eu não me virei. Queria ficar livre de tudo isso. Continuei andando e o ignorei.

Não cheguei muito longe.

Ouvi passos atrás de mim e meu braço sendo puxado. Ele parou na minha frente, levemente ofegante, com um olhar de louco. Olhei para a outra mão dele. Estava segurando uma caneta e um maço de papéis.

— Perry — ele disse sem fôlego —, por que correu?

Dei a ele um olhar. Ele estava falando sério?

— Tenho certeza de que ser humilhado é normal para você — eu disse sarcasticamente.

Ele revirou os olhos.

— O Jimmy é o Jimmy. Não dê ouvidos a ele. Eu não dou. E não importa, porque ele me escuta. — Ele soltou meu braço e colocou os papéis numa mão e a caneta na outra. — Me daria a honra de assinar este contrato?

O quê? Eu olhei para os papéis. Eu não entendia.

— Conseguimos o programa, mocinha. — Ele olhou bem fundo nos meus olhos. — Se você ainda quiser — ele acrescentou.

— Como? Ele disse…

Dex balançou a cabeça.

— Esse é o Jimmy. Como eu disse, ele me escuta. Ele sabe que seria estupidez não aproveitar esta chance.

— Dex. — Olhei para o contrato, sem enxergá-lo realmente. — Não quero fazer nada se você forçou alguém…

— Não forcei! — Ele exclamou. — Ele gosta de um desafio tanto quanto eu. Então, o que me diz? Você sabe como eu me sinto agora.

Levantei o olhar para ele. Eu sabia?

Ele sorriu para mim, pegou os papéis da minha mão e apertou-os contra o peito. Pegou minha outra mão e colocou a caneta nos papéis.

— Você está assinando no meu coração, isso deve significar algo — ele disse.

Respirei fundo, insegura de como eu me sentia ou pensava. Sabia que Dex não estava falando sobre nada profundo, mas o fato era que ele ainda estava disposto a aproveitar essa oportunidade comigo, e de alguma forma convenceu seu chefe a fazer o mesmo. Eu me sentia desconfortável, mas uma pontada de empolgação passou pelo meu corpo num ritmo alarmante.

— Vamos formar uma grande equipe. Prometo. — Ele sorriu e tentou empurrar minha mão para a área da assinatura.

Eu não pude evitar sorrir de volta. Foi um momento bonito, os dois parados numa rua movimentada de Seattle, com o contrato do nosso futuro contra o peito dele, a caneta e o poder em minhas mãos. Eu sorri até achar que minhas bochechas iam explodir.

Eu ainda tinha de olhar o contrato e me certificar de que eu sabia exatamente no que estava me metendo.

Eu sabia que provavelmente teria de trabalhar meio período na agência para ter tempo suficiente para filmar durante a semana. Sabia que podia significar que eu perderia meu emprego, porque eu não tinha ideia se eles me deixariam trabalhar assim; eu poderia estar jogando fora um futuro perfeitamente aceitável na publicidade. Também significava decepcionar novamente meus pais (aquelas porcarias de sapatos) e trabalhar com um homem por quem eu estava me apaixonando e que não expressava real interesse em mim e que tinha uma namorada, apesar de sua aparente dedicação a mim no projeto. Ainda que não houvesse garantia nenhuma de sucesso, eu ainda assinei meu nome. No coração dele.

Eu sabia que tinha de ser a coisa mais importante que eu já havia assinado.

Dex riu quando eu terminei e bateu nas minhas costas.

— Você fez de mim um homem muito feliz, mocinha — ele disse enquanto dobrava os papéis em sua mão. — Agora, espere aqui enquanto eu passo esses para ele. É bem rápido.

Ele se virou e correu em direção ao prédio, seu cabelo batendo contra a cabeça a cada passo.

Agora que eu estava sozinha novamente, a realidade me ocorreu. Eu estava fazendo isso. Estava de fato fazendo isso. As coisas nunca mais seriam as mesmas.

Dei um saltinho como a apresentadora Mary Tiler Moore na rua, para espanto dos transeuntes. Pelo menos eles me olharam com sorrisos.

Dex não demorou. Em minutos estava de volta ao meu lado, esfregando as mãos.

— Negócio feito — ele disse. — Agora não dá mais para voltar atrás.

Eu concordei e seguimos em direção ao carro dele. Caminhamos em silêncio, principalmente por causa das pequenas conversas que cada um tinha na própria cabeça ao mesmo tempo. Antes de entrarmos, agarrei a mão dele e o detive.

Eu não estava segura do que dizer ou como, lambi os lábios nervosamente e olhei para os olhos castanhos dele. Eram quase ilegíveis, mas detectei uma preocupação correndo neles. Soltei sua mão.

— Obrigada.

Ele fez um beicinho e assentiu.

— De nada.

Foi tudo o que dissemos sobre o que aconteceu. Durante a volta para o aeroporto, discutimos a logística de nossos futuros empreendimentos.

O episódio, que eu rapidamente revi em seu laptop no carro, estava muito bem feito e bem editado. Não havia muito da “prova fantasma”, mas havia uma atmosfera assustadora no programa todo, e eu sabia que poderia escrever um texto perfeito para acompanhá-lo. Escreveria a verdade, é claro, para todo mundo acreditar.

Dex disse que o episódio iria ao ar na noite de domingo em duas semanas. Ele e eu iríamos nos esforçar para conseguir muita exposição. Eu podia usar os vídeos do YouTube e redirecionar as pessoas. Podia usar o blog da minha irmã e até criar meu próprio blog para aumentar a circulação. Dex disse que Jimmy era muito bom em conseguir publicidade, o que era algo que eu poderia fazer, considerando meu emprego diurno, mas eu queria manter isso o mais separado possível.

Em três semanas voaríamos para o Texas no final de semana para gravar nosso próximo episódio. Decidimos que a melhor coisa para mim seria pedir para trabalhar na agência de segunda a quinta, para poder ter de sexta a segunda para viajar, gravar e escrever.

Era uma aposta minha pensar que o trabalho me deixaria fazer isso; e mais do que isso, significava que eu não teria vida no futuro à vista, mas que vida eu tinha antes, de todo modo?

Por mais ansiosa e nervosa que eu estivesse com esse novo caminho que eu estava prestes a trilhar, uma pequena parte de mim sabia que tudo ficaria bem. Parecia certo.

Quando chegamos ao aeroporto, Dex parou o carro no terminal, saiu e abriu a porta para mim.

— Obrigada — eu sorri, me sentindo encantada e conectada.

— Tenho um presentinho de agradecimento para você — ele disse com um brilho jovial nos olhos. — Feche os olhos.

A parte infantil no meu cérebro torcia para que talvez fosse algo simples e romântico, como um beijo. Eu fechei os olhos.

Ele colocou algo frio em minhas mãos. Abri os olhos e vi um iPhone novinho em folha.

— O quê? — Sorri. — Não precisava…

— Meio que precisava, meio que eu queria. Agora você pode responder minhas mensagens malucas a qualquer hora da noite — ele deu uma piscada. — É mais por mim do que por você.

Apertei o telefone na mão e coloquei meus braços ao redor dele para abraçá-lo. Ele me abraçou de coração.

Até o próprio celular começar a tocar. Ele se afastou e olhou para ele. Podia ver na tela que era a Jennifer.

— Desculpe, preciso atender — ele disse se desculpando e me deu um tapinha forte no ombro. — Bom voo. Eu te ligo, logo.

Assenti sem jeito enquanto ele colocava o telefone na orelha.

— E aí, gata.

Eu me virei, me sentindo meio idiota e caminhei em direção ao guichê. Virei-me para olhar para ele, torcendo para encontrá-lo olhando para mim. Em vez disso, ele estava completamente absorto pela conversa, caminhando de volta ao carro, sua figura ágil recortada entre a multidão.

Eu me senti muito pequena caminhando para o portão para esperar o avião, mas de alguma forma tirei isso da minha cabeça. Se eu pudesse superar esses sentimentos que tinha por ele, tudo ficaria bem. Afinal, era só uma paixonite idiota de menina. O que era realmente importante era o fato de que eu estava prestes a embarcar numa jornada diferente de qualquer uma que eu havia feito antes.

Olhei ao redor da movimentada área do portão, vi as pessoas sem nome sentadas por lá e decidi que deveria ir ao banheiro antes de entrar no avião. Mesmo sendo um voo curto, meu lugar não era no corredor. e eu detesto ter de passar por cima das pessoas para ir fazer xixi.

Caminhei pelo corredor, passei pelas lojas de presentes, bares e alguns portões a mais antes de encontrar o banheiro.

Estava supreendentemente vazio, bem diferente do que os banheiros de aeroporto geralmente são. Havia apenas uma mulher numa cabine no fundo do banheiro. Notei seu sapato de boneca vermelho Mary Janes e as meias de senhora de idade. Entrei na primeira cabine à minha frente.

Pendurei minha sacola no gancho de casacos, notando quão molhado o chão estava, e me sentei. Ao fazer isso, notei que a porta da cabine do fundo abriu e que a mulher saiu lentamente. Eu não a escutei dando descarga, o que era bem nojento, mas de se esperar em banheiros públicos. Juro, mulheres são tão ruins quanto os homens nesses casos. Deve ser algum mecanismo interno de rebeldia, tipo: “Não moro aqui, então não tenho de limpar; então posso me comportar como a droga de um macaco”.

Enquanto pensava, notei como os passos da mulher eram precisos enquanto ela caminhava em direção a mim e as pias.

Calcanhar, ponta do pé, calcanhar, ponta do pé, calcanhar, ponta do pé.

Era lento o suficiente para ser assustador e assustador o suficiente para eu não conseguir sequer me aliviar. Só fiquei lá, segurando o fôlego e esperando que ela passasse.

Mas ela não passava.

Calcanhar, ponta do pé, calcanhar, ponta do pé. Então parou do lado de fora da minha cabine.

Calcanhar, ponta do pé, calcanhar, ponta do pé.

Era como se ela estivesse caminhando na minha direção.

Que porra é essa?

Calcanhar. Ponta do pé.

Então parou, bem quando os bicos redondos e vermelhos de seu Mary Janes ficaram visíveis embaixo da porta da minha cabine, voltados diretamente para mim.

Essa vadia louca estava parada do lado de fora da minha porta!

Eu não sabia o que dizer ou fazer. Não queria me mover, mas estava sentada no vaso sanitário. Era a posição mais vulnerável do mundo.

Mantive os olhos na ponta daqueles pés, pensando que em algum momento eles iriam se mexer ou talvez a mulher fosse dizer algo. Nenhum dos dois aconteceu.

Havia uma fenda grande o suficiente na porta da cabine, geralmente o mal de todo banheiro público. Eu lentamente movi minha cabeça até ali para olhar através do espaço. Talvez eu pudesse ter uma ideia do que ela estava fazendo.

E através da fenda, vi um olho. Um olho velho e com uma maquiagem pesada olhando para mim, com o rosto apertado contra a porta.

Eu gritei. Não pude evitar.

Gritei e saltei do vaso, puxando minha calça o suficiente e me atirei para fora da cabine, pronta para confrontar qualquer porcaria que estivesse ali.

Mas quando cambaleei para fora, com a porta batendo forte, eu não vi ninguém. Não havia ninguém ali. Eu estava sozinha no banheiro, e a mulher no final do corredor havia sumido.

Coloquei a mão no pescoço para sentir quão rápida estava minha pulsação. Fechei os olhos e respirei profundamente. Depois de contar até dez, eu abri os olhos, esperando o pior. Ainda estava sozinha no banheiro, minha sacola pendurada na porta, que balançava levemente.

Tirei minha bolsa do gancho e corri para a pia. Eu poderia dar um jeito de mijar no voo. Pelo menos no avião eu não estaria sozinha. Coloquei a sacola na parte da pia que não estava molhada e rapidamente joguei água fria no meu rosto, evitando a maquiagem dos olhos.

Levantei o olhar para o espelho e não vi nada além do meu reflexo. Virei-me para pegar papel.

A Palhaça Decrépita Bizarra estava lá, ao lado do pegador de papel.

Gritei novamente, mas ficou na minha garganta e saiu como um grunhido sem ar.

Era ela, claro como o dia. Seu rosto enrugado coberto de pancake e cabeleira tingida de violeta. O vestido bizarro de tafetá com pompons. Suas pernas com meias finas e sapatos vermelhos antigos.

Ela mantinha seus olhos vidrados de catarata nos meus, quase pedindo para eu me acalmar e parar de gritar.

Não sei por quanto tempo ficamos lá, a poucos passos uma da outra, nos encarando. Em algum ponto, porém, eu encontrei a força voltando para minha garganta, com um ímpeto de vida voltando ao meu coração.

— Quem diabos é você?! — Eu gritei para ela.

Ela não disse nada. Sua expressão não mudou. Continuou olhando para mim com seus olhos cheios de conhecimento que eram vagamente curiosos e estranhamente pacientes.

Eu já nem estava mais com medo. Só queria saber que merda estava

acontecendo.

Dei um passo em direção a ela.

— Por favor, me diga, quem é você?

Ela sorriu lentamente. Sua boca aberta, seus dentes amarelos revelando ainda mais o batom mal passado. Como antes, seus olhos nunca sorriam junto. O que eu disse antes sobre não estar com medo, esqueça.

Estava apavorada.

— Você só está começando — a mulher disse com um leve sotaque. Sua voz parecia desencarnada. — Precisa continuar — ela continuou.

— Quem é você? — Repeti.

— Vocês precisam um do outro. Precisa acertar isso.

— Acertar o quê? O quê? Do que está falando? Já acertamos.

Ela balançou a cabeça levemente. Flocos de maquiagem caíram de seu rosto e pousaram no chão como pó de pirlimpimpim. Eu fiquei olhando para ela, estupefata.

— Ainda não acabou. Você e Dex precisam um do outro. Precisamos de você. Não acabou ainda.

Eu queria estrangulá-la, seja lá quem ela fosse.

— Por quê? Por quê? — Perguntei freneticamente. — Por favor, apenas me diga por que, para que eu saiba.

— Vai descobrir. Não acabou ainda. Só está descobrindo. Só está começando.

— Você só fica repetindo isso! O que quer dizer com começando? — Gritei para ela quando ouvi a porta do banheiro se fechar. Virei-me e vi uma executiva entrar puxando uma maleta de rodinhas atrás dela. Ela me deu um olhar preocupado e passou por nós. Segui-a com os olhos e a vi me dar uma última olhada temerosa antes de entrar na cabine.

Olhei de volta para a Palhaça Decrépita Bizarra, mas ela havia sumido.

Quando notei que não havia mais ninguém ali, rapidamente girei, peguei minha bolsa e corri pela porta para o terminal. Estava cheio de passageiros indo para lá e para cá. A senhora havia sumido.

Então meu voo estava embarcando. Eu não tinha escolha a não ser voltar para o portão e embarcar correndo, como a culpada que estava atrasando todo

mundo.

Foi só quando cheguei ao meu assento, passando espremida pelo homem gordo e irritado do corredor, que eu tive chance de refletir sobre o que havia acontecido.

A velha esteve ali. Havia falado comigo. Eu interagi com ela.

Mas de onde ela vinha e o que queria? Eu não podia tê-la visto. Minha imaginação era boa, mas não *tão* boa assim. Eu tinha de continuar? Eu só estava começando?

O mais intrigante de tudo: Dex e eu precisamos um do outro? Para que Dex poderia precisar de *mim*?

Eu estava pensando sobre isso quando o avião começou a andar. Toda a sensação de empolgação que eu tive antes sobre o programa, sobre meu futuro, agora estava combinada a um sentimento crescente de urgência e inquietude. Eu tinha tantas perguntas que agora precisavam ser respondidas. E rapidamente.

Para acalmar meus pensamentos, olhei pela janela, para o sol despontando entre as nuvens escuras da tarde. Como se meu destino soubesse exatamente o que eu pensava, captei um vislumbre de uma figura parada numa das janelas do aeroporto.

Era Dex. Acenando em despedida.

* Nos Estados Unidos, o verão começa em junho. (N.E.)